

"Wildly readable . . . Slaughter's plotting is brilliant,
her suspense relentless." *Washington Post*

KARIN SLAUGHTER



BLINDSIGHTED

He kills in plain sight. But you won't see him coming...



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A pacata cidade de Hartsdale, Georgia, é sacudido em pânico quando Sara Linton, pediatra e médico legista, encontra Sibyl Adams morta na lanchonete local. Para além de serem violentamente estuprada, Sibyl foi cortada: duas facadas profundas formar uma cruz letal sobre seu estômago. Mas é apenas uma vez Sara começa a realizar o post-mortem que toda a extensão da brutalidade do assassino torna-se clara. O chefe de polícia Jeffrey Tolliver - ex-marido de Sara - está a cargo da investigação, e quando uma segunda vítima é encontrada, crucificado, apenas alguns dias depois, ambos Jeffrey e Sara tem que encarar o fato de que o assassinato de Sibyl não foi um ataque -off. O que eles estão lidando com é um predador sexual experiente. Um serial killer violenta ...

Para o meu pai, que me ensinou a amar o Sul, e por Billie Bennett, que me encorajou a escrever sobre ele

Segunda-Feira

Capítulo um

SARA Linton recostou-se na cadeira, resmungando um soft "Sim, Mama" no telefone. Perguntou-se brevemente se alguma vez viria um momento em que ela estaria muito velho para ser retomado no joelho de sua mãe.

"Sim, mamãe", repetiu Sara, batendo a caneta sobre a mesa. Ela sentiu calor saindo suas bochechas, e uma enorme sensação de vergonha tomou conta.

Uma batida suave veio na porta do escritório, seguido por uma tentativa "Dr. Linton?"

Sara suprimida seu alívio. "Eu preciso ir," ela disse para a mãe, que disparou uma última advertência antes de desligar o telefone.

Nelly Morgan abriu a porta, dando Sara um olhar duro. Como gerente de escritório para a Clínica Infantil Hartsdale, Nelly foi a coisa mais próxima Sara tinha a uma secretária. Nelly tinha sido a executar o lugar, enquanto Sara conseguia se lembrar, mesmo tão longe para trás como quando Sara era ela mesma um paciente aqui.

Nelly disse: "Suas bochechas estão no fogo."

"Eu só tenho gritado por minha mãe."

Nelly levantou uma sobrancelha. "Eu suponho que com uma boa razão."

"Bem", disse Sara, esperando que iria acabar com ela.

"Os laboratórios de Jimmy Powell entrou", disse Nelly, ainda olhando para Sara. "E o e-mail", acrescentou ela, deixando cair uma pilha de cartas em cima da cesta-in. O plástico curvou-se sob o peso adicional.

Sara suspirou quando ela leu sobre o fax. Em um bom dia, ela diagnosticado dores de ouvido e dores de garganta. Hoje, ela teria que dizer aos pais de um menino de doze anos de idade que ele tinha leucemia mieloblástica aguda.

"Não é bom", Nelly 'adivinhado. Ela tinha trabalhado na clínica tempo suficiente para saber como ler um relatório de laboratório.

"Não", Sara concordou, esfregando os olhos. "Nada bom." Ela sentou-se na cadeira, perguntando: "As Powells estão em Disney World, certo?"

"Para o seu aniversário", disse Nelly. "Eles devem estar de volta hoje à noite."

Sara sentiu uma tristeza veio sobre ela. Ela nunca tinha se acostumado a entregar esse tipo de notícia.

Nelly ofereceu: "Eu posso programá-los para a primeira coisa na parte da manhã."

"Obrigado", Sara respondeu, colocando o relatório em gráfico de Jimmy Powell. Ela olhou para o relógio na parede como ela fez isso e soltou um suspiro audível. "Isso está certo?" ela perguntou, verificar o tempo contra o relógio. "Eu deveria encontrar Tessa no almoço quinze minutos atrás."

Nelly verificou seu próprio relógio. "Isso no final do dia? É mais perto da hora do jantar."

"Foi a única vez que eu poderia fazê-lo", disse Sara, reunindo cartas juntos. Ela bateu a in-box e papéis caiu no chão em uma pilha, quebrando a bandeja de plástico.

"Merda," Sara assobiou.

Nelly começou a ajudar, mas Sara deteve. Afora o fato de que Sara não gostava de outras pessoas limpar seus messes, se Nelly alguma forma conseguiu ficar de joelhos, era duvidoso que ela seria capaz de voltar-se sem assistência considerável.

"Eu tenho isso", Sara disse a ela, pegando a pilha inteira e deixá-la cair sobre a mesa. "Havia mais alguma coisa?"

Nelly lançou um sorriso. "Detenção do chefe Tolliver na linha três."

Sara sentou-se sobre os calcanhares, um sentimento de lavar temor sobre ela. Ela fez o dever dobro como pediatra e médico legista da cidade. Jeffrey Tolliver, seu ex-marido, era o chefe de polícia. Havia apenas duas razões para ele estar chamando Sara no meio do dia, nenhum deles particularmente agradável.

Sara levantou-se e pegou o telefone, dando-lhe o benefício da dúvida. "Alguém melhor estar morto."

voz Jeffreys foi truncado, e ela assumiu que ele estava usando seu telefone celular. "Desculpe desapontá-lo", disse ele, em seguida, "Eu estive em espera por dez minutos. O que se isso tivesse sido uma emergência?"

Sara começou a empurrar papéis em sua pasta. Era uma política clínica não escrita para fazer Jeffrey saltar através de aros de fogo antes que ele pudesse falar com Sara no telefone. Ela estava realmente surpreso que Nelly lembrado de dizer Sara ele estava no telefone.

"Sara?"

Ela olhou para a porta, murmurando: "Eu sabia que devia ter acabado de sair."

"O que?" ele perguntou, sua voz ecoando ligeiramente no celular.

"Eu disse que você sempre mandar alguém se é uma emergência", ela mentiu. "Onde está você?"

"Na faculdade", ele respondeu. "Estou esperando para os cães-adjuntos."

Ele estava usando o seu prazo para a segurança do campus no Grant Tech, a universidade do estado no centro da cidade.

Ela perguntou: "O que é isso?"

"Eu só queria ver como você estava fazendo."

"Tudo bem", ela retrucou, puxando os papéis de volta fora de sua pasta, perguntando por que ela tinha colocá-los lá em primeiro lugar. Ela folheou alguns gráficos, empurrando-os no bolso lateral.

Ela disse: "Eu estou atrasado para o almoço com Tess. O que você precisa?"

Ele pareceu surpreso por seu tom curto. "Você só parecia distraído ontem", disse ele. "Na

Igreja."

"Eu não estava distraído," ela murmurou, lançando através do correio. Ela parou com a visão de um cartão postal, todo o seu corpo vai rígida. A frente do cartão mostrou uma foto da Universidade de Emory, em Atlanta, Saras alma mater. Ordenadamente digitado na parte de trás ao lado de seu endereço na clínica das crianças foram as palavras: "Por que me desamparaste?"

"Sara?"

Um suor frio veio sobre ela. "Eu preciso ir."

"Sara, eu-"

Ela desligou o telefone antes de Jeffrey pudesse terminar a frase, empurrando mais três gráficos em sua pasta juntamente com o cartão postal. Ela saiu pela porta lateral, sem que ninguém a visse.

A luz solar viga para baixo em Sara enquanto ela caminhava na rua. Houve um frio no ar que não tinha estado lá esta manhã e as nuvens escuras prometida chuva mais tarde esta noite.

A Thunderbird vermelho passado, um pequeno braço pendurado para fora da janela.

"Ei, Dr. Linton," um filho chamado.

Sara acenou, chamando de "Hey" para trás quando ela atravessou a rua. Sara ligado a maleta de um lado para o outro como ela atravessou o gramado em frente à faculdade. Ela tomou um direito para a calçada, indo em direção a Main Street, e foi no restaurante em menos de cinco minutos.

Tessa estava sentado em uma cabine na parede distante da lanchonete vazia, comer um hambúrguer. Ela não parecia satisfeito.

"Desculpe o atraso," Sara ofereceu, caminhando em direção a sua irmã. Ela tentou um sorriso, mas Tessa não respondeu na mesma moeda.

"Você disse que dois. É quase duas e meia."

"Eu tinha a papelada," Sara explicou, colocando a pasta para dentro da cabine. Tessa era um encanador, como seu pai. Enquanto ralos entupidos não eram motivo de riso, muito raramente fez Linton e Filhas obter o tipo de chamadas de telefone de emergência que Sara fez em uma base diária. Sua família não podia entender o que um dia agitado como foi para Sara e foram constantemente irritado por seu atraso.

"Eu liguei para o necrotério às duas," Tessa informou-a, mordiscando uma batata frita. "Você não estava lá."

Sara sentou-se com um gemido, correndo os dedos pelos cabelos. "Eu caí para trás pela clínica e Mama chamado e o tempo ficou longe de mim." Ela parou, dizendo que ela sempre dizia. "Sinto muito. Eu deveria ter chamado." Quando Tessa não respondeu, Sara continuou, "Você pode continuar sendo louco em mim para o resto do almoço ou você pode deixá-lo cair e eu vou te comprar uma fatia de torta de creme de chocolate."

"Veludo vermelho", Tessa rebateu.

"Deal", Sara voltou, sentindo um senso exagerado de alívio. Já era bastante ruim ter sua mãe brava com ela.

"Falando de chamadas," Tessa começou, e Sara sabia para onde estava indo antes mesmo que ela fez a pergunta. "Ouvi de Jeffrey?"

Sara levantou, enfiando a mão no bolso da frente. Ela tirou duas notas de cinco dólares. "Ele ligou antes de eu sair da clínica."

Tessa soltou uma risada que enchia o restaurante. "O que ele disse?"

"Eu o interrompi antes que ele pudesse dizer qualquer coisa", Sara respondeu, entregando-lhe a irmã do dinheiro.

Tessa colocou o fives no bolso de trás da calça jeans azuis. "Então, Mama chamado? Ela estava muito chateado com você."

"Eu estou muito chateado comigo, também", disse Sara. Depois de ser divorciada há dois anos, ela ainda não podia deixar ir de seu ex-marido. Sara vacilava entre odiando Jeffrey Tolliver e odiando-se por causa disto. Ela queria apenas um dia para passar sem pensar nele, sem tê-lo em sua vida. Ontem, tanto como hoje, não tinha sido naquele dia.

Domingo de Páscoa foi importante para sua mãe. Enquanto Sara não era particularmente religioso, colocando em meia-calça um domingo fora do ano era um pequeno preço a pagar pela felicidade de Cathy Linton. Sara não tinha planejado Jeffrey estar na igreja. Ela o pegou com o canto do olho logo após o primeiro hino. Ele estava sentado três fileiras atrás e à direita dela, e eles pareciam perceber uns aos outros ao mesmo tempo. Sara tinha se forçado a desviar o olhar primeiro.

Sentado ali na igreja, olhando para o pregador sem ouvir uma palavra o homem estava dizendo, Sara sentiu o olhar de Jeffrey na parte de trás do pescoço. Havia um calor a partir da intensidade do seu olhar que causou um rubor quente para vir sobre ela. Apesar do fato de que ela estava sentada na igreja com sua mãe em um lado dela e Tessa e seu pai, por outro, Sara sentiu seu corpo respondendo ao olhar Jeffrey lhe dera. Havia algo sobre essa época do ano que a transformou em uma pessoa completamente diferente.

Ela foi, na verdade, se remexendo na cadeira, pensando Jeffrey tocá-la, a forma como as mãos sentiu em sua pele, quando Cathy Linton cravou o cotovelo nas costelas de Sara. A expressão de sua mãe disse que ela sabia exatamente o que estava acontecendo na mente de Sara naquele momento e não gostou nem um pouco. Cathy tinha cruzou os braços com raiva, sua postura indicando que ela foi resignando-se ao fato de que Sara iria para o inferno por pensar em sexo na Batista Primitiva no domingo de Páscoa.

Houve uma oração, em seguida, outro hino. Depois do que pareceu uma quantidade adequada de tempo, Sara olhou por cima do ombro para encontrar Jeffrey novamente, só para vê-lo com a cabeça inclinada para baixo para seu peito enquanto ele dormia. Este foi o problema com Jeffrey Tolliver, a idéia dele era muito melhor do que a realidade.

Tessa bateu os dedos sobre a mesa para a atenção de Sara. "Sara?" Sara colocou a mão ao peito, consciente de que seu coração estava batendo da mesma maneira que tinha ontem de manhã na igreja. "O que?"

Tessa deu-lhe um olhar compreensivo, mas felizmente não perseguiu-lo. "O que Jeb disse?" "O que você quer dizer?"

"Eu vi você falando com ele depois que o serviço", disse Tessa. "O que ele disse?"

Sara debatido se ou não a mentir. Finalmente, ela respondeu: "Ele me pediu para sair para o almoço hoje, mas eu lhe disse que estava vendo você."

"Você poderia ter cancelada."

Sara deu de ombros. "Nós vamos sair na quarta-feira."

Tessa fez tudo, mas bater palmas juntos.

"Deus", Sara gemeu. "O que eu estava pensando?"

"Não sobre Jeffrey para uma mudança", respondeu Tessa. "Certo?"

Sara tomou o menu de trás titular do guardanapo, embora ela não precisava de olhar para ele. Ela ou algum membro de sua família tinha comido na estação de enchimento Grant, pelo menos

uma vez por semana desde que Sara tinha três anos de idade, e a única mudança para o menu em todo esse tempo tinha sido quando Pete Wayne, o proprietário, tinha acrescentado amendoim frágil para o cardápio de sobremesas em homenagem ao então presidente Jimmy Carter.

Tessa estendeu a mão sobre a mesa, empurrando suavemente para baixo o menu. "Você está bem?"

"É essa época do ano outra vez", disse Sara, remexendo em sua pasta. Ela encontrou o cartão postal e ergueu-a.

Tessa não levar o cartão, então Sara lido em voz alta por trás, " 'Por que me desamparaste?'

"Ela colocou o cartão sobre a mesa entre eles, à espera de resposta de Tessa.

"A partir da Bíblia?" Tessa perguntou, embora certamente ela sabia.

Sara olhou para fora da janela, tentando se recompor. De repente, ela se levantou da mesa, dizendo: "Eu preciso ir lavar as mãos."

"Sara?"

Ela acenou fora a preocupação de Tessa, caminhando para a parte de trás do restaurante, tentando manter-se juntos até chegar à casa de banho. A porta do quarto das mulheres tinha furado no quadro desde o início do tempo, então Sara deu a alça de um puxão duro. No interior, a pequena casa de banho preto-e-branco de azulejos foi legal e quase reconfortante. Ela encostou-se à parede, com as mãos ao rosto, tentando acabar com as últimas horas de seu dia. resultados de laboratório de Jimmy Powell ainda a assombrava. Doze anos atrás, enquanto trabalhava seu estágio médico em Grady Hospital de Atlanta, Sara tinha crescido familiar com, se não acostumado, morte. Grady teve o melhor ER no Sudeste, e Sara tinha visto sua parcela de traumas difíceis, a partir de um garoto que tinha engolido um pacote de lâminas de barbear para uma adolescente que tinha sido dado um aborto cabide. Estes foram os casos horríveis, mas não totalmente inesperado em uma cidade tão grande.

Casos como Jimmy Powell está vindo através clínica das crianças bateu Sara com a força de uma bola de demolição. Este seria um dos raros casos em que dois trabalhos de Sara se convergem. Jimmy Powell, que gostava de assistir basquete universitário e segurou uma das maiores coleções de Hot Wheels Sara tinha pessoalmente já vi, seria mais do que provável estar morto dentro do próximo ano.

Sara cortado o cabelo para trás em um rabo de cavalo frouxo, enquanto esperava para a pia para encher com água fria. Ela se inclinou sobre a pia, parando o cheiro adocicado provenientes da bacia. Pete provavelmente tinha despejado vinagre para o ralo para evitar que ela cheiro azedo. Era um velho truque de encanador, mas Sara odiava o cheiro de vinagre. Ela prendeu a respiração quando ela se inclinou para trás sobre, salpicando o rosto com água, tentando acordar. Um olhar para trás no espelho mostrava nada tinha melhorado, mas uma mancha molhada da água foi um pouco abaixo do decote da blusa.

"Ótimo," Sara murmurou.

Ela secou as mãos em suas calças enquanto ela caminhava em direção às barracas. Depois de ver o conteúdo do vaso sanitário, ela mudou-se para a próxima tenda, a tenda de handicap, e abriu a porta.

"Oh," Sara respirou, recuando rapidamente, parando apenas quando a pia pressionado contra a parte de trás de suas pernas. Ela colocou as mãos atrás dela, apoiando-se sobre o balcão. Um gosto metálico veio a sua boca, e Sara forçou a tomar goles de ar para que ela não iria desmaiar. Ela baixou a cabeça para baixo, fechando os olhos, contando um total de cinco

segundos antes que ela olhou para cima novamente.

Sibyl Adams, professor da faculdade, estava sentado no vaso sanitário. Sua cabeça estava inclinada para trás contra a parede de azulejos, os olhos fechados. Suas calças foram puxados para baixo em torno de seus tornozelos, pernas abertas bem abertos. Ela havia sido esfaqueado no abdômen. O sangue encheu o vaso sanitário entre as pernas dela, pingando no chão de azulejos.

Sara forçou-se a entrar na tenda, agachando-se na frente do jovem. A camisa de Sibila foi puxado para cima, e Sara podia ver um grande corte vertical para baixo de seu abdômen, que atravessa seu umbigo e parando no osso púbico. Outro corte, muito mais profundo, cortado horizontalmente sob os seios. Esta era a fonte da maior parte do sangue, e ainda gotejado num fluxo constante para baixo do corpo. Sara colocou a mão na ferida, tentando parar o sangramento, mas o sangue se infiltrou entre os dedos, como se estivesse espremendo uma esponja.

Sara limpou as mãos na frente de sua camisa, então inclinou a cabeça de Sibila frente. Um pequeno gemido escapou dos lábios da mulher, mas Sara não poderia dizer se esta era uma versão simples do ar de um cadáver ou do fundamento de uma mulher viva. "Sibila?" Sara sussurrou, mal capaz de gerir a palavra. O medo se sentou na parte de trás de sua garganta como um resfriado de verão.

"Sibila?" ela repetiu, usando seu polegar para pressionar pálpebra aberta da Sibila. A pele da mulher era quente ao toque, como se tivesse sido no sol por muito tempo. Um grande hematoma cobria o lado direito do rosto. Sara podia ver a impressão de um punho sob o olho. Osso movida sob a mão de Sara quando ela tocou a contusão, clicando como duas bolas de gude esfregando.

a mão de Sara tremia quando ela apertou os dedos contra artéria carótida de Sibila. A vibração se levantaram contra a ponta dos dedos, mas Sara não tinha certeza se era o tremor em suas próprias mãos ou a vida que ela estava sentindo. Sara fechou os olhos, concentrando-se, tentando separar as duas sensações.

Sem aviso, o corpo estremeceu violentamente, lançando para frente e batendo Sara no chão. Sangue espalhado em volta de ambos, e Sara instintivamente agarrou a sair sob a mulher convulsão. Com os pés e as mãos, ela procurou a algum tipo de compra no chão do banheiro liso. Finalmente, Sara conseguiu deslizar para fora debaixo dela. Ela virou-se Sibila mais, embalando a cabeça, tentando ajudá-la através das convulsões. De repente, o empurrão parado. Sara encostou o ouvido à boca de Sibila, tentando fazer com que os sons respiratórios. Não havia nenhuma.

Sentando-se sobre os joelhos, Sara começou a compressões, tentando empurrar a vida de volta para o coração de Sibila. Sara beliscou o nariz da mulher mais jovem, respirar o ar em sua boca. peito de Sibila levantou-se rapidamente, mas nada mais. Sara tentou novamente, engasgos como sangue cuspiu em sua boca. Ela cuspiu várias vezes para limpar a boca, preparada para continuar, mas ela poderia dizer que era tarde demais. Os olhos de Sibyl revertida em sua cabeça e sua respiração vaiou com um tremor baixo. Um filete de urina vieram de entre suas pernas.

Ela estava morta.

O Condado de Grant foi nomeado para o bem Grant, não Ulysses, mas Lemuel Pratt Grant, um construtor de estrada de ferro que, em meados de 1800 ampliou a linha de Atlanta profundamente na Geórgia do Sul e para o mar. Foi nos trilhos de Grant que os trens de algodão carted e outras commodities em toda a Geórgia. Esta linha ferroviária tinha colocado cidades como Heartsdale, Madison, e Avondale no mapa, e havia mais do que algumas cidades Geórgia com o nome do homem. No início da Guerra Civil, coronel Grant também desenvolveu um plano de defesa de Atlanta já chegou em estado de sítio; Infelizmente, ele foi melhor com linhas ferroviárias do que linhas de frente.

Durante a Depressão, os cidadãos de Avondale, Hartsdale, e Madison decidiu combinar suas polícias e bombeiros, bem como suas escolas. Isso ajudou a economizar em serviços tão necessários e ajudou a convencer as ferrovias para manter a linha Grant aberta; condado era muito maior como um todo do que cidades como individuais. Em 1928, uma base do exército foi construída em Madison, trazendo famílias de todo o país a pequena Grant County. Alguns anos mais tarde, Avondale tornou-se um ponto de parada para manutenção ferroviária na linha de Atlanta-Savannah. Mais alguns anos se passaram, e Grant Faculdade surgiram em Heartsdale. Por quase sessenta anos, o concelho prosperou, até o fechamento de base, consolidações e Reaganomics correu, esmagando as economias de Madison e Avondale dentro de três anos um do outro. Mas para a faculdade, que em 1946 tornou-se uma universidade tecnológica especializado em agro-negócio, Heartsdale teria seguido a mesma tendência de queda como as suas cidades irmãs.

Como era, a faculdade era a alma da cidade, e a primeira directiva do chefe de polícia Jeffrey Tolliver de prefeito de Heartsdale era manter a faculdade feliz se ele queria manter seu emprego. Jeffrey estava fazendo exatamente isso, encontrar-se com a polícia do campus, a discutir um plano de ação para um recente surto de roubos de bicicletas, quando seu celular tocou. Na primeira, ele não reconheceu a voz de Sara e pensei que a chamada era uma terra de brincadeira. Nos oito anos que tinha conhecido ela, Sara nunca souu tão desesperado. Sua voz tremeu quando ela disse que três palavras que ele nunca tinha esperado que vir de sua boca: Eu preciso de você.

Jeffrey levou uma esquerda fora dos portões da faculdade e dirigia seu Lincoln Town Car até Main Street para o jantar. Primavera foi muito no início deste ano, e já as árvores de dogwood que alinham a rua estavam florescendo, tecendo uma cortina branca ao longo da estrada. As mulheres do clube do jardim havia plantado tulipas em pequenos plantadores que revestem as calçadas, e um casal de filhos do ensino médio foram para fora varrendo a rua em vez de passar uma semana em detenção depois da escola. O proprietário da loja de vestido tinha colocado um rack de roupas na calçada, e a loja de ferragens tinha criado uma exibição gazebo ao ar livre completo com balanço da varanda. Jeffrey sabia que a cena seria um forte contraste com o que esperava por ele na lanchonete.

Ele abriu a janela, deixando o ar fresco para dentro do carro abafado. Sua gravata estava apertado contra sua garganta, e ele se viu tirá-lo sem pensar. Em sua mente, ele continuou tocando telefonema de Sara mais e mais em sua cabeça, tentando conseguir mais dele do que os fatos óbvios. Sibyl Adams tinha sido esfaqueado e morto no restaurante.

Vinte anos como um policial não tinha preparado Jeffrey para este tipo de notícia. Metade de sua carreira tinha sido gasto em Birmingham, Alabama, onde o assassinio raramente surpreendeu. Não uma semana se passou quando ele não foi chamado para investigar pelo menos um homicídio, geralmente um produto de extrema pobreza "s Birmingham: transações

de drogas errado, disputas domésticas onde as armas eram muito prontamente disponíveis. Se Saras chamada tinha vindo de Madison ou mesmo Avondale, Jeffrey não teria sido surpreendido. Drogas e violência de gangues foram rapidamente se tornando um problema nas cidades periféricas. Heartsdale era a jóia das três cidades. Em dez anos, a única fatalidade suspeito em Heartsdale envolveu uma mulher velha que teve um ataque cardíaco quando ela pegou seu neto roubando sua televisão.

"Chefe?"

Jeffrey estendeu a mão, pegando o rádio. "Sim?"

Maria Simms, a recepcionista na delegacia, disse: "Eu tenho tido o cuidado de que coisa que você queria."

"Bom", ele respondeu, então, "silêncio rádio até novo aviso."

Maria estava quieto, não fazer a pergunta óbvia. Grant ainda era uma cidade pequena, e até mesmo na delegacia havia pessoas que iria falar. Jeffrey queria manter uma tampa sobre este o maior tempo possível.

"Cópia?" Jeffrey perguntou.

Finalmente, ela respondeu: "Sim, senhor."

Jeffrey enfiou o celular no bolso do casaco quando saiu do carro. Frank Wallace, seu detetive sênior na equipe, já estava de sentinela do lado de fora da lanchonete.

"Qualquer pessoa dentro ou fora?" Jeffrey perguntou.

Ele balançou sua cabeça. "Brad está na porta de trás", disse ele. "O alarme desligado. Eu tenho que pensar o criminoso usou-a para sua dentro e para fora."

Jeffrey olhou para a rua. Betty Reynolds, o proprietário de cinco e dez centavos, estava fora varrendo a calçada, lançando olhares desconfiados no restaurante. As pessoas iriam começar a andar mais depressa, se não por curiosidade, em seguida, para a ceia.

Jeffrey voltou-se para Frank. "Ninguém viu nada?"

"Não é uma coisa", Frank confirmou. "Ela andou aqui a partir de sua casa. Pete diz que ela vem aqui toda segunda-feira após o almoço pico."

Jeffrey conseguiu um aceno apertado, caminhando para o jantar. O Filling Station Grant foi fundamental para a Main Street. Com suas grandes cabines vermelhas e balcões brancos salpicados, trilhos de cromo e dispensadores de palha, parecia tanto quanto ele provavelmente teve o dia o pai de Pete abriu para o negócio. Mesmo os sólidos ladrilhos de linóleo branco no chão, por isso usadas em pontos o adesivo preto mostrou completamente, eram originais para o restaurante. Jeffrey tinha comido almoço aqui quase todos os dias durante os últimos dez anos. O jantar tinha sido uma fonte de conforto, algo familiar depois de trabalhar com a escória da humanidade. Ele olhou ao redor da sala aberta, sabendo que nunca mais seria o mesmo para ele novamente.

Tessa Linton sentou-se no balcão, a cabeça entre as mãos. Pete Wayne sentou-se diante dela, olhando cegamente para fora da janela. Exceto para o dia em que o ônibus espacial Challenger explodiu, esta foi a primeira vez Jeffrey nunca tinha visto ele não vestindo seu chapéu de papel dentro da lanchonete. Ainda assim, o cabelo de Pete foi amontoados em um ponto no topo, fazendo seu rosto parecer mais do que já era.

"Tess?" Jeffrey perguntou, colocando a mão em seu ombro. Ela se inclinou para ele, chorando.

Jeffrey alisou o cabelo, dando um aceno Pete.

Pete Wayne normalmente era um homem alegre, mas sua expressão hoje foi de choque absoluto. Ele mal reconheceu Jeffrey, continuando a olhar para fora das janelas que revestem

a frente do restaurante, seus lábios se movendo ligeiramente, nenhum som saindo. Alguns momentos de silêncio se passou, em seguida, Tessa se sentou. Ela se atrapalhou com o dispensador de guardanapo até Jeffrey ofereceu seu lenço. Ele esperou até que ela tinha explodido o nariz para perguntar: "Onde está Sara?"

Tessa dobrou o lenço. "Ela ainda está no banheiro. Eu não sei-" A voz de Tessa pegou. "Havia tanto sangue. Ela não me deixou entrar."

Ele assentiu, acariciando os cabelos para trás de seu rosto. Sara era muito protetor de sua irmã mais nova, e esse instinto tinha transferido para Jeffrey durante o casamento. Mesmo após o divórcio, Jeffrey ainda sentia de alguma forma que Tessa e as Lintons eram sua família. "Você está bem?" ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça. "Vá em frente. Ela precisa de você."

Jeffrey tentou não reagir a isso. Se não fosse pelo fato de que Sara era o legista do condado, ele nunca iria vê-la. Ele disse muito sobre o seu relacionamento que alguém tinha que morrer para que ela seja na mesma sala com ele.

Caminhando para a parte de trás do restaurante, Jeffrey sentiu uma sensação de medo vencê-lo. Ele sabia que algo violento tinha acontecido. Ele sabia que Sibyl Adams tinha sido morto. Fora isso, ele não tinha idéia do que esperar quando ele puxou abriu a porta para o banheiro das mulheres. O que ele viu, literalmente, tirou o fôlego.

Sara sentou-se no meio da sala, a cabeça do Sibyl Adams em seu colo. O sangue estava por toda parte, cobrindo o corpo, cobrindo Sara, cuja camisa e calças estavam encharcadas pela frente, como se alguém tivesse tomado uma mangueira e pulverizado ela. Sangrentos calçados e cópias da mão marcada no chão como se uma grande luta tinha ocorrido.

Jeffrey estava na porta, levando tudo isso em, tentando recuperar o fôlego.

"Feche a porta," Sara sussurrou, a mão pousada sobre a testa de Sibyl.

Ele fez como lhe foi dito, andando em torno da periferia da sala. Sua boca se abriu, mas não saía nada. Havia as perguntas óbvias para perguntar, mas parte de Jeffrey não queria saber as respostas. Parte dele queria levar Sara para fora desta sala, colocá-la em seu carro, e dirigir até que nenhum dos dois conseguia se lembrar da forma como esta pequena casa de banho parecia e cheirava. Houve o sabor da violência no ar, mórbido e pegajoso na parte traseira de sua garganta. Ele sentiu sujo apenas estar lá.

"Ela se parece com Lena," ele finalmente disse, referindo-se a irmã gêmea de Sibyl Adams, um detetive na sua força. "Por um segundo eu pensei ..." Ele balançou a cabeça, incapaz de continuar.

"Cabelo de Lena é mais longo."

"Sim", ele disse, incapaz de tirar os olhos da vítima. Jeffrey tinha visto um monte de coisas horríveis em seu tempo, mas ele nunca tinha conhecido pessoalmente vítima de um crime violento. Não que ele soubesse Sibyl Adams bem, mas em uma cidade tão pequena como Heartsdale, todo mundo era seu vizinho.

Sara limpou a garganta. "Você disse a Lena ainda?"

Sua pergunta caiu sobre ele como uma bigorna. Duas semanas em seu trabalho como chefe de polícia, ele havia contratado Lena Adams fora da academia em Macon. Naqueles primeiros anos, ela era como Jeffrey, um outsider. Oito anos mais tarde, ele tinha promovido a ela para detetive. Aos trinta e três anos, ela era o detetive mais jovem e única mulher no time principal. E agora sua irmã tinha sido assassinada em seu próprio quintal, pouco mais de duas centenas de jardas do posto policial. Ele sentiu um senso de responsabilidade pessoal que era quase

sufocante.

"Jeffrey?"

Jeffrey respirou fundo, deixando-a ir devagar. "Ela está tomando alguma evidência para Macon", ele finalmente respondeu. "Liguei para a patrulha da estrada e pedi-lhes para trazê-la de volta para cá."

Sara estava olhando para ele. Seus olhos estavam avermelhados, mas ela não tinha chorado. Jeffrey estava contente com uma coisa, porque ele nunca tinha visto Sara chorar. Ele pensou que se a visse chorando que algo nele daria.

"Você sabia que ela era cego?" ela perguntou.

Jeffrey encostou-se à parede. Ele tinha de alguma forma esquecido esse detalhe.

"Ela nem sequer vê-lo chegando", Sara sussurrou. Ela inclinou a cabeça para baixo, olhando para Sibila. Como de costume, Jeffrey não poderia imaginar o que Sara estava pensando. Ele decidiu esperar por ela para falar. Obviamente, ela precisou de alguns instantes para recolher seus pensamentos.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, tendo no espaço. Havia duas barracas com portas de madeira em frente a uma pia que foi tão velhos os equipamentos para quente e frio estavam em lados opostos da bacia. Durante este foi um espelho de ouro salpicado que foi gasto através nas bordas. Tudo dito, o quarto não era mais de vinte pés quadrado, mas os pequenos azulejos pretos e brancos no chão fez parecer ainda menor. O acúmulo de sangue escuro em torno do corpo não ajudou. Claustrofobia nunca tinha sido um problema para Jeffrey, mas o silêncio de Sara era como uma quarta presença na sala. Ele olhou para o teto branco, tentando obter alguma distância.

Finalmente Sara falou. Sua voz era mais forte, mais confiante. "Ela estava no banheiro quando a encontrei."

Por falta de coisa melhor para fazer, Jeffrey tirou um pequeno caderno de espiral. Ele pegou uma caneta do bolso e começou a escrever como Sara narrou os acontecimentos que levaram até esse momento. Sua voz tornou-se monótona como ela descreveu a morte de Sibila em detalhe clínica.

"Então eu perguntei Tess para trazer meu celular." Sara parou de falar, e Jeffrey respondeu sua pergunta antes que ela pudesse tirá-lo.

"Ela está bem," ele forneceu. "Eu liguei para Eddie no caminho para cá."

"Você disse a ele o que aconteceu?"

Jeffrey tentou sorrir. O pai de Sara não era um de seus maiores fãs. "Eu tive sorte que ele não desligou em mim."

Sara não fez tanto quanto o sorriso, mas os olhos finalmente se encontraram Jeffrey. Havia uma suavidade lá que ele não tinha visto em idades. "Eu preciso fazer o preliminar, então podemos levá-la para o necrotério."

Jeffrey enfiou o bloco no bolso do casaco como Sara deslizou suavemente a cabeça do Sibyl no chão. Ela sentou-se sobre os calcanhares, limpando as mãos na parte de trás da calça.

Ela disse: "Eu quero tê-la limpo antes Lena vê-la."

Jeffrey assentiu. "Ela é, pelo menos, duas horas de distância. Isso deve nos dar tempo para processar a cena." Ele indicou a porta do box. O bloqueio foi preso fora. "Foi o bloqueio dessa forma quando você a encontrou?"

"O bloqueio tem sido assim desde que eu tinha sete anos", disse Sara, apontando para a pasta ao lado da porta. "Dê-me um par de luvas."

Jeffrey abriu o caso, tentando não tocar o sangue nas alças.

Ele tirou um par de luvas de látex de um bolso interno. Quando ele se virou, Sara estava parado ao pé do corpo. Sua expressão mudou, e apesar de o sangue manchando a frente de suas roupas, ela parecia estar de volta no controle.

Ainda assim, ele teve que perguntar: "Tem certeza de que quer fazer isso? Podemos chamar alguém de Atlanta."

Sara balançou a cabeça enquanto ela escorregou nas luvas com eficiência praticada. "Eu não quero que um estranho tocá-la."

Jeffrey entendeu o que ela queria dizer. Esta era uma questão concelho. pessoas County iria cuidar dela.

Sara colocou as mãos nos quadris enquanto andava ao redor do corpo. Ele sabia que ela estava tentando obter alguma perspectiva sobre a cena, para tirar-se fora da equação. Jeffrey viu-se estudar sua ex-esposa como ela fez isso. Sara era uma mulher alta, de uma polegada tímido de seis pés, com profundos olhos verdes e cabelo vermelho escuro. Ele estava deixando sua mente vagar, lembrando como era bom estar com ela, quando o tom agudo de sua voz trouxe de volta à realidade.

"Jeffrey?" Sara retrucou, dando-lhe um olhar duro.

Ele olhou para ela, consciente de que sua mente tinha se afastou para o que parecia ser um lugar mais seguro.

Ela sustentou o olhar um segundo a mais, em seguida, virou-se para a tenda. Jeffrey deu mais um par de luvas de fora de sua pasta e colocou-os sobre como ela falou.

"Como eu disse," Sara começou ", ela estava no banheiro quando a encontrei. Temos lutado para o chão, eu rolou de costas."

Sara ergueu as mãos de Sibila, verificando sob suas unhas. "Não há nada aqui. Imagino que ela foi pega de surpresa, não sabia o que estava acontecendo até que fosse tarde demais."

"Você acha que foi rápido?"

"Não é muito rápido. Tudo o que ele fez, parece planejado para mim. A cena era muito limpo até que eu vim junto. Ela teria sangrado no banheiro se eu não tivesse que usar o banheiro."

Sara olhou para longe. "Ou talvez não, se eu não tivesse sido tarde para chegar aqui."

Jeffrey tentou consolá-la. "Você não pode saber disso."

Ela encolheu os ombros isto fora. "Há alguns hematomas nos pulsos, onde os braços atingiram as barras de handicap. Além disso", ela abriu as pernas de Sibyl slightly- "vê aqui nas pernas?"

Jeffrey seguiu suas instruções. A pele no interior de ambos os joelhos foi raspada. "O que é isso?" ele perguntou.

"O assento do vaso", disse ela. "A borda inferior é bastante acentuada. Imagino que ela apertou as pernas juntas enquanto ela lutava. Você pode ver alguns da pele apanhado no banco."

Jeffrey olhou para o vaso sanitário, em seguida, olhou para Sara. "Acha que ele a empurrou de volta no banheiro, em seguida, esfaqueou?"

Sara não lhe respondeu. Em vez disso, ela apontou para o torso nu de Sibila. "A incisão não é profundo até o meio da cruz", explicou ela, pressionando no abdômen, abrindo a ferida para que ele pudesse ver. "Eu acho que foi uma lâmina de dois gumes. Você pode ver a forma v de cada lado da punção." Sara deslizou facilmente o dedo indicador dentro da ferida. A pele fez um barulho de chupar como ela fez isso, e Jeffrey rangeu os dentes, olhando para longe. Quando se virou, Sara estava dando a ele um olhar interrogativo.

Ela perguntou: "Você está bem?"

Ele balançou a cabeça, com medo de abrir a boca.

Ela moveu seu dedo ao redor dentro do buraco no peito de Sibyl Adams. O sangue escorria para fora da ferida. "Eu diria que é, pelo menos, uma lâmina de quatro polegadas", concluiu, mantendo os olhos sobre ele. "É este o incomodando?"

Ele balançou a cabeça, mesmo que o som estava fazendo seu estômago revirar.

Sara deslizou seu dedo para fora, continuando: "Foi uma lâmina muito afiada. Não há nenhuma hesitação ao redor da incisão, então como eu disse, ele sabia o que estava fazendo quando ele começou."

"O que ele estava fazendo?"

Seu tom de voz era muito matter-of-fact. "Ele estava esculpindo seu estômago. Seus golpes foram muito assegurada, uma para baixo, um outro lado, em seguida, um impulso para a parte superior do tronco. Esse foi o golpe de morte, eu poderia imaginar. Porque provavelmente será sangria."

"Ela sangrou até a morte?"

Sara deu de ombros. "Melhor palpite agora, sim. Ela sangrou até a morte. Ela provavelmente levou cerca de dez minutos. As convulsões eram de choque."

Jeffrey não poderia suprimir o tremor que veio. Indicou a ferida. "É uma cruz, certo?"

Sara estudou os cortes. "Eu diria que sim. Quero dizer, ele realmente não pode ser outra coisa, pode?"

"Você acha que isso é algum tipo de afirmação religiosa?"

"Quem pode dizer com estupro?" ela disse, parando na expressão de seu rosto. "O que?"

"Ela foi estuprada?" ele disse, olhando para Sibyl Adams, verificando se há sinais óbvios de danos. Não havia hematomas nas coxas ou arranhões ao redor da área pélvica. "Você achou alguma coisa?"

Sara estava quieto. Finalmente, ela disse: "Não. Quer dizer, eu não sei."

"O que você achou?"

"Nada." Ela arrancou as luvas. "Apenas o que eu disse a você. Eu posso terminar esta de volta para o necrotério."

"Eu não-"

"Vou chamar Carlos para vir buscá-la", disse ela, referindo-se ao seu assistente no necrotério.

"Encontre-me lá quando terminar aqui, ok?" Quando ele não respondeu, ela disse, "Eu não sei sobre o estupro, Jeff. Realmente. Foi apenas um palpite."

Jeffrey não sabia o que dizer. Uma coisa que ele sabia sobre sua ex-esposa era que ela não fazer suposições no campo. "Sara?" ele perguntou. Então, "Você está bem?"

Sara deu uma risada sem alegria. "Estou certo?" ela repetiu. "Jesus, Jeffrey, o que é uma pergunta estúpida." Ela andou até a porta, mas não abri-lo. Quando falou, suas palavras saiu clara e sucinta. "Você tem que encontrar a pessoa que fez isso", disse ela.

"Eu sei."

"Não, Jeffrey." Sara virou-se, dando-lhe um olhar penetrante. "Este é um ataque ritualístico, não é um one-off. Olhe para seu corpo. Olhe para a forma como ela foi deixada aqui." Sara fez uma pausa, depois continuou: "Quem matou Sibyl Adams planejado com cuidado. Ele sabia onde encontrá-la. Ele a seguiu até o banheiro. Este é um assassinato metódica por alguém que quer fazer uma declaração."

Ele sentiu-se tonto quando ele percebeu que o que ela estava dizendo era verdade. Ele tinha

visto este tipo de assassinato antes. Ele sabia exatamente o que ela estava falando. Isso não foi obra de um amador. Quem quer que tenha feito isso, provavelmente, estava a trabalhar seu caminho para algo muito mais dramático neste momento.

Sara ainda não pareciam pensar que ele entendeu. "Você acha que ele vai parar com um?" Jeffrey não hesitou neste momento. "Não."

Capítulo três

LENA Adams franziu a testa, piscando os faróis no azul Honda Civic na frente dela. O limite de velocidade neste trecho particular da Geórgia I-20 tinha sessenta e cinco anos, mas como a maioria dos georgianos rurais, Lena viu os sinais como pouco mais do que uma sugestão para os turistas em seu caminho para e da Flórida. O caso em questão, as tags do Civic foram de Ohio.

"Vamos," ela gemeu, verificando seu velocímetro. Ela estava preso a um dezoito rodas à sua direita eo Civic de condução Yankee na frente, que era, obviamente, determinado a mantê-la um pouco acima do limite de velocidade. Por um segundo, Lena desejou que ela tinha tomado um dos cruzadores do Condado de Grant. Não só foi uma condução mais suave do que o seu Celica, havia o prazer acrescido de assustar o crap fora de speeders.

Milagrosamente, o dezoito rodas abrandou, deixando o Civic encostar. Lena deu um aceno alegre como o motorista virou-off. Ela esperava que ele tinha aprendido a lição. Condução através do Sul foi o darwinismo no seu melhor.

O Celica subiu para oitenta e cinco quando ela acelerou para fora dos limites da cidade de Macon. Lena levou uma fita cassete para fora do seu caso. Sibila tinha feito alguma música de condução para a viagem de volta. Lena deslizou a fita no rádio e sorriu quando a música começou, reconhecendo a abertura de Joan Jett "Bad Reputation". A canção tinha sido hino das irmãs durante o ensino médio, e eles tinha passado muitas noites em alta velocidade em estradas vicinais, cantando "Eu não dou a mínima para a minha má reputação" no topo de seus pulmões. Graças a um tio errante, as meninas foram consideradas lixo sem o benefício de ser particularmente pobres ou, cortesia de sua mãe meio espanhola, tudo o que branco.

Correndo evidências até o laboratório GBI em Macon era pouco mais do que o trabalho de courier no grande esquema das coisas, mas Lena foi um prazer têm a atribuição. Jeffrey tinha dito que ela poderia tirar o dia para se refrescar, seu eufemismo para obter seu temperamento sob controle. Frank Wallace e Lena foram batendo de frente em relação ao mesmo problema que assombrou sua parceria desde o início. Em cinquenta e oito anos de idade, Frank não estava emocionado por ter mulheres na força, e muito menos um como um parceiro. Ele foi constantemente deixando Lena de investigações, enquanto ela estava constantemente a tentar forçar-se novamente. Algo teria que dar. Como Frank tinha dois anos de aposentadoria, Lena sabia que ela não seria o único a dobrar em primeiro lugar.

Na verdade, Frank não era um cara mau. Outros que sofrem de um tipo de irritabilidade provocada pela idade avançada, ele parecia fazer um esforço. Em um bom dia, ela poderia entender que a sua atitude arrogante veio de um lugar mais profundo do que o seu ego. Ele era o tipo de homem que abriu as portas para as mulheres e tomou o chapéu dentro de casa. Frank era mesmo um Mason na pousada local. Ele não era o tipo de cara que iria deixar sua parceira conduzir um interrogatório, e muito menos tomar o ponto em uma invasão casa. Em um dia ruim, Lena queria prendê-lo em sua garagem com o carro de corrida.

Jeffrey estava certo sobre a viagem de refrigeração-la. Lena fez bom tempo para Macon, raspando um total de trinta minutos fora a cortesia unidade do da Celica V-6. Ela gostava de seu chefe, que era exatamente o oposto do Frank Wallace. Frank era tudo instinto, enquanto Jeffrey foi mais cerebral. Jeffrey foi também o tipo de homem que estava confortável em torno das mulheres e não mente quando eles expressaram suas opiniões. O fato de que ele teve desde o primeiro dia preparado Lena para seu trabalho como detetive não estava perdido nela. Jeffrey não promoveu-a a conhecer alguns quota município ou fazer-se parecer melhor do que seu antecessor; este foi Grant County, afinal, uma cidade que ainda não tinha sido nos mapas até cinquenta anos atrás. Jeffrey Lena tinha dado o trabalho porque ele respeitou seu trabalho e sua mente. O fato de que ela era uma mulher não teve nada a ver com isso.

"Merda," Lena sussurrou, pegando o brilho de luzes azuis atrás dela. Ela diminuiu a velocidade do carro, puxando sobre como o Civic passou por ela. O Yankee buzinou seu chifre e acenou. Foi a vez de Lena para dar o Ohioan uma saudação de um dedo.

O policial rodoviário Geórgia tomou o seu tempo de sair de seu carro. Lena se virou para a bolsa no banco de trás, remexendo em seu distintivo. Quando ela se virou, ela ficou surpresa ao ver o policial de pé apenas para a parte traseira de seu veículo. Sua mão estava em sua arma, e ela chutou-se por não esperando por ele para vir para o carro. Ele provavelmente pensou que ela estava procurando uma arma.

Lena deixou cair o crachá no colo e segurou suas mãos no ar, oferecendo, "Desculpe", pela janela aberta.

O policial deu um passo hesitante para frente, sua mandíbula quadrada trabalhando como ele veio até o carro. Ele tirou os óculos escuros e deu-lhe um olhar mais atento.

"Ouça", disse ela, as mãos ainda levantadas. "Eu estou no trabalho."

Ele interrompeu. "Tem Detective Salena Adams?"

Ela baixou as mãos, dando o policial um olhar interrogativo. Ele era uma espécie de curto, mas sua parte superior do corpo foi musculoso dessa forma homens curtos têm de sobrecompensação para o que lhes faltava em altura. Seus braços eram tão grossos que não iria descansar plana para os lados. Os botões de seu uniforme foram bem apertada contra seu peito.

"É Lena," ela ofereceu, olhando para o tag nome. "Eu conheço você?"

"Não, senhora", ele voltou, deslizando sobre seus óculos de sol. "Recebemos um telefonema de seu chefe. Eu deveria levá-lo de volta para Grant County."

"Eu sinto Muito?" Lena perguntou, certo de que ela não tinha ouvido corretamente. "Meu chefe? Jeffrey Tolliver?"

Ele deu um breve aceno de cabeça. "Sim, senhora." Antes que ela pudesse perguntar-lhe mais alguma dúvida, ele estava andando de volta para seu carro. Lena esperou que o policial para puxar para trás na estrada, em seguida, começou depois dele. Ele acelerou rapidamente, superando até noventa em poucos minutos. Passaram pelo azul Civic, mas Lena não prestou muita atenção. Tudo o que podia pensar era: O que eu fiz desta vez?

Embora o Medical Center Heartsdale ancorado no final da rua principal, não foi capaz de olhar quase tão importante como o próprio nome implicaria. Apenas dois andares de altura, o pequeno hospital foi equipado para fazer pouco mais do que lidar com o que arranhões e problemas estomacais não podia esperar por horas dos médicos. Houve um hospital maior cerca de trinta minutos em Augusta que lidou com os casos graves. Se não for para o necrotério do condado sendo alojados no porão, o centro médico teria sido demolido para dar lugar a moradia estudantil há muito tempo.

Como o resto da cidade, o hospital tinha sido construído durante o balanço acima da cidade na década de 1930. Os principais pisos tinha sido renovado desde então, mas o necrotério, obviamente, não era importante para a direção do hospital. As paredes estavam forradas com luz azulejo azul que era tão velho que estava voltando para o estilo. Os pisos foram um modelo de verificação misto de linóleo verde e tan. A sobrecarga de teto tinha visto a sua quota de danos causados pela água, mas a maior parte foi remendado. O equipamento foi datada mas funcionais.

escritório de Sara estava na parte de trás, separado do resto do depósito de cadáveres por uma grande janela de vidro. Ela se sentou atrás de sua mesa, olhando pela janela, tentando recolher seus pensamentos. Ela concentrou-se no ruído branco do necrotério: o compressor de ar no freezer, o swish-swish da mangueira de água como Carlos regado no chão. Uma vez que eles estavam abaixo do chão, as paredes da morgue absorvida ao invés desviou os sons, e Sara sentiu-se estranhamente confortado pelos zumbidos e swishes familiares. O toque estridente do telefone interrompeu o silêncio.

"Sara Linton," ela disse, esperando Jeffrey. Em vez disso, ele era o pai dela.

"Olá bebê."

Sara sorriu, sentindo uma leveza superar sua ao som da voz de Eddie Linton. "Ei, papai."

"Eu tenho uma piada para você."

"Sim?" Ela tentou manter seu tom leve, sabendo humor foi a maneira de o pai de lidar com o estresse. "O que é isso?"

"Um pediatra, um advogado, e um padre estavam no Titanic quando começou a descer," ele começou. "O pediatra diz, 'Save the Children.' O advogado diz, 'Foda-se as crianças!' " E o padre diz: 'Não temos tempo?' "

Sara riu, mais para o benefício de seu pai que qualquer outra coisa. Ele ficou quieto, esperando por ela para falar. Ela perguntou: "Como é Tessie?"

"Tirar uma soneca", relatou ele. "E quanto a você?"

"Oh, eu estou bem." Sara começou a desenhar círculos em seu calendário de mesa. Ela não era normalmente um doodler, mas ela precisava de algo para fazer com as mãos. Parte dela queria verificar sua pasta, para ver se Tessa tinha pensado em colocar o cartão lá dentro. Parte dela não queria saber onde estava.

Eddie interrompeu seus pensamentos. "Mamãe diz que você tem que vir para amanhã pequeno-almoço."

"Sim?" Sara perguntou, puxando quadrados ao longo dos círculos.

Sua voz assumiu uma qualidade cantante. "Waffles e grits e torradas e bacon."

"Hey", disse Jeffrey.

Sara ergueu a cabeça, deixando cair a caneta. "Você me assustou", disse ela, em seguida, para o pai, "aqui- Papai, de Jeffrey"

Eddie Linton fez uma série de ruídos ininteligíveis. Em sua opinião, não havia nada de errado com Jeffrey Tolliver que um tijolo sólido para a cabeça não iria resolver.

"Tudo bem", disse Sara ao telefone, dando Jeffrey um sorriso tenso. Ele estava olhando para o sinal gravado no vidro, onde seu pai tinha golpeado um pedaço de fita adesiva sobre o último nome Tolliver e escrito em Linton com um marcador preto. Desde Jeffrey tinha traído Sara com a única fabricante de sinal na cidade, era duvidoso que o lettering seria mais profissional fixa em breve.

"Papai," Sara interrompeu: "Vejo você na parte da manhã." Ela desligou o telefone antes que ele pudesse conseguir outra palavra em.

Jeffrey perguntou: "Deixe-me adivinhar, ele envia seu amor."

Sara ignorou a pergunta, não querendo entrar em uma conversa pessoal com Jeffrey. Foi assim que ele chupou-la de volta, fazendo-a pensar que ele era uma pessoa normal, susceptível de ser honesto e solidário quando na realidade o minuto Jeffrey senti como ele estava de volta nas boas graças de Sara ele provavelmente correr para se esconder. Ou, sob as cobertas, para ser mais exato.

Ele disse: "Como está Tessa está fazendo?"

"Tudo bem", disse Sara, tirando seus óculos fora de seu caso. Ela deslizou-los, perguntando: "Onde está a Lena?"

Ele olhou para o relógio na parede. "Cerca de uma hora de distância. De ir para a página mim quando ela é dez minutos Frank."

Sara levantou-se, ajustando a cintura de seus scrubs. Ela havia tomado banho no salão hospital, armazenar suas roupas ensanguentadas em uma bolsa de provas no caso de eles eram necessários para o julgamento.

Ela perguntou: "Você já pensou sobre o que você vai dizer a ela?"

Ele balançou a cabeça negativamente. "Eu estou esperando que nós pode obter algo de concreto antes de eu falar com ela. Lena 's um policial. Ela vai querer respostas."

Sara se inclinou sobre a mesa, batendo no vidro. Carlos olhou para cima. "Você pode ir agora", disse ela. Em seguida, explicando a Jeffrey, "Ele vai correr sangue e na urina até o laboratório de crime. Eles estão indo para colocá-lo através de hoje à noite."

"Boa."

Sara sentou-se na cadeira. "Você conseguiu qualquer coisa, desde o banheiro?"

"Nós encontramos a bengala e vidros atrás do vaso sanitário. Eles foram limpas."

"E quanto a porta do box?"

"Nada", disse ele. "Quero dizer, não nada, mas cada mulher na cidade tem sido dentro e fora daquele lugar. Última contagem Matt tinha mais de cinquenta impressões diferentes." Ele tomou algumas Polaroids do bolso e jogou-os sobre a mesa. Havia close-ups do corpo deitado no chão ao lado de imagens de bloody calçados e cópias da mão de Sara.

Sara pegou um deles, dizendo: "Eu acho que não ajuda em nada que eu contaminados a cena."

"Não é como se você tivesse uma escolha."

Ela manteve seus pensamentos para si mesma, colocando as fotos em seqüência lógica.

Ele repetiu a avaliação anterior. "Quem fez isso sabia o que estava fazendo. Ele sabia que ela iria para o restaurante sozinho. Ele sabia que ela não podia ver. Ele sabia que o lugar estaria deserto que hora do dia."

"Você acha que ele estava esperando por ela?"

Jeffrey deu um encolher de ombros. "Parece que maneira. Ele provavelmente veio dentro e para fora da porta traseira. Pete tinha desligado o alarme para que pudessem deixá-la aberta para arejar o lugar."

"Sim", ela disse, lembrando a porta de volta para o jantar foi mantida aberta mais vezes do que não.

"Então, nós estamos procurando por alguém que conhecia suas atividades, certo? Alguém que estava familiarizado com o layout do jantar."

Sara não queria responder a esta pergunta, o que implicava que o assassino era alguém que vive em Grant, alguém que conhecia as pessoas e coloca a única forma um residente podia. Em vez disso, ela se levantou e caminhou de volta para o armário de metal arquivamento do outro lado da mesa. Ela tirou um jaleco fresco e colocou-o, dizendo: "Eu já tomou raios X e verificou seu vestuário. Fora isso, ela está pronta."

Jeffrey virou-se, olhando para a mesa no centro da morgue. Sara olhou, também, pensando que Sibyl Adams foi muito menor na morte do que ela parecia na vida. Mesmo Sara não podia se acostumar com a forma como a morte de pessoas reduzidas.

Jeffrey perguntou: "Você conhece bem?"

Sara refletia sobre sua pergunta. Finalmente, ela disse: "Eu acho. Nós dois fizemos dia carreira no ensino médio no ano passado. Então, você sabe, eu corri para ela na biblioteca às vezes."

"A biblioteca?" Jeffrey perguntou. "Eu pensei que ela era cega."

"Eles têm livros em fita lá, eu acho." Ela parou na frente dele, cruzando os braços. "Escute, eu tenho que lhe dizer isso. Lena e eu meio que tive uma briga algumas semanas atrás."

Obviamente, ele estava surpreso. Sara ficou surpreso também. Não havia um monte de gente na cidade que ela não se dá bem. Mas Lena Adams foi certamente um deles.

Sara explicou: "Ela ligou para Nick Shelton na GBI pedindo um relatório de toxicologia sobre um caso."

Jeffrey balançou lado a cabeça para o outro, sem entender. "Por quê?"

Sara deu de ombros. Ela ainda não sabia por Lena tentou passar por cima de sua cabeça, especialmente considerando que era sabido que Sara tinha um relacionamento muito bom trabalhar com Nick Shelton, o Bureau Georgia do agente de campo da Investigação em Grant County.

"E?" Jeffrey solicitado.

"Eu não sei o que Lena pensou que ela poderia realizar chamando Nick diretamente. Tivemos-lo. Nenhum sangue foi derramado, mas eu não diria que se separaram em termos amigáveis."

Jeffrey deu de ombros, como se dissesse, que você pode fazer? Lena tinha feito uma carreira fora de assinalando as pessoas. Voltar quando Sara e Jeffrey eram casados, Jeffrey tinha muitas vezes expressou sua preocupação sobre o comportamento impetuoso de Lena.

"Se ela foi", ele parou, então- "se ela foi estuprada, Sara. Eu não sei."

"Vamos começar", Sara respondeu rapidamente, passando-o para o necrotério. Ela ficou na frente do armário de abastecimento, à procura de um vestido cirúrgico. Ela fez uma pausa, com as mãos nas portas enquanto ela brincava volta a conversa em sua mente, imaginando como ele tinha se transformado a partir de uma avaliação forense em uma discussão sobre a indignação potencial de Jeffrey tinha Sibyl Adams não apenas foram mortos, mas estuprada também.

"Sara?" ele perguntou. "O que está errado?"

Sara sentiu a faísca raiva em sua pergunta estúpida. "O que está errado?" Ela encontrou o vestido e bateu as portas fechadas. A armação de metal sacudiu a partir da força. Sara virou-se, rasgando a céu aberto embalagem esterilizada. "O que está errado é que estou cansado de você me perguntar o que há de errado quando isso bem óbvio o que está errado." Ela fez uma pausa, tirando o vestido. "Pense nisso, Jeffrey. Uma mulher literalmente morreu nos meus braços hoje. Não apenas um estranho, alguém que eu conhecia. Eu deveria estar em casa agora tomar um longo banho ou a pé os cães e em vez disso eu tenho que ir lá e corte-a, pior do que já é, para que eu possa dizer-lhe ou não você precisa para começar a puxar em todos os pervertidos na cidade. "

Suas mãos tremiam de raiva enquanto tentava entrar no vestido. A manga foi apenas fora de seu alcance, e ela estava voltando-se para obter um ângulo melhor quando Jeffrey mudou-se para ajudá-la.

Seu tom era desagradável quando ela retrucou: "Eu tenho." Ele ergueu as mãos, as palmas voltadas para ela como se em sinal de rendição. "Desculpa." Sara se atrapalhou com os laços sobre o vestido, terminando atar os cordões juntos. "Merda", ela sussurrou, tentando-los de volta. Jeffrey oferecido, "eu poderia obter Brad para ir passear com os cães." Sara deixou cair as mãos, desistindo. "Isso não é o ponto, Jeffrey."

"Eu sei que não é", ele voltou, aproximando-se dela do jeito que ele pode um cão raivoso. Ele pegou as cordas e ela olhou para baixo, vendo-o trabalhar para fora o nó. Sara deixá-la viajar olhar para o topo da sua cabeça, observando alguns fios cinza com o preto. Ela queria o querer nele a capacidade de confortá-la em vez de tentar fazer uma piada de tudo. Ela queria para ele para desenvolver magicamente a capacidade de empatia. Depois de dez anos, ela deveria ter conhecido melhor.

Ele afrouxou o nó com um sorriso, como se com este simples ato, ele tinha acabado de fazer tudo melhor. Ele disse: "Não." Sara assumiu, amarrando as cordas juntos em um arco. Ele colocou a mão sob o queixo. "Você está bem", disse ele, não uma pergunta neste momento. "Sim", ela concordou, afastando-se. "Estou bem." Ela tirou um par de luvas de látex, voltando-se para a tarefa em mãos. "Vamos apenas obter a preliminar mais com antes Lena recebe de volta."

Sara caminhou até a mesa de autópsia a porcelana aparafusado ao chão no meio da sala. Curvos, com alta lados, a mesa branca abraçou o pequeno corpo de Sybil. Carlos tinha colocado a cabeça em um bloco de borracha preta e colocou uma folha branca sobre ela. Exceto para a contusão preta sobre o olho, ela poderia estar dormindo.

"Senhor," Sara murmurou enquanto dobrava o lençol. Tomando o corpo para fora da zona de matança tinha intensificado o dano. Sob as luzes brilhantes da morgue, cada aspecto da ferida se destacou. As incisões foram longa e afiada através do abdômen, formando uma cruz quase perfeita. A pele enrugada em alguns lugares, chamando sua atenção para longe do sulco profundo na intersecção da cruz. Postmortem, os ferimentos levaram em um escuro, quase preto, aparência. As fendas na pele de Sibyl Adams estava aberta como pequenas bocas molhadas.

"Ela não tem um monte de gordura corporal", explicou Sara. Ela indicou a barriga, onde a incisão se abriu mais um pouco acima do umbigo. O corte não foi profundo, ea pele foi puxado apart como uma camisa apertada que tinha estalado um botão. "Não há matéria fecal no abdômen inferior, onde os intestinos foram violados pela lâmina. Não sei se era essa profunda de propósito ou se a profundidade foi acidental. Parece esticado."

Ela indicou os bordos da ferida. "Você pode ver a estrias aqui na ponta da ferida. Talvez ele se movia a faca ao redor. Trançado-lo. Além disso ..." Ela fez uma pausa, descobrir as coisas como ela foi junto. "Há vestígios de excrementos em suas mãos, bem como os bares da tenda, então eu tenho que pensar que ela foi cortada, ela colocou as mãos na barriga, em seguida, ela colocou as mãos em torno das barras por algum motivo."

Ela olhou para Jeffrey para ver como ele estava segurando. Ele parecia enraizada no chão, paralisada pelo corpo Sibyls. Sara sabia de sua própria experiência que a mente pode pregar peças, suavizando as linhas nítidas de violência. Mesmo para Sara, vendo Sibila novamente foi talvez pior do que vê-la pela primeira vez.

Sara colocou as mãos sobre o corpo, surpreso que ele ainda estava quente. A temperatura no necrotério foi sempre baixa, mesmo durante o verão, porque o quarto era subterrâneo. Sibila deveria ter sido muito mais frio agora.

"Sara?" Jeffrey perguntou.

"Nada", respondeu ela, não está preparado para fazer suposições. Pressionou em torno da ferida no centro da cruz. "Foi uma faca de dois gumes", ela começou. "O que ajuda a alguns. A maioria dos esfaqueamentos são facas de caça serrilhadas, certo?"

"Sim."

Ela apontou para uma marca tan-olhando em torno da ferida centro. A limpeza do corpo, Sara tinha sido capaz de ver muito mais do que o seu exame inicial no banheiro tinha revelado. "Isto é de o guarda cruz, para que ele colocá-lo todo o caminho. Eu imagino que vou ver alguns lascas na espinha quando eu abri-la. Eu senti algumas irregularidades quando eu colocar o meu dedo. Há provavelmente algum osso lascado ainda está lá. "

Jeffrey acenou para que ela continue.

"Se tivermos sorte, vamos obter algum tipo de impressão da lâmina. Se não for isso, então talvez algo do hematomas guarda cruz. Posso remover e corrigir a pele após Lena vê-la."

Ela apontou para a punção ferida no centro da cruz. "Esta foi uma facada duro, então eu imagino que o assassino fez isso a partir de uma posição superior. Veja a forma como a ferida é um ângulo de cerca de quarenta e cinco anos?" Ela estudou a incisão, tentando fazer o sentido dele. "Eu quase diria que a facada barriga é diferente do ferimento no peito. Não faz sentido."

"Por que é que?"

"Os furos têm um padrão diferente."

"Tipo, como?"

"Eu não posso dizer", ela respondeu com sinceridade. Ela deixou essa queda para o momento, concentrando-se no facada no centro da cruz. "Então, ele provavelmente está em pé na frente dela, as pernas dobradas na altura do joelho, e ele toma a faca de volta para o seu lado", ela demonstrou, puxando-back mão ", em seguida, força-a em seu peito."

"Ele usa duas facas para fazer isso?"

"Eu não posso dizer", admitiu Sara, voltando para a ferida da barriga. Algo não estava somando.

Jeffrey coçou o queixo, olhando para o ferimento no peito. Ele perguntou: "Por que não esfaqueá-la no coração?"

"Bem, por exemplo, o coração não está no centro do peito, que é onde você teria de esfaquear, a fim de atingir o centro da cruz. Assim, não há uma qualidade estética à sua escolha. Por outro lado, há costela e cartilagem que envolve o coração. Ele teria de esfaqueá-

la várias vezes para romper. Isso iria atrapalhar o aspecto da cruz, certo? " Sara fez uma pausa. "Haveria uma grande quantidade de sangue se o coração foi perfurado. Ele iria sair a uma velocidade considerável. Talvez ele quisesse evitar isso." Ela deu de ombros, olhando para Jeffrey. "Suponho que ele poderia ter ido sob a caixa torácica e para cima se quisesse chegar ao coração, mas que teria sido um jogo de dados na melhor das hipóteses."

"Você está dizendo que o atacante tinha algum tipo de conhecimento médico?"

Sara perguntou: "Sabe onde está o coração?"

Ele colocou a mão sobre o lado esquerdo do peito.

"Certo. Você também sabe suas costelas não atendem todo o caminho no centro."

Ele bateu a mão contra o centro de seu peito. "O que é isso?"

"Esterno", ela respondeu. "O menor, no entanto. É no processo xifóide. Eu não posso dizer se isso é sorte cega ou calculada corte."

"Significado?"

"Ou seja, se você é que teimam em esculpir uma cruz no abdômen de alguém e colocando uma faca através do centro, este é o melhor lugar para apunhalar alguém se quiser que a faca para passar. Há três partes para o esterno, "ela disse, usando seu próprio peito para ilustrar.

"O manubrium, que é a parte superior, o corpo, que é a parte principal, em seguida, o processo xifóide. Desses três, o xifóide é o mais macio. Especialmente em alguém nessa idade. Ela é o quê, trinta e poucos anos?"

"Trinta e três."

"Idade de Tessa," Sara murmurou, e por um segundo, ela brilhou em sua irmã. Ela balançou isto de sua mente, concentrando-se para trás no corpo. "O processo xifóide calcifica com a idade. A cartilagem fica mais difícil. Então, se eu estava indo para apunhalar alguém no peito, este é o lugar onde eu ia fazer o meu X."

"Talvez ele não queria cortar os seios?"

Sara considerou esta. "Isto parece mais pessoal do que isso." Ela tentou encontrar as palavras. "Eu não sei, eu acho que ele quer cortar os seios. Sabe o que eu quero dizer?"

"Especialmente se ele é sexualmente motivado", ele ofereceu. "Quero dizer, o estupro é geralmente de cerca de poder, certo? É sobre estar irritado com as mulheres, que querem controlá-los. Por que ele iria cortá-la lá em vez de em um lugar que faz dela uma mulher?"

"A violação é também sobre a penetração", Sara respondeu. "Isso certamente se qualifica. É um corte forte, quase limpa completamente. Não acho" Ela parou, olhando para a ferida, uma nova idéia se formando em sua mente. "Jesus", ela murmurou.

"O que é isso?" Jeffrey perguntou.

Ela não podia falar por alguns segundos. Sua garganta se sentia como se estivesse fechando sobre ela.

"Sara?"

Um bipe encheu o necrotério. Jeffrey verificou seu pager. "Isso não pode ser Lena", disse ele.

"Se importa se eu usar o telefone?"

"Certo." Sara cruzou os braços, sentindo a necessidade de se proteger de seus próprios pensamentos. Ela esperou até que Jeffrey estava sentado atrás de sua mesa antes de ela continuou o exame.

Sara alcançou acima de sua cabeça, transformando a luz para que ela pudesse ter uma visão melhor na área pélvica. Ajustar o espécule de metal, ela murmurou uma oração para si mesma, para Deus, para quem quisesse ouvir, sem sucesso. Até o momento Jeffrey voltou,

ela tinha certeza.

"Bem?" ele perguntou.

mãos de Sara tremia quando ela tirou as luvas. "Ela foi sexualmente agredida no início do ataque." Ela fez uma pausa, deixando cair as luvas sujas em cima da mesa, imaginando em sua mente Sibyl Adams sentado no vaso sanitário, colocando as mãos sobre a ferida aberta em seu abdômen, em seguida, preparando-se contra as barras de cada lado da tenda, completamente cego ao que estava acontecendo com ela.

Ele esperou alguns instantes antes de solicitar, "E?"

Sara colocou as mãos sobre as bordas da tabela. "Houve matéria fecal em sua vagina."

Jeffrey não parecem seguir. "Ela foi sodomizado em primeiro lugar?"

"Não há nenhum sinal da penetração anal."

"Mas você encontrou matéria fecal", ele disse, ainda não conseguiu-lo.

"Deep em sua vagina", disse Sara, não querendo deixar bem claro, sabendo que ela teria que. Ela ouviu um waver atípico em sua voz quando ela disse: "A incisão na barriga era profundo de propósito, Jeffrey." Ela parou, procurando as palavras para descrever o horror que tinha encontrado.

"Ele a estuprou", disse Jeffrey, não uma pergunta. "Houve a penetração vaginal."

"Sim", Sara respondeu, ainda à procura de uma forma de esclarecer. Finalmente, ela disse:

"Não havia penetração vaginal depois que ele estuprou a ferida."

Capítulo Cinco

NOITE tinha chegado rapidamente, a temperatura cair junto com o sol. Jeffrey estava atravessando a rua, assim como Lena puxou para dentro do estacionamento da delegacia. Ela estava fora de seu carro antes que ele alcançou.

"O que está acontecendo?" Ela exigiu, mas ele poderia dizer que ela já sabia que algo estava errado. "É o meu tio?" ela perguntou, esfregando os braços para combater o frio. Ela estava vestindo uma T-shirt e jeans fina, não o seu habitual traje de trabalho, mas a viagem para Macon foi um casual.

Jeffrey tirou a jaqueta, dando a ela. O peso do que Sara lhe dissera sentou-se em seu peito como uma pedra pesada. Se Jeffrey tinha nada a ver com isso, Lena nunca saberia exatamente o que tinha acontecido com Sibyl Adams. Ela nunca saberia o que esse animal tinha feito a sua irmã.

"Vamos entrar", disse ele, colocando a mão sob seu cotovelo.

"Eu não quero ir para dentro", respondeu ela, sacudindo o braço. Seu casaco caiu entre eles.

Jeffrey se inclinou para baixo, recuperando sua jaqueta. Quando olhou para cima, Lena estava com as mãos nos quadris. Contanto que ele tinha conhecido ela, Lena Adams tinha ostentado um chip em seu ombro do tamanho do Everest. Em algum lugar no fundo de sua mente, Jeffrey tinha sido pensando que ela iria precisar de um ombro para chorar ou palavras de conforto. Ele não podia aceitar que não havia um lado macio para Lena, talvez porque ela era uma mulher. Talvez porque apenas alguns minutos antes, ele tinha visto a irmã deitada rasgado no necrotério. Ele deveria ter lembrado que Lena Adams foi mais difícil do que isso. Ele deveria ter previsto a raiva.

Jeffrey enfiou a jaqueta de volta. "Eu não quero fazer isso lá fora."

"O que você vai dizer?" Ela exigiu. "Você vai dizer que ele estava dirigindo, certo? E que ele

saiu da estrada, certo?" Ela enumerou a progressão na ponta dos dedos, dando-lhe quase textualmente o procedimento manual polícia para informar a alguém que um membro da família tinha morrido. Construir até ele, o manual disse. Não primavera-lo sobre eles de repente. Deixe o membro da família / pessoa amada se acostumar com a idéia.

Lena contou-off, a voz ficando mais alta com cada frase. "Ele era atingido por outro carro? Hein? E eles o levaram para o hospital? E eles tentaram salvá-lo, mas não conseguiram. Eles fizeram tudo o que podiam, hein?"

"Lena -"

Ela caminhou de volta para o seu carro, em seguida, virou-se. "Onde está minha irmã? Você já disse a ela?"

Jeffrey respirou, soltando-o lentamente.

"Olhe para isso", Lena sussurrou, virando-se para a casa da estação, acenando com a mão no ar. Maria Simms estava olhando para fora de uma das janelas da frente. "Venha, Maria," Lena gritou.

"Vamos lá", disse Jeffrey, tentando impedi-la.

Ela se afastou dele. "Onde está minha irmã?"

Sua boca não queria se mover. Por pura força de vontade, ele conseguiu, "Ela estava no jantar."

Lena se virou, andando pela rua em direção ao restaurante.

Jeffrey continuou, "Ela foi ao banheiro."

Lena parou em seu caminho.

"Havia alguém lá dentro. Ele a esfaqueou no peito." Jeffrey esperou que ela se virar, mas ela ainda não o fez. ombros de Lena foram em linha reta, sua postura um estudo em silêncio. Ele continuou, "Dr. Linton estava almoçando com sua irmã. Ela entrou no banheiro e encontrou-a." Lena se virou lentamente, os lábios entreabertos.

"Sara tentou salvá-la."

Lena olhou diretamente nos olhos. Obrigou-se a não desviar o olhar.

"Ela está morta."

As palavras pairaram no ar como mariposas em torno de um poste.

a mão de Lena foi para sua boca. Ela entrou em um semicírculo quase bêbado, em seguida, virou-se para Jeffrey. Seus olhos perfuraram os seus, uma pergunta lá. Era algum tipo de piada? ele era capaz de ser tão cruel?

"Ela está morta", ele repetiu.

Sua respiração veio em staccatos curtas. Ele quase podia ver sua mente chutar em ação enquanto ela absorvia a informação. Lena caminhou em direção à casa da estação, depois parou. Ela virou-se para Jeffrey, abrir a boca, mas não disse nada. Sem aviso, ela tirou para o jantar.

"Lena!" Jeffrey chamado, correndo atrás dela. Ela foi rápido para seu tamanho, e seus sapatos eram páreo para os tênis batendo para baixo do pavimento. Ele colocou seus braços em, bombeamento, empurrando-se para pegá-la antes que ela chegou ao jantar.

Ele chamou o nome dela enquanto ela se aproximava do jantar, mas ela explodiu passado, tendo uma curva à direita em direção ao centro médico.

"Não", Jeffrey gemeu, empurrando-se mais difícil. Ela estava indo para o necrotério. Ele chamou o nome dela, mas Lena não olhou para trás como ela cruzou para rígido do hospital.

Ela bateu seu corpo para as portas de correr, popping-os fora de seus quadros, soar o alarme

de emergência.

Jeffrey foi segundos atrás dela. Ele dobrou a esquina para as escadas, ouvindo tênis de Lena batendo contra os degraus de borracha. Um boom ecoou até a escada estreita como ela abriu a porta para o necrotério.

Jeffrey parou no quarto passo a partir do fundo. Ele ouviu de Sara surpreendeu "Lena", seguido por um gemido de dor.

Obrigou-se a tomar os últimos passos para baixo, fez-se a pé para o necrotério.

Lena estava inclinado sobre sua irmã, segurando a mão dela. Sara tinha, obviamente, tentou cobrir o pior do dano com a folha, mas a maior parte superior do tronco da Sibila ainda mostrou. Lena estava ao lado de sua irmã, sua respiração vindo em calças curtas, todo o seu corpo tremia como se de algum osso refrigeração frio.

Sara cortar Jeffrey em dois com um olhar. Tudo o que podia fazer era segurar as mãos. Ele havia tentado impedi-la.

"Que horas eram?" Lena perguntou com os dentes batendo. "O tempo que ela morreu?"

"Por volta das duas e meia", respondeu Sara. Sangue estava de luvas, e ela os colocou sob os braços como se esconder.

"Ela se sente tão quente."

"Eu sei."

Lena baixou a voz. "Eu estava em Macon, Sibby," ela disse a sua irmã, acariciando o cabelo para trás. Jeffrey estava contente de ver Sara tinha tido tempo para pentear alguns dos out sangue.

O silêncio encheu o necrotério. Era estranho ver Lena pé ao lado da mulher morta. Sibila era seu gêmeo idêntico, análogo em todos os sentidos. Ambos eram mulheres pequenas, cerca de cinco quatro e pouco mais de cento e vinte libras. Sua pele tinha o mesmo tom de verde-oliva. cabelo castanho escuro de Lena era maior do que sua irmã, curlier da Sibila. rostos das irmãs foram um estudo em contraste, um plano e sem emoção, o outro cheio de dor.

Sara virou-se ligeiramente para o lado, tirando as luvas. Ela sugeriu: "Vamos lá para cima, ok?"

"Você estava lá", disse Lena, a voz baixa. "O que você fez para ajudá-la?"

Sara olhou para suas mãos. "Eu fiz o que eu poderia fazer."

Lena acariciou o lado de suas irmãs enfrentam, seu tom de voz um pouco mais acentuada quando ela perguntou: "O que foi exatamente o que você poderia fazer?"

Jeffrey deu um passo adiante, mas Sara deu-lhe um olhar afiado para impedi-lo, como se dissesse seu tempo para ajudar a situação tinha ido e vindo cerca de dez minutos atrás.

"Foi muito rápido", disse Sara Lena, obviamente, com alguma relutância. "Ela começou a entrar em convulsões."

Lena pôs a mão de Sibila em cima da mesa. Ela puxou o lençol para cima, colocando-o sob o queixo de sua irmã enquanto ela falava. "Você é um pediatra, certo? O que exatamente você faz para ajudar a minha irmã?" Ela trancou os olhos com Sara. "Por que você não chamar um médico de verdade?"

Sara deu uma risada curta incrédulo. Ela respirou fundo antes de responder, "Lena, eu acho que você deve deixar Jeffrey levá-lo para casa agora."

"Eu não quero ir para casa", Lena respondeu, seu tom calmo, quase coloquial. "Você chamou uma ambulância? Você ligou para seu namorado?" A inclinação da cabeça indicou Jeffrey.

As mãos de Sara foi atrás das costas. Ela parecia estar restringindo-se fisicamente. "Nós não vamos ter essa conversa agora. Você está muito chateado."

"Estou muito chateado", repetiu Lena, apertando as mãos. "Você acha que eu estou chateado?" ela disse, com a voz mais alto desta vez. "Você acha que eu sou muito foda chateado falar com você sobre o porquê você porra não poderia ajudar a minha irmã?" Tão rapidamente quanto ela tinha tirado no estacionamento, Lena estava no rosto de Sara. "Você é um médico!" Lena gritou. "Como ela pode morrer com um médico porra no quarto?" Sara não respondeu. Ela olhou para o lado.

"Você não pode sequer olhar para mim", disse Lena. "Você pode?"

O foco de Sara não se alterou.

"Você deixou minha irmã morrer e você não pode mesmo porra olhar para dedo do pé."

"Lena", disse Jeffrey, finalmente pisar no. Ele colocou a mão em seu braço, tentando fazê-la recuar.

"Deixe-me ir", ela gritou, socando-o com os punhos. Ela começou a esmurrar o peito dele, mas ele agarrou as mãos, mantendo-os apertados. Ela ainda lutou com ele, gritando, cuspir, chutar. Segurando suas mãos era como pegar um fio ao vivo. Ele manteve uma mão firme, tendo o abuso, deixando-a colocar tudo para fora até que ela amassado em uma bola no chão. Jeffrey sentou ao lado dela, segurando-a enquanto ela chorava. Quando ele pensou em olhar, Sara estava longe de ser encontrada.

Jeffrey tirou um lenço de sua mesa com uma mão, segurando o telefone ao ouvido com a outra. Ele colocou o pano em sua boca, enxugando o sangue como uma versão metálica da voz de Sara pediu-lhe para aguardar o sinal sonoro.

"Hey," ele disse, tirando o pano. "Você aí?" Ele esperou alguns segundos. "Eu quero ter certeza de que está bem, Sara." Mais segundos se passaram. "Se você não pegar, eu vou vir." Ele esperava obter uma resposta a isso, mas nada veio. Ele ouviu a máquina de correr para fora e desligou o telefone.

Frank bateu na porta de seu escritório. "O garoto está no banheiro", disse ele, o que significa Lena. Jeffrey sabia Lena odiava ser chamado de uma criança, mas esta era a única maneira Frank Wallace poderia pensar para mostrar o seu parceiro que ele se importava.

Frank disse: "Ela tem uma certa média, hein?"

"Sim." Jeffrey dobrou o lenço para canto fresco. "Ela sabe que eu estou esperando por ela?"

Frank ofereceu, "Eu vou ter certeza que ela não faz quaisquer desvios."

"Bom", Jeffrey disse, então, "Obrigado."

Ele viu Lena andando pela sala de plantel, o queixo inclinado para cima em desafio. Quando ela chegou ao seu escritório, ela tomou seu tempo de fechar a porta, em seguida, caiu em uma das duas cadeiras em frente a ele. Ela tinha a aparência de um adolescente que tinha sido chamado ao escritório do diretor.

"Me desculpe, eu bater em você", ela murmurou.

"Sim", Jeffrey voltou, segurando o lenço. "Eu piorou no jogo de Auburn-Alabama." Ela não respondeu, então ele acrescentou: "E eu estava na arquibancada no momento."

Lena apoiou o cotovelo no braço e apoiou a cabeça na mão dela. "O que leva você tem?" ela perguntou. "Quaisquer suspeitos?"

"Nós estamos correndo o computador agora", disse ele. "Devemos ter uma lista na parte da manhã."

Ela colocou a mão sobre os olhos. Ele dobrou o lenço, esperando por ela para falar.

Ela sussurrou: "Ela foi estuprada?"

"Sim."

"Como mal?"

"Eu não sei."

"Ela foi cortada", disse Lena. "Este é um capricho Jesus?"

Sua resposta foi a verdade. "Eu não sei."

"Você não parece saber um inferno de um lote," ela finalmente disse.

"Você está certo", ele concordou. "Eu preciso lhe fazer algumas perguntas."

Lena não olhou para cima, mas ele a viu dar um leve aceno de cabeça.

"Ela estava vendo alguém?"

Finalmente, ela olhou para cima. "Não."

"Quaisquer antigos namorados?"

Algo brilhou em seus olhos, e sua resposta não veio tão rapidamente quanto o último. "Não."

"Você tem certeza disso?"

"Sim, tenho certeza."

"Nem mesmo alguém de alguns anos atrás? Sibila se mudou para cá, o que, cerca de seis anos atrás?"

"É isso mesmo", disse Lena, ela hostil voz novamente. "Ela tomou um trabalho na faculdade para que ela pudesse estar perto de mim."

"Ela estava vivendo com alguém?"

"O que isso significa?"

Jeffrey deixou cair o lenço. "Isso significa o que significa, Lena. Ela era cega. Estou assumindo que ela precisava de ajuda se locomover. Ela estava vivendo com alguém?"

Lena franziu os lábios, como se debatendo se deve ou não responder. "Ela estava compartilhando uma casa em Cooper com Nan Thomas."

"O bibliotecário?" Isso explicaria por que Sara tinha visto na biblioteca.

Lena murmurou, "Eu acho que eu tenho que dizer-Nan sobre isso, também."

Jeffrey assumiu Nan Thomas já sabia. Segredos não ficou mantido por muito tempo em Grant. Ainda assim, ele ofereceu, "Eu posso dizer a ela."

"Não", ela disse, dando-lhe um olhar mordaz. "Eu acho que seria melhor vindo de alguém que a conhece."

A implicação era clara para Jeffrey, mas ele escolheu não confrontá-la. Lena estava à procura de uma outra luta, isso era óbvio. "Eu tenho certeza que ela provavelmente já ouviu falar alguma coisa. Ela não vai saber os detalhes."

"Ela não vai saber sobre o estupro, você quer dizer?" perna de Lena subia e descia em um tique nervoso. "Eu acho que não deveria contar a ela sobre a cruz?"

"Provavelmente não", ele respondeu. "Precisamos manter alguns dos detalhes perto no caso de alguém confessa."

"Eu gostaria de lidar com uma confissão falsa," Lena murmurou, sua perna ainda tremendo.

"Você não deveria estar sozinha esta noite", ele disse a ela. "Você quer que eu chame seu tio?" Ele pegou o telefone, mas ela o deteve com um não.

"Eu estou bem", disse ela, em pé. "Eu acho que vou vê-lo amanhã."

Jeffrey levantou-se, também, contente de concluir este. "Eu vou chamá-lo assim que ter alguma coisa."

Ela lhe deu um olhar engraçado. "Que horas é o briefing?"

Ele viu onde ela estava indo com isso. "Eu não vou deixá-lo trabalhar neste caso, Lena. Você tem que saber isso."

"Você não entende", disse ela. "Se você não me deixar trabalhar sobre isso, então você vai ter outra dura para sua namorada para baixo no necrotério."

Capítulo Seis

LENA bateu o punho na porta da frente da casa de sua irmã. Ela estava prestes a voltar para seu carro e levá-la conjunto de reposição de chaves quando Nan Thomas abriu a porta. Nan foi mais curto do que Lena e cerca de dez libras mais pesado. Seu cabelo castanho e grossos óculos mousy curtas a fez se parecer com o bibliotecário protótipo que ela era. Os olhos de Nan estavam inchados e inchado, lágrimas ainda escorrendo pelo seu rosto. Ela segurava um pedaço enrolado-up de tecido em sua mão.

Lena disse: "Eu acho que você ouviu."

Nan virou, caminhando de volta para dentro da casa, deixando a porta aberta para Lena. As duas mulheres nunca tinham se dado bem. Exceto pelo fato de que Nan Thomas era amante de Sybil, Lena não teria dito duas palavras para ela.

A casa era um bangalô construído na década de 1920. Grande parte da arquitetura original tinha sido deixado no local, a partir dos pisos de madeira para a moldagem simples que reveste as portas. A porta da frente se abriu em uma grande sala com uma lareira em uma extremidade e sala de jantar no outro. Off esta foi a cozinha. Dois pequenos quartos e uma casa de banho terminou o plano simples.

Lena andou propositadamente para o corredor. Ela abriu a primeira porta à direita, entrar no quarto que tinha sido transformado em escritório de Sibila. O quarto era limpo e arrumado, principalmente pela necessidade. Sibila estava cego, as coisas tinham que ser colocado em seu lugar ou ela não seria capaz de encontrá-los. livros em Braille estavam empilhados ordenadamente nas prateleiras. Revistas, também em Braille, foram alinhados na mesa de café na frente de um futon de idade. Um computador sentou-se na mesa que reveste a parede oposta. Lena foi ligá-lo quando Nan entrou na sala.

"O que você pensa que está fazendo?"

"Eu preciso passar por suas coisas."

"Por quê?" Nan perguntou, indo até a mesa. Ela colocou a mão sobre o teclado, como se ela pudesse parar Lena.

"Eu preciso ver se alguma coisa estava estranha, se alguém a estava seguindo."

"Você acha que vai encontrá-lo aqui?" Nan perguntou, pegando o teclado. "Ela só usou este para a escola. Você nem mesmo entender o software de reconhecimento de voz."

Lena agarrou o teclado de volta. "Eu vou descobrir isso."

"Não, você não vai," Nan respondeu. "Esta é minha casa, também."

Lena colocou as mãos nos quadris, caminhando em direção ao centro da sala. Ela viu uma pilha de papéis ao lado de uma velha máquina de escrever Braille. Lena os pegou, virando-se para Nan. "O que é isso?"

Nan correu, agarrando os papéis. "É seu diário."

"Você pode ler isto?"

"É seu diário pessoal", repetiu Nan, horrorizada. "Estes são seus pensamentos privados."

Lena mordeu o lábio inferior, tentando uma tática mais suave. Que ela nunca tinha gostado de Nan Thomas não era exatamente um segredo nesta casa. "Você pode ler Braille, certo?"

"Alguns."

"Você precisa me dizer o que diz, Nan. Alguém a matou." Lena bateu as páginas. "Talvez ela

estava sendo seguida. Talvez ela estava com medo de algo e não quis nos dizer." Nan virou-se, a cabeça inclinada para baixo em direção as páginas. Ela correu os dedos ao longo da linha superior de pontos, mas Lena poderia dizer que ela não estava lendo. Por alguma razão, Lena tem a impressão de que ela estava tocando as páginas porque Sibila tinha, como se ela pudesse absorver algum sentido de Sibila, em vez de apenas palavras. Nan disse: "Ela sempre ia para o jantar às segundas-feiras. Era o seu tempo para fazer algo por conta própria."

"Eu sei."

"Nós deveríamos fazer burritos esta noite." Nan empilhadadas nos jornais contra a mesa. "Faça o que você precisa fazer", disse ela. "Eu vou estar na sala de estar."

Lena esperou por ela para sair, em seguida, continuou a tarefa em mãos. Nan estava certo sobre o computador. Lena não sabia como usar o software, e Sibila só tinha usado isso para a escola. Sibila ditada no computador o que ela precisava, e seu assistente de ensino fez com que as cópias foram feitas.

O segundo quarto era ligeiramente maior do que o primeiro. Lena estava na porta, tendo na cama bem arrumada. Um urso Pooh de pelúcia foi instalado entre os travesseiros. Pooh era velho, careca em alguns lugares. Sibila raramente tinha sido sem ele ao longo de sua infância, e jogando-o para longe parecia uma heresia. Lena se inclinou contra a porta, ficando um flash mental de Sibila como uma criança, de pé com o urso Pooh. Lena fechou os olhos, deixando a memória dominá-la. Não havia muito Lena queria lembrar sobre sua infância, mas um dia particular estendeu. Poucos meses após o acidente que tinha cegado Sibila, eles estavam no quintal, Lena empurrando sua irmã no balanço. Sibila realizada Pooh apertado contra o peito, a cabeça jogada para trás quando sentiu a brisa, um enorme sorriso em seu rosto enquanto ela apreciava este prazer simples. Havia uma tal confiança lá, Sibila ficar no balanço, confiando Lena não empurrá-la muito difícil ou muito alta. Lena tinha sentido uma responsabilidade. Seu peito inchou a partir dele, e ela continuou empurrando Sibila até que seus braços tinham doía. Lena esfregou os olhos, fechando a porta do quarto. Ela entrou no banheiro e abriu o armário de remédios. Outros que sibilas vitaminas e ervas habituais, o gabinete estava vazio. Lena abriu o armário, vasculhando passado, o papel higiênico e tampões, gel de cabelo e toalhas de mão. O que ela estava procurando, Lena não sabia. Sibila não esconder as coisas. Ela seria a última pessoa a ser capaz de encontrá-los se ela fez.

"Sibby," Lena respirou, voltando-se para o espelho no armário de remédios. Vendo Sibila, não a si mesma. Lena falou com seu reflexo, sussurrando: "Diga-me uma coisa. Por favor."

Ela fechou os olhos, tentando navegar no espaço como Sibila faria. O quarto era pequeno, e Lena podia tocar ambas as paredes com as mãos enquanto ela estava no centro. Ela abriu os olhos com um suspiro cansado. Não havia nada lá.

De volta à sala de estar, Nan Thomas se sentou no sofá. Ela segurou o diário de Sibila em seu colo, sem olhar para cima quando Lena entrou. "Eu li a pena os últimos dias de coisa", disse ela, seu tom plano. "Nada fora do lugar. Ela estava preocupada com uma criança na escola, que foi reprovado."

"Um cara?"

Nan sacudiu a cabeça. "Female. Um calouro."

Lena encostou a mão contra a parede. "Você tem alguma operários dentro ou para fora no último mês?"

"Não."

"O mesmo carteiro que entrega para a casa? Sem UPS ou Fedex?"

"Ninguém nova. Isto é Grant County, Lee".

Lena irritou com o nome familiar. Ela tentou morder sua raiva. "Ela não disse que ela sentiu como se estivesse sendo seguido ou qualquer coisa?"

"Não, não. Ela era perfeitamente normal." Nan agarrou os papéis para o peito. "Suas aulas eram muito bem. Nós excelentes." Um leve sorriso surgiu em seus lábios. "Nós deveríamos fazer uma viagem para Eufalla neste fim de semana."

Lena tomou as chaves do carro do bolso. "Certo", ela brincou. "Eu acho que se aparecer alguma coisa que você deve me chamar."

"Lee"

Lena ergueu a mão. "Não faça isso."

Nan reconheceu o aviso com uma careta. "Eu vou chamá-lo se eu pensar em nada."

À meia-noite, Lena estava terminando sua terceira garrafa de Rolling Rock, condução em toda a linha de Grant County fora do Madison. Ela contemplado jogando o vazio fora da janela do carro, mas se conteve no último minuto. Ela riu de sua senso de moralidade; ela iria dirigir sob a influência, mas ela não iria ninhada. A linha teve que ser tirada em algum lugar.

Angela Norton, a mãe de Lena, cresceu vendo seu irmão Hank cavar-se mais profundo e mais profundo em um poço sem fundo de álcool e abuso de drogas. Hank tinha dito a Lena que sua mãe tinha sido inflexivelmente contra o álcool. Quando Angela casou-se com Calvin Adams, sua única regra da casa era que ele não sair bebendo com seus colegas policiais. Cal era conhecido por escorregar para fora de vez em quando, mas para a maior parte, ele honrou os desejos de sua esposa. Três meses depois de seu casamento, ele estava fazendo uma blitz de rotina ao longo de uma estrada de terra fora do Reece, Georgia, quando o motorista apontou uma arma para ele. Baleado duas vezes na cabeça, Calvin Adams morreu antes de seu corpo bateu no chão.

Aos vinte e três anos, Angela não era preparado para ser uma viúva. Quando ela desmaiou em sua maridos funeral, a família dela isolado, até nervos. Quatro semanas de doença de manhã mais tarde, um médico finalmente lhe deu o diagnóstico. Ela estava grávida.

Como sua condição progrediu, Angela ficou mais desanimado. Ela não era uma mulher feliz para começar. Life in Reece não foi fácil, ea família Norton tinha visto a sua quota de dificuldades. Hank Norton era conhecido por seu temperamento volátil e foi considerado o tipo de bêbado significa que você não queria correr em em um beco escuro. No joelho do seu irmão mais velho, Angela tinha aprendido a não colocar muita luta. Duas semanas após dar à luz duas meninas gêmeas, Angela Adams sucumbiu a uma infecção. Tinha vinte e quatro anos de idade. Hank Norton era o único parente disposto a tomar em suas duas meninas.

Para ouvir Hank contar a história, Sibila e Lena tinha transformado sua vida. O dia que ele levou para casa foi o dia em que ele parou de abusar de seu corpo. Ele alegou ter encontrado Deus através de sua presença e até hoje disse que se lembrava de minuto a minuto o que era para segurar Lena e Sibila, pela primeira vez.

Na verdade, Hank só parou atirando para cima velocidade quando as meninas veio morar com ele. Ele não parar de beber até muito mais tarde. As meninas estavam oito anos quando isso aconteceu. Um mau dia de trabalho tinha enviado Hank em um frenesi. Quando ele correu para fora do licor, ele decidiu dirigir ao invés de caminhada para a loja. O carro dele não mesmo fazê-lo para a rua. Sibila e Lena estavam jogando bola para fora no jardim da frente. Lena ainda não sabia o que estava acontecendo na mente de Sibila quando ela perseguiu a bola na

entrada da garagem. O carro tinha atingido ela de lado, o pára-choques de aço batendo em sua têmpora quando ela se curvou para recuperar a bola.

serviços condado tinha sido chamado, mas nada veio da investigação. O hospital mais próximo era um quarenta minutos de carro do Reece. Hank teve tempo de sobra para ficar sóbrio e dar uma história convincente. Lena ainda podia recordar estar no carro com ele, ver seu trabalho boca quando ele descobriu a história em sua mente. Na época, oito anos de idade, Lena não tinha certeza do que tinha acontecido, e quando a polícia entrevistou-lhe que ela tinha apoiado a história de Hank.

Às vezes, Lena ainda tinha sonhos sobre o acidente, e, nestes sonhos corpo de Sybil saltou contra o solo tanto quanto a bola tinha. Que Hank supostamente não tinha tocado uma gota de álcool desde então não teve nenhuma consequência para Lena. O estrago já estava feito.

Lena abriu outra garrafa de cerveja, remoção de ambas as mãos do volante para torcer fora a tampa. Ela tomou um longo gole, fazendo uma careta ao sentir o gosto. O álcool nunca tinha apelado para ela. Lena odiava estar fora de controle, odiava a sensação tonto e a dormência. Ficar bêbado era algo para os fracos, uma muleta para pessoas que não eram fortes o suficiente para viver suas próprias vidas, para estar em seus próprios dois pés. Beber estava fugindo de alguma coisa. Lena tomou outro gole de cerveja, pensando que não houve tempo melhor que o presente para todas essas coisas.

O Celica derrapou quando ela tomou a desligar a saída muito difícil. Lena corrigido a roda com uma mão, segurando firme a garrafa com a outra. A direita dura no topo da saída a levou para o Parar Reece 'n' Save. A loja dentro estava escuro. Como a maioria das empresas na cidade, o posto de gasolina fechado em dez. Embora, se a memória serve, uma caminhada em torno do edifício iria revelar um grupo de adolescentes bebendo, fumando cigarros, e fazer coisas que seus pais não querem saber. Lena e Sibila tinha andado a esta loja muitos uma noite escura, esgueirando-se da casa sob o olhar não muito vigilante de Hank.

Recolhendo as garrafas vazias, Lena saiu do carro. Ela tropeçou, seu pé pegando a porta. Uma garrafa escorregou de suas mãos e preso no concreto. Maldição, ela chutou os cacos longe de seus pneus, andando em direção à lata de lixo. Lena olhou para seu reflexo no vitrais da loja, enquanto ela jogou as garrafas vazias. Por um segundo, era como olhar para Sibila. Ela estendeu a mão para o vidro, tocando seus lábios, seus olhos.

"Jesus." Lena suspirou. Esta foi uma das muitas razões que ela não gostava de beber. Ela estava se transformando em um caso perdido.

A música soou do bar do outro lado da rua. Hank considerou um teste de vontade que possuía um bar, mas nunca embebidas. O Hut parecia seu nome, com um toque do sul. O telhado era coberto apenas até que importava, em seguida, uma lata enferrujada forrado a superfície campal. Tiki tochas com lâmpadas laranja e vermelho em vez de chamas estavam em um lado da entrada, ea porta foi pintada para parecer que tinha sido formado a partir de grama. Pintura descascada nas paredes, mas para a maior parte você ainda pode fazer o design de bambu. Bêbado como estava, Lena teve o bom senso de olhar para os dois lados antes de cruzar a rua. Seus pés estavam cerca de dez segundos atrás de seu corpo, e ela estendeu as mãos ao lado do corpo para manter o equilíbrio enquanto ela caminhava pelo estacionamento de cascalho. Dos cerca de cinquenta veículos no estacionamento, cerca de quarenta eram picapes. Sendo este o novo Sul, em vez de racks arma que usava corredores de cromo e striping do ouro ao longo de seus lados. Os outros carros eram jipes e tração nas quatro rodas. números Nascar foram pintados no pára-brisas traseiros. Hank de cor creme 1983 Mercedes

foi o único sedan no lote.

O Hut cheirava a fumaça de cigarro, e Lena tinha que tomar algumas respirações rasas para que ela não iria sufocar. Seus olhos queimados como ela caminhou até o bar. Não tinha mudado muito nos últimos vinte anos ou mais. O piso ainda estava pegajoso de cerveja e crocante de cascas de amendoim. À esquerda foram cabines que provavelmente tinha mais material de DNA neles do que o laboratório do FBI em Quantico. À direita havia um longo bar formado a partir de barris de cinquenta galões e coração de pinho. Um palco foi na parede oposta, as salas de repouso para homens e mulheres de cada lado. No meio do bar foi o que Hank chamado de uma pista de dança. Na maioria das noites, ele foi embalado trás para a frente com homens e mulheres em vários estágios de excitação de embriaguez. O Hut foi um bar duas e meia, o que significa que toda a gente parecia bom às duas e meia da manhã. Hank estava longe de ser visto, mas Lena sabia que não seria bem na noite de amor. Cada outra segunda-feira, patronos da Hut foram convidados a ficar no palco e vergonha diante do resto da cidade. Lena estremeceu enquanto pensava nisso. Reece feita Heartsdale olhar como uma metrópole. Exceto para a fábrica de pneus, a maioria dos homens nesta sala teria deixado há muito tempo. Como era, eles estavam satisfeitos para beber-se à morte e fingir que eles estavam felizes.

Lena deslizou para o banco primeiro vago que poderia encontrar. A música country na jukebox teve um baixo batendo, e ela apoiou os cotovelos no balcão, colocando as mãos sobre os ouvidos para que ela pudesse ouvir-se pensar.

Ela sentiu um inchaço no braço e olhou para cima a tempo de ver definição de um caipira de Webster sentando ao lado dela. Seu rosto estava queimado de sol de seu pescoço para cerca de uma polegada de sua linha fina onde ele tinha obviamente vindo a trabalhar fora usando um chapéu de baseball. Sua camisa estava engomado dentro de uma polegada de sua vida, e os punhos estavam apertados em torno de seus pulsos grossos.

A jukebox parou abruptamente, e Lena trabalhou sua mandíbula, tentando fazer com que seus ouvidos pop para que ela não se sente como se estivesse em um túnel.

Sua vizinha cavalheiro bateu o braço de novo, sorrindo, dizendo: "Ei, senhora."

Lena revirou os olhos, atraente do bartender. "JD sobre as rochas," ela ordenou.

"That'n está em mim", disse o homem, batendo por uma nota de dez dólares. Quando falou, suas palavras arrastada em conjunto como um trem destruído, e Lena percebeu que ele estava muito bêbado do que ela planejava nunca para ser.

O homem deu um sorriso desleixado. "Você sabe, o açúcar, eu adoraria ter bíblica com você."

Ela se inclinou, perto de sua orelha. "Se algum dia eu descobrir que você tem, eu vou cortar suas bolas fora com chaves do meu carro."

Ele abriu a boca para responder, mas foi empurrado para fora da banqueta antes que ele pudesse dizer uma palavra. Hank ficou lá com colarinho da camisa do homem em sua mão, em seguida, empurrou-o para a multidão. O olhar que ele fixa Lena com era tão duro como o que ela imaginou foi em seu próprio rosto.

Lena nunca tinha gostado seu tio. Ao contrário de Sibila, ela não era do tipo que perdoa.

Mesmo quando Lena levou Sibila para Reece para visitas, Lena passou a maior parte de seu tempo no carro ou sentado nos degraus da varanda, as chaves na mão, pronto para ir, logo que Sibila saiu pela porta da frente.

Apesar do fato de que Hank Norton havia injetado velocidade em suas veias para a maior parte de seus vinte e trinta anos, ele não era um idiota. Lena aparecendo na porta proverbial de Hank

no meio da noite só poderia significar uma coisa.

Seus olhos ainda estavam fechados como a música começou a soar novamente, sacudindo as paredes, o envio de uma vibração do chão até a banquetta. Ela viu mais do que ouviu o que Hank estava perguntando quando ele disse: "Onde está Sibila?"

Escondido atrás do bar, mais como um anexo de um lugar de negócios, o escritório de Hank era uma pequena caixa de madeira com um telhado de zinco. Uma lâmpada pendurada de um fio elétrico desgastado que provavelmente tinha sido instalado pelo WPA. Posters de empresas de cerveja e bebidas alcoólicas serviu como papel de parede. caixas brancas cheias de bebidas alcoólicas foram empilhados contra a parede traseira, deixando cerca de dez pés quadrados para uma mesa com duas cadeiras de cada lado. Circundante estes foram pilhas de caixas recheadas com recibos que Hank tinha acumulado com a execução do bar ao longo dos anos. Um córrego que funciona atrás do barraco mantido mofo e umidade do ar. Lena imaginado Hank gostava de trabalhar neste lugar escuro e úmido, passando seus dias em um ambiente mais adequado para uma língua.

"Eu vejo que você redecorado", disse Lena, definindo o copo em cima de uma das caixas. Ela não podia dizer se ela não estava mais bêbado ou se ela estava bêbado demais para notar.

Hank deu o vidro um olhar superficial, em seguida, olhou para Lena. "Você não bebe."

Ela levantou o copo num brinde. "À tarde bloomer".

Hank recostou-se na cadeira do escritório, as mãos cruzadas na frente de seu estômago. Ele era alto e magro, com a pele que tende a descamar no inverno. Apesar do fato de que seu pai era espanhol, a aparência de Hank se assemelhava mais de perto, uma mulher pastosa de sua mãe que era tão azeda quanto sua aparência. Em sua mente, Lena tinha sempre pensei que apropriado que Hank tinha uma estreita semelhança com uma serpente albina.

Ele perguntou: "O que o traz a essas partes?"

"A apenas impressionantes", ela conseguiu em torno do vidro. O uísque era amargo na boca.

Ela manteve um olho em Hank quando ela terminou a bebida e bateu o copo vazio recuar na caixa. Lena não sabia o que estava parando ela. Durante anos ela havia esperado para começar a mão superior com Hank Norton. Este foi o seu tempo para machucá-lo tanto quanto ele tinha ferido Sibila.

"Você começou snortin« coque, também, ou você tem sido chorando? "

Lena limpou a boca com as costas da mão. "O que você acha?"

Hank olhou para ela, trabalhando as mãos para trás e para frente. Este foi mais do que um hábito nervoso, Lena sabia. Velocidade injetado nas veias das mãos tinha dado artrite Hank em uma idade precoce. Como a maioria das veias em seus braços tinha calcificada do aditivo em pó usado para cortar a droga, não havia muito a circulação lá, também. Suas mãos estavam frio como gelo na maioria dos dias e uma fonte constante de dor.

A fricção parou abruptamente. "Vamos acabar com isso, Lee. Eu tenho o show de colocar."

Lena tentou abrir a boca, mas não saiu nada. Parte dela ficou irritado com sua atitude irreverente, que havia marcado sua relação desde o início. Parte dela não sabia como dizer a ele. Tanto quanto Lena odiava seu tio, ele era um ser humano. Hank tinha adorava Sibila. No ensino médio, Lena não podia tomar a sua irmã em toda parte, e Sibila tinha passado muito tempo em casa com Hank. Havia uma ligação inegável lá, e tanto quanto Lena queria machucar seu tio, ela sentiu-se segurando. Lena tinha amado Sibila, Sibila tinha amado Hank.

Hank pegou uma caneta esferográfica, transformando-o de cabeça final sobre a mesa várias vezes antes de finalmente perguntou: "Qual é o problema, Lee? Precisa de algum dinheiro?"

Se fosse assim tão simples, pensou Lena.

"Carro quebrou?"

Ela balançou a cabeça lentamente para os lados.

"É Sibila", afirmou, com a voz presa na garganta.

Quando Lena não respondeu, ele balançou a cabeça lentamente para si mesmo, colocando as mãos juntas, como se a rezar. "Ela está doente?" ele perguntou, sua voz, indicando que espera que o pior. Com esta frase, ele mostrou mais emoção do que Lena já tinha visto ele expressar na vida de conhecer seu tio. Ela olhou para ele de perto como se fosse a primeira vez. Sua pele pálida foi manchada com esses pontos vermelhos homens pastosas obter em seus rostos à medida que envelhecem. Seu cabelo, prata durante o tempo que ela conseguia se lembrar, foi entorpecida com amarelo sob a lâmpada de sessenta watts. Sua camisa havaiana foi amarrado, que não era seu estilo, e suas mãos tremored ligeiramente enquanto ele mexia com eles.

Lena fez isso da mesma maneira Jeffrey Tolliver tinha. "Ela foi para o jantar no meio da cidade", ela começou. "Você sabe o que em frente à loja de roupas?"

Um ligeiro aceno era tudo que ele deu.

"Ela andou lá de casa", Lena continuou. "Ela fez isso a cada semana, apenas para ser capaz de fazer algo por conta própria."

Hank apertou as mãos na frente do rosto, tocando os lados de seus dedos indicadores na testa.

"Então, uhm." Lena pegou o copo, precisando de algo para fazer. Ela chupou o pouco de licor foi deixada de fora os cubos de gelo, em seguida, continuou. "Ela foi ao banheiro, e alguém a matou."

Houve pouca som no pequeno escritório. Grasshoppers piava exterior. Murmúrio veio do fluxo. A latejante distante veio do bar.

Sem preâmbulos, Hank virou, escolhendo através das caixas, perguntando: "O que você teve que beber esta noite?"

Lena ficou surpreso com a pergunta, embora ela não deveria ter sido. Apesar de sua lavagem cerebral AA, Hank Norton era um mestre em evitar a desagradável. Sua necessidade de escapar era o que tinha trazido Hank em drogas e álcool, em primeiro lugar. "A cerveja no carro", disse ela, tocando junto, feliz por uma vez que ele não queria que os detalhes. "JD aqui."

Ele fez uma pausa, com a mão em torno de uma garrafa de Jack Daniel. "Cerveja antes do licor nunca mais doente", advertiu, sua voz presa na última parte.

Lena estendeu seu copo, sacudindo o gelo para a atenção. Ela observou Hank enquanto servia a bebida, não se surpreendeu quando ele lambeu os lábios.

"Como está o trabalho tratá-lo?" Hank perguntou, sua voz metálica no barraco. Seu lábio inferior tremeu ligeiramente. Sua expressão era de tristeza total em oposição direta às palavras que vêm de sua boca. Ele disse, "está bem?"

Lena assentiu. Ela sentia como se ela estava bem no meio de um acidente de carro. Ela finalmente entendeu o significado da palavra surreal. Nada parecia concreto nesse pequeno espaço. O vidro em sua mão sentiu aborrecido. Hank estava a milhas de distância. Ela estava em um sonho.

Lena tentou agarrar-se fora dele, engolindo a bebida rapidamente. O álcool atingiu a traseira de sua garganta como fogo, queimando e sólida, como se ela tivesse engolido asfalto quente.

Hank assistiu o vidro, não Lena, como ela fez isso.

Isso foi tudo que ela precisava. Ela disse, "morto de Sibila, Hank."

Lágrimas vieram aos seus olhos, sem aviso prévio, e tudo o que Lena podia pensar era que ele parecia tão muito, muito velho. Era como assistir a um murcho flor. Ele tirou o lenço e limpou o nariz.

Lena repetiu as palavras tanto quanto Jeffrey Tolliver tinha mais cedo esta noite. "Ela está morta."

Sua voz vacilou quando ele perguntou: "Você tem certeza?"

Lena assentiu rapidamente para cima e para baixo. "Eu vi ela." Em seguida, "Alguém cortou-a muito ruim."

Sua boca aberta e fechada como um peixe do. Ele manteve os olhos mesmo com Lena a maneira como ele costumava fazer quando ele estava tentando pegá-la em uma mentira. Ele finalmente olhou para longe, murmurando: "Isso não faz sentido."

Ela poderia ter estendido a mão e acariciou a mão de idade, talvez tentou confortá-lo, mas não o fez. Lena sentiu-se congelado em sua cadeira. Em vez de pensar Sibila, que tinha sido a reação inicial de sua mente, ela se concentrou em Hank, em seus lábios molhados, os olhos, os cabelos que crescem fora de seu nariz.

"Oh, Sibby." Ele suspirou, enxugando os olhos. Lena observou bob o pomo de Adão enquanto ele engolia. Ele pegou a garrafa, descansando a mão no pescoço. Sem perguntar, ele tirou a tampa e derramou Lena outra bebida. Desta vez, o líquido escuro quase tocou o aro.

Mais o tempo passava, então Hank assoou o nariz ruidosamente, batendo os olhos com o lenço. "Eu não posso ver ninguém tentando matá-la." Suas mãos tremiam ainda mais enquanto dobrava o lenço mais e mais. "Não faz sentido", ele murmurou. "Você, eu poderia entender."

"Muito obrigado."

Isso foi suficiente para provocar a irritação de Hank. "Quero dizer por causa do trabalho que você faz. Agora pegue esse chip maldito fora de seu ombro."

Lena não fez comentários. Esta foi uma ordem familiar.

Ele colocou as mãos sobre a mesa, fixando Lena com um olhar. "Onde você estava quando isso aconteceu?"

Lena jogou para trás a bebida, não se sentindo a queimadura muito neste momento. Quando ela voltou do vidro para a mesa, Hank ainda estava olhando para ela.

Ela resmungou, "Macon".

"Foi algum tipo de crime de ódio, então?"

Lena estendeu a mão, pegando a garrafa. "Eu não sei. Talvez." O whisky borbulhava na garrafa enquanto servia. "Talvez ele a escolheu porque ela era gay. Talvez ele pegou ela porque ela era cega." Lena deu um olhar de lado, pegando sua reação de dor a esta. Ela decidiu expor sobre sua especulação. "Estupradores tendem a escolher mulheres que pensam que podem controlar, Hank. Ela era um alvo fácil."

"Então, tudo isso vem de volta para mim?"

"Eu não disse isso."

Ele pegou a garrafa. "Certo", ele retrucou, deixando cair a meia garrafa vazia de volta para sua caixa. Seu tom era irritado agora, de volta para as porcarias e parafusos. Como Lena, Hank não estava confortável com o lado emocional das coisas. Sibila tinha dito muitas vezes a principal razão Hank e Lena nunca se deram bem era que eles eram muito parecidos. Sentado ali com Hank, absorvendo sua dor e raiva como ele encheu a pequena galpão, Lena percebeu que

Sibila estava certo. Ela estava olhando para si mesma, em vinte anos, e não havia nada que pudesse fazer para pará-lo.

Hank perguntou: "Você já falou com Nan?"

"Sim."

"Nós temos que planejar o serviço", disse ele, pegando a caneta e desenhar uma caixa em seu calendário de mesa. No topo, ele escreveu a palavra FUNERAL em todos os tampões. "Há alguém no Grant você acha que faria um bom trabalho?" Ele esperou pela resposta dela, em seguida, acrescentou: "Quero dizer, a maioria de seus amigos estavam lá."

"O que?" Lena perguntou, o vidro fez uma pausa em seus lábios. "Do que você está falando?"

"Lee, temos de fazer arranjos. Temos que cuidar de Sibby."

Lena terminou a bebida. Quando ela olhou para Hank, suas feições estavam embaçados. Por uma questão de fato, toda a sala foi borrada. Ela tinha a sensação de estar em uma montanha russa, e seu estômago reagiu em conformidade. Lena colocou a mão à boca, lutando contra o desejo de ser doente.

Hank provavelmente tinha visto sua expressão muitas vezes antes, provavelmente no espelho. Ele estava ao seu lado, segurando uma lata de lixo sob o queixo, assim como ela perdeu a batalha.

TERÇA-FEIRA

Capítulo Sete

SARA debruçou-se sobre a pia da cozinha na casa de seus pais, usando a chave de seu pai para afrouxar a torneira. Ela passou a maior parte da noite no necrotério realizar a autópsia de Sibyl Adams. Voltando a uma casa escura, dormir sozinha, não tinha sido algo que ela queria fazer. Adicionar a última ameaça que de Jeffrey em seu atendimento ma chine passar por sua casa, e Sara realmente não têm uma escolha quanto ao local onde ela dormia na noite passada. Exceto para esgueirando-se para pegar os cães, que ela não tinha sequer se preocupou em mudar para fora de seus scrubs.

Ela limpou o suor da testa, olhando para o relógio na cafeteira. Eram seis e meia da manhã e ela tinha dormido toda a duas horas. Toda vez que ela fechou os olhos, pensou em Sibila Adams sentado no vaso sanitário, cegos para o que estava acontecendo com ela, sentindo-se tudo o que seu agressor estava fazendo.

No lado positivo, falta de algum tipo de catástrofe família, não havia nenhuma maneira no inferno hoje poderia ser tão ruim quanto ontem.

Cathy Linton entrou na cozinha, abriu um armário e tirou uma xícara de café antes de ela notou sua filha mais velha de pé ao lado dela. "O que você está fazendo?"

Sara deslizou uma nova arruela sobre o parafuso de rosca. "A torneira estava vazando."

"Dois encanadores na família", Cathy queixou-se, servindo-se de uma xícara de café ", e minha filha o médico acaba fixa a torneira pingando."

Sara sorriu, colocando seu ombro para trás a chave. Os Lintons eram uma família de encanamento, e Sara tinha passado a maior parte de seus verões durante a escola trabalhando ao lado de seu pai, serpenteando drenos e soldagem da tubulação. Às vezes, ela pensou que a única razão que ela tinha terminado o ensino médio um ano mais cedo e

trabalhou com os verões recebendo seu diploma de graduação foi para que ela não tem que fugir espaços de rastreamento infestado de aranha com seu pai. Não que ela não amava seu pai, mas, ao contrário de Tessa, medo de aranhas do Sara não poderia ser superados. Cathy deslizou para o banco da cozinha. "Você dormiu aqui na noite passada?"

"Sim", respondeu Sara, lavar as mãos. Ela fechou a torneira, sorrindo quando não vazou. O sentimento de realização levantou um pouco do peso de seus ombros.

Cathy sorriu sua aprovação. "Se essa coisa médicos não der certo, pelo menos você vai ter de encanamento para voltar a cair."

"Você sabe, isso é o que papai me disse quando ele me levou para a faculdade no primeiro dia."

"Eu sei", disse Cathy. "Eu poderia tê-lo matado." Ela tomou um gole de café, olhando para Sara por cima da borda do copo. "Por que você não vai para casa?"

"Eu trabalhava até tarde e eu só queria vir aqui. Está bem?"

"Claro que está tudo bem", disse Cathy, jogando Sara uma toalha. "Não seja ridículo."

Sara secou as mãos. "Eu espero que eu não te acordar quando eu entrei."

"Não me", respondeu Cathy. "Por que você não dorme com Tess?"

Sara fez-se ocupada endireitar a toalha na prateleira. Tessa vivia em um apartamento de dois quartos em cima da garagem. Nos últimos anos, houve noites em que Sara não queria dormir sozinha em sua própria casa. Ela geralmente permaneceu com sua irmã ao invés de arriscar acordar seu pai, que invariavelmente queria discutir longamente o que estava incomodando ela.

Sara respondeu: "Eu não queria incomodá-la."

"Oh, merda." Cathy riu. "Bom Deus, Sara, quase um quarto de milhão de dólares para que a faculdade e eles não te ensinou a mentir melhor do que isso?"

Sara tirou sua caneca favorita e serviu-se de um pouco de café. "Talvez você deveria ter me enviado para a faculdade de direito em seu lugar."

Cathy cruzou as pernas, franzindo a testa. Ela era uma mulher pequena, que manteve-se cortar, fazer ioga. Seu cabelo e olhos azuis loiro tinha pulado Sara e foi passada para Tessa. Exceto por seus temperamentos correspondentes, qualquer um seria duramente pressionado para dizer que Cathy e Sara eram mãe e filha.

"Bem?" Cathy solicitado.

Sara não poderia manter o sorriso fora de seus lábios. "Vamos apenas dizer que Tess estava um pouco ocupado quando eu entrei e deixar por isso mesmo."

"Busy sozinha?"

"Não." Sara latiu uma risada desconfortável, sentindo suas bochechas ficam vermelhas. "Deus, Mãe."

Depois de alguns momentos, Cathy baixou a voz, perguntando: "Foi Devon Lockwood?"

"Devon?" Sara se surpreendeu com o nome. Ela não tinha sido capaz de ver exatamente o que Tessa foi disputas ao redor com na cama, mas Devon Lockwood, ajudante do novo encanador Eddie Linton tinha contratado há duas semanas, foi o último nome que ela estava esperando para subir.

Cathy silenciou ela. "Seu pai vai ouvir."

"Ouvi o quê?" Eddie perguntou, arrastando para a cozinha. Seus olhos brilharam quando viu Sara. "Não é meu bebê", disse ele, beijando a bochecha dela com um tapa alto. "Foi que eu ouvi vindo nesta manhã?"

"Isso era eu", Sara confessou.

"Eu tenho algumas lascas de tinta na garagem", ele ofereceu. "Talvez possamos ir olhar para

eles depois que comemos, escolher uma cor bonita para seu quarto."

Sara tomou um gole de café. "Eu não estou me movendo para trás dentro, papai."

Ele apontou um dedo para o copo. "Isso vai stunt seu crescimento."

"Eu deveria ter tanta sorte", Sara resmungou. Desde a nona série, ela tinha sido o mais alto membro de sua família imediata, apenas avançando passado seu pai por um fio de cabelo.

Sara deslizou para o banco a mãe desocupado. Ela observou seus pais como eles passaram por sua rotina de manhã, o pai andando em torno da cozinha, ficar no caminho de sua mãe até que Cathy o empurrou para uma cadeira. Seu pai alisou o cabelo para trás quando ele se inclinou sobre o jornal da manhã. Seu cabelo sal e pimenta-estendeu em três direções diferentes, bem como as sobrancelhas. A T-shirt que ele estava usando era tão velho e desgastado buracos foram rompendo sobre as omoplatas. O padrão em suas calças de pijama feneceu mais de cinco anos atrás, e seus chinelos estavam caindo aos pedaços nos saltos. Que ela tinha herdado o cinismo de sua mãe e seu senso de vestido pais era algo Sara nunca iria perdoá-los por.

Eddie disse: "Eu vejo o Observer de ordenha esta coisa de cada centavo."

Sara olhou para a manchete do jornal local de Grant. Dizia: "Colégio Professor morto em Grisly ataque."

"O que é que diz?" Sara perguntou antes que ela pudesse se conter.

Ele traçou o dedo para baixo na página, enquanto lia. " 'Sibila Adams, professor da GIT, foi selvaticamente espancado até a morte ontem no Grant Filling Station. A polícia local está perplexo. O chefe de polícia Jeffrey Tolliver" -Eddie parou, resmungando, "o bastardo" sob sua respiração "" relatórios eles estão a explorar todas as pistas possíveis para trazer o assassinato da jovem professora à justiça. "

"Ela não foi espancado até a morte", disse Sara, sabendo que o soco no rosto de Sibyl Adams não tinha matado ela. Sara deu um tremor involuntário quando recordou os achados físicos durante a autópsia.

Eddie pareceu notar sua reação. Ele disse: "Foi outra coisa fez com ela?"

Sara se surpreendeu seu pai tinha perguntado isso. Normalmente, a família saiu de sua maneira de não fazer perguntas sobre esse lado da vida de Sara. Ela tinha sentido desde o início que eles estavam todos mais do que um pouco desconfortável com seu emprego a tempo parcial.

Sara perguntou: "Como o quê?" antes que ela chegasse significado de seu pai. Cathy olhou para cima de misturar a massa de panqueca, um olhar de medo em seu rosto.

Tessa irrompeu na cozinha, estalar a porta de vaivém na sua dobradiça, obviamente, à espera de encontrar Sara sozinho. Sua boca se abriu em um perfeito O.

Cathy, de pé no fogão fazendo panquecas, jogou por cima do ombro, "Bom dia, luz do sol."

Tessa manteve a cabeça baixa, fazendo um caminho mais curto para o café.

"Dorma bem?" Eddie perguntou.

"Como um bebê," Tessa voltou, beijando o topo de sua cabeça.

Cathy acenou com a espátula na direção de Sara. "Você poderia aprender com sua irmã."

Tessa teve o bom senso de ignorar este comentário. Ela abriu a porta francês que conduz ao convés e virou a cabeça para fora, indicando Sara deve seguir.

Sara fez o que lhe foi dito, prendendo a respiração até que a porta foi fechada firmemente atrás dela. Ela sussurrou: "Devon Lockwood?"

"Eu ainda não contei a eles sobre seu encontro com Jeb," Tessa rebateu.

Sara apertou os lábios, silenciosamente concordando com a trégua.

Tessa enfiou uma de suas pernas debaixo dela como ela se sentou no balanço da varanda. "O que você estava fazendo fora tão tarde?"

"Eu estava no necrotério", Sara respondeu, sentando-se ao lado da irmã. Ela esfregou os braços, lutando contra o frio da manhã. Sara ainda estava nela esfrega e uma T-shirt branca e fina, quase o suficiente para a temperatura. "Eu precisava checar algumas coisas. Lena-" Ela parou a si mesma, não tenho certeza que ela poderia dizer Tessa o que tinha acontecido com Lena Adams no necrotério ontem à noite. As acusações ainda doía, embora Sara sabia que era a dor de Lena falando.

Ela disse: "Eu queria acabar com isso, sabe?"

Tudo alegria tinha deixado características de Tessa. "Você achou alguma coisa?"

"I foi enviado um relatório para Jeffrey. Eu acho que isso vai ajudá-lo a obter algumas pistas sólidas." Ela parou, certificando-se que ela tinha a atenção de Tessa. "Escute, Tessie. Tenha cuidado, ok? Quero dizer, manter as portas trancadas. Não saia sozinho. Esse tipo de coisa."

"Sim." Tessa apertou a mão dela. "OK, claro."

"Quero dizer" Sara parou, não querendo aterrorizar sua irmã, mas não querendo colocá-la em perigo também. "Vocês dois são da mesma idade. Você e Sibila. Você vê o que eu estou chegando?"

"Sim," Tessa respondeu, mas era óbvio que ela não queria falar sobre isso. Sara não podia culpar sua irmã. Sabendo em detalhes íntimos que tinha acontecido com Sibyl Adams, Sara estava encontrando dificuldade para passar o dia.

"Eu coloquei o cartao postal o cartão" Tessa começou, mas Sara deteve.

"Eu encontrei-o na minha pasta", disse ela. "Obrigado."

"Sim", disse Tessa, uma quietude em sua voz.

Sara olhou para o lago, não pensar sobre o cartão postal, sem pensar em Sibyl Adams ou Jeffrey ou qualquer coisa. Havia algo tão pacífica sobre a água que, pela primeira vez em semanas, Sara sentiu-se relaxar. Se ela piscou os olhos, ela podia ver a doca na parte de trás de sua própria casa. Tinha um ancoradouro coberto, uma pequena estrutura barnlike flutuante, como a maioria das docas no lago.

Imaginou-se sentado em uma das cadeiras de praia, tomando uma margarita, lendo um romance trashy. Por que ela se imaginou fazendo isso, Sara não sabia. Ela raramente tinha tempo para sentar, ultimamente, ela não gosta do sabor do álcool, e no final do dia, ela estava quase vesga da leitura de prontuários, revistas pediátricas e manuais de campo forenses. Tessa interrompeu seus pensamentos. "Eu acho que você não dormiu muito na noite passada?"

Sara balançou a cabeça enquanto ela se inclinou contra seu ombro irmãs. "Como foi estar em torno de Jeffrey ontem?"

"Eu gostaria de poder tomar uma pílula e esquecer tudo sobre ele." Tessa levantou o braço, colocando-o em volta dos ombros de Sara. "É por isso que não conseguia dormir?"

Sara suspirou, fechando os olhos. "Eu não sei. Eu só estava pensando sobre Sibila. Sobre Jeffrey."

"Dois anos é um longo tempo para carregar uma tocha para alguém", disse Tessa. "Se você realmente deseja obter sobre ele, então você precisa para começar a namorar." Ela parou o protesto de Sara. "Quero dizer datas reais, onde se de não derrubar o cara assim que ele se aproxima."

Sara sentou-se, puxando os joelhos contra o peito. Ela sabia o que sua irmã estava sugerindo. "Eu não sou como você. Eu não posso simplesmente dormir ao redor." Tessa não se ofendeu com isso. Sara não esperava que ela. Que Tessa Linton desfrutaram de uma vida sexual ativa foi praticamente conhecido por todos na cidade, mas seu pai.

"Eu era apenas dezesseis anos quando Steve e eu ficamos juntos", Sara começou, referindo-se ao seu primeiro namorado sério. "Então, bem, você sabe o que aconteceu em Atlanta." Tessa assentiu. "Jeffrey me fez como o sexo. Quero dizer, pela primeira vez na minha vida, eu me senti como uma pessoa completa." Ela cerrou os punhos, como se ela pudesse segurar esse sentimento. "Você não tem idéia do que isso significava para mim, de repente ser acordados depois de todos esses anos de foco na escola e trabalho e não ver ninguém ou ter qualquer tipo de vida." Tessa estava quieto, deixando Sara falar.

"Lembro-me de nosso primeiro encontro", ela continuou. "Ele estava me dirigindo de volta para a casa na chuva e ele parou o carro, de repente. Eu pensei que era uma piada, porque nós dois tínhamos falado sobre o quanto nós gostamos de andar na chuva, a poucos minutos mais cedo. Mas ele deixou as luzes acesas e ele saiu do carro ". Sara fechou os olhos, vendo Jeffrey pé na chuva, a gola do paletó virou-se para o frio. "Houve um gato na estrada. Ele tinha sido atingido, e foi obviamente mortos."

Tessa ficou em silêncio, esperando. "E?" ela solicitado.

"E ele o pegou e mudou-se para fora da estrada, para que ninguém mais poderia atingi-lo."

Tessa não conseguia esconder seu choque. "Ele o pegou?"

"Sim." Sara sorriu com carinho na memória. "Ele não queria que ninguém mais para atingi-lo."

"Ele tocou um gato morto?"

Sara riu com a reação dela. "Eu nunca te disse isso antes?"

"Eu acho que eu me lembro."

Sara sentou-se no balanço, usando o pé para mantê-lo estável. "A coisa era, no jantar, ele me disse o quanto ele odeia gatos. E ali estava ele, parando no meio do caminho no escuro, na chuva, para mover o gato para fora da estrada, para que ninguém mais o faria atingi-lo. "

Tessa não conseguiu disfarçar sua repugnância. "Então ele voltou para o carro com as mãos dead-gato?"

"Eu dirigi, porque ele não queria tocar em nada."

Tessa franziu o nariz. "Esta é a parte onde fica romântico, porque eu estou me sentindo um pouco mal ao meu estômago."

Sara deu-lhe um olhar de soslaio. "Eu dirigi-lo de volta para a casa, e é claro que ele tinha que vir para lavar as mãos." Sara riu. "Seu cabelo estava todo molhado da chuva e ele manteve as mãos para cima como se ele fosse um cirurgião que não queria estragar sua matagal." Sara estendeu os braços no ar, palmas das mãos voltadas para trás, para ilustrar.

"E?"

"E eu o levei para a cozinha para lavar as mãos, porque é onde o sabonete antibacteriano é, e ele não podia apertar a garrafa sem contaminá-lo, então eu apertou-a para ele." Ela suspirou profundamente. "E ele estava debruçado sobre a pia lavar as mãos, então eu estava ensaboando as mãos para ele, e eles me senti tão forte e quente e ele está sempre assim tão seguro de si mesmo que ele apenas olhou para cima e me beijaram na boca, sem qualquer hesitação, como se ele sabia o tempo todo que, enquanto eu estava tocando suas mãos tudo o que eu podia pensar era como seria a sensação de ter suas mãos sobre mim, me tocando ". Tessa esperou até que ela terminou, então disse: "Exceto pela parte morto gato, essa é a

história mais romântica que eu já ouvi."

"Bem." Sara levantou, caminhando até o corrimão deck. "Eu tenho certeza que ele faz todas as suas namoradas se sentir especial. Isso é uma coisa que é muito bom, eu acho."

"Sara, você nunca vai entender que o sexo é diferente para algumas pessoas. Às vezes é apenas porra." Ela fez uma pausa. "Às vezes é apenas uma maneira de obter alguma atenção."

"Ele certamente tem a minha atenção."

"Ele ainda te ama."

Sara virou-se, sentado no parapeito. "Ele só me quer de volta, porque ele me perdeu."

"Se você fosse realmente sério sobre a tirá-lo de sua vida," Tessa começou, "então você sair do seu trabalho com o município."

Sara abriu a boca para responder, mas ela não conseguia pensar em como dizer a sua irmã que alguns dias seu trabalho condado era a única coisa que a mantinha sã. Havia apenas tantas dores de garganta e dores de ouvido Sara poderia tomar antes de sua mente começou a ficar dormente. A desistir de seu trabalho como juiz estaria dando-se uma parte de sua vida que ela realmente gostei, apesar dos aspectos macabros.

Sabendo Tessa nunca poderia entender isso, Sara disse: "Eu não sei o que eu vou fazer."

Não houve resposta. Tessa estava olhando para a casa. Sara seguiu seu olhar pela janela da cozinha. Jeffrey Tolliver estava de pé ao lado do fogão, conversando com sua mãe.

A casa Linton era um nível de divisão que tinha sido constantemente renovado ao longo da sua vida de quarenta anos. Quando Cathy teve um interesse na pintura, um estúdio com um lavabo foi acrescentado à parte traseira. Quando Sara tornou-se obcecado com a escola, um estudo com um lavabo foi construído para o sótão. Quando Tessa ficou interessado em meninos, o porão foi renovado de forma a que Eddie poderia começar a partir de qualquer lugar da casa para o porão em três segundos planos. Uma escada foi em cada extremidade do quarto e do banheiro mais próximo foi um andar acima.

A cave não tinha mudado muito desde Tessa afastou-se para a faculdade. O tapete foi abacate verde eo sofá seccional a ferrugem escuro. Uma combinação de ping-pong / piscina dominava o centro da sala.

Sara tinha quebrado a mão uma vez, mergulho para uma bola de pingue-pongue e batendo na televisão console em vez.

dois cães de Sara, Billy e Bob, foram no sofá quando Sara e Jeffrey desceu as escadas. Ela bateu palmas, tentando levá-los a se mover. Os galgos não se mexeu até Jeffrey deu um assobio baixo. Seus rabos balançavam enquanto ele se aproximou de pet-los.

Jeffrey não mediu palavras enquanto coçava a barriga de Bob. "Eu tentei chamá-lo durante toda a noite. Onde você estava?"

Sara não sentia que tinha direito a esse tipo de informação. Ela perguntou: "Você conseguiu qualquer coisa na Sibila ainda?"

Ele balançou sua cabeça. "De acordo com Lena, ela não estava vendo ninguém. Isso exclui um namorado com raiva."

"Qualquer um em seu passado?"

"Ninguém", ele respondeu. "Acho que vou pedir seu companheiro de quarto algumas perguntas hoje. Ela estava vivendo com Nan Thomas. Você sabe, a bibliotecária?"

"Sim", disse Sara, sentindo as coisas começando a clicar em sua cabeça. "Você recebeu meu relatório ainda?"

Ele balançou a cabeça, sem entender. "O que?"

"É onde eu estava na noite passada, fazendo a autópsia."

"O que?" Ele repetiu. "Você não pode fazer uma autópsia sem alguém presente."

"Eu sei que, Jeffrey," Sara retrucou, cruzando os braços. Uma pessoa questionar sua competência nos últimos doze horas foi bastante. Ela disse: "É por isso que eu liguei Brad Stephens."

"Brad Stephens?" Ele virou as costas para ela, murmurando algo sob sua respiração enquanto ele acariciava por debaixo do queixo de Billy.

"O que você disse?"

"Eu disse que você está agindo de forma estranha ultimamente." Ele se virou, encarando-a.

"Você realizou a autópsia no meio da noite?"

"Sinto muito que você acha isso estranho, mas eu tenho dois trabalhos para fazer, e não apenas o que eu faço para você." Ele tentou impedi-la, mas ela continuou. "No caso você tenha esquecido, eu tenho um paciente carga completa na clínica para além do que eu faço no necrotério. Os pacientes, por sinal", ela olhou para o relógio, não realmente observando o tempo- "que eu tenho que começar a ver em poucos minutos. " Ela colocou as mãos nos quadris. "Havia uma razão que você veio?"

"Para verificar em você", disse ele. "Obviamente que está tudo bem. Eu acho que isso deve vir como nenhuma surpresa para mim. Você está sempre tudo bem."

"Está certo."

"Sara Linton, mais forte que o aço."

Sara deu o que esperava ser um olhar condescendente. Eles tinham jogado fora esta cena tantas vezes em torno do tempo de seu divórcio que ela poderia recitar ambos os lados do argumento de cor. Sara era muito independente. Jeffrey era muito exigente.

Ela disse: "Eu tenho que ir."

"Espere um minuto", disse ele. "O relatório?"

"I foi enviado a você."

Era a sua vez de colocar as mãos nos quadris. "Sim, eu tenho isso. Você acha que encontrou alguma coisa?"

"Sim", ela respondeu, então: "Não" Ela cruzou os braços defensivamente. Ela odiava quando ele reduziu a marcha a partir de um argumento em algo a ver com o trabalho. Era um truque barato, e ele sempre pegou desprevenida. Ela se recuperou um pouco, dizendo: "Eu preciso ouvir de volta no sangue esta manhã. Nick Shelton é suposto para me ligar às nove, então eu posso te dizer uma coisa." Ela acrescentou: "Eu escrevi isso na página de rosto para o meu relatório."

"Por que você apressar o sangue?" ele perguntou.

"Intuição", respondeu Sara. Isso era tudo o que ela estava disposta a dar-lhe neste momento. Sara não gostava de ir em meias peças de informação. Ela era um médico, não um adivinho. Jeffrey sabia disso.

"Leve-me através dela", disse ele.

Sara cruzou os braços, não querendo fazer isso. Ela olhou para trás até as escadas para se certificar de que ninguém estava ouvindo. "Você leu o relatório", disse ela.

"Por favor", disse ele. "Eu quero ouvir isso de você."

Sara encostou-se à parede. Ela fechou os olhos por um breve segundo, não para ajudá-la a recordar os fatos, mas para dar-se a alguma distância o que sabia.

Ela começou, "Ela foi atacada no vaso sanitário. Ela provavelmente foi facilmente dominado por

causa de sua cegueira e o elemento surpresa. Eu acho que ele a cortou no início, levanta sua camisa, fazendo com que a cruz com a faca. O corte na barriga veio cedo. não é profundo o suficiente para a penetração completa. Eu acho que ele inseriu seu pênis mais para contaminar ela do que qualquer outra coisa. ele então estuprou vaginal, o que explicaria o excremento eu encontrei lá. Eu não tenho certeza se ele chegou ao clímax. I don 't imaginar clímax seria o problema para ele. "

"Você acha que é mais sobre contaminando-la?"

Ela encolheu os ombros. Muitos estupradores tinham algum tipo de disfunção sexual. Ela não vejo por que seria diferente com um presente. O estupro intestino praticamente apontou.

Ela disse: "Talvez seja a emoção de fazê-lo em um lugar semipublic. Mesmo que a corrida para o almoço acabou, alguém poderia ter entrado e pego ele."

Ele coçou o queixo, obviamente, deixando-se absorver isso.

"Algo mais?"

"Você pode limpar algum tempo para vir por aqui?" ele perguntou. "Eu posso configurar uma reunião às nove e meia."

"A informação completa?"

Ele balançou sua cabeça. "Eu não quero que ninguém saiba sobre isso", ele ordenou, e pela primeira vez em muito tempo, ela estava em completo acordo com ele.

Ela disse: "Isso é bom."

"Você pode vir por volta das nove e meia?" Ele repetiu.

Sara correu através de sua manhã. Os pais de Jimmy Powell estaria em seu escritório às oito. Indo de um encontro horrível para outro, provavelmente, fazer o seu dia mais fácil. Além do mais, ela sabia que quanto mais cedo ela informou aos detetives sobre os resultados da autópsia de Sibyl Adams, quanto mais cedo eles poderiam sair e encontrar o homem que a tinha matado.

"Sim", ela disse, caminhando em direção à escada. "Eu estarei lá."

"Espere um minuto", disse ele. "Lena vai estar lá, também."

Sara virou-se, sacudindo a cabeça. "De jeito nenhum. Não vou dar um golpe por golpe da morte de Sibila na frente de sua irmã."

"Ela tem que estar lá, Sara. Confie em mim." Ele deve ter se reuniram seus pensamentos a partir do olhar que ela lhe deu. Ele disse: "Ela quer que os detalhes. É como ela lida com as coisas. Ela é um policial."

"Não vai ser bom para ela."

"Ela fez a sua decisão", repetiu ele. "Ela vai obter os fatos de uma maneira ou de outra, Sara. É melhor que ela recebe a verdade de nós do que ler o que se encontra eles colocaram no papel." Ele fez uma pausa, provavelmente, vendo que ele ainda não tinha mudado sua mente. "Se fosse Tessa, você gostaria de saber o que aconteceu."

"Jeffrey", disse Sara, sentindo-se ceder, apesar de seu melhor julgamento. "Ela não precisa se lembrar de sua irmã desta maneira."

Ele encolheu os ombros. "Talvez ela faz."

No quarto até às oito da manhã, Grant County foi apenas acordar. Uma chuva durante a noite súbita tinha lavado o pólen das ruas, e embora ainda teve calma para fora, Sara levou BMW Z3 com a parte superior para baixo. O carro tinha sido comprado durante uma crise pós-divórcio, quando Sara tinha precisava de algo para fazer-se sentir melhor. Ele havia trabalhado por cerca de duas semanas, em seguida, os olhares e os comentários sobre o carro chamativo

tinha feito sentir um pouco ridículo. Este não era o tipo de carro para dirigir em uma cidade pequena, especialmente desde que Sara era médico, e não apenas um médico, mas um pediatra. Se não tivesse sido nascido e criado em Grant, Sara suspeitava que ela teria sido forçado a vender o carro ou perder metade de seus pacientes na clínica. Como era, ela teve que colocar-se com as observações constantes de sua mãe sobre o quão ridículo era para uma pessoa que mal conseguiu coordenar seu guarda-roupa para dirigir um carro esportivo chamativo.

Sara lançou uma onda de Steve Mann, o proprietário da loja de ferragens, enquanto dirigia em direção à clínica. Ele acenou de volta, com um sorriso de surpresa no rosto. Steve era casado com três filhos agora, mas Sara sabia que ainda tinha uma queda por ela dessa forma que os primeiros amores tendem a segurar. Como seu primeiro namorado de verdade, Sara tinha um carinho por ele, mas nada mais que isso. Lembrou-se esses momentos difíceis que passou como um adolescente, sendo tateado na parte de trás do carro de Steve. Como ela tinha vergonha de olhar nos olhos dele o dia depois de terem tido a primeira relação sexual. Steve era o tipo de cara que estava feliz para definir suas raízes para baixo em Grant, que alegremente deixou de ser o quarterback estrela no Robert E. Lee do ensino médio para trabalhar com o pai na loja de ferragens. Nessa idade, Sara queria nada mais do que para sair de Grant, para ir para Atlanta e viver uma vida que foi mais emocionante, mais desafiador, do que o que sua cidade natal podia oferecer. Como ela acabou de volta aqui era tanto um mistério para Sara como qualquer outra pessoa.

Ela manteve os olhos para a frente quando ela passou o jantar, não querendo ser lembrado de ontem à tarde. Ela era tão intencional de evitar que o lado da rua que ela quase correu para Jeb McGuire, que passava em frente à farmácia.

Sara parou ao lado dele, pedindo desculpas, "eu sinto muito."

Jeb riu bem-humorado quando ele correu até o carro dela. "Tentando sair do nosso encontro amanhã?"

"Claro que não", Sara conseguiu, forçando um sorriso em seu rosto. Com tudo o que aconteceu ontem, ela tinha esquecido completamente concordando em sair com ele. Ela tinha saído com Jeb e desligando quando ele se mudou para Grant há onze anos e comprou farmácia da cidade. Nada sério já tinha desenvolvido entre eles, e as coisas tinham praticamente arrefecida entre eles pelo tempo Jeffrey veio junto. Por que ela tinha concordado em começar a namorá-lo novamente depois de todo esse tempo, Sara não poderia dizer.

Jeb empurrou o cabelo para trás da testa. Ele era um homem magro com construção de um corredor. Tessa tinha uma vez comparou seu corpo para galgos de Sara. Ele era bonito, embora, e certamente não tem que olhar muito longe para encontrar uma mulher que iria sair com ele.

Inclinou-se no carro de Sara, perguntando: "Você já pensou sobre o que você quer para o jantar?"

Sara deu um encolher de ombros. "Eu não posso decidir", ela mentiu. "Surpreenda-me."

Jeb levantou uma sobrancelha. Cathy Linton estava certo. Ela era uma mentirosa horrível.

"Eu sei que você foi pego em tudo o que ontem", começou ele, acenando em direção ao restaurante. "Eu entendo perfeitamente se você deseja cancelar."

Sara sentiu seu coração aleta na oferta. Jeb McGuire era um homem bom. Como farmacêutico da cidade, ele gerou uma certa quantidade de confiança e respeito das pessoas que servia. Em cima disso, ele era muito bonito. O único problema era que ele era muito bom, também

agradável. Eles nunca tinham discutido porque ele foi também tranquila para cuidar. Se alguma coisa, isso fez Sara pensar nele mais como faria um irmão em vez de um amante em potencial. "Eu não quero cancelar", disse ela, e por incrível que pareça, ela não o fez. Talvez seria bom para ela sair mais. Talvez Tessa estava certo. Talvez fosse a hora.

O rosto de Jeb se iluminou. "Se isso não é muito legal, eu posso trazer meu barco e levá-lo para fora no lago."

Ela lhe deu um olhar provocante. "Eu pensei que você não estava indo para obter um até o próximo ano?"

"Paciência nunca foi um ponto forte", ele respondeu, embora o fato de que ele estava falando com Sara provou que indicam o contrário. Ele apontou o polegar para a farmácia, indicando que ele precisava ir. "Vejo você em torno de seis, ok?"

"Seis", Sara confirmou, sentindo-se um pouco de sua emoção passar para ela. Ela colocou o carro em marcha quando ele trotou até a farmácia. Marty Ringo, a mulher que fez check-out na farmácia, estava de pé na entrada, e ele colocou o braço em torno do ombro enquanto abria a porta.

Sara coasted no lote de clínicas de estacionamento. Clínica Infantil Heartsdale era de forma retangular com uma sala octogonal feito de tijolos de vidro inchaço fora na frente. Esta foi a área de espera para os pacientes. Felizmente, o Dr. Barney, que havia projetado o próprio edifício, era um médico melhor do que ele era um arquiteto. A sala da frente tinha uma exposição do sul, e os tijolos de vidro transformou o local em um forno no verão e um freezer no inverno. Os doentes tinham sido conhecido por ter as suas febres quebrar enquanto espera para ver um médico.

A sala de espera estava fria e vazia quando Sara abriu a porta. Ela olhou ao redor do quarto escuro, pensando não é a primeira vez que ela deveria redecorar. Cadeiras que dificilmente poderia ser chamado de qualquer coisa, mas utilitárias foram definidos para os pacientes e seus pais. Sara e Tessa tinha passado muitos dias sentado nessas cadeiras, Cathy ao lado deles, esperando que seus nomes sejam chamados. No canto era uma área de jogo com três mesas para as crianças que parecia que podia desenhar ou ler enquanto esperavam. Questões de Destaques sentou ao lado revista People and House amp; Jardim. Crayons estavam empilhados ordenadamente em suas bandejas de papel ao lado deles.

Olhando para trás, Sara se perguntou se ela havia decidido nesta sala para se tornar um médico. Ao contrário de Tessa, a perspectiva de ir ao Dr. Barney não assustou Sara, provavelmente porque Sara era raramente doente como uma criança. Ela gostou da parte quando eles foram chamados de volta e tem que ir para os lugares que apenas os médicos foram autorizados a ir. Na sétima série, quando Sara tinha mostrado interesse em ciência, Eddie tinha encontrado um professor de biologia na faculdade que precisava de sua linha de água principal substituído. O professor tutor Sara em troca do trabalho. Dois anos mais tarde, um professor de química necessária toda a sua casa replumbed, e Sara estava realizando experimentos com estudantes universitários.

As luzes se acenderam e Sara piscou para ajustar seus olhos. Nelly abriu a porta que separa as salas de exame da sala de espera.

"Bom dia, Dr. Linton," Nelly disse, entregando Sara uma pilha de mensagens de rosa, levando a maleta de Sara. "Eu recebi sua mensagem esta manhã sobre a reunião na estação. Eu já mudou em torno de seus compromissos. Você não me importo de trabalhar um pouco tarde?" Sara balançou a cabeça, passando pelas mensagens.

"Os Powell estará aqui em cerca de cinco minutos, e há um fax em sua mesa."

Sara olhou para agradecê-la, mas ela já estava fora, provavelmente correndo pela agenda de Elliot Felteau. Sara tinha contratado Elliot saído de sua residência no Hospital Augusta. Ele estava ansioso para aprender o que podia e, eventualmente, comprar uma parceria na prática. Enquanto Sara não tinha certeza de como se sentia sobre ter um parceiro, ela também sabia Elliot era pelo menos dez anos longe de estar em uma posição para fazer uma oferta. Molly Stoddard, enfermeira de Sara, reuniu-se ela no corredor. "Noventa e cinco por cento explosão na criança Powell", disse ela, citando os resultados do laboratório. Sara assentiu. "Eles vão estar aqui a qualquer minuto."

Molly ofereceu Sara um sorriso que dizia que ela não invejava Sara a tarefa à sua frente. Os Powells eram boas pessoas. Eles tinham se divorciado um par de anos atrás, mas mostrado solidariedade surpreendente onde seus filhos estavam preocupados.

Sara disse: "Você pode puxar um número de telefone para mim? Eu quero enviá-los para um homem que conheço na Emory. Ele está fazendo alguns testes interessantes com AML em estágio inicial."

Sara deu o nome como ela deslizou abrir a porta de seu escritório. Nelly tinha colocado a mala de Sara por sua cadeira e uma chávena de café em sua mesa. Ao lado disso foi o fax que ela tinha mencionado. Era o relatório GBI no trabalho de sangue de Sibyl Adams. Nick tinha rabiscou um pedido de desculpas na parte superior, dizendo que ele estaria em reuniões a maior parte do dia e sabia que Sara iria querer saber os resultados o mais rapidamente possível. Sara ler o relatório duas vezes, sentindo uma dor de frio no estômago quando ela digerido ele.

Ela sentou-se na cadeira, olhando ao redor seu escritório. O seu primeiro mês no trabalho tinha sido agitado, mas nada como Grady. Talvez três meses se passaram antes que Sara se acostumou com o ritmo mais lento. Dores de ouvido e dores de garganta eram abundantes, mas não muitas crianças vieram com casos críticos. Aqueles foi para o hospital mais em Augusta.

A mãe de Darryl Harp foi o primeiro pai a dar Sara uma foto de seu filho. Mais pais seguiram o exemplo, e logo ela começou gravando-os às paredes de seu escritório. Doze anos se passaram desde que a primeira fotografia, e fotografias de rapazes wallpapered sua parede do escritório e derramado no banheiro. Ela podia olhar para qualquer um deles e lembrar o nome do garoto e na maioria das vezes o seu histórico médico.

Capítulo Oito

QUANDO Sibila e Lena estavam na sétima série, um menino mais velho chamado Boyd Pouco pensei que era engraçado para deslocar-se sobre Sibila e estalar os dedos no ouvido dela. Lena seguiu-o para fora do ônibus escola um dia e pulou em suas costas. Lena era pequeno e rápido, mas Boyd era um ano mais velho e cerca de cinquenta libras mais pesado. Ele espancou a uma polpa antes de o motorista do ônibus poderia quebrá-las.

Mantendo este episódio em mente, Lena Adams poderia dizer honestamente que ela nunca me senti tão fisicamente devastado como ela fez na manhã após a morte de sua irmã. Ela

finalmente entendeu por que eles chamam de "ressaca", porque seu corpo inteiro sentiu pendurado sobre seus ossos, e levou uma boa meia hora sob um banho quente antes que ela pudesse ficar em pé. Sua cabeça estava pronto para se abrir a partir do estresse em seu cérebro. Nenhuma quantidade de creme dental poderia tomar o gosto horrível fora de sua boca, e seu estômago sentiu como se alguém tivesse envolveu-o firmemente em uma bola e amarrou um par de cordas de fio dental em torno dele.

Ela se sentou na parte de trás da sala de reuniões da delegacia, forçando-se para não jogar-se novamente. Não é que não foi muito à esquerda que ela pudesse vomitar. Seu interior senti tão vago que seu estômago estava realmente côncavo.

Jeffrey foi até ela, oferecendo uma xícara de café. "Beba um pouco disso", ele ordenou. Ela não discutiu. Na casa esta manhã, Hank tinha lhe dito a mesma coisa. Ela tinha sido vergonha de tirar nada dele, muito menos conselhos, para que ela havia sugerido um lugar diferente para ele colocar o café.

Assim que ela colocou o copo para baixo, Jeffrey disse: "Não é tarde demais, Lena." "Eu quero estar aqui", ela respondeu. "Eu tenho que saber."

Ele sustentou seu olhar para o que pareceu uma eternidade. Apesar do fato de que qualquer fonte de luz era como agulhas nos olhos, ela não foi o primeiro a quebrar o contato. Lena esperou até que ele tinha saído da sala para sentar-se na cadeira. Ela se inclinou para o fundo do copo em seu joelho enquanto ela fechou os olhos.

Lena não se lembrar de como ela chegou em casa ontem à noite. A viagem de Reece trinta minutos ainda era um borrão. Ela sabia que Hank tinha dirigido seu carro, porque quando ela entrou esta manhã para dirigir para a estação, o assento foi empurrado todo o caminho de volta e o espelho foi ajustado em um ângulo estranho. A última coisa Lena lembrado estava olhando para o seu reflexo na janela placa de vidro do Stop 'n' Save. A próxima memória era o anel estridente do telefone quando Jeffrey tinha chamado para lhe dizer sobre o briefing, praticamente implorando para ela não vir. Tudo o resto foi perdido para ela.

Se vestir esta manhã tinha sido a parte mais difícil. Após o banho longo, Lena não queria nada mais do que a rastejar de volta na cama, escondido em uma bola. Ela teria sido perfeitamente feliz fazendo isso para o resto do dia, mas não podia ceder a essa fraqueza. Ontem à noite tinha sido um erro, mas uma condição necessária. Obviamente, ela precisava deixar-se ir, para se lamentar tanto quanto ela podia sem caindo aos pedaços.

Esta manhã foi uma história diferente. Lena tinha se forçado a colocar em calças e um revestimento agradável, o tipo de roupa que ela usava todos os dias no trabalho. Cintas em seu coldre, verificando a arma dela, Lena sentiu-se escorregar de volta para ser um policial, em vez de irmã da vítima. Ainda assim, sua cabeça doía e seus pensamentos pareciam estar preso como cola no interior do seu cérebro. Com uma simpatia sem precedentes, ela entendeu como alcoólatras começou. Em algum lugar no fundo de sua mente, ela não podia deixar de pensar que uma bebida forte lhe faria um mundo de bom.

A porta da sala do briefing guinchou aberta, e Lena olhou para cima a tempo de ver Sara Linton pé no corredor, de costas para Lena. Sara estava dizendo algo para Jeffrey, e ele não parecia educado. Lena sentiu uma pontada de culpa pela forma como ela tratou Sara na noite anterior. Apesar do que Lena tinha dito, ela sabia que Sara era um bom médico. De todas as contas, Linton tinha desistido de uma carreira muito promissora em Atlanta para voltar a Grant. Ela era devido um pedido de desculpas, algo Lena nem sequer quero pensar sobre neste momento no tempo. Se os registros foram mantidos sobre o assunto, a relação de Lena explosão-a-pedido

de desculpas seria fortemente ponderada no departamento de explosão.

"Lena", disse Sara. "Vamos voltar comigo."

Lena piscou, perguntando quando Sara tinha atravessado o quarto. Ela estava em pé na porta do armário de abastecimento.

Lena deslizou-se na cadeira para ficar de pé, esquecendo-se do café. Algumas delas derramado sobre suas calças, mas ela não se importava. Ela colocou o copo no chão e seguiu as ordens de Sara. O armário de abastecimento era grande o suficiente para ser chamado de um quarto, mas a placa na porta tinha dado este ano de designação atrás, e ninguém se preocupou em fazer um esclarecimento. Entre outras coisas guardadas aqui foram provas, dummies para as aulas de CPR a polícia deu no outono, e o kit de alimentação de emergência.

"Aqui", disse Sara, puxando uma cadeira. "Sentar."

Novamente, Lena fez o que lhe foi dito. Ela observou como Sara lançou um tanque de oxigênio. Sara ligou uma máscara para o tanque, dizendo: "Sua cabeça está doendo porque o álcool esgota o oxigênio em seu sangue." Ela flexionou o elástico ao redor da máscara, segurando-a para Lena. "Tome respirações lentas e profundas e ele deve começar a se sentir melhor." Lena tirou a máscara, na verdade não confiando Sara, mas neste momento ela teria sugado o fim do burro de um skunk se alguém lhe havia dito que faria a cabeça parada batendo.

Depois de mais algumas respirações, Sara perguntou: "Melhor?"

Lena assentiu, porque era melhor. Ela não estava sentindo-se a sua auto de costume, mas pelo menos ela pudesse abrir os olhos por todo o caminho.

"Lena", disse Sara, tirando a máscara para trás. "Eu queria perguntar-lhe sobre algo que eu encontrei."

"Sim?" Lena disse, sentindo-se colocar em guarda. Ela estava esperando Sara para tentar convencê-la a estar aqui durante o briefing, por isso, quando a outra mulher falou, Lena foi surpreendido.

"Quando eu estava examinando Sibila", Sara começou, armazenando o tanque de costas contra a parede, "Eu encontrei alguma evidência física de que eu não estava exatamente esperando."

"Como o quê?" Lena perguntou, sua mente começar a trabalhar novamente.

"Eu não acho que ele tem uma relação com o caso, mas eu tenho que dizer Jeffrey o que eu encontrei. Não cabe a mim fazer esse tipo de decisão."

Apesar do fato de que Sara tinha ajudado a sua dor de cabeça, Lena não tinha paciência para os seus jogos. "Do que você está falando?"

"Eu estou falando sobre o fato de que o hímen da sua irmã estava intacto até o estupro."

Lena sentiu seu estômago. Ela deve ter pensado nisso, mas muito havia acontecido nos últimos vinte e quatro horas para Lena para chegar a conclusões lógicas. Agora o mundo inteiro saberia sua irmã era gay.

"Eu não me importo, Lena", disse Sara. "Realmente. No entanto, ela queria viver sua vida é bom para mim."

"O que diabos isso significa?"

"Isso significa o que significa," Sara respondeu, obviamente, pensando que era o suficiente.

Quando Lena não respondeu, ela acrescentou, "Lena, eu sei sobre Nan Thomas. Eu coloquei dois e dois juntos."

Lena recostou a cabeça contra a parede, fechando os olhos. "Eu acho que você está me dando um heads-up, hein? Para dizer a todo mundo a minha irmã era gay?"

Sara estava quieta, então, "eu não tinha planejado colocar isso na minha informação."

"Vou dizer a ele," Lena decidiu, abrindo os olhos. "Você pode me dar um minuto?"

"Certo."

Lena esperou até que Sara tinha saído da sala, em seguida, colocar a cabeça em suas mãos. Ela queria chorar, mas as lágrimas não viria. Seu corpo estava tão desidratado que ela foi surpreendido ela ainda tinha cuspir em sua boca. Ela respirou fundo para preparar-se e ficou de pé.

Frank Wallace e Matt Hogan estavam na sala de reuniões quando ela saiu do armário de abastecimento. Frank deu-lhe um aceno de cabeça, mas Matt fez-se pôr o creme ocupado em sua café. Ambos os detetives estavam na casa dos cinquenta, tanto de um tempo muito diferente do que Lena tinha crescido em. Como o resto dos detetives na equipa sénior, eles operados pelas regras antigas da Fraternidade polícia, onde a justiça a qualquer custo era certo. A força era a sua família, e tudo o que aconteceu a um dos seus funcionários afetados-los como faria um irmão. Se Grant era uma comunidade muito unida, os detetives foram ainda mais perto. Por uma questão de fato, Lena sabia que cada um de seus colegas detetives eram membros no alojamento local. Exceto para a simples questão de ela não ter um pênis, ela imaginou que ela teria sido convidado para participar de um longo tempo atrás, se não por respeito, então obrigação.

Ela se perguntou o que esses dois velhos pensaria sabendo que eles estavam trabalhando em um caso para descobrir quem havia estuprado uma lésbica. Uma vez, há muito tempo, Lena tinha realmente ouvido Matt começar uma frase com as palavras, "Back quando o Klan estava fazendo algo de bom ..." Seriam tão vigilantes se eles sabiam sobre Sibila, ou se a sua raiva se dissipar? Lena não queria descobrir a maneira mais difícil.

Jeffrey estava lendo um relatório quando ela bateu na porta de seu escritório aberto.

"Sara te endireitado?" ele perguntou.

Ela não gostava da maneira como ele formulou a pergunta, mas Lena disse que sim qualquer maneira como ela fechou a porta.

Jeffrey estava obviamente surpreso ao vê-la fechar a porta. Ele deixou de lado o relatório e esperou por ela para se sentar antes de perguntar: "O que está acontecendo?"

Lena sentiu a melhor coisa a fazer era deixar escapar para fora. "Minha irmã era lésbica."

As palavras dela pairava no ar sobre suas cabeças como desenhos animados. Lena lutou contra o impulso de dar uma risada nervosa. Ela nunca tinha falado em voz alta antes. A sexualidade de Sibila era algo Lena não estava confortável falando, mesmo com sua irmã.

Quando Sibila foi morar com Nan Thomas um curto ano depois de se mudar para Grant, Lena não tinha empurrado para mais detalhes. Ela honestamente não queria conhecê-los.

"Bem", Jeffrey disse, sua voz indicando surpresa, "obrigado por me dizer isso."

"Você acha que os impactos da investigação?" Lena perguntou, querendo saber se isso foi tudo por nada.

"Eu não sei", ele respondeu, e ela sentiu que ele estava dizendo a verdade. "Alguém já foi enviar seu correio ameaçador? Fazer comentários depreciativos?"

Lena se perguntou sobre isso, também. Nan tinha dito nada de novo tivesse acontecido nas últimas semanas, mas também sabia Lena não estava aberto para discutir qualquer coisa que possa trazer o fato de que Nan estava transando com a irmã. "Eu acho que você deveria falar com Nan."

"Nan Thomas?"

"Sim", disse Lena. "Eles viveram juntos. O endereço está no Cooper. Talvez pudéssemos ir depois do briefing?"

"Mais tarde hoje", disse ele. "Cerca de quatro?"

Lena assentiu seu acordo. Ela não podia deixar de se perguntar: "Você está indo para contar os caras?"

Ele pareceu surpreso com a pergunta. Depois de dar-lhe um longo olhar, ele disse: "Eu não acho que é necessário nesta fase. Vamos falar com Nan hoje à noite e de lá ir."

Lena sentiu uma enorme quantidade de alívio.

Jeffrey olhou para o relógio. "É melhor irmos para o briefing."

Capítulo Nove

JEFFREY ficou na frente da sala de briefing, à espera de Lena para sair do banheiro. Após a discussão, ela pediu por alguns minutos. Ele esperava que ela tomou o tempo para obter-se juntos. Apesar de seu temperamento, Lena Adams era uma mulher inteligente e um bom policial. Ele odiava vê-la passar por isso sozinho. Jeffrey também sabia que ela não teria nenhuma outra maneira.

Sara sentou-se na linha da frente, as pernas cruzadas. Ela estava usando um vestido de linho cor de azeitona que caiu para um pouco acima dos tornozelos. Duas fendas veio ambos os lados das pernas, parando logo abaixo dos joelhos. Seu cabelo vermelho foi puxado para cima em um rabo de cavalo atrás do pescoço, como se ela tinha usado à igreja no domingo. Jeffrey lembrou-se da expressão em seu rosto quando ela tinha notado-o sentado no banco atrás dela e perguntou se poderia haver um momento em sua vida novamente quando Sara foi realmente o prazer de vê-lo. Ele tinha olhou para suas mãos todo o serviço, passando o tempo até que pudesse escapar sem causar muita comoção.

Sara Linton era o que o pai de Jeffrey gostava de chamar uma bebida de altura de água. Jeffrey tinha sido atraído para Sara por causa de sua forte vontade, sua independência feroz. Ele gostava dela distanciamento ea forma como ela falou para baixo para seus amigos de futebol. Ele gostava da maneira como sua mente trabalhava eo fato de que ele poderia falar sobre todos os aspectos do seu trabalho e sei que ela iria entender. Ele gostava que ela não poderia cozinhar e que ela poderia dormir através de um furacão. Ele gostava que ela era uma casa mais limpa horrível e que seus pés estavam tão grande que ela pudesse usar seus sapatos. O que ele realmente gostava era que ela sabia todas essas coisas sobre si mesma e foi realmente orgulhoso deles.

Claro, sua independência teve um lado negativo. Mesmo depois de seis anos de casamento, ele não estava certo de que ele sabia de uma coisa sobre ela. Sara era tão bom em projetar um forte fachada que depois de um tempo ele se perguntou se ela ainda precisava dele. Entre a família, a clínica, e o necrotério, não parece ser um monte de tempo de sobra para Jeffrey. Enquanto ele sabia traindo Sara não era o melhor caminho a percorrer cerca de mudar as coisas, ele sabia que, naquele momento, algo tinha que dar em seu casamento. Ele queria vê-la ferida. Ele queria ver a sua luta para ele e para seu relacionamento. Que o primeiro iria acontecer e não este último ainda manteve sua mente girando. Às vezes, Jeffrey estava quase com raiva de Sara que algo tão sem sentido, algo tão estúpido como uma indiscrição sexual sem sentido, tinham arruinado seu casamento.

Jeffrey encostou-se ao pódio, as mãos cruzadas na frente dele. Ele empurrou Sara de sua mente e se concentrou na tarefa em mãos. Na mesa de cartão ao lado dele estava uma lista de dezesseis páginas de nomes e endereços. Todos os criminosos sexuais condenados que vivem ou que se deslocam para o estado da Geórgia eram obrigados a registrar seu nome e endereço com o Bureau de Geórgia de Crime Information Center de Investigação. Jeffrey passou ontem à noite e maior parte da manhã compilar esta informação sobre os sessenta e sete residentes de subvenção que se registraram desde que a lei foi aprovada em 1996. Passando por seus crimes era uma tarefa difícil, não menos importante de todos, porque ele sabia que os predadores sexuais eram como baratas. Para cada um que você viu, havia mais de vinte esconder atrás das paredes.

Ele não deixou que sua mente me debruçar sobre isso como ele esperou para iniciar a reunião. A sala de imprensa foi quase lotado. Frank Wallace, Matt Hogan, e outros cinco detetives faziam parte do time principal. Jeffrey e Lena arredondado para fora este número para nove. Dos nove, apenas a Jeffrey e Frank tinha trabalhado em municípios com mais de Grant. assassino 's Sibyl Adams certamente parecia ter melhores chances.

Brad Stephens, um patrulheiro júnior que apesar da sua juventude e falta de posto sabia como manter a boca fechada, ficava mesmo ao lado da porta em caso alguém tentasse entrar. Brad era uma espécie de mascote em torno do plantel, eo fato de que ele ainda tinha a maioria de sua gordura do bebê lhe deu uma aparência redonda, desenho animado. Seu cabelo loiro fino sempre olhou como se alguém tinha apenas esfregou um balão contra ela. Sua mãe, muitas vezes trouxe seu almoço para a estação. Ele era um bom garoto, apesar de tudo. Brad ainda estava no colegial, quando ele entrou em contato Jeffrey sobre estar na força. Como a maioria de seus policiais mais jovens, ele veio de Grant; seu povo estivesse aqui. Ele tinha um interesse em manter as ruas seguras.

Jeffrey pigarreou para a atenção como Brad abriu a porta para Lena. Se alguém ficou surpreso ao vê-la ali, eles não disseram. Ela pegou uma cadeira na parte de trás, com os braços cruzados sobre o peito, os olhos ainda vermelhos quer a partir de sua recente binge ou de chorar ou de ambos.

"Obrigado por terem vindo em tão pouco tempo", começou Jeffrey. Ele deu Brad um aceno de cabeça, indicando que ele deveria começar a circular os cinco pacotes Jeffrey tinha reunido mais cedo.

"Deixe-me começar por dizer qualquer coisa dita nesta sala hoje devem ser tratadas como informações altamente confidenciais. O que você ouve hoje não é para consumo geral e qualquer vazamento pode impedir muito o nosso caso." Ele esperou enquanto Brad terminou suas rondas.

"Tenho certeza que todos vocês já sabe que Sibyl Adams foi morto ontem na estação de enchimento." Acenos veio dos homens que não estavam passando as cópias. O que ele disse em seguida fez todos eles olhar para cima. "Ela foi estuprada antes de ser morta."

Parecia haver um aumento na temperatura da sala quando ele deixou este conjunto. Estes homens eram de diferentes épocas. As mulheres eram tão misterioso para eles como as origens do planeta. estupro de Sibila iria galvanizar-los em ação como nada mais.

Jeffrey ergueu a cópia da lista como Brad passou para fora os pacotes de acordo com os nomes Jeffrey tinha escrito na parte externa. Jeffrey disse: "Eu puxei esta lista de criminosos fora do computador esta manhã. Eu seccionado-los para as equipas habituais, com a exceção de Frank e Lena." Viu-a abrir a boca para reclamar, mas continuou. "Brad estará trabalhando com você, Lena. Frank é comigo."

Lena sentou-se em uma postura desafiadora. Brad não era em seu nível, e seu olhar disse que sabia exatamente o que estava fazendo. Ela também iria perceber assim que ela entrevistou o terceiro ou quarto homem em sua lista que Jeffrey estava mantendo ela em uma coleira apertada. Estupradores tendem a atacar as mulheres em seu próprio grupo étnico e idade. Lena e Brad estaria entrevistando cada minoria sobre a idade de cinqüenta, com uma agressão sexual em seu registro.

"Dr. Linton lhe dará o resumo sobre as especificidades." Ele fez uma pausa e, em seguida,

"Meu primeiro palpite seria que o atacante tem algum tipo de inclinar-se religiosa, talvez um fanático. Eu não quero que seja o foco de seu questionamento, mas mantê-lo na parte traseira

de sua mente." Ele empilhados os papéis no pódio. "Se alguém vem à tona que devemos olhar, eu quero uma chamada no meu rádio. Eu não quero nenhum suspeito caindo sob custódia ou acidentalmente ficando a cabeça arrancada."

Jeffrey evitou encontrar os olhos de Sara, como ele disse esta última parte. Jeffrey era um policial, ele sabia como as coisas funcionavam na rua. Ele sabia que cada homem nesta sala tinha algo a provar, onde Sibyl Adams estava em causa. Ele também sabia como era fácil para deslizar sobre a linha entre a justiça legal e da justiça humana, quando você estava fora no campo, virado para baixo o tipo de animal que poderiam violar uma mulher cega e esculpir uma cruz para seu abdômen.

"Ficou claro?" ele perguntou, não esperando uma resposta e não começar um. "Eu vou transformar isso ao Dr. Linton, então."

Ele caminhou até o fundo da sala, de pé atrás e à direita do Lena como Sara subiu ao pódio. Ela caminhou até o quadro, estendeu a mão, e puxou para baixo o ecrã de projecção branco. A maioria dos homens nesta sala tinha visto ela em fraldas, eo fato de que todos eles tinham os seus cadernos out disse volumes sobre as habilidades profissionais de Sara.

Ela deu a Brad Stephens um aceno de cabeça e o quarto ficou escuro.

O projetor opaco verde zumbiam à vida, o envio de um flash de luz brilhante na tela. Sara moveu uma fotografia em cima da cama e deslizou-a sob o vidro.

"Sibyl Adams foi encontrado por mim no banheiro feminino da estação de abastecimento em torno de duas e meia na tarde de ontem," ela disse, focando a lente do projetor.

Houve um movimento na sala como uma Polaroid de Sibyl Adams encontra-se parcialmente nu no chão do banheiro veio à tona. Jeffrey encontrou-se olhando para o buraco em seu peito, perguntando que tipo de homem poderia fazer as coisas que tinha sido feito para que o pobre jovem. Ele não queria pensar em Sibyl Adams, cego, sentado em que o vaso sanitário enquanto seu atacante cortei sua aberto para suas próprias razões doentes. Ele não queria pensar sobre o que estava passando por sua mente enquanto seu abdômen estava sendo estuprada.

Sara continuou. "Ela estava sentada no vaso sanitário quando eu abri a porta. Seus braços e pernas estavam espalhados aberto e o corte que você vê aqui", ela indicou a triagem "estava sangrando profusamente."

Jeffrey inclinou-se ligeiramente, tentando ver o que a reação de Lena a esta era. Ela ficou imóvel, sua coluna um ângulo reto perfeito para o chão. Ele entendeu por que ela precisava fazer isso, mas ele não conseguia entender como ela estava fazendo isso. Se alguém na sua família tinha passado por isso, se Sara havia sido devastada como este, Jeffrey sabia em seu coração que ele não gostaria de saber. Ele não podia saber.

Sara ficou na frente da sala, com os braços cruzados sobre o peito. "Ela começou a tomar logo depois que eu estabelecido que ela tinha pulso. Nós caiu no chão. Tentei controlar as convulsões, mas ela expirou vários segundos mais tarde."

Sara empurrou gaveta do projetor para substituir a foto com o outro. A máquina era um dinossauro, emprestado do ensino médio. Não era como se Sara poderia enviar as fotos do crime até o Jiffy foto para ampliações.

A imagem seguinte que veio na tela foi um fim acima da cabeça e do pescoço do Sibyl Adams. "A contusão sob o olho veio de uma posição superior, provavelmente no início do assalto para desencorajar uma luta. Uma faca foi realizada em sua garganta, muito forte, medindo cerca de seis polegadas. Eu diria que esta era uma faca de desossar, provavelmente comum a toda a

cozinha. Você pode ver um pequeno corte aqui ". Ela traçou seu dedo na tela, ao longo do meio do pescoço de Sibila. "Ele não tirar sangue, mas bastante pressão foi usado para marcar a pele." Ela olhou para cima, atraente de Jeffrey. "Eu imagino que a faca foi usada para impedi-la de gritar enquanto ele a estuprou."

Ela continuou. "Há uma marca de mordida pequena em seu ombro esquerdo." A imagem deste surgiu. "Marcas de mordida são comuns com estupro. Este mostra a impressão dos dentes superiores somente. Eu não achei nada diferente do padrão, mas eu já enviou o ..." Sara fez uma pausa, provavelmente lembrando Lena estava na sala. "A impressão foi enviado para o laboratório do FBI para correspondência cruzada. Se um criminoso conhecido na arquivo corresponde a impressão, então podemos assumir que ele é o autor deste crime. No entanto," ela advertiu, "como todos sabemos, o FBI ganhou 't considerar este um caso de alta prioridade, então eu não acho que podemos sair chapéus neste pedaço de evidência. um cenário mais provável seria usar a impressão como a validação após o fato. Ou seja, encontrar um suspeito sólida e pregá-lo com a impressão dental. "

Em seguida, a tela mostrou uma fotografia dos lados internos das pernas de Sibila. "Você pode ver arranhões aqui no joelho, onde ela agarrou suas pernas ao redor do vaso sanitário durante o assalto." Outra imagem veio, este um dos inferior da Sibila. "Há hematomas irregulares e arranhões nas nádegas, novamente a partir de fricção contra o assento do vaso sanitário. "Seus pulsos", disse Sara, colocando em outra foto, "show hematomas das barras de handicap na tenda. Dois unhas foram quebradas no processo de prender as barras, provavelmente para levantar-se para cima e longe de seu agressor."

Sara deslizou na próxima fotografia. "Este é um close-up das incisões para seu abdômen", ela narrada. "O primeiro corte foi feito a partir de apenas abaixo da clavícula todo o caminho até o osso pélvico. O segundo corte foi feito da direita para a esquerda." Ela fez uma pausa. "Eu acho que a partir da profundidade irregular do segundo corte que este foi um movimento duvidosa por um assaltante com a mão esquerda. O corte é mais profunda do que se move para o lado direito."

A próxima Polaroid foi um close-up de Sibyls peito. Sara ficou em silêncio por alguns instantes, provavelmente pensando a mesma coisa Jeffrey estava pensando. De perto, ele podia ver onde o ferimento tinha sido esticado. Não pela primeira vez, sentiu o rolo de estômago com o pensamento de que foi feito para esta pobre mulher. Ele pediu a Deus ela não tinha sido consciente do que estava acontecendo com ela.

Sara disse: "Este é o corte final. É uma punção ferida através do esterno. Ele vai direto para sua coluna. Eu acho que essa era a fonte da maior parte do sangue." Sara virou-se para Brad. "Luzes?"

Ela caminhou em direção a sua pasta, dizendo: "O símbolo no peito parece ser uma cruz. O assaltante usou preservativo durante o estupro, que como sabemos, é bastante comum com o advento dos testes de DNA. Iluminação Preto revelou nenhum esperma ou fluidos . o sangue na cena parece ser apenas a partir da vítima. " Ela pegou uma folha de papel fora de sua pasta. "Nossos amigos no Departamento de Investigação da Geórgia foram bom o suficiente para puxar algumas cordas na noite passada. Eles trabalharam até a análise de sangue para mim." Ela pôs os óculos de aros de cobre e começou a ler, "Altas concentrações de hiosciamina, atosin e belladonnine, bem como vestígios de escopolamina foram encontrados em seu sangue central e urina." Ela olhou para cima. "Isto sugere que Sibyl Adams ingerido uma dose letal de beladona, que pertence à família de planta beladona". Jeffrey olhou para Lena. Ela

permaneceu em silêncio, com os olhos em Sara.

"Uma overdose de beladona pode imitar um desligamento completo do sistema nervoso parassimpático. Sibyl Adams era cego, mas suas pupilas estavam dilatadas da droga. Os brônquios em seus pulmões estavam inchados. Sua temperatura corporal central ainda estava alto, que é o que fez me pergunto sobre o sangue dela em primeiro lugar ". Ela virou-se para Jeffrey, respondendo à pergunta que tinha pedido esta manhã. "Durante o post, sua pele ainda estava quente ao toque. Não houve fatores ambientais que poderia causar isso. Eu sabia que tinha que ser algo no sangue."

Ela continuou. "Belladonna pode ser dividido para aplicações médicas, mas a sua também usado como droga recreativa."

"Você acha que o criminoso deu a ela?" Jeffrey perguntou. "Ou este é o tipo de coisa que ela iria tomar por conta própria?"

Sara parecia considerar isso. "Sibyl Adams era um químico. Ela certamente não iria tomar uma droga tão volátil, em seguida, correr para fora para o almoço. Este é um alucinógeno muito forte. Ela afeta o coração, respiração e circulação."

"Nightshade cresce por toda a cidade," Frank apontou.

"É bastante comum", Sara concordou, olhando para suas anotações. "A planta não é fácil de processo. Ingestão vai ser o componente chave aqui. De acordo com Nick, a maneira mais fácil e mais popular para tomar Belladonna é para embeber as sementes em água quente. Ainda esta manhã eu encontrei três receitas em Internet para a preparação de beladona como um chá ".

Lena oferecido, "Ela gostava de beber chá quente."

"Lá vai você", disse Sara. "As sementes são altamente solúveis. Imagino que dentro de minutos de beber, ela teria começado a sofrer uma pressão elevada do sangue, palpitações cardíacas, boca seca, e nervosismo extremo. Eu também diria isso levou-a para o banheiro, onde seu estuprador estava à espera de dela."

Frank virou-se para Jeffrey. "Nós precisamos falar com Pete Wayne. Ele serviu o almoço. Ele deu-lhe o chá."

"De jeito nenhum," Matt respondeu. "Viveu na cidade durante toda a vida de Pete. Este não é o tipo de coisa que ele faria." Então, como se isso fosse a coisa mais importante em favor de Pete, Matt acrescentou: "Ele está no lodge."

Murmúrios vinham dos outros homens. Alguém, Jeffrey não tinha certeza de quem, disse, "E Frank de homem de cor?"

Jeffrey sentiu uma gota de suor escorrer pelas costas. Ele podia ver onde isso já estava acontecendo. Ele levantou as mãos pedindo silêncio. "Frank e eu vou falar com Pete. Vocês têm sua atribuição. Quero relatórios de volta no final do dia."

Matt parecia prestes a dizer algo, mas Jeffrey parou. "Nós não estamos ajudando Sibyl Adams, sentado nesta sala puxando teorias fora de nossos traseiros." Ele fez uma pausa, em seguida, indicou os pacotes Brad tinha entregues. "Bata em cada maldita porta na cidade se você tiver que, mas eu quero uma contabilidade para cada homem nessas listas."

Como Jeffrey e Frank foi até a lanchonete, as palavras "homem de cor de Frank" sentou-se no fundo da mente de Jeffrey como um pedaço de carvão em brasa. O vernáculo era familiar desde a infância, mas ele não tinha ouvido falar que seja usado em pelo menos trinta anos. Surpreendia Jeffrey ver que tal racismo declarado ainda existia. Também com medo de que ele tinha ouvido em sua própria sala de plantel. Jeffrey tinha trabalhado em Grant por dez anos,

mas ele ainda era um estranho. Mesmo suas raízes do sul não pagar suas dívidas para o bom e velho clube menino. Vindo de Alabama não ajudou. Uma oração típico entre os estados do sul foi "Graças a Deus por Alabama", ou seja, graças a Deus nós não estamos tão mal como estão. Este foi parte da razão pela qual ele estava mantendo Frank Wallace perto. Frank era uma parte destes homens. Ele estava no clube.

Frank sem concha fora de seu casaco, dobrando-o através de seu braço enquanto andava. Ele era alto e magro como um junco com uma cara ilegíveis de anos de ser um policial.

Frank disse: "Esse cara preta, Will Harris. Eu fui chamado em alguns anos atrás em uma disputa doméstica. Ele bateu sua esposa."

Jeffrey parou. "Sim?"

Frank parou ao lado dele. "Sim", disse ele. "Beat-la muito ruim. Rebentado o lábio. Quando cheguei lá, ela estava no chão. Ela estava usando este algodão tipo de aparência saco de vestir." Ele encolheu os ombros. "De qualquer forma, foi deteriorada".

"Você acha que ele a estuprou?"

Frank deu de ombros. "Ela não se queixa."

Jeffrey começou a andar novamente. "Alguém mais sabe sobre isso?"

"Matt", disse Frank. "Ele era meu parceiro, então."

Jeffrey sentiu uma sensação de medo quando ele abriu a porta para o jantar.

"Estamos fechados", Pete chamado da parte de trás.

Jeffrey disse: "É Jeffrey, Pete."

Ele saiu da despensa, limpando as mãos no avental. "Ei, Jeffrey", disse ele, balançando a cabeça. Então, "Frank".

"Nós deve ser concluído até aqui, esta tarde, Pete", disse Jeffrey. "Você vai ser capaz de abrir amanhã."

"Fechando para o resto da semana," Pete disse que ele retied suas saias. "Não parece certo para ser aberto o com Sibila e tudo." Indicou a linha de fezes na frente da barra. "Get vocês um pouco de café?"

"Isso seria ótimo", disse Jeffrey, tendo o primeiro fezes. Frank seguiram o terno, sentando-se ao lado dele.

Jeffrey observou Pete caminhar ao redor do balcão e tirar três canecas de cerâmica de espessura. O café no vapor enquanto ele derramou-nos copos.

Pete perguntou: "Você tem alguma coisa?"

Jeffrey pegou uma das canecas. "Você pode percorrer o que aconteceu ontem? Quero dizer, do ponto Sibyl Adams entrou no restaurante?"

Pete se encostou na grade. "Eu acho que ela veio em cerca de uma e meia", disse ele. "Ela sempre veio após o almoço pico. Eu acho que ela não queria ser picar ao redor com sua bengala na frente de todas essas pessoas. Quero dizer, nós sabia que ela era cego, claro, mas ela não gostava de chamar a atenção para ele. Você podia ver isso. ela estava um pouco nervoso em multidões".

Jeffrey pegou seu notebook, embora ele não tenha realmente precisa para tomar notas. O que ele sabia era que Pete parecia saber muito sobre Sibyl Adams. "Ela veio aqui muito?"

"Toda segunda-feira como um relógio." Ele apertou os olhos, pensando. "Eu acho que nos últimos cinco anos ou mais. Ela entrou às vezes tarde da noite com outros professores ou Nan da biblioteca. Acho que eles alugaram uma casa ao longo de Cooper."

Jeffrey assentiu.

"Mas isso foi apenas ocasionalmente. Principalmente foi segundas-feiras, sempre sozinha. Ela andou aqui, ordenou-lhe o almoço, em seguida, foi para fora por cerca de dois normalmente." Ele coçou o queixo, um olhar triste que vem sobre seu rosto. "Ela sempre deixou uma boa gorjeta. Eu não acho nada sobre isso quando a vi tabela vazia. Eu acho que eu pensei que ela tinha ido enquanto eu não estava olhando."

Jeffrey perguntou: "O que ela pedir?"

"A mesma coisa de sempre", disse Pete. "O número três."

Jeffrey sabia que esse era o prato de waffle com ovos, bacon, e um lado de grãos.

"Só", Pete esclareceu, "ela não comer carne, então eu sempre parou o bacon. E ela não beber café, então eu dei-lhe um pouco de chá quente."

Jeffrey escreveu isto. "Que tipo de chá?"

Ele enraizada em torno atrás do balcão e tirou uma caixa de genéricos sacos de chá marca.

"Eu o peguei para ela no supermercado. Ela não beber cafeína." Ele deu uma pequena risada.

"Eu gostava de deixá-la confortável, sabe? Ela não saio muito. Ela costumava dizer-me que ela gostava de vir aqui, que se sentia confortável." Ele brincou com a caixa de chá.

"E sobre o copo que ela usou?" Jeffrey perguntou.

"Eu não sei sobre isso. Todos eles têm a mesma aparência." Ele caminhou até a ponta do balcão e puxou uma gaveta de metal grande. Jeffrey inclinou-se para olhar para dentro. A gaveta foi realmente uma grande máquina de lavar louça preenchido com copos e pratos.

Jeffrey perguntou: "Aqueles de ontem?"

Pete concordou. "Eu não posso começar a adivinhar qual era dela. Comecei a máquina de lavar antes que ela foi-" Ele parou, olhando para as próprias mãos. "Meu pai, ele sempre me disse para tomar cuidado dos clientes e eles cuidar de você." Ele olhou para cima, com lágrimas nos olhos. "Ela era uma garota legal, sabe? Por que alguém iria querer machucá-la?"

"Eu não sei, Pete", disse Jeffrey. "Se importa se tomarmos isso?" Ele apontou para a caixa de chá.

Pete deu de ombros. "Claro, ninguém mais bebeu." A risada veio novamente. "Eu tentei uma vez só para ver. Provei como água marrom."

Frank puxou um saquinho de chá para fora da caixa. Cada saco foi embrulhado e selado em um envelope de papel. Ele perguntou, "era velho Will trabalhar aqui ontem?"

Pete pareceu surpreso com a pergunta. "Claro, ele trabalhou o almoço todos os dias durante os últimos cinquenta anos. Vem em cerca de onze, deixa por dois ou assim." Ele estudou Jeffrey.

"Ele faz biscates para as pessoas em torno da cidade depois que ele deixa aqui. Principalmente estaleiro trabalho, alguns carpintaria luz."

"Ele ônibus mesas está aqui?" Jeffrey perguntou, embora ele tinha comido almoços suficientes no restaurante para saber o que Will Harris fez.

"Claro", disse Pete. "Ônibus tabelas, mops os pisos, leva as pessoas a sua comida." Ele deu Jeffrey um olhar curioso. "Por quê?"

"Nenhuma razão." Jeffrey respondeu. Inclinando-se, ele apertou a mão do homem, dizendo: "Obrigado, Pete. Nós vamos deixá-lo saber se precisamos de mais nada."

Capítulo Dez

LENA traçou seu dedo ao longo do mapa de rua no colo. "Left aqui", ela disse Brad.

Ele fez como lhe foi dito, dirigindo o cruzador para a Baker Street. Brad estava bem, mas ele tende a levar as pessoas pelo seu valor nominal, que é por volta na estação quando Lena disse que tinha de ir ao banheiro, então dirigido a direção oposta da sala das mulheres, ele não tinha dito nada. Uma piada em torno da casa estação era para esconder o chapéu de policial de Brad dele. No Natal, eles tinham é preso no topo de uma das renas em exposição na frente da prefeitura. Um mês atrás, Lena tinha visto o chapéu em cima da estátua de Robert E. Lee na frente do colégio.

Lena sabia Jeffrey parceria dela com Brad Stephens era a sua maneira de mantê-la na periferia da investigação. Se ela tivesse que adivinhar, diria que cada homem na sua lista foi morto ou velho demais para levantar-se sem ajuda.

"A próxima certo", disse ela, dobrando o mapa. Ela tinha infiltrado em escritório Marias e olhou para o endereço de Will Harris no livro de telefone durante a sua alegada viagem para o banheiro. Jeffrey entrevistaria Pete primeira. Lena queria uma rachadura em Will Harris antes de seu chefe poderia chegar até ele.

"Bem aqui", disse Lena, indicando que ele poderia encostar. "Você pode ficar aqui."

Brad desacelerou o carro, colocar os dedos à boca. "Qual é o endereço?"

"Quatro e meia-um", disse ela, vendo a caixa de correio. Ela tirou o cinto de segurança e abriu a porta antes que o carro veio a uma parada completa. Ela estava caminhando até a calçada no momento em que Brad encontrou-se com ela.

"O que você está fazendo?" ele perguntou, trotando ao lado dela como um cachorrinho.

"Lena?"

Ela parou, colocando a mão no bolso. "Ouça, Brad, basta voltar para o carro." Ela foi duas fileiras acima dele. Tecnicamente, Brad deveria seguir suas ordens. Este pensamento parecia atravessar sua mente, mas ele balançou a cabeça negativamente.

Ele disse: "Este é o lugar de Will Harris, não é?"

Lena se virou de costas para ele, continuando até a calçada.

casa de Will Harris foi pequeno, provavelmente pouco mais de dois quartos e um banheiro. A ripa foi pintado branco brilhante e o gramado estava bem cuidado. Havia um olhar bem-cuidado para o lugar que definir Lena na borda. Ela não podia pensar que a pessoa que viveu nesta casa poderia fazer tal coisa para a irmã.

Lena bateu na porta de tela. Ela podia ouvir uma televisão no interior, e movimento distante. Através da malha da tela, ela podia ver um homem lutando para sair de sua cadeira. Ele estava vestindo uma camiseta branca e calças de pijama branco. A expressão confusa estava em seu rosto.

Ao contrário de a maioria das pessoas que trabalhavam na cidade, Lena não era um regular no restaurante. Em algum lugar no fundo de sua mente Lena tinha considerado território da lanchonete da Sibila e não queria se intrometer. Lena nunca tinha realmente conhecido Will Harris. Ela estava esperando alguém mais jovem. Alguém mais ameaçador. Will Harris era um homem velho.

Quando ele finalmente alcançou a porta e viu Lena, seus lábios se separaram em surpresa. Nenhum dos dois falou por um momento, então, finalmente, Will disse, "Você deve ser sua irmã."

Lena olhou para o velho. Ela sabia em seu intestino que Will Harris não tinha matado sua irmã, mas ainda havia a possibilidade de que ele sabia que tinha.

Ela disse: "Sim, senhor. Você se importa se eu entrar?"

A dobradiça na porta de tela guinchou quando se abriu. Ele deu um passo para o lado, segurando a porta aberta para Lena.

"Você tem que desculpar minha aparência", disse ele, indicando o pijama. "Eu não estava esperando exatamente visitantes."

"Tudo bem," Lena ofereceu, olhando ao redor da pequena sala. A sala de estar e espaço de cozinha foram misturados, um sofá delinear os dois. Havia um corredor quadrado fora a esquerda através do qual Lena podia ver uma casa de banho. Supôs o quarto estava no outro lado da parede. Como o lado de fora da casa, tudo estava limpo e arrumado, bem cuidada, apesar da sua idade. Uma televisão dominou a sala de estar. Em torno do conjunto eram estantes de parede a parede embalados com vídeos.

"Eu gostaria de ver um monte de filmes", disse Will.

Lena sorriu. "Obviamente."

"Principalmente, eu gosto dos antigos preto e branco", o velho começou, então virou a cabeça em direção à grande janela que reveste a frente da sala. "Senhor a'mighty", ele murmurou. "Eu pareço ser real popular hoje."

Lena reprimiu um gemido quando Jeffrey Tolliver caminhou até a calçada. Ou Brad tinha dito sobre ela ou Pete Wayne tinha dedos Will.

"Bom dia, senhor," Will disse, abrindo a porta de tela para Jeffrey.

Jeffrey deu-lhe um aceno de cabeça, em seguida, disparou Lena o tipo de olhar que fez suas palmas suar.

Será pareceu sentir a tensão na sala. "Eu posso ir na parte de trás se você precisar."

Jeffrey virou-se para o velho e apertou sua mão. "Não há necessidade, Will", disse ele. "Eu só preciso de lhe fazer algumas perguntas."

Will indicada no sofá com um movimento de sua mão. "Se importa se eu me mais café?"

"Não, senhor", respondeu Jeffrey, passando por Lena para o sofá. Ele fixou-a com o mesmo olhar duro, mas Lena sentou ao lado dele de qualquer maneira.

Será que voltava para sua cadeira, gemendo quando ele se sentou. Seus joelhos estalaram e ele sorriu desculpando-se, explicando: "Passam a maior parte dos meus dias de joelhos no quintal."

Jeffrey pegou seu notebook. Lena quase podia sentir a raiva saindo dele. "Will, eu tenho que lhe fazer algumas perguntas."

"Sim senhor?"

"Você sabe o que aconteceu no jantar ontem?"

Will colocou a xícara de café sobre uma mesa pequena. "Essa menina nunca fez mal a ninguém", disse ele. "O que foi feito para ela-" Ele parou, olhando para Lena. "Meu coração vai para você e sua família, querido. Ele realmente faz."

Lena limpou a garganta. "Obrigado."

Jeffrey tinha sido, obviamente, esperando uma resposta diferente dela. Seu olhar mudou, mas ela não conseguia entender o que ele estava pensando. Ele se virou para Will. "Você estava no restaurante, até que ontem vez?"

"Oh, por volta de uma e meia ou um pouco antes das duas, eu acho. Eu vi sua irmã", disse Lena, "assim como eu estava saindo."

Jeffrey esperou alguns instantes, depois disse: "Você tem certeza sobre isso?"

"Oh, sim, senhor," Será devolvido. "Eu tive que ir pegar minha tia na igreja. Eles saem do ensaio do coro em duas e quinze afiada. Ela não gosta de esperar."

Lena perguntou: "Onde é que ela cantar?"

"O AME sobre em Madison," ele respondeu. "Você já esteve lá?"

Ela balançou a cabeça, fazer a matemática em sua cabeça. Mesmo que Will Harris tinha sido um suspeito viável, não havia nenhuma maneira que ele poderia ter matado Sibila, em seguida, chegou ao Madison a tempo de pegar sua tia. Um rápido telefonema daria Will Harris um álibi hermético.

"Will," Jeffrey começou, "Eu odeio a perguntar-lhe sobre isso, mas o meu homem Frank diz que houve algum problema há algum tempo."

O rosto de Will caiu. Ele estava olhando para Lena, até este ponto, mas agora ele olhava para o tapete. "Sim, senhor, isso é certo." Ele olhou por cima do ombro de Jeffrey enquanto ele falava. "Minha esposa, Eileen. Eu costumava ir para ela algo ruim. Eu acho que foi antes de seu tempo nós entramos em uma briga. Talvez dezoito, dezenove anos atrás." Ele encolheu os ombros. "Ela me deixou depois disso. Eu acho que eu deixe a bebida me levam para o caminho errado, mas eu sou um bom homem cristão agora. Eu não ir para tudo isso. Eu não vejo o meu filho muito, mas Eu vejo minha filha sempre que posso. Ela vive em Savannah agora. " Seu sorriso voltou. "Eu tenho dois netos."

Jeffrey bateu sua caneta no notebook. Lena podia ver por cima do ombro que ele não tinha escrito nada. Ele perguntou: "Alguma vez você tomar Sibila suas refeições? No jantar, quero dizer."

Se ele estava surpreso com a pergunta, Will não deixe que ele se registrar. "Eu acho que eu fiz. A maioria dos dias eu ajudo Pete para fora com coisas assim. Seu pai mantinha uma mulher em torno de esperar tabelas quando ele estava correndo o lugar, mas Pete", disse ele, rindo, "velho Pete, ele pode segurar a um dólar. " Será que acenou com a mão, dispensando o problema. "Ele não me machuque ninguém para buscar um pouco de ketchup ou certifique-se alguém recebe seu café."

Jeffrey perguntou: "Será que quis servir chá Sibila?"

"Às vezes. Há algum problema?"

Jeffrey fechou seu notebook. "Nem um pouco", disse ele. "Você viu alguém pendurado suspeitas em torno do jantar de ontem?"

"Senhor Deus," Will respirava. "Eu certamente já lhe disse até agora. Ele só estava eu e Pete lá, e todos os frequentadores para o almoço."

"Obrigado pelo seu tempo." Jeffrey levantou-se e Lena seguiram o exemplo. Will balançou primeira Jeffrey, em seguida, a mão de Lena.

Ele segurou a dela um pouco mais, dizendo: "Deus te abençoe, menina. Você cuida agora."

"Maldição, Lena," Jeffrey amaldiçoados, batendo com o notebook no painel de instrumentos do carro. As páginas se agitaram, e Lena levantou as mãos em frente a ela para não ficar golpeado na cabeça. "Que diabos você estava pensando?"

Lena pegou o notebook do chão. "Eu não estava pensando", ela respondeu.

"Não porra de brincadeira", ele estalou, agarrando o notebook.

Sua mandíbula era uma linha apertada quando ele recuou o carro fora da garagem de Will Harris. Frank tinha ido de volta para a estação com Brad enquanto Lena tinha sido praticamente jogado no carro de Jeffrey. Ele bateu a engrenagem na coluna do volante e o carro virou na unidade.

"Por que não posso confiar em você?" Ele demandou. "Por que não posso confiar em você para fazer uma coisa que eu dizer-lhe para fazer?" Ele não esperou pela resposta dela.

"Enviei-lo com Brad para fazer algo, Lena. Eu dei-lhe um emprego nesta investigação porque você me perguntou, não porque eu pensei que você estava em posição de fazê-lo. E o que é a minha recompensa por isso? Eu tenho Frank e Brad vê-lo ir nas minhas costas como um adolescente esgueirando para fora de casa. é porra policial ou você é uma porra de um garoto?" Ele pisou no freio, e Lena sentiu o cinto de segurança corte em seu peito. Eles foram parados no meio da estrada, mas Jeffrey não pareceu notar.

"Olhe para mim", disse ele, voltando-se para ela. Lena fez o que lhe foi dito, tentando manter o medo fora de seus olhos. Jeffrey tinha sido bravo com ela muitas vezes, mas nunca como este. Se ela estava certa sobre Will Harris, Lena pode ter uma perna para se sustentar; como era, ela estava ferrado.

"Você tem que obter a sua cabeça em linha reta. Você pode me ouvir?"

Ela deu um aceno de cabeça afiada.

"Eu não posso ter você por aí nas minhas costas. E se ele tivesse feito alguma coisa para você?" Ele deixou que pia no. "O que se Will Harris é o homem que matou sua irmã? E se ele abriu a porta, vi, e assustou?" Jeffrey bateu com o punho no volante, sibilando outra maldição.

"Você tem que fazer o que eu digo, Lena. Está claro? De agora em diante." Ele apontou o dedo na cara dela. "Se eu te disser para entrevistar cada formiga no playground, você me trazer de volta depoimentos assinados em cada um. Está claro?"

Ela conseguiu acenar com a cabeça novamente. "Sim."

Jeffrey não estava satisfeito. "Está claro, detetive?"

"Sim, senhor", repetiu Lena.

Jeffrey colocar o carro de volta na engrenagem. Os pneus pego como ele acelerou, deixando uma boa quantidade de borracha na estrada. Ambas as mãos segurou o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Lena ficou em silêncio, esperando que sua raiva iria passar. Ele tinha todo o direito de estar chateado, mas ela não sabia o que dizer. Um pedido de desculpas parecia tão inútil como tratar uma dor de dente com mel.

Jeffrey rolou a janela para baixo, afrouxando a gravata. De repente, ele disse: "Eu não acho que Will fez isso."

Lena assentiu com a cabeça para cima e para baixo, com medo de abrir a boca.

"Mesmo que ele tinha este episódio em seu passado", Jeffrey começou, raiva voltando para sua voz, "Frank não mencionou que essa coisa com sua esposa era há vinte anos."

Lena estava em silêncio.

"De qualquer forma" -Jeffrey acenou esta off- "mesmo que ele tinha nele, ele é, pelo menos, sessenta, talvez setenta anos de idade. Ele não poderia mesmo entrar em sua cadeira, e muito menos dominar um saudável trinta e três anos de idade mulher."

Jeffrey continuou: "Assim que nos deixa com Pete na lanchonete, certo?" Ele não esperou pela resposta dela; ele estava, obviamente, apenas pensando em voz alta. "Apenas liguei para Tessa no caminho até aqui. Ela ficou lá um pouco antes de duas horas. Will se foi, e Pete era o único lá. Ela disse Pete ficou atrás da caixa registradora, até que ela colocou a ordem, então ele grelhado seu hambúrguer." Jeffrey sacudiu a cabeça. "Ele pode ter deslizado na parte de trás, mas quando? Quando ele tem tempo? Isso levaria, o quê? Dez, quinze minutos? Além disso, o planejamento. Como ele sabia que ele iria trabalhar fora?"

Novamente estas perguntas parecia retórica. "E todos nós sabemos Pete. Quero dizer, Jesus, este não é o tipo de coisa que um primeiro temporizador iria puxar."

Ele ficou em silêncio, obviamente, ainda pensando, e Lena deixou-o sozinho. Ela olhou para

fora da janela, o processamento que Jeffrey tinha dito sobre Pete Wayne e Will Harris. Uma hora atrás, esses dois homens tinham parecia bons suspeitos para ela. Agora, não havia ninguém. Jeffrey foi o direito de estar zangado com ela. Ela poderia ter saído com Brad, rastreando os homens em sua lista, talvez encontrar o homem que havia matado Sibila. Os olhos de Lena focada nas casas que estavam dirigindo por. Na virada, ela verificou a placa da rua, observando que eles estavam em Cooper.

Jeffrey perguntou: "Você acha que Nan vai estar em casa?"

Lena encolheu os ombros.

O sorriso que ele deu a ela disse que estava tentando. "Você pode falar agora, você sabe."

Os lábios dela veio, mas ela não conseguia devolver o sorriso. "Obrigado." Então, "Sinto muito sobre-"

Ele ergueu a mão para impedi-la. "Você é um bom policial, Lena. Você é um maldito bom policial." Ele parou o carro no meio-fio em frente à casa de Nan e Sibila. "Você só precisa começar a ouvir."

"Eu sei."

"Não, você não", disse ele, mas ele não parecia mais com raiva. "Toda a sua vida virou de cabeça para baixo e você nem sabe ainda."

Ela começou a falar depois parou.

Jeffrey disse: "Eu entendo a necessidade de trabalhar sobre isso, a necessidade de manter a mente ocupada, mas você tem que confiar em mim, Lena. Se alguma vez cruzar a linha comigo de novo, vou rebentar-lhe tão baixo que você ' vai ser ir buscar café para Brad Stephens. está claro? "

Ela conseguiu acenar com a cabeça.

"Ok", ele disse, abrindo a porta do carro. "Vamos."

Lena levou o seu tempo tirando o cinto de segurança. Ela saiu do carro, que ajusta sua arma e coldre enquanto ela caminhava em direção à casa. No momento em que ela chegou à porta da frente, Nan já tinha deixado Jeffrey in.

"Hey," Lena oferecido.

"Hey," Nan retornado. Ela estava segurando uma bola de tecido em sua mão, o mesmo que ela tinha sido na noite passada. Seus olhos estavam inchados e seu nariz era vermelho brilhante.

"Hey", disse Hank.

Lena parado. "O que você está fazendo aqui?"

Hank deu de ombros, esfregando as mãos. Ele estava vestindo uma T-shirt sem mangas, ea agulha rastreia até seus braços estavam em plena exibição. Lena sentiu uma onda de constrangimento. Ela só tinha visto Hank no Reece, onde todo mundo sabia sobre seu passado. Ela tinha visto as cicatrizes tantas vezes que ela quase bloqueados los. Agora ela foi vê-los através dos olhos de Jeffrey, pela primeira vez, e ela queria sair correndo da sala. Hank parecia estar à espera de Lena a dizer alguma coisa. Ela tropeçou, gerindo uma introdução. "Este é Hank Norton, meu tio", disse ela. "Jeffrey Tolliver, chefe de polícia." Hank estendeu a mão, e Lena encolheu para ver as cicatrizes levantadas nos antebraços. Alguns deles eram de meia polegada de comprimento em lugares onde ele tinha espetado a agulha na pele dele, à procura de uma boa veia.

Hank disse: "Como vai, senhor."

Jeffrey levou a mão oferecida, dando-lhe um aperto firme. "Sinto muito que tínhamos de cumprir sob estas circunstâncias."

Hank apertou as mãos na frente dele. "Obrigado por isso."

Estavam todos em silêncio, em seguida, Jeffrey disse: "Eu acho que você sabe por que estamos aqui."

"Sobre Sibila", Nan respondeu, com a voz algumas oitavas inferior, provavelmente a partir de chorar a noite toda.

"Certo", disse Jeffrey, indicando o sofá. Ele esperou por Nan para sentar-se, em seguida, tomou o espaço ao lado dela. Lena ficou surpreso quando ele pegou a mão de Nan e disse: "Eu sinto muito pela sua perda, Nan."

Lágrimas brotaram nos olhos de Nan. Ela realmente sorriu. "Obrigado."

"Estamos fazendo tudo que podemos para descobrir quem fez isso", continuou ele. "Eu quero que você saiba se há alguma coisa que você precisa que nós estamos aqui para você."

Ela sussurrou outra de agradecimento, olhando para baixo, escolhendo em uma corda em suas calças.

Jeffrey perguntou: "Foi alguém com raiva de você ou Sibila, você sabe?"

"Não", respondeu Nan. "Eu disse a Lena na noite passada. Tudo tem sido a mesma, como de costume ultimamente."

"Eu sei que Sibila e você escolheu para viver espécie de silêncio," disse Jeffrey. Lena tem o seu significado. Ele estava sendo muito mais sutil do que ela tinha sido na noite passada.

"Sim", Nan concordou. "Nós gostamos-lo aqui. Nós dois somos de cidade pequena de pessoas."

Jeffrey perguntou: "Você não pode pensar em qualquer um que pode ter figurado algo fora?"

Nan sacudiu a cabeça. Ela olhou para baixo, com os lábios trêmulos. Não havia mais nada que ela pudesse dizer a ele.

"Ok", disse ele, de pé. Ele colocou a mão no ombro de Nan, indicando que ela deve permanecer sentado. "Eu saio sozinho." Ele enfiou a mão no bolso e tirou um cartão. Lena viu quando ele segurou-o em uma mão e escreveu na parte de trás. "Este é o meu número de casa", disse ele. "Chame-me se você pensar em nada."

"Obrigado", disse Nan, levando o cartão.

Jeffrey virou-se para Hank. "Você se importa de dar Lena uma carona para casa?"

Lena sentiu estupefato. Ela não podia ficar aqui.

Hank estava obviamente surpreso também. "Não", ele murmurou. "Isso é bom."

"Boa." Ele bateu Nan no ombro, então disse a Lena, "Você e Nan pode tomar hoje à noite para reunir uma lista das pessoas Sibila trabalhei." Jeffrey deu Lena um sorriso. "Seja na estação às sete amanhã de manhã. Vamos ir para o colégio antes do início das aulas."

Lena não entendia. "Estou de volta com Brad?"

Ele balançou sua cabeça. "Você está comigo."

QUARTA-FEIRA

Capítulo Onze

BEN Walker, o chefe de polícia antes de Jeffrey, tinha mantido seu escritório na parte de trás da estação, perto da sala de reuniões. A mesa do tamanho de um refrigerador comercial invertido estava no centro da sala com uma fileira de cadeiras desconfortáveis na frente dele.

Todas as manhãs, os homens no time principal foram chamados ao escritório de Ben para ouvir as suas atribuições para o dia, então eles saíram e o chefe fechou a porta. O que Ben fez a partir deste momento até cinco horas, quando ele podia ser visto fugindo da rua para o restaurante para o jantar, era um mistério.

Jeffreys primeira tarefa quando ele assumiu o trabalho de Ben foi para mover seu escritório para a frente da sala do esquadrão. U cantar uma serra habilidade, Jeffrey cortar um buraco na Sheetrock e instalou uma janela panorâmica de vidro para que ele pudesse se sentar em sua mesa e ver os seus homens e, mais importante, para que seus homens pudessem vê-lo. Havia persianas na janela, mas ele nunca fechá-los, e para a maior parte, a porta do escritório estava sempre aberta.

Dois dias depois que o corpo de Sybil Adams foi encontrado, Jeffrey estava sentado em seu escritório, lendo um relatório que Maria tinha acabado de lhe entregou. Nick Shelton na GBI tinha sido gentil o suficiente para apressar a análise sobre a caixa de chá. Resultados: foi chá. Jeffrey coçou o queixo, olhando ao redor seu escritório. Era uma sala pequena, mas ele tinha construído um conjunto de estantes em uma das paredes, a fim de manter as coisas arrumado. manuais de campo e relatórios estatísticos foram empilhados ao lado troféus atirador tinha ganho nas competições Birmingham e uma equipa de futebol assinado a partir de quando ele tinha jogado em Auburn. Não que ele realmente jogou. Jeffrey passou a maior parte de seu tempo no banco, observando os outros jogadores construir carreiras por si mesmos.

Uma fotografia de sua mãe foi dobrado no canto da prateleira. Ela estava vestindo uma blusa rosa e segurando um pequeno punho corpete em suas mãos. A foto foi tomada em Jeffreys formatura do ensino médio. Ele pegou sua mãe dando um de seus raros sorrisos na frente da câmera. Seus olhos foram iluminados, provavelmente com as possibilidades que ela viu na frente de seu filho. Que ele havia abandonado a Auburn um ano de graduação e aceitou um emprego na polícia Birmingham era algo que ela ainda não tinha perdoado seu único filho para. Maria bateu na porta de seu escritório, segurando uma xícara de café em uma mão e um donut na outra. No primeiro dia de Jeffrey, ela lhe disse que ela tinha café nunca buscado para Ben Walker e ela não estava prestes a buscá-la para ele. Jeffrey tinha rido; o pensamento nunca lhe ocorrera. Maria tinha sido trazendo-lhe o café desde então.

"Os donuts para mim", ela disse, entregando-lhe o copo de papel. "Nick Shelton é na linha três."

"Obrigado", disse ele, esperando por ela para sair. Jeffrey sentou-se em sua cadeira quando ele pegou o telefone. "Apelido?"

sotaque do sul de Nick veio em toda a linha. "Como você?"

"Não é tão boa", Jeffrey respondeu.

"Eu ouvi-lo", Nick voltou. Então, "Tenho o meu relatório?"

"No chá?" Jeffrey pegou a folha de papel, com vista para a análise. Para uma bebida tão simples, uma grande quantidade de produtos químicos de processamento entrou em chá. "É apenas barato chá comprado em loja, certo?"

"É isso aí", disse Nick. "Escute, eu tentei ligar para Sara, esta manhã, mas eu não poderia encontrá-la."

"Que isso?"

Nick deu uma risada baixa. "Você nunca vai me perdoar por pedindo-lhe que o tempo, não é, amigo?"

Jeffrey sorriu. "Não."

"Um dos meus droga pessoas aqui no laboratório é quente neste beladona. Não muitos casos vêm em, e ele ofereceu-se para dar a vocês um resumo face-a-face."

"Isso seria uma terrivelmente grande ajuda", disse Jeffrey. Ele viu Lena através da janela de vidro e acenou-lá entrar.

"Sara falando com você nesta semana?" Nick não esperou por uma resposta. "Minha cara vai querer falar com ela sobre como a vítima apresentou."

Jeffrey conteve a observação de corte que queria vir, forçando alguns alegria em sua voz quando ele disse: "Como cerca de cerca de dez?"

Jeffrey estava observando a reunião em sua agenda quando Lena entrou. Assim que ele olhou para cima, ela começou a falar.

"Ele não faz drogas mais."

"O que?"

"Pelo menos eu não penso assim."

Jeffrey sacudiu a cabeça, sem entender. "Do que você está falando?"

Ela baixou a voz, dizendo: "Meu tio Hank." Ela estendeu seus braços para ele.

"Oh." Jeffrey finalmente conseguiu-lo. Ele não tinha certeza se Hank Norton era um viciado em drogas no passado ou tinham sido em um incêndio desfigurantes, seus braços eram tão cheio de cicatrizes. "Sim, eu vi que eles eram velhos."

Ela disse: "Ele era um freak velocidade, ok?"

Seu tom era hostil. Jeffrey reuniram ela havia sido stewing sobre isso desde que ele tinha deixado na casa de Nan Thomas. Então, isso fez duas coisas que ela tinha vergonha de, a homossexualidade de sua irmã e um problema de drogas no passado de seu tio. Jeffrey perguntou se havia alguma coisa na vida de Lena diferente de seu trabalho que deu Lena prazer.

"O que?" Lena exigiu.

"Nada", disse Jeffrey, de pé. Ele tirou o paletó fora do peg atrás de sua porta e conduziu Lena fora do escritório. "Você tem a lista?"

Ela parecia irritada que ele não queria castigá-la por hábito antigo fármaco de seu tio.

Ela entregou-lhe uma folha de papel de caderno. "Isto é o que Nan e eu vim com a noite passada. É uma lista de pessoas que trabalharam com Sibila, que poderia ter falado com ela antes que ela ..." Lena não terminou a frase.

Jeffrey olhou para baixo. Havia seis nomes. Um tinha uma estrela desenhada ao lado dele. Lena parecia antecipar sua pergunta.

Ela disse: "Richard Carter é o seu GTA. Graduate assistente de ensino. Ela tinha uma classe nove horas na escola. Além de Pete, ele é provavelmente a última pessoa que a viu viva."

"Esse nome soa familiar, por algum motivo", disse Jeffrey, escorregar em seu casaco. "Ele é o único aluno na lista?"

"Sim", respondeu Lena. "Além disso, ele é meio estranho."

"Significado?"

"Eu não sei." Ela encolheu os ombros. "Eu nunca gostei dele."

Jeffrey segurou a língua, pensando que Lena não gostava de um monte de gente. Isso não era uma boa razão para olhar para alguém por assassinato.

Ele disse: "Vamos começar com Carter em primeiro lugar, então vamos falar com o reitor." Na entrada, ele segurou a porta aberta para ela. "O prefeito vai ter um ataque cardíaco, se não

passar os protocolos adequados com os professores. Os alunos são jogo justo."

O Instituto Grant do campus da tecnologia consistia de um centro de estudante, quatro edifícios de sala de aula, o prédio administrativo e uma ala agrícola que havia sido doado por um fabricante de sementes muito grato. exuberantes jardins cercado a universidade de um lado, com o lago fazer o backup para o outro. moradia estudantil foi a uma curta distância de todos os edifícios e bicicletas foram o modo mais comum de transporte campus.

Jeffrey Lena seguido para o terceiro andar do edifício da ciência da sala de aula. Ela tinha obviamente encontrou assistente de sua irmã antes, porque o rosto de Richard Carter azedou quando reconheceu Lena na porta. Ele era um homem baixo, careca que usava pesados vidros pretos e um mal ajustadas jaleco sobre uma camisa amarela brilhante. Ele tinha aquele ar de retenção anal sobre ele que a maioria das pessoas da faculdade tinha. O Instituto de Tecnologia de Grant era uma escola para geeks, puro e simples. aulas de inglês eram obrigatórios, mas não exatamente difícil. A escola foi mais orientada para transformar patentes do que os homens e mulheres socialmente evoluídos. Esse foi o maior problema Jeffrey teve com a escola. A maioria dos professores e todos os alunos tiveram suas cabeças tão longe até seus burros não podiam ver o mundo na frente deles.

"Sibila era um cientista brilhante", Richard disse, inclinando-se um microscópio. Ele murmurou alguma coisa, então olhou de volta, dirigindo suas palavras para Lena. "Ela tinha uma memória incrível."

"Ela teve que", disse Lena, tirando seu caderno. Jeffrey não se perguntou pela primeira vez se ele deve deixar Lena andar junto com ele. Mais do que tudo, ele queria que ela sob os pés. Depois de ontem, ele não sabia se podia confiar nela para fazer o que ele lhe disse para fazer. Era melhor manter perto dela e segura do que deixá-la ir para fora por conta própria.

"Seu trabalho," Richard começou. "Eu não posso descrever como meticulosa ela era, quão exigente. É muito raro ver um alto padrão de atenção neste campo tão mais. Ela era meu mentor."

"Certo", disse Lena.

Richard deu-lhe um olhar de desaprovação de leite, perguntando: "Quando é o funeral?"

Lena pareceu surpreso com a pergunta. "Ela está sendo cremado", disse ela. "Isso é o que ela queria."

Richard apertou suas mãos na frente de sua barriga. O mesmo olhar de desaprovação estava em seu rosto. Era quase condescendente, mas não completamente. Por apenas um momento, Jeffrey pegou algo por trás de sua expressão. Richard virou-se, porém, e Jeffrey não tinha certeza se ele estava lendo muito para as coisas.

Lena começou: "Há uma vigília, eu acho que você chamá-lo, hoje à noite." Ela rabiscou em seu bloco, em seguida, rasgou a folha de fora. "É no Funeral Home de Brock na King Street às cinco."

Richard olhou para baixo o nariz para o papel antes de o dobrar ordenadamente em dois, em seguida, novamente, em seguida, colocando-a no bolso do jaleco. Ele cheirou, usando as costas de sua mão para limpar o nariz. Jeffrey não poderia dizer se ele teve um resfriado ou estava tentando não chorar.

Lena perguntou: "Então, estava lá ninguém estranho pendurado em torno do laboratório ou consultório Sibila?"

Richard balançou a cabeça. "Apenas os esquisitos habituais." Ele riu, em seguida, parou abruptamente. "Eu acho que não é totalmente apropriado."

"Não", disse Lena. "Não é."

Jeffrey pigarreou, chamando a atenção do jovem. "Quando foi a última vez que a viu, Richard?"

"Depois de sua aula da manhã", disse ele. "Ela não estava se sentindo bem. Acho que pegou frio." Ele tirou um lenço de papel, como se para apoiar esta. "Ela era uma pessoa maravilhosa. Eu realmente não posso te dizer como tinha sorte que ela me acolheu sob a sua."

"O que você fez depois que ela saiu da escola?" Jeffrey perguntou.

Ele encolheu os ombros. "Provavelmente foi para a biblioteca."

"Provavelmente?" Jeffrey perguntou, não gostando seu tom casual.

Richard parecia pegar em irritação de Jeffrey. "Eu estava na biblioteca," ele emendou. "Sibila me pediu para procurar algumas referências."

Lena assumiu, perguntando: "Havia alguém agindo de forma estranha ao seu redor? Talvez diminuïrem para mais do que o habitual?"

Richard balançou a cabeça de lado a lado novamente, seus lábios franzidos. "Não é verdade. Somos mais do que a meio do prazo. Sibila dá aulas de nível superior, então a maioria de seus alunos estão aqui há um par de anos, pelo menos."

"Não há novos rostos na multidão?" Jeffrey perguntou.

Novamente Richard sacudiu a cabeça. Ele lembrou Jeffrey de um desses cães que sacodem-se algumas pessoas colocam em seus painéis.

Richard disse: "Nós somos uma pequena comunidade aqui. Alguém agindo de forma estranha iria ficar fora."

Jeffrey estava prestes a fazer outra pergunta quando Kevin Blake, o decano da faculdade, entrou na sala. Ele não parecia feliz.

"Chief Tolliver", disse Blake. "Eu suponho que você está aqui sobre o aluno em falta."

Julia Matthews era um graduando júnior vinte e três anos de idade, na ciência física. Ela havia desaparecido há dois dias, de acordo com o seu companheiro de dormitório.

Jeffrey deu a volta dormitório da moça. Havia cartazes na parede com incentivando declarações sobre o sucesso e vitória. Na mesa de cabeceira havia uma fotografia da menina desaparecida em pé ao lado de um homem e uma mulher que estavam obviamente seus pais. Julia Matthews era uma garota atraente de uma maneira simples, saudável. Na fotografia, o cabelo escuro foi puxado para dentro tranças de cada lado da cabeça. Ela tinha um dente da frente snagged, mas fora isso, ela se parecia com a garota perfeita ao lado. Por uma questão de fato, ela parecia muito com Sibyl Adams.

"Eles estão fora da cidade," Jenny Price, as meninas desaparecidas dormitório companheiro, fornecido. Ela estava na porta torcendo as mãos, enquanto observava Jeffrey e Lena procure a sala.

Ela continuou. "É o seu vigésimo aniversário de casamento. Eles foram em um cruzeiro para as Bahamas."

"Ela é muito bonita", Lena disse, obviamente tentando acalmar a menina. Jeffrey Lena perguntou se notou a semelhança entre Julia Matthews e sua irmã. Ambos tinham a pele cor de oliva e cabelo escuro. Ambos olharam para ser aproximadamente a mesma idade, embora Sibila foi, de facto dez anos mais velho. Jeffrey sentiu desconfortável e definir a imagem para baixo quando ele percebeu que as duas mulheres se assemelhava a Lena também.

Lena voltou sua atenção para Jenny, perguntando: "Quando você começou a notar que ela estava faltando?"

"Quando voltei da aula de ontem, eu acho", respondeu Jenny. Uma ligeira vermelhidão veio a

suas bochechas. "Ela foi embora durante a noite antes, certo?"

"Claro", fornecido Lena.

"Pensei que ela estava com Ryan. Isso é seu antigo namorado?" Ela fez uma pausa. "Eles se separaram cerca de um mês atrás. Vi-os na biblioteca juntos um par de dias atrás, por volta das nove horas da noite. Foi a última vez que a vi."

Lena pegou no namorado, dizendo: "Ele está tentando muito estressante para ter um relacionamento quando você tem aulas e trabalho a fazer."

Jenny deu um sorriso fraco. "Sim. Ryan na escola agrícola. Sua carga de trabalho não é tão pesado como Julia." Ela revirou os olhos. "Contanto que suas plantas não morrem, ele recebe um A. Enquanto isso, estamos estudando a noite toda, tentando obter tempo de laboratório."

"Lembro-me de como era", disse Lena, embora ela nunca tinha sido para a faculdade. A maneira como as mentiras fáceis veio a ela tanto alarmado e impressionado Jeffrey. Ela foi uma das melhores entrevistadores que já tinha visto.

Jenny sorriu e os ombros relaxados. A mentira de Lena tinha feito o truque. "Você sabe como é, então. É difícil fazer o tempo para respirar, muito menos ter um namorado."

Lena perguntou: "Eles se separaram porque ela não teve tempo suficiente para ele?"

Jenny assentiu. "Ele é o primeiro namorado que nunca. Julia estava realmente chateado." Ela deu a Jeffrey um olhar nervoso. "Ela realmente caiu duro para ele, sabe? Ela estava doente, como, de tristeza, quando eles se separaram. Ela não teria sequer sair da cama."

Lena baixou a voz, como se a deixar Jeffrey fora. "Eu acho que quando você vê-los na biblioteca, eles não estavam exatamente estudando."

Jenny olhou para Jeffrey. "Não." Ela riu nervosamente.

Lena andou, bloqueando sua visão da menina. Jeffrey entendeu o recado.

Ele virou as costas para as duas mulheres, fingindo ter interesse em o conteúdo da mesa de Julia.

A voz de Lena caiu para um tom de conversação. "O que você pensa sobre Ryan?"

"Quer dizer, eu gosto dele?"

"Sim", respondeu Lena. "Quero dizer, não gosto de como ele. Quero dizer, ele parece ser um cara legal?"

A menina ficou em silêncio por um tempo. Jeffrey pegou um livro de ciência e folheou as páginas.

Finalmente, Jenny disse: "Bem, ele era meio egoísta, sabe? E ele não gostava quando ela não podia vê-lo."

"Tipo de controle?"

"Sim, eu acho", respondeu a moça. "Ela é a partir das varas, ok? Ryan tipo de tira proveito disso. Julia não sabe muito sobre o mundo. Ela acha que ele faz."

"Ele?"

"Deus, não." Jenny riu. "Quero dizer, ele não é uma má guy-"

"Claro que não."

"Ele é apenas ..." Ela fez uma pausa. "Ele não gosta para ela falar com outras pessoas, ok? Ele é, como, com medo de que ela vai ver que há melhores caras lá fora. Pelo menos, é o que eu penso. Tipo de sido abrigada toda a sua vida de Julia. ela não sabe que olhar para caras como esse. " Mais uma vez ela fez uma pausa. "Ele não é um cara mau, ele é apenas carente, sabe? Ele tem que saber onde ela vai, que ela vai ficar com, quando ela estará de volta. Ele não gosta que ela tem tempo para si mesma na todos."

A voz de Lena ainda estava baixa. "Ele nunca bateu nela, não é?"

"Não, não gosto disso." Mais uma vez a menina ficou em silêncio. Então, "Ele apenas gritou com ela muito. Às vezes, quando eu voltar do grupo de estudo, gostaria de ouvir na porta, sabe?"

"Sim", disse Lena. "Para ter a certeza."

"Certo," Jenny concordou, um riso nervoso escapar. "Bem, uma vez, ouvi-lo aqui e ele estava sendo tão má com ela. Basta dizer coisas desagradáveis."

"Nasty como o quê?"

"Como que ela era ruim", disse Jenny. "Como que ela estava indo para o inferno por ser tão ruim."

Lena tomou seu tempo fazer a próxima pergunta. "Ele é um cara religioso?"

Jenny fez um som de escárnio. "Quando é conveniente. Ele sabe que Julia é. Ela é realmente na igreja e tudo mais. Quer dizer, ela estava de volta para casa. Ela não vai muito aqui, mas ela está sempre falando sobre estar no coro e ser um bom cristão e que tipo de coisa."

"Mas Ryan não é religioso?"

"Só quando ele acha que pode trabalhar-la com alguma coisa. Como ele diz que é real religioso, mas ele tem todas as terras de piercings corporais, e ele está sempre vestindo preto e ele-" Ela parou de falar.

Lena baixou a voz. "O que?" ela perguntou, em seguida, ainda mais baixa. "Eu não vou contar a ninguém."

Jenny sussurrou algo, mas Jeffrey não poderia fazer o que ela estava dizendo.

"Oh," Lena disse, como se tivesse ouvido tudo. "Os caras são tão estúpidos."

Jenny riu. "Ela acreditou nele."

Lena riu com ela, então, perguntou: "O que Julia fazer isso era tão ruim, que você acha? Quero dizer, para obter Ryan virada para ela daquele jeito?"

"Nada", Jenny respondeu com veemência. "Isso é o que eu perguntei a ela mais tarde. Ela não quis me dizer. Ela apenas estava deitada na cama durante todo o dia, sem dizer nada."

"Isso foi na época eles se separaram?"

"Sim", Jenny confirmada. "No mês passado, como eu disse." Havia preocupação em sua voz quando ela perguntou: "Você não acha que ele tem alguma coisa a ver com ela ser em falta, não é?"

"Não", disse Lena. "Eu não me preocuparia com isso."

Jeffrey virou-se, perguntando: "Qual é o sobrenome de Ryan?"

"Gordon", fornecido a menina. "Você acha que Julia está em apuros?"

Jeffrey considerou a pergunta. Ele poderia dizer a ela para não se preocupar, mas que pode dar à menina uma falsa sensação de segurança. Ele se estabeleceu para, "eu não sei, Jenny. Nós vamos fazer tudo que pudermos para encontrá-la."

Uma rápida visita ao escritório do secretário revelou que Ryan Gordon era monitorar sala de estudo esta hora do dia. A ala agrícola foi nos limites do campus, e Jeffrey sentiu sua construção ansiedade com cada passo que davam em todo o campus. Ele sentiu a tensão proveniente de Lena também. Dois dias se passaram sem ligações sólidas. Eles poderiam muito bem estar prestes a conhecer o homem que havia matado Sibyl Adams.

Concedido, Jeffrey não estava preparado para ser o melhor amigo de Ryan Gordon, mas havia algo sobre a criança que deixou Jeffrey contra ele no momento em que se encontraram. Ele

tinha sua sobancelha e ambas as orelhas furadas, bem como um anel pendurado para fora do septo no meio do nariz. O anel parecia negro e duro, mais como algo que você iria colocar em um boi em vez de um nariz humano. A descrição de Jenny de Ryan Gordon não tinha sido gentil, mas em retrospectiva, Jeffrey pensou que tinha sido generosa. Ryan parecia suja. Seu rosto era uma mistura oleosa de acne e cicatrizes de cura. Seu cabelo parecia que não tinha sido lavado em dias. Seus jeans preto e camisa foram amarrotados. Havia um cheiro estranho vindo de cima dele.

Julia Matthews era, por todas as contas, uma jovem mulher muito atraente. Como alguém como Ryan Gordon tinha conseguido prender ela era um mistério para Jeffrey. Este disse muito sobre o tipo de garoto Gordon era, se ele conseguisse controlar alguém que poderia fazer muito claramente um inferno de muito melhor do que ele.

Jeffrey percebeu a parte tipo de Lena que tinha trabalhado anteriormente Jenny preço foi muito longe no momento em que chegou à sala de aula sala de estudos. Ela caminhou propositadamente para a sala, ignorando os olhares curiosos vindos de outros alunos, em sua maioria do sexo masculino, como ela foi direto para o garoto sentado atrás da mesa na frente da classe.

"Ryan Gordon?" ela perguntou, inclinando-se sobre a mesa. O casaco puxado para trás, e Jeffrey viu os olhos do garoto deu sua arma um olhar penetrante. Seus lábios ficaram pressionados em uma linha apertada, mal-humorado, embora, e quando ele respondeu, Jeffrey sentiu vontade de bater nele.

Gordon disse: "O que é isso para você, cadela?"

Jeffrey agarrou o menino pelo colarinho e duckwalked-lo para fora da sala. Mesmo quando ele fez isso, Jeffrey tinha certeza de que seria uma mensagem de raiva do prefeito antes que ele voltou para o escritório.

Fora da sala de estudo, ele empurrou Gordon na parede. Jeffrey tirou o lenço, limpando a gordura fora de sua mão. "Eles têm chuveiros em seu dormitório?" ele perguntou.

A voz de Gordon era tão chorão como Jeffrey esperava. "Esta é a brutalidade da polícia."

Para Jeffreys surpresa, Lena deu Gordon um tapa open-palmed.

Gordon esfregou o rosto, a boca voltada para baixo nos cantos. Ele parecia tamanho Lena up. Jeffrey encontrou o olhar que lhe deu quase cômico. Ryan Gordon era magro como um trilho, sobre a altura de Lena se não for o seu peso. Ela teve a atitude dele em espadas. Jeffrey não tinha dúvida de que Lena iria rasgar sua garganta aberta com os dentes nus se Gordon tentou empurrá-la.

Gordon pareceu entender isso. Ele assumiu uma postura passiva, com a voz um lamento por via nasal, talvez a partir do anel em seu nariz, que balançava quando ele falou. "O que você quer de mim, cara?"

Ele ergueu os braços defensivamente enquanto a mão de Lena estendeu a mão ao peito.

Ela disse: "Ponha as mãos para baixo, você bichano." Ela estendeu a mão em sua camisa e puxou a cruz pendurada em uma corrente em volta do pescoço.

"Nice colar", disse ela.

Jeffrey perguntou: "Onde você estava ontem à tarde?"

Gordon olhou de Lena para Jeffrey. "O que?"

"Onde você estava ontem à tarde?" Jeffrey repetiu.

"Eu não sei, cara", ele lamentou. "Sleeping, provavelmente." Ele cheirou, esfregando o nariz.

Jeffrey lutou contra a vontade de se encolher como a argola no nariz movido para trás e para

frente.

"Contra a parede", Lena ordenou, empurrando-o ao redor. Gordon começou a protestar, mas um olhar de Lena deteve. Ele abriu os braços e as pernas para fora, assumindo a posição. Lena deu um tapinha para baixo, perguntando: "Eu não vou encontrar agulhas, sou eu? Nada que poderia me machucar?"

Gordon gemeu, "Não", como ela enfiou a mão no bolso da frente.

Lena sorriu, puxando para fora um saco de pó branco. "Este não é o açúcar, não é?" ela perguntou Jeffrey.

Ele pegou o saco, surpresa que ela havia encontrado. Isso certamente explicaria a aparência de Gordon. Os viciados em drogas não eram os groomers mais conscientes do mundo. Pela primeira vez naquela manhã, Jeffrey estava contente por ter Lena ao redor. Ele nunca teria pensado para revistar o rapaz.

Gordon olhou por cima do ombro, olhando para o saco. "Estas não são minhas calças."

"Certo", Lena agarrou. Girando em torno Gordon, ela perguntou: "Quando foi a última vez que viu Julia Matthews?"

O rosto de Gordon registrou seus pensamentos. Ele obviamente sabia onde era líder. O pó foi o menor dos seus problemas. "Nós terminamos há um mês."

"Isso não responde a questão", disse Lena. Ela repetiu: "Quando foi a última vez que viu Julia Matthews?"

Gordon cruzou os braços na frente do peito. Jeffrey percebeu imediatamente que ele tinha maltratado essa coisa toda. Nervos e emoção tinha conseguido o melhor dele. Em sua mente, Jeffrey disse as palavras que Gordon falou em voz alta.

"Eu quero falar com um advogado."

Jeffrey apoiou os pés sobre a mesa na frente de sua cadeira. Eles estavam na sala de entrevista, esperando por Ryan Gordon a ser processado. Infelizmente, Gordon tinha mantido sua boca fechada apertado do que uma armadilha de aço a partir do minuto Lena ler os direitos dele. Felizmente, Gordons companheiro de quarto na dormitórios tinha sido mais do que feliz para permitir uma pesquisa. Este tinha rendido nada mais suspeito do que um pacote de mortalhas e um espelho com uma lâmina de barbear deitada em cima dele. Jeffrey não tinha certeza, mas a julgar pelo colega de quarto, a parafernália de drogas poderia ter pertencido a qualquer rapaz. Uma pesquisa do laboratório onde Gordon trabalhou ainda não adicionou nenhum pistas adicionais para a panela. O melhor cenário era Julia Matthews tinha percebido o que um retardado seu namorado era e dividida.

"Nós fodido", disse Jeffrey, descansando a mão sobre uma cópia do Grant County Observer. Lena assentiu. "Sim."

Ele respirou fundo e deixá-lo ir. "Suponho que um garoto como isso teria lawyered acima de qualquer maneira."

"Eu não sei", respondeu Lena. "Talvez ele assiste muita TV."

Jeffrey deveria ter esperado por isso. Qualquer idiota com uma televisão sabia que pedir para um advogado quando os policiais apareceram em sua porta.

"Eu poderia ter sido um pouco mais suave", ela respondeu. "Obviamente, se ele é o nosso cara, ele não seria exatamente feliz por ter uma mulher empurrando-o ao redor." Ela deu uma risada sem humor. "Especialmente eu, olhando como ela."

"Talvez isso vai funcionar alguns em nosso favor", ele ofereceu. "Que tal eu deixar dois sozinhos aqui enquanto esperamos para Buddy Conford?"

"Ele tem amigos?" Lena perguntou, seu tom indicando seu desagrado. Havia um punhado de advogados em Grant que tomaram no trabalho defensor público para uma taxa reduzida. De todos eles, Buddy Conford foi o mais tenaz.

"Ele é sobre a rotação este mês", disse Jeffrey. "Você acha que Gordon é estúpido o suficiente para falar?"

"Ele nunca foi preso antes. Ele não me parece particularmente esclarecido."

Jeffrey ficou em silêncio, esperando que ela continuasse.

"Ele está provavelmente muito chateado comigo para esbofeteá-lo", ela disse, e ele podia vê-la trabalhando uma abordagem em sua mente. "Por que você não me ajudar a configurá-lo? Diga-me para não falar com ele."

Jeffrey assentiu. "Pode funcionar."

"Não poderia machucar."

Jeffrey ficou em silêncio, olhando para a mesa. Finalmente, ele bateu com o dedo na primeira página do papel. Um retrato de Sibyl Adams tomou a maior parte do espaço acima da dobra.

"Eu acho que você viu isso?"

Ela assentiu com a cabeça, sem olhar para a foto.

Jeffrey virou o papel. "Não quer dizer que ela foi estuprada, mas eles dica para ela. Eu disse a eles que estava batido, mas ela não estava."

"Eu sei", ela murmurou. "Eu leio."

"Frank e os caras", Jeffrey começou, eles não encontraram nada de sólido a partir da lista agressor conhecido. Havia um par Frank queria olhar sério, mas nada garimpou para fora. Ambos tinham álibis."

Lena olhou para suas mãos.

Jeffrey disse: "Você pode deixar depois disso. Eu sei que você provavelmente precisará obter algumas coisas em conjunto para esta noite."

Sua aquiescência surpreendeu. "Obrigado."

Alguém bateu na porta, em seguida, Brad Stephens enfiou a cabeça. "Eu tenho a sua cara aqui fora."

Jeffrey levantou-se, poupando, "Traga-o."

Ryan Gordon parecia ainda mais fraco no jailhouse jumper de laranja do que ele tinha em sua calça jeans preta e camisa. Seus pés embaralhados nos chinelos laranja correspondentes, e seu cabelo ainda estava molhado da mangueira para baixo Jeffrey tinha encomendado.

Gordons mãos estavam algemadas atrás das costas, e Brad entregou Jeffrey a chave antes de sair.

"Onde está o meu advogado?" Gordon exigiu.

"Ele deveria estar aqui em cerca de quinze minutos," Jeffrey respondeu, empurrando o garoto para baixo em uma cadeira. Ele destrancou as algemas, mas antes que Gordon poderia mover os braços que o tinha algemado de volta através dos degraus da cadeira.

"Isso é muito apertado," Gordon choramingou, empurrando seu peito para fora para exagerar o seu desconforto. Ele puxou a cadeira, mas as mãos dele ficou apertado atrás dele.

"Viva com isso", Jeffrey murmurou, então disse a Lena, "Eu vou te deixar aqui com ele. Não o deixe dizer qualquer coisa off-the-record, está me ouvindo?"

Lena baixou os olhos. "Sim senhor."

"Quero dizer que, Detetive." Deu-lhe o que esperava ser um olhar severo, em seguida, saiu da sala. Jeffrey levou o lado para baixo, entrar na sala de observação. Ele ficou com os braços

cruzados, assistindo Gordon e Lena através do one-way de vidro.

A sala de entrevista foi relativamente pequeno com blocos de cimento pintados para as paredes. Uma tabela foi aparafusado ao centro do chão com três cadeiras, distribuídos em torno dele. Dois de um lado, uma sobre a outra. Jeffrey observou Lena pegar o jornal. Ela apoiou os pés em cima da mesa, inclinando-se na cadeira um pouco para trás quando ela abriu a Grant County Observer para uma página interna. Jeffrey ouviu o alto-falante ao lado dele estalar quando ela dobrou o papel ao longo da costura.

Gordon disse: "Eu quero um pouco de água."

"Não fale," Lena ordenou, sua voz tão baixa Jeffrey teve que virar-se o alto-falante na parede para ouvi-la.

"Por quê? Você vai ficar em apuros?"

Lena manteve seu nariz no papel.

"Você deve ficar em apuros", disse Gordon, inclinando-se tanto quanto podia na cadeira. "Eu vou dizer ao meu advogado que você me deu um tapa."

Lena soltou uma risada. "O que você pesa, um cinqüenta? Você é cerca de cinco seis?" Ela colocou o papel para baixo, dando-lhe uma expressão suave, inocente. Sua voz era aguda e feminina. "Eu nunca teria atingido um suspeito sob custódia, meritíssimo. Ele é tão grande e forte, eu estaria com medo pela minha vida."

Os olhos de Gordon se estreitaram. "Você acha que é muito engraçado."

"Sim", disse Lena, retornando para o papel. "Eu realmente fazer."

Gordon levou um ou dois minutos para reconfigurar sua abordagem. Ele apontou para o jornal.

"Você é que a irmã de dique."

A voz de Lena ainda estava claro, embora Jeffrey sabia que ela deve ter queria passar por cima da mesa e matá-lo. Ela disse: "É isso mesmo."

"Ela foi morta", disse ele. "Todo mundo no campus sabia que ela era um dique."

"Ela certamente foi."

Gordon lambeu os lábios. "Dyke caralho."

"Sim." Lena virou a página, olhando como se ela estava entediada.

"Dyke," ele repetiu. "Licker clitoris caralho." Ele fez uma pausa, esperando uma reação, obviamente irritada que não havia nenhuma. Ele disse, "Gash moedor."

Lena deu um suspiro entediado. "Bushwhacker, come no Y, disca O em pouco telefone rosa de sua amiga." Ela fez uma pausa, olhando para ele sobre o papel, perguntando: "Deixando qualquer fora?"

Enquanto Jeffrey sentiu uma apreciação para a técnica de Lena, ele disse uma pequena oração de agradecimento que ela não havia escolhido uma vida de crime.

Gordon disse: "Isso é o que você me tem aqui, certo? Você acha que eu a estuprou?"

Lena manteve o papel para cima, mas Jeffrey sabia que seu batimento cardíaco estava provavelmente vai tão rápido quanto o dele. Gordon poderia estar adivinhando, ou ele poderia estar procurando uma maneira de confessar.

Lena perguntou: "Você a estuprou?"

"Talvez", disse Gordon. Ele começou a balançar a cadeira para trás e para a frente, como um pouco de atenção menino desejo. "Talvez eu peguei ela. Você quer saber sobre isso?"

"Claro", disse Lena. Ela colocou o papel para baixo, cruzando os braços. "Por que você não me contar tudo?"

Gordon se inclinou para ela. "Ela estava no banheiro, certo?"

"Diz-me tu."

"Ela estava lavando as mãos, e eu fui e peguei ela até a bunda. Ela gostou tanto que ela morreu no local."

Lena deu um suspiro pesado. "Isso é o melhor que você pode fazer?"

Ele parecia insultado. "Não."

"Por que você não me diga o que você fez para Julia Matthews?"

Ele sentou-se na cadeira, apoiando-se em suas mãos. "Eu não fiz nada para ela."

"Onde ela está, então?"

Ele encolheu os ombros. "Provavelmente morto."

"Por que você diz isso?"

Ele se inclinou para frente, o peito pressionado na tabela. "Ela tentou se matar antes."

Lena não saltar uma batida. "Sim, eu sei. Cortar os pulsos."

"Está certo." Gordon assentiu, embora Jeffrey podia ver a surpresa em seu rosto. Jeffrey foi surpreendido, também, embora faz todo o sentido. As mulheres eram muito mais propensas a escolher cortando seus pulsos ao longo dos muitos outros métodos de suicídio. Lena tinha feito uma suposição calculada.

Lena resumiu: "Ela cortou os pulsos no mês passado."

Ele inclinou a cabeça, dando-lhe um olhar estranho. "Como você sabe disso?"

Lena suspirou de novo, pegando o papel de volta para cima. Abriu-a com um estalo, em seguida, começou a ler.

Gordon começou a balançar a cadeira para trás e para a frente novamente.

Lena não olhou para cima do papel. "Onde ela está, Ryan?"

"Eu não sei."

"Você a estuprou?"

"Eu não tenho que estuprá-la. Ela era um cachorrinho de maldição."

"Você deixá-la ir para baixo em você?"

"Está certo."

"Que a única maneira que você poderia obtê-lo, Ryan?"

"Merda." Ele caiu da cadeira. "Você não deveria estar falando para mim mesmo."

"Por quê?"

"Porque isso é off-the-record. Eu posso dizer qualquer coisa que eu quero e que não importa."

"O que você quer dizer?"

Seus lábios tremeram. Ele se inclinou mais longe. Da perspectiva de Jeffrey, ele pensou que, com as mãos de Gordon algemadas atrás dele, o garoto quase parecia amarrada-porco.

Gordon sussurrou: "Talvez eu quero falar sobre a sua irmã um pouco mais."

Lena ignorou.

"Talvez eu queira falar sobre como eu bater até a morte."

"Você não parece o tipo de cara que sabe como usar um martelo."

Ele pareceu surpreso com isso. "Eu sou", assegurou ele. "Eu bati na cabeça dela, então eu peguei ela com o martelo."

Lena dobrou o papel para uma nova página. "Onde você deixou o martelo?"

Ele olhou presunçoso. "Você não gostaria de saber?"

"O que foi Julia até, Ryan?" Lena perguntou casualmente. "Ela trepando em você? Talvez ela encontrou um homem real."

"Foda-se, cadela," Gordon estalou. "Eu sou um homem real."

"Certo."

"Tire essas algemas e eu vou lhe mostrar."

"Aposto que você vai", disse Lena, seu tom indicando que ela não era no mínimo pouco ameaçou. "Por que ela correr em você?"

"Ela não fez", disse ele. "Essa cadela Jenny Preço te disse isso? Ela não sabe nada sobre isso."

"Sobre como Julia queria deixá-lo? Sobre como você seguiu o tempo todo, não iria deixá-la sozinha?"

"É disso que se trata?" Gordon perguntou. "Foi por isso que tenho me assustando acorrentado?"

"Temos que você acorrentado para o coque no seu bolso."

Ele bufou. "Ele não era meu."

"Não suas calças, certo?"

Ele bateu com o peito na mesa, seu rosto uma máscara de raiva. "Escute, Bitch"

Lena estava na frente dele, inclinando-se sobre a mesa, o rosto em seu. "Onde ela está?"

Spit veio de sua boca. "Foda-se."

Em um movimento rápido, Lena pegou o anel pendurado para baixo de seu nariz.

"Ow, merda," Gordon gritou quando ele se inclinou, seu peito batendo na mesa, os braços apontando para cima atrás das costas. "Socorro!" ele gritou. O vidro na frente de Jeffrey sacudiu do barulho.

Lena sussurrou: "Onde ela está?"

"Eu a vi um par de dias atrás", ele conseguiu com os dentes cerrados. "Jesus, por favor, deixar ir."

"Onde ela está?"

"Eu não sei", ele gritou. "Por favor, eu não sei! Você vai retirá-la."

Lena lançou o anel, limpando a mão em suas calças. "Você pouco twit estúpido."

Ryan balançou seu nariz, provavelmente, ter certeza que ele ainda estava lá. "Você me machucar", ele lamentou. "Isso dói."

"Você quer que eu te machucar um pouco mais?" Lena oferecido, descansando a mão em sua arma.

Gordon enfiou a cabeça em seu peito, murmurando, "Ela tentou se matar porque eu deixei ela. Ela me amava tanto assim."

"Eu acho que ela não tem a menor idéia", Lena respondeu. "Eu acho que ela era muito bonita, fresco fora do caminhão e você se aproveitou dela." Ela levantou-se, apoiando-se no meio do caminho sobre a mesa. "Além do mais, eu não acho que você tem as bolas para matar uma mosca, quanto mais uma pessoa viva, e se eu nunca" -Lena bateu as mãos na mesa, sua raiva explodindo como um grenade- "se eu nunca ouvi você diz alguma coisa sobre minha irmã, Ryan, qualquer coisa, eu vou matar você. Confie em mim, eu sei que eu tenho em mim. Eu não tenho dúvida de que por um segundo. "

A boca de Gordon mudou-se sem palavras.

Jeffrey estava tão absorto na entrevista que ele não percebeu a batida na porta.

"Jeffrey?" Maria disse, cutucando a cabeça para a sala de observação. "Temos uma situação no lugar de Will Harris."

"Will Harris?" Jeffrey perguntou, pensando que era o último nome que ele esperava ouvir hoje.

"O que aconteceu?"

Maria entrou no quarto, baixando a voz. "Alguém jogou uma pedra na janela da frente de sua casa."

Frank Wallace e Matt Hogan estavam de pé no gramado da frente de Will Harris quando Jeffrey puxado para cima. Ele perguntou quanto tempo eles tinham estado lá. Perguntou-se, também, se eles sabiam quem tinha feito isso. Matt Hogan não teve escrúpulos em esconder seus preconceitos. Frank, por outro lado, Jeffrey não tinha certeza sobre. O que ele sabia foi Frank tinha sido em na entrevista de Pete Wayne ontem. Jeffrey sentiu seu construir a tensão, enquanto estacionava o carro. Ele não gostava de estar em uma posição onde não podia confiar em seus próprios homens.

"O que diabos aconteceu?" Jeffrey perguntou, saindo do carro. "Quem fez isto?"

Frank disse: "Ele chegou em casa cerca de meia hora atrás. Disse que ele estava trabalhando na antiga casa de Miss Betty, arejar seu quintal. Chegou em casa e vi isso."

"Foi um rock?"

"Brick, na verdade", disse Frank. "O mesmo tipo que você vê em toda parte. Tinha uma nota em torno dele."

"O que ele disse?"

Frank olhou para o chão, em seguida, fazer backup. "A vontade de consegui-lo."

Jeffrey olhou para a janela de imagem, que tinha um grande buraco no meio. As duas janelas de cada lado foram intocada, mas o vidro no centro custaria uma pequena fortuna para substituir. "Onde ele está?" Jeffrey perguntou.

Matt acenou com a cabeça em direção à porta da frente. Ele tinha o mesmo olhar complacente Jeffrey tinha visto em Ryan Gordon há poucos minutos.

Matt disse, "Na casa."

Jeffrey começou a caminhar para a porta, então parou. Ele pegou a sua carteira e tirou uma nota de vinte. "Vai comprar alguma madeira compensada", disse ele. "Trazê-lo de volta para cá o mais depressa possível."

Matt conjunto mandíbula, mas Jeffrey nivelou-o com um olhar duro. "Você tem algo que você quer dizer para mim, Matt?"

Frank interrompeu: "Vamos ver se podemos obter algum vidro em ordem enquanto nós estamos lá."

"Sim", Matt resmungou, caminhando em direção ao carro.

Frank começou a seguir, mas Jeffrey parou. Ele perguntou: "Você tem alguma ideia de quem possa ter feito isso?"

Frank olhou para seus pés por alguns segundos. "Matt estava comigo durante toda a manhã, se é isso que você quer chegar."

"Isso foi."

Frank olhou para cima. "Eu vou te dizer que, Chefe, eu descobrir quem fez, eu vou cuidar disso."

Ele não esperou em torno de opinião de Jeffrey sobre este assunto. Ele se virou, voltando para o carro de Matt. Jeffrey esperava por eles para expulsar antes de caminhar até a unidade para a casa de Will Harris.

Jeffrey deu a porta de tela uma batida suave antes de deixar-se em. Will Harris estava sentado em sua cadeira, um copo de chá gelado ao lado dele. Ele se levantou quando Jeffrey entrou na sala.

"Eu não tive a intenção de trazê-lo para cá", disse Will. "Eu estava apenas relatando-a. Meu

vizinho me pegou um pouco de medo."

"Qual?" Jeffrey perguntou.

"Mrs. Barr do outro lado." Ele apontou para a janela. "Ela é uma mulher mais velha, assusta fácil real. Ela disse que não viu nada. Seu pessoal já perguntou a ela." Ele voltou para sua cadeira e pegou um pedaço de papel branco, que ele se ofereceu para Jeffrey. "Eu fiquei meio assustado, também, quando eu vi isso."

Jeffrey pegou o papel, degustação bile no fundo de sua garganta enquanto lia as palavras ameaçadoras digitados na folha de papel branco. A nota disse: "Olhe sua parte traseira, nigger".

Jeffrey dobrou o papel, colocando-a no bolso. Ele colocou as mãos nos quadris, olhando ao redor da sala. "Nice lugar que você tem aqui."

"Obrigado," Será devolvido.

Jeffrey virou-se para as janelas da frente. Ele não tinha um bom pressentimento sobre isso. A vida de Will Harris estava em perigo, simplesmente porque Jeffrey tinha falado com ele no outro dia. Ele perguntou: "Você se importa se eu dormir no seu sofá esta noite?"

Será que parecia surpreso. "Você acha que isso é necessário?"

Jeffrey deu de ombros. "É melhor prevenir do que remediar, você não acha?"

Capítulo Doze

LENA sentou-se à mesa da cozinha em sua casa, olhando para os saleiros e pimenteiros. Ela tentou obter sua cabeça em torno do que tinha acontecido hoje. Ela estava certa de que Ryan Gordons único crime foi ser um idiota. Se Julia Matthews era inteligente, ela volta para casa ou estava mentindo baixo por um tempo, provavelmente tentando ficar longe de seu namorado. Isso deixou a razão Jeffrey e Lena tinha ido para o bem abertos faculdade. Ainda não havia suspeitos para o assassinato de sua irmã.

A cada minuto que passava, a cada hora que passava sem liderança sólida no sentido de encontrar o homem que matou sua irmã, Lena sentiu-se cada vez mais irritado. Sibila sempre tinha avisado Lena que a raiva era uma coisa perigosa, que deve permitir que outras emoções para passar. Neste momento, Lena não podia imaginar-se nunca ser feliz outra vez, ou mesmo triste. Ela foi anestesiada pela perda e raiva era a única coisa que a fez sentir como se ela ainda estava viva. Ela estava abraçando sua raiva, deixando-a crescer dentro dela como um câncer, de modo que ela não se decompõem-se em uma criança impotente. Ela precisava de sua raiva para levá-la por isso. Depois o assassino de Sibila foi capturado, depois de Julia Matthews foi encontrado, Lena se permitiria chorar.

"Sibby." Lena suspirou, colocando as mãos sobre os olhos. Mesmo durante a entrevista com Gordon, imagens de Sibila tinha começado a se infiltrar na mente de Lena. O mais difícil ela lutou-los, mais forte eles eram.

Eles vieram em flashes, essas memórias. Um minuto, ela estava sentada em frente Gordon, ouvir a sua postura patética, no outro ela tinha doze anos, na praia, levando Sibila até o oceano para que eles pudessem jogar na água. Logo no início após o acidente que tinha cegado Sibila, Lena havia se tornado olhos de sua irmã; através de Lena, Sibila foi avistado novamente. Para este dia, Lena pensou este truque foi o que ela fez um bom detetive. Ela prestou atenção aos detalhes. Ela escutou seu instinto. Agora, seu intestino estava dizendo a ela mais tempo concentrando-se em Gordon foi desperdiçado.

"Hey lá", disse Hank, tomando uma Coca-Cola da geladeira. Ele ergueu uma garrafa de Lena, mas ela balançou a cabeça.

Lena perguntou: "Onde é que aqueles que vem?"

"Eu fui à loja", disse ele. "Como foi hoje?"

Lena não respondeu sua pergunta. "Por que você ir até a loja?"

"Você não tem nada para comer", disse ele. "Estou surpreso que você não desperdiçou distância."

"Eu não preciso de você para ir até a loja para mim", Lena respondeu. "Quando você vai voltar para Reece?"

Ele parecia aflito por sua causa. "Em um par de dias, eu acho. Eu posso ficar com Nan, se você não me quer aqui."

"Você pode ficar aqui."

"Não é nenhum problema, Lee. Ela já é oferecido seu sofá."

"Você não precisa ficar com ela," Lena agarrou. "Ok? Apenas soltá-lo. Se ele é apenas alguns dias, isso é bom."

"Eu poderia ficar em um hotel."

"Hank", Lena disse, consciente de sua voz era mais alto do que precisava ser. "Apenas soltá-lo, ok? Eu tive um dia muito difícil."

Hank brincava com sua garrafa de Coca-Cola. "Quer falar sobre isso?"

Lena reprimiu o "Não com você" que estava na ponta da língua. "Não", disse ela.

Ele tomou um gole de Coca-Cola, olhando em algum lugar por cima do ombro.

"Não há ligações", disse Lena. "Para além da lista." Hank olhar intrigado, e ela explicou, "Nós temos esta lista de todo mundo que se mudou para Grant nos últimos seis anos que é um predador sexual."

"Eles mantêm uma lista de que?"

"Graças a Deus que eles fazem", disse Lena, dirigindo fora quaisquer argumentos de liberdades civis que queria começar. Como um ex-viciado, Hank tendem a lado com a privacidade pessoal sobre o senso comum. Lena não estava com disposição para uma discussão sobre como ex-presidiários tinha pago as suas dívidas.

"Então," Hank disse, "você tem essa lista?"

"Nós listas todos temos", Lena esclarecida. "Estamos batendo nas portas, tentando ver se alguém combina."

"Para?"

Ela olhou para ele, tentando decidir se deve ou não continuar. "Alguém com uma agressão sexual violenta em seu fundo. Alguém que é branco, entre as idades de vinte e oito e trinta e cinco. Alguém que pensa de si mesmo como uma pessoa religiosa. Alguém que pode ter visto Sibila ao redor. Quem atacou a conhecia rotinas, assim que esta pessoa tinha que ser alguém que a conhecia de vista ou de passagem."

"Isso soa como uma margem muito estreita."

"Há quase uma centena de pessoas na lista."

Ele deu um assobio baixo. "Em Grant?" Ele balançou a cabeça de lado a lado, não muito comprar este.

"Isso é apenas nos últimos seis anos, Hank. Acho que se passar por estes sem encontrar ninguém, vamos voltar ainda mais. Talvez dez ou quinze anos."

Hank empurrou o cabelo para trás da testa, dando Lena uma boa olhada em seus antebraços.

Ela apontou para seus braços nus. "Eu quero que você mantenha seu casaco hoje à noite." Hank olhou para as antigas marcas de faixa. "Se você quer que eu, tudo bem."

"Cops estará lá. Amigos meus. As pessoas com quem trabalho. Eles vêem essas faixas e eles vão saber."

Ele olhou para seus braços. "Eu não acho que você tem que ser um policial para saber o que estes são."

"Não me constranger, Hank. É ruim o suficiente que eu tinha que dizer ao meu chefe que você é um viciado."

"Me desculpe por isso."

"Sim, bem", disse Lena, não sabendo mais o que oferecer. Sentiu-se tentada a olhar-lo mais, para escolher até que ele explodiu e ela tem uma boa luta fora dele.

Em vez disso, ela virou-se em sua cadeira, olhando para longe dele. "Eu não estou no clima para um coração-de-coração".

"Bem, eu sinto muito em ouvir isso", disse Hank, mas ele não se levantou. "Nós precisamos conversar sobre o que fazer com as cinzas de sua irmã."

Lena levantou a mão para detê-lo. "Eu não posso fazer isso agora."

"Eu estive conversando com Nan -"

Ela o interrompeu. "Eu não ligo para o que Nan tem a dizer sobre isso."

"Ela era seu amante, Lee. Eles tinham uma vida juntos."

"Então nós fizemos," Lena agarrou. "Ela foi minha irmã, Hank. Pelo amor de Deus, eu não vou deixar Nan Thomas tê-la."

"Nan parece ser uma boa pessoa real."

"Eu tenho certeza que ela é."

Hank brincava com a garrafa. "Nós não podemos deixá-la sair dessa só porque você está desconfortável com isso, Lee". Ele fez uma pausa e, em seguida, "Eles estavam no amor uns com os outros. Eu não sei por que você tem um problema em aceitar isso."

"Aceitando-lo?" Lena riu. "Como eu não poderia aceitá-lo? Eles viviam juntos. Eles levaram férias juntos." Lembrou-se de comentário anterior de Gordon. "Evidentemente toda a porra da faculdade sabia sobre isso", disse ela. "Não é como se eu tivesse uma escolha."

Hank sentou-se com um suspiro. "Eu não sei, baby. Você estava com ciúmes dela?"

Lena inclinou a cabeça. "De quem?"

"Nan".

Ela riu. "Isso é a coisa mais estúpida que eu já ouvi você dizer." Ela acrescentou: "E ambos sabemos que eu ouvi você dizer alguma merda realmente estúpido."

Hank deu de ombros. "Você teve Sibby a si mesmo por um longo tempo. Eu posso ver onde sua outra reunião, se envolver com alguém, pode tornar difícil para ela estar lá para você."

Lena sentiu a boca aberta em estado de choque. A luta que ela estava esperando segundos atrás estava agora explodir em seu rosto. "Você acha que eu estava com ciúmes de Nan Thomas, porque ela estava transando com minha irmã?"

Ele se encolheu com as palavras dela. "Você acha que isso é tudo o que eles estavam prestes?"

"Eu não sei o que eles estavam prestes, Hank", disse Lena. "Nós não falamos sobre essa parte de sua vida, ok?"

"Eu sei disso."

"Então por que você levá-la?"

Ele não respondeu. "Você não é o único que perdeu."

"Quando você ouvir-me dizer que eu era?" Lena estalou, em pé.

"Parece apenas que maneira", disse Hank. "Ouça, Lee, talvez você precisa falar com alguém sobre isso."

"Eu estou falando com você sobre isso agora."

"Eu não." Hank fez uma careta. "E sobre aquele rapaz que estava vendo? Ele ainda está aí?"

Ela riu. "Greg e eu nos separamos há um ano, e mesmo que não tivesse, eu não acho que eu estaria chorando em seu ombro."

"Eu não disse que você seria."

"Boa."

"Eu te conheço melhor do que isso."

"Você não sabe porra nenhuma sobre mim", ela retrucou. Lena saiu da sala, com os punhos cerrados como ela tomou os passos no andar de cima dois de cada vez, batendo a porta do quarto atrás dela.

Seu armário estava cheio principalmente com os ternos e calças, mas Lena encontrou um vestido preto escondido na parte de trás. Ela tirou a tábua de passar, dando um passo para trás, mas não a tempo de perder o ferro deslizar fora da prateleira e esmagamento em seu dedo do pé.

"Droga," Lena assobiou, agarrando-lhe o pé. Ela se sentou na cama, esfregando os dedos dos pés. Este era culpa de Hank, ficando ela trabalhou-se desta forma. Ele estava sempre fazendo esse tipo de coisa, sempre empurrando suas filosofias AA nada sobre encerramento e partilha sobre Lena. Se ele queria viver sua vida dessa maneira, se ele precisava para viver sua vida dessa maneira para que ele não acabam atirando-se cheia de droga ou beber-se à morte, que estava bem, mas ele não tinha direito de tentar empurrar que para Lena.

Quanto ao seu diagnóstico poltrona de Lena ter ciúmes de Nan, que foi a apenas ridículo. toda a sua vida, Lena tinha trabalhado para ajudar a Sibila tornar-se independente. Foi Lena que tinha lido relatórios em voz alta para que Sibila não tem que esperar para traduções em Braille. Foi Lena que ouviu Sibila praticar seus exames orais e Lena que ajudaram a Sibila com experimentos. Tudo o que tinha sido por Sibila, para ajudá-la a sair por conta própria, para conseguir um emprego, para fazer uma vida para si mesma.

Lena abriu a tábua de passar e colocou o vestido sobre ela. Ela alisou o material, lembrando-se da última vez que ela tinha usado esse vestido. Sibila tinha pedido Lena para levá-la para uma festa da faculdade na faculdade. Lena ficou surpresa, mas concordou em ir. Havia uma linha clara entre as pessoas da faculdade e pessoal da cidade, e ela se sentiu desconfortável nessa multidão, cercado por pessoas que tinham concluído não só a faculdade mas também passaram a obter graus mais elevados. Lena não era um caipira, mas lembrou-se sentir como se ela fora preso como um polegar dorido.

Cumaeon, por outro lado, tinha sido no seu elemento. Lena conseguia se lembrar de vê-la no centro de uma multidão, falando a um grupo de professores que pareciam estar realmente interessado no que ela estava dizendo. Ninguém estava olhando para ela a maneira como as pessoas faziam quando as meninas estavam crescendo. Ninguém estava tirando sarro dela ou fazer comentários sarcásticos sobre o fato de que ela não podia ver. Pela primeira vez em sua vida, Lena tinha percebido que Sibila não precisava dela.

Nan Thomas não tinha nada a ver com essa revelação. Hank estava errado sobre isso. Sybil tinha sido independente de um dia. Ela sabia como cuidar de si mesma. Ela sabia como se

locomover. Ela pode ter sido cego, mas em alguns aspectos, ela foi avistado. Em alguns aspectos, Sibila podia ler as pessoas melhores do que alguém que podia ver, porque ela ouviu o que eles estavam dizendo. Ela ouviu a mudança de cadência em suas vozes quando eles estavam mentindo ou o tremor quando eles ficaram chateados. Ela tinha entendido Lena como ninguém em sua vida.

Hank bateu à porta. "Lee?"

Lena limpou o nariz, percebendo que ela estava chorando. Ela não abriu a porta. "O que?"

Sua voz era abafada, mas ela podia ouvi-lo alto e claro. Ele disse: "Me desculpe, eu disse que, querida."

Lena respirou fundo, em seguida, deixá-lo ir. "Está bem."

"Estou preocupado com você."

"Eu estou bem", disse Lena, ligar o ferro. "Dê-me dez minutos e eu vou estar pronto para ir."

Ela viu a porta, viu a maçaneta virar ligeiramente, em seguida, vire para trás, foi liberado. Ela ouviu seus passos enquanto caminhava pelo corredor.

O Brock Funeral Home foi embalado às brânquias com amigos e colegas de Sibyl. Após dez minutos de apertando as mãos e aceitar condolências de pessoas que ela nunca tinha conhecido em sua vida, Lena tinha um nó apertado desenvolvendo em seu estômago. Ela sentia como se fosse explodir de ficar parado por muito tempo. Ela não queria estar aqui, compartilhando a sua dor com estranhos. O quarto parecia estar se fechando sobre ela, e embora o ar-condicionado foi baixo o suficiente para manter algumas pessoas em seus casacos, Lena estava suando.

"Hey", disse Frank, colocando seu cotovelo na mão.

Lena ficou surpreso com o gesto, mas não se afastou. Ela sentiu sobrecarregado com alívio falar com alguém familiar.

"Você ouve o que aconteceu?" Frank perguntou, lançando Hank um olhar para os lados. Lena sentiu um rubor de vergonha com o olhar, sabendo que Frank tinha atrelado seu tio para um punk. Cops podia sentir o cheiro de uma milha de distância.

"Não", disse Lena, acompanhando Frank ao lado da sala.

"Will Harris," ele começou em um tom baixo. "Alguém jogou uma pedra através de sua janela da frente."

"Por quê?" Lena perguntou, já adivinhando a resposta.

Frank deu de ombros. "Eu não sei." Ele olhou por cima do ombro. "Quero dizer, Matt." Mais uma vez o encolher de ombros veio. "Ele estava comigo o dia todo. Eu não sei."

Lena puxou-o para o corredor para que eles não teriam de sussurrar. "Você acha que Matt fez algo?"

"Matt ou Pete Wayne", disse ele. "Quero dizer, eles são os únicos dois que eu posso pensar."

"Talvez alguém na loja?"

Frank cerdas, como ela sabia que ele faria. Ela poderia muito bem ter acusado o papa de brincar com uma criança de dez anos de idade.

Lena perguntou: "E quanto a Brad?"

Frank deu-lhe um olhar.

"Sim", disse Lena. "Eu sei o que você quer dizer." Ela não podia dizer, sem sombra de dúvida de que Brad Stephens pode não gostar Will Harris, mas ela sabia que Brad cortaria seu próprio braço antes que ele quebrou a lei. Uma vez que Brad tinha recuado três milhas apenas para pegar um pouco de lixo que tinha explodido acidentalmente para fora da janela de seu carro.

"Eu estava pensando em falar com Pete mais tarde", disse Frank.

Sem pensar, Lena verificou o tempo. Foi um pouco depois das cinco e meia. Pete provavelmente seria casa.

"Podemos levar o seu carro?" perguntou ela, pensando que ela pudesse sair dela por Hank para levar para casa.

Frank olhou para trás para a sala. "Você quer deixar rastro de sua irmã?" ele perguntou, sem esconder seu choque.

Lena olhou para o chão, sabendo que ela deveria sentir vergonha pelo menos. O fato era que ela teve que sair desta sala com esses estranhos antes de tristeza tomou conta e ela tornou-se demasiado paralisado fazer nada, mas se sentar em seu quarto chorando.

Frank disse: "Encontre-me em todo o lado em dez minutos."

Lena voltou para a sala, olhando para Hank. Ele estava de pé por Nan Thomas, o braço em torno do ombro. Ela sentiu-se cerdas, vê-los juntos assim. Ele certamente não tinha nenhum problema consola um completo estranho, não importa o que sua própria carne e sangue não era dez pés longe dele, sozinho.

Lena voltou para o corredor para obter o seu casaco. Ela estava deslizando-o quando sentiu alguém ajudá-la. Ela ficou surpresa ao ver Richard Carter atrás dela.

"Eu queria te dizer", disse ele, em tom abafado, "que eu sinto muito por sua irmã."

"Obrigado", ela conseguiu dizer. "Eu aprecio isso."

"Você encontrou alguma coisa sobre essa outra garota?"

"Matthews?" ela perguntou antes que ela pudesse pegar a si mesma. Lena tinha crescido em uma cidade pequena, mas ela ainda estava espantado com a rapidez notícia se espalhou.

"Isso Gordon," Richard disse, dando um tremor dramático. "Ele não é um menino muito bom."

"Sim", Lena murmurou, tentando movê-lo junto. "Ouça, obrigado por ter vindo esta noite."

Seu sorriso era ligeira. Ele percebeu que ela estava movendo-lo junto, mas, obviamente, ele não queria torná-lo fácil para ela. Ele disse: "Eu realmente gostei de trabalhar com sua irmã. Ela era muito bom para mim."

Lena passou de um pé para o outro, não querendo dar-lhe a impressão de que ela estava olhando para uma longa conversa. Ela sabia Frank bem o suficiente para saber que ele não iria esperar por muito tempo.

"Ela gostava de trabalhar com você, também, Richard," Lena oferecido.

"Ela disse isso?" ele perguntou, obviamente satisfeito. "Quero dizer, eu sei que ela respeitava meu trabalho, mas que ela disse isso?"

"Sim", disse Lena. "O tempo todo." Ela escolheu Hank na multidão. Ele ainda tinha o braço em torno Nan. Ela apontou-los para Richard. "Pergunte a meu tio. Ele estava apenas falando sobre isso outro dia."

"Sério?" Richard disse, colocando as mãos à boca.

"Sim", respondeu Lena, tendo as chaves do carro do bolso do casaco. "Escuta, você pode dar a estes a meu tio?"

Ele olhou para as chaves sem levá-los. Esta foi uma das razões Sibila tinha começado tão bem com Richard, ela não era capaz de ver o condescendente parece que ele deu. Na verdade, Sibila parecia ter a paciência de Jó, onde Richard Carter estava em causa. Lena sabia que para um fato que Sibila o ajudou a sair do estágio acadêmico em mais de uma ocasião.

"Richard?" ela perguntou, balançando as chaves.

"Claro", ele finalmente disse, estendendo a mão.

Lena deixou cair as chaves na palma da mão. Ela esperou até que ele tinha dado alguns passos de distância, em seguida, fugiu pela porta lateral. Frank estava esperando em seu carro, as luzes apagadas.

"Desculpe o atraso", disse Lena, entrar. Ela torceu o nariz quando ela sentiu cheiro de fumaça. Tecnicamente, Frank não era permitido fumar em torno dela quando eles estavam no trabalho, mas ela manteve a boca fechada desde que ele estava fazendo um favor a ela deixá-la andar junto.

"Esses universitários pessoas", disse Frank. Ele deu uma tragada no cigarro, em seguida, atirou-o para fora da janela. "Desculpe", ele ofereceu.

"Está tudo bem", disse Lena. Sentia-se ser estranho vestido e no carro de Frank. Por alguma razão, ela se lembrou de seu primeiro encontro. Lena era estritamente uma calça jeans e T-shirt da menina, assim, colocar em um vestido era um grande negócio. Ela sentiu saltos vestindo estranhas e mangueira, e nunca sabia como se sentar ou onde colocar as mãos. Ela perdeu seu coldre.

"Sobre sua irmã", começou Frank.

Lena deixá-lo fora do gancho. "Sim, obrigado", disse ela.

A noite já tinha caído enquanto Lena estava na casa funerária, e quanto mais longe da cidade que tem, quanto mais longe postes e pessoas, mais escuro entrou no carro.

"Essa coisa na casa do velho Will," Frank começou, quebrando o silêncio. "Eu não sei nada sobre isso, Lena."

"Você acha que Pete tinha uma mão nele?"

"Eu não sei", repetiu Frank. "Será que trabalhava para o pai, talvez vinte anos antes de Pete veio junto. Isso é algo que você não deve esquecer." Ele pegou um cigarro, então parou. "Eu só não sei."

Lena esperou, mas não havia mais nada. Ela manteve as mãos no colo, olhando para a frente como Frank dirigiu para fora da cidade. Eles cruzaram a linha da cidade e foram bem em Madison antes de Frank desacelerou seu carro, tendo uma direita dura para uma rua sem saída.

casa de rancho de tijolo de Pete Wayne foi modesto, muito parecido com o homem. Seu carro, um Dodge 1996, com fita vermelha, onde as luzes traseiras costumava ser, estava estacionado na entrada da garagem em um ângulo.

Frank parou o carro no meio-fio e cortar os faróis. Ele deu uma risada nervosa. "Você está vestida desse jeito, eu sinto que eu deveria obter a sua porta para você."

"Não se atreva," Lena respondeu, agarrando o punho em caso ele estava falando sério.

"Espere", disse Frank, colocando a mão no braço de Lena. Ela pensou que ele estava empurrando a piada, mas algo sobre seu tom de voz fez olhar para cima. Pete estava saindo de sua casa, um taco de beisebol na mão.

Frank disse: "Fique aqui."

"O inferno que eu vou", disse Lena, abrindo a porta antes que ele pudesse detê-la. A luz cúpula veio no carro, e Pete Wayne olhou para cima.

Frank disse: "Bom indo, garoto."

Lena conteve sua raiva sobre o apelido. Ela caminhou até a calçada por trás Frank, sentindo-se estúpido no salto alto e vestido longo.

Pete assisti-los próximos, mantendo o bastão ao seu lado. "Frank?" ele perguntou. "E aí?"

"Se importa se viemos em um segundo?" Frank perguntou, acrescentando: "Irmão".

Pete deu um lado nervoso olhar para Lena. Ela sabia que essas pessoas lodge tinham seu próprio código especial da linguagem. O que exatamente Frank significava chamando Pete seu irmão, ela não tinha idéia. Por tudo o que sabia, Frank estava contando Pete bater Lena com o bastão.

Pete disse: "Eu estava apenas indo para fora."

"Eu vejo isso", disse Frank, olhando o bastão. "É um pouco tarde para a prática, não é?"

Pete segurou o bastão nervosamente. "Eu estava apenas colocando-o dentro da van. Ficou um pouco nervoso sobre o que aconteceu no restaurante", disse ele. "Pensei em mantê-lo atrás do bar."

"Vamos entrar", disse Frank, não dando Pete uma chance de responder. Ele subiu os degraus da frente e parou à porta da frente, à espera de Pete para recuperar o atraso, pairando sobre o outro homem enquanto ele se atrapalhou com as chaves na fechadura.

Lena os seguiu. No momento em que chegou à cozinha, Pete estava visivelmente em guarda. Sua mão estava enrolada tão firmemente em torno do bastão que os nós dos dedos estavam brancos.

"Qual é o problema aqui?" Pete perguntou, dirigindo sua pergunta para Frank.

"Will Harris teve um problema esta tarde", disse Frank. "Alguém jogou uma pedra em sua janela da frente."

"Isso é muito ruim", Pete respondeu, sua voz plana.

"Eu tenho que dizer, Pete", Frank disse: "Eu acho que você fez isso."

Pete riu desconfortavelmente. "Você acha que eu tenho tempo para correr para baixo e atirar um tijolo na janela daquele rapaz? Eu tenho um negócio a funcionar. Eu não tenho tempo para tomar uma porcaria na maioria dos dias, muito menos fazer uma viagem."

Lena disse: "O que faz você pensar que era um tijolo?"

Pete engoliu em seco. "Apenas um palpite."

Frank pegou o taco de sua mão. "Será que trabalhou para sua família durante quase cinquenta anos."

"Eu sei que", disse Pete, dando um passo para trás.

"Houve momentos em que o seu pai tinha que pagar-lhe com alimentos, em vez de dinheiro, porque ele não podia ajudar de outra forma." Frank ponderada do bastão em sua mão. "Você se lembra que, Pete? Você se lembra quando a base fechada e vocês quase foi abaixo?"

O rosto de Pete liberado. "Claro que eu lembro disso."

"Deixe-me dizer uma coisa, rapaz", disse Frank, colocando a ponta do bastão diretamente contra o peito de Pete. "Você ouve-me bem quando eu lhe dizer isto. Will Harris não tocou aquela garota."

"Você sabe que para um fato?" Pete respondeu.

Lena colocou a mão sobre o morcego, trazendo-o para baixo. Ela deu um passo à frente de Pete, olhando-o nos olhos. Ela disse: "eu faço."

Pete quebrou o contato visual em primeiro lugar. Seus olhos foram para o chão, e sua postura assumiram uma postura nervosa. Ele balançou a cabeça, deixando escapar um suspiro pesado. Quando olhou para cima, era Frank falou com. "Temos que falar."

EDDIE Linton tinha comprado área cultivada em torno do lago, quando ele começou a ganhar dinheiro com o seu negócio do encanamento. Ele também possuía seis casas perto da faculdade que ele alugados para estudantes, bem como um complexo de apartamentos mais em Madison que ele estava sempre ameaçando a vender. Quando Sara voltou para conceder a partir de Atlanta, ela recusou-se a viver em casa dos pais dela. Algo sobre a mudança de volta para casa, vivendo em seu antigo quarto, cheirava a derrota para Sara, e no momento em que ela estava sentindo abatido o suficiente sem o lembrete constante de que ela nem sequer têm um espaço próprio.

Ela tinha alugado um de seus pais abriga seu primeiro ano de volta, em seguida, começou fins de semana trabalhando no hospital em Augusta, a fim de salvar-se um pré-pagamento para o seu próprio lugar. Ela havia caído no amor com sua casa pela primeira vez, o corretor de imóveis lhe mostrou completamente. Construído num estilo espingarda, porta da frente da casa alinhados diretamente com a porta de trás. Para os lados do longo corredor havia dois quartos, um banheiro e uma pequena den à direita, com a sala de estar, sala de jantar, outra casa de banho e cozinha à esquerda. Claro, ela teria comprado a casa se fosse um barraco, porque a vista para o lago foi fenomenal a partir do deck ao largo das costas. O quarto dela tiramos proveito disso, uma grande janela ladeado por três janelas que aberto em ambos os lados.

Em dias como hoje, ela podia ver claro em todo, quase até a universidade. Alguns dias, quando o tempo estava certo, Sara tomou seu barco para o cais escola e caminhava para o trabalho.

Sara abriu a janela do seu quarto para que ela pudesse ouvir o barco de Jeb quando ele chegou à doca. Ontem à noite tinha visto outra chuva suave, e uma brisa fresca foi saindo do lago. Ela estudou sua aparência no espelho na parte de trás da porta. Ela tinha escolhido uma saia envolvente com uma pequena estampa floral e uma camisa de lycra preta apertada que caiu logo abaixo do umbigo. Ela já tinha colocado o cabelo para cima, em seguida, deixá-lo de volta para baixo. Ela estava no processo de fixá-la fazer backup quando ouviu um barco no cais. Calçou as sandálias e pegou dois copos e uma garrafa de vinho antes de sair pela porta dos fundos.

"Ahoy", disse Jeb, atirando-lhe uma corda. Ele colocou as mãos em seu colete salva-vidas laranja, afetando o Sara supôs que ele pensava que era um olhar marinheiro jaunty.

"Ahoy mesmo," Sara respondeu, ajoelhando-se pela amarração. Ela colocou o vinho e copos para baixo na doca como ela amarrou fora da linha. "Ainda não aprenderam a nadar, não é?"

"Ambos os meus pais estavam aterrorizados com a água", explicou. "Eles nunca tenho tempo para isso. E não é como se eu cresci perto da água."

"Bom ponto", disse ela. Tendo crescido em um lago, natação veio uma segunda natureza para Sara. Ela não podia imaginar sem saber como. "Você deve aprender", disse ela.

"Especialmente desde que você está barco."

"Não precisa saber como", disse Jeb, batendo o barco como se fosse um cão. "Eu posso andar sobre a água com este bebê."

Ela levantou-se, admirando o barco. "Agradável."

"Ímã real gata", brincou, desenganchar o colete. Ela sabia que ele estava brincando, mas o barco, pintado um preto metálico profundo, era elegante e sexy, com um olhar perigoso sobre ele. Ao contrário de Jeb McGuire em seu volumoso colete salva-vidas laranja.

Jeb disse: "Eu vou te dizer que, Sara, se você nunca olhou para mim do jeito que você está

olhando para o meu barco agora, eu teria que me casar com você."

Ela riu de si mesma, dizendo: "É um barco muito bonita."

Ele puxou uma cesta de piquenique e disse: "Eu ofereceria para levá-lo para um passeio, mas é um pouco nippy na água."

"Nós podemos sentar aqui", disse ela, indicando as cadeiras e mesa na beira do cais. "Eu preciso para obter talheres ou alguma coisa?"

Jeb sorriu. "Eu te conheço melhor do que isso, Sara Linton," Ele abriu a cesta de piquenique e tirou talheres e guardanapos. Ele também tinha tido a previsão para trazer pratos e copos. Sara tentou não lambe os lábios quando ele puxou frango frito, purê de batatas, ervilhas, milho e biscoitos.

"Você está tentando me seduzir?" ela perguntou.

Jeb parado, com a mão em um balde de molho. "Está funcionando?"

Os cachorros latiam, e todos Sara conseguia pensar era Graças a Deus por pequenos favores. Ela voltou para a casa, dizendo: "Eles nunca latir. Vou apenas ir verificar."

"Você quer que eu vá também?"

Sara estava prestes a dizer-lhe que não, mas mudou de idéia. Ela não tinha vindo a fazer essa parte-se sobre os cães. Billy e Bob tinha latiu exatamente o dobro desde que ela os tinha resgatado da pista de corridas em Ebro; uma vez quando Sara tinha acidentalmente pisou na cauda de Bob, e uma vez quando um pássaro tinha voado pela chaminé na sala de estar. Ela sentiu a mão de Jeb em suas costas enquanto caminhavam até o quintal para a casa. O sol estava mergulhando para baixo sobre o teto, e ela protegeu os olhos com a mão, reconhecendo Brad Stephens pé na beira da calçada.

"Ei, Brad", disse Jeb.

O policial deu um breve aceno de cabeça para Jeb, mas seus olhos estavam sobre Sara.

"Brad?" ela perguntou.

"Senhora". Brad tirou o chapéu. "O chefe levou um tiro."

Sara nunca tinha realmente empurrado o Roadster Z3. Mesmo quando ela levou-o de volta a partir de Atlanta, o velocímetro tinha ficado em um setenta e cinco a toda forma constante. Ela estava fazendo noventa enquanto conduzia o caminho de volta para o Medical Center Grant. A dez minutos de carro parecia levar horas, e pelo tempo que Sara fez a curva para o hospital, as palmas das mãos suavam no volante.

Ela puxou em um espaço de handicap ao lado do edifício para que ela não iria bloquear as portas da ambulância. Sara estava correndo pelo tempo que ela chegou à sala de emergência.

"O que aconteceu?" ela perguntou Lena Adams, que estava em pé na frente da mesa admitir.

Lena abriu a boca para responder, mas Sara correu atrás dela no corredor. Ela verificou cada quarto enquanto ela passava, finalmente encontrando Jeffrey em terceiro sala de exame.

Ellen Bray não pareceu surpreso ao ver Sara na sala. A enfermeira estava colocando um manguito de pressão arterial em torno de seu braço quando Sara entrou.

Sara colocou a mão na testa de Jeffrey. Seus olhos se abriram um pouco, mas ele não pareceu registrar sua presença.

"O que aconteceu?" ela perguntou.

Ellen entregou Sara a carta, dizendo: "Buckshot na perna. Nada sério ou eles teriam levado para Augusta."

Sara olhou para o gráfico. Seus olhos não se concentrar. Ela não poderia mesmo fazer as colunas.

"Sara?" Ellen disse, sua voz cheia de compaixão. Ela havia trabalhado em sala de emergência do Augusta maior parte de sua carreira. Ela estava em semi-aposentadoria agora, completando a sua pensão por noites trabalhando no Centro Médico Grant. Sara tinha trabalhado com ela anos atrás, e as duas mulheres tinham uma sólida relação profissional baseada no respeito mútuo.

Ellen disse: "Ele está bem, de verdade. O Demerol deve nocauteá-lo em breve. A maioria de sua dor é proveniente de Hare cavar em torno de sua perna."

"Lebre?" Sara perguntou, sentindo um pouco de alívio pela primeira vez nos últimos vinte minutos. Seu primo Hareton era um clínico geral que, por vezes, preenchido no hospital. "Ele está aqui?"

Ellen assentiu, bombeando bexiga do manguito. Ela levantou o dedo pedindo silêncio.

Jeffrey agitada, em seguida, abriu os olhos lentamente. Quando ele reconheceu Sara, um leve sorriso surgiu em seus lábios.

Ellen lançou o manguito de pressão arterial, dizendo: "Um e quarenta e cinco por noventa e dois."

Sara franziu a testa, olhando para trás na carta de Jeffrey. As palavras finalmente começou a fazer sentido.

"Eu vou buscar Dr. Earnshaw", disse Ellen.

"Obrigado", disse Sara, lançando a céu aberto gráfico. "Quando você começou na Coreg?" ela perguntou. "Há quanto tempo você tinha pressão alta?"

Jeffrey sorriu maliciosamente. "Desde que você entrou na sala."

Sara desnatado gráfico. "Cinquenta miligramas por dia. Você apenas mudou de captopril? Por que você parou?" Ela tem a resposta no gráfico. " 'Tosse não solicitado mudança'", leu em voz alta.

Hare entrou na sala, dizendo: "Isso é comum com inibidores da ECA."

Sara ignorou seu primo quando ele colocou o braço em volta dos ombros.

Ela perguntou Jeffrey, "Quem você está vendo para isso?"

"Lindley", respondeu Jeffrey.

"Você disse a ele sobre o seu pai?" Sara tirou a carta fechada. "Eu não posso acreditar que ele não lhe deu um inalador. Qual é o seu colesterol como?"

"Sara". Hare arrancou a carta das mãos. "Cale-se."

Jeffrey riu. "Obrigado."

Sara cruzou os braços, a raiva brotando. Ela tinha sido tão preocupado na unidade mais, esperando o pior, e agora que ela estava aqui, Jeffrey estava bem. Ela era extraordinariamente aliviado que ele estava bem, mas por algum motivo ela estava se sentindo enganado por suas emoções.

"Lookit," Hare disse, aparecendo um raio X no lightbox montado na parede. Ele engasgou audivelmente, dizendo: "Oh meu Deus, isso é o pior que eu já vi."

Sara cortá-lo com um olhar, transformando o X ray lado direito para cima.

"Oh, graças a Deus." Hare suspirou dramaticamente. Quando ele viu que ela não estava desfrutando de sua secundário, ele franziu a testa. A única coisa que fez Sara tanto amor e ódio seu primo era ele raramente levava as coisas muito a sério.

Hare disse: "Perdeu sua artéria, perdeu seu osso. Corte certo por aqui no interior." Ele lhe deu um sorriso tranquilizador. "Nada mau de todo."

Sara ignorou a avaliação, inclinando-se para verificar novamente as descobertas de lebre.

Afora o fato de que seu relacionamento com seu primo sempre tinha sido crivado de concorrência feroz, ela queria ter certeza de si mesma que nada havia sido perdida.

"Vamos entregá-la no seu lado esquerdo," Hare sugerido para Jeffrey, à espera de Sara para ajudar. Sara manteve ferido a perna direita de Jeffrey estável como eles transformou-o, oferecendo, "Isso deve ajudar a trazer a sua pressão arterial para baixo um pouco. Você está prevista para a sua medicação hoje à noite?"

Jeffrey fornecido, "Eu estou atrasado em algumas doses."

"Atrasado?" Sara sentiu seu próprio aumento da pressão arterial. "Você é um idiota?"

"Eu corri para fora", Jeffrey murmurou.

"Correu para fora? Você está a uma curta distância da farmácia." Ela nivelou um olhar severo de profundidade em Jeffrey. "O que você estava pensando?"

"Sara?" Jeffrey interrompido. "Você veio todo o caminho até aqui para gritar comigo?"

Ela não tinha uma resposta.

Hare sugeriu: "Talvez ela possa dar-lhe uma segunda opinião sobre se você deve ou não ir para casa hoje à noite?"

"Ah." Os olhos de Jeffrey plissados com um sorriso. "Bem, desde que você está dando uma segunda opinião, Dr. Linton, eu tenho experimentado alguma ternura na minha virilha. Você se importa de dar uma olhada?"

Sara deu um sorriso apertado. "Eu poderia fazer um exame retal."

"É hora de você chegar a sua vez."

"Je-e-sus," Hare gemeu. "Eu vou deixar você dois pombinhos em paz."

"Obrigado, Hare," Jeffrey chamado. Hare jogou uma onda por cima do ombro, ao sair do quarto.

"Então," Sara começou, cruzando os braços.

Jeffrey levantou uma sobrancelha. "Assim?"

"O que aconteceu? Será que seu marido voltar para casa?"

Jeffrey riu, mas havia uma expressão tensa em seus olhos. "Feche a porta."

Sara fez o que lhe foi dito. "O que aconteceu?" ela repetiu.

Jeffrey pôs a mão aos olhos. "Eu não sei. Foi tão rápido."

Sara deu um passo mais perto, pegando sua mão, apesar de seu melhor julgamento.

"Será que a casa de Harris foi vandalizada hoje."

"Vontade do jantar?" Sara perguntou. "Pelo amor de Deus, por quê?"

Ele encolheu os ombros. "Eu acho que algumas pessoas tem em suas cabeças que ele estava envolvido com o que aconteceu com Sibyl Adams."

"Ele não estava lá quando aconteceu", Sara respondeu, sem entender. "Por que alguém acha isso?"

"Eu não sei, Sara." Ele suspirou, deixando cair sua mão. "Eu sabia que algo ruim iria acontecer. Muitas pessoas estão tirando conclusões precipitadas. Muitas pessoas estão empurrando esta coisa fora de mão."

"Como quem?"

"Eu não sei", ele conseguiu. "Eu estava hospedado na casa de Will para se certificar de que ele estava seguro. Estávamos assistindo a um filme quando ouvi algo fora." Ele balançou a cabeça, como se ele ainda não conseguia acreditar no que tinha acontecido. "Eu me levantei do sofá para ver o que estava acontecendo, e uma das janelas laterais simplesmente explodiu assim." Ele estalou os dedos. "A próxima coisa que eu sei, eu estou no chão, minha perna está

pegando fogo. Graças a Deus Will estava sentado em sua cadeira ou ele teria sido atingido, também."

"Quem fez isso?"

"Eu não sei", ele respondeu, mas ela podia dizer a partir do conjunto de sua mandíbula que ele tinha um bom palpite.

Ela estava prestes a interrogá-lo ainda mais quando ele estendeu a mão, apoiando-o em seu quadril. "Você está bonita."

Sara sentiu um pequeno choque de eletricidade como seu polegar deslizou sob sua camisa, acariciando seu lado. Seus dedos deslizaram sob a parte traseira de sua camisa. Eles estavam quentes contra sua pele.

"Eu tinha uma data", disse ela, sentindo uma onda de culpa por deixar Jeb em sua casa. Ele tinha sido muito compreensivo, como de costume, mas ela ainda se sentia mal por abandoná-lo.

Jeffrey observou-a com os olhos semicerrados. Ele quer não acreditava nela sobre a data ou que não aceitaria que ele poderia ter sido nada de grave. "Eu adoro quando seu cabelo é baixo", disse ele. "Você sabia que?"

"Sim", ela disse, colocando a mão sobre a dele, parando-o, quebrando o feitiço. "Por que você não me diga que você tem pressão alta?"

Jeffrey deixou cair o braço. "Eu não quero dar-lhe mais uma falha para adicionar à sua lista." Seu sorriso era um pouco forçado e incongruente com o olhar vidrado em seus olhos. Como Sara, ele raramente levou nada mais forte do que a aspirina eo Demerol parecia estar funcionando rápido.

"Dê-me sua mão", disse Jeffrey. Ela balançou a cabeça, mas ele persistiu, estendendo a mão para ela. "Segure minha mão."

"Por que eu deveria?"

"Porque você poderia ter me visto no necrotério esta noite em vez do hospital."

Sara mordeu o lábio, lutando contra as lágrimas que queriam vir. "Você está bem agora", disse ela, colocando a mão no rosto. "Vá dormir."

Ele fechou os olhos. Ela poderia dizer que ele estava lutando para ficar acordado para seu benefício.

"Eu não quero ir dormir", disse ele, em seguida, caiu no sono.

Sara olhou para ele, observando seu peito subir e descer com cada respiração. Ela estendeu a mão, alisando o cabelo para trás da testa, deixando sua mão lá por alguns segundos antes de colocar a palma da mão para sua bochecha. Sua barba estava entrando, um preto salpicado contra seu rosto e pescoço. Ela passou os dedos levemente ao longo do restolho, sorrindo para as memórias que vieram. Dormir, ele lembrou a ela do Jeffrey ela tinha caído no amor com: o homem que ouviu a sua conversa sobre o seu dia, o homem que abriu portas para ela e matou aranhas e mudou as baterias nos detectores de fumaça. Sara finalmente tomou sua mão e beijou-a antes de sair do quarto.

Ela levou o seu tempo a caminhar de volta até o corredor em direção posto de enfermagem, sentindo uma enorme sensação de exaustão. O relógio na parede mostrou que ela tinha sido aqui uma hora, e Sara percebeu com um começo que ela estava de volta no tempo hospital, onde oito horas se passaram como oito segundos.

"Ele está dormindo?" Ellen perguntou.

Sara apoiou os cotovelos no balcão da recepção admitir. "Sim", respondeu ela. "Ele vai ficar

bem."

Ellen sorriu. "Claro que ele vai."

"Aí está você", disse Hare, esfregando os ombros de Sara. "Como está a sensação de estar em um hospital real com os grandes médicos?"

Sara trocou um olhar com Ellen. "Você vai ter que desculpar o meu primo, Ellen. O que lhe falta no cabelo e altura ele compensa por ser um idiota."

"Ow." Hare fez uma careta, pressionando os polegares nos ombros de Sara. "Quer preencher para mim enquanto eu correr para fora para uma mordida para comer?"

"O que temos?" Sara perguntou, pensando que vai para casa agora provavelmente não era a melhor coisa para ela.

Ellen deu um pequeno sorriso. "Nós temos um passageiro frequente recebendo terapia de luz fluorescente em dois."

Sara riu alto. Na linguagem obscura da linguagem hospital, Ellen tinha acabado de lhe informar que o paciente na sala dois era um hipocondríaco que havia sido deixado para olhar para as luzes do teto, até que ele se sentiu melhor.

"Microdeckia," Hare concluiu. O paciente não estava jogando com uma plataforma completa. "O quê mais?"

"Um garoto da faculdade dormir fora de uma longa", disse Ellen.

Sara virou-se para Hare. "Eu não sei se eu posso tomar esses casos complicados."

Ele atirou-a sob o queixo. "Há uma menina."

"Eu acho que eu deveria ir para mover o meu carro", disse Sara, lembrando que ela tinha estacionado no ponto handicap. Como todo policial na cidade sabia que o carro que ela dirigia, Sara duvidava que ela era susceptível de obter um bilhete. Ainda assim, ela queria andar fora por pouco de ar fresco, levará algum tempo para recolher seus pensamentos, antes de voltar-se para verificar o Jeffrey.

"Como ele está?" Lena perguntou assim que Sara entrou na sala de espera. Sara olhou ao redor, surpreso ao ver a sala estava vazia, mas para Lena.

"Mantivemos-lo fora do rádio," Lena fornecido. "Esse tipo de coisa ..." Ela deixou arrastar a voz off.

"Esse tipo de coisa o quê?" Sara solicitado. "Estou faltando alguma coisa aqui, Lena?" Lena desviou nervosamente.

"Você sabe quem fez isso, né?" Sara perguntou.

Lena sacudiu a cabeça. "Não tenho certeza."

"É aí que Frank é? Cuidar de negócio?"

Ela encolheu os ombros. "Eu não sei. Ele me deixou aqui."

"Muito fácil não saber o que está acontecendo quando você não se preocupam em perguntar:"

Sara retrucou. "Eu acho que o fato de que Jeffrey poderia ter morrido esta noite está perdido em você."

"Eu sei disso."

"Sim?" Sara perguntou. "Quem estava assistindo suas costas, Lena?"

Lena começou a responder, mas ela afastou-se antes de dizer qualquer coisa.

Sara bateu a sala de emergência portas abertas com as mãos, sentindo raiva bem para cima.

Ela sabia exatamente o que estava acontecendo aqui. Frank sabia quem era o responsável por atirar Jeffrey, mas ele estava mantendo sua boca fechada fora de algum sentido obscuro de lealdade, provavelmente para Matt Hogan. O que passava pela mente de Lena, Sara não

poderia começar a adivinhar. Depois de tudo Jeffrey tinha feito para ela, para ter Lena virar as costas para ele como este foi imperdoável.

Sara respirou fundo, tentando acalmar-se enquanto ela andava ao lado do hospital. Jeffrey poderia ter sido morto. O vidro poderia ter cortado através de sua artéria femoral e ele poderia ter sangrado até a morte. Para essa matéria, o tiro original poderia ter ido em seu peito, em vez de através da janela. Sara perguntou o que Frank e Lena estaria fazendo agora, se Jeffrey tinha morrido. Provavelmente palitinho para ver quem tem a mesa.

"Oh Deus." Sara parou com a visão de seu carro. Mentir sobre o capô do carro de Sara era uma mulher nova nu com os braços se espalhar.

Ela estava de costas, com os pés cruzados no tornozelo em uma pose quase casual. O primeiro instinto de Sara estava a olhar para cima para ver se a mulher tinha saltou de uma das janelas. Não havia janelas neste lado do edifício de dois andares, no entanto, e o capô do carro não mostrou sinais de impacto.

Sara deu três passos rápidos para o carro, verificando o pulso da mulher. Um rápido, batida disco ficou sob os dedos de Sara, e ela murmurou uma pequena oração antes de correr de volta para o hospital.

"Lena!"

Lena saltou para cima, com os punhos cerrados, como se esperasse que Sara para vir e começar uma briga.

"Obter uma maca," Sara ordenada. Quando Lena não se moveu, Sara gritou: "Agora!"

Sara correu de volta para a mulher, meio que esperando que ela fosse embora. Tudo estava se movendo em tempo lento para Sara, até o vento em seu cabelo.

"Senhora?" Sara chamado para a mulher, levantando a voz alta o suficiente para ser ouvido em toda a cidade. A mulher não respondeu. "Senhora?" Sara tentou novamente. Nada ainda.

Sara avaliou o corpo, não vendo sinais imediatos de trauma. A pele estava rosa e avermelhado, muito quente ao toque, apesar da noite fria. Com os braços para fora e os pés cruzados que fossem, a mulher poderia ter sido dormindo. Na luz brilhante, Sara podia ver sangue em crosta em torno das palmas das mãos da mulher. Sara levantou uma das mãos para examiná-lo, eo braço se moveu sem jeito para o lado. Houve um deslocamento evidente no ombro.

Sara olhou para o rosto da mulher e ficou surpreso ao perceber que uma peça de prata de fita adesiva tinha sido envolvida em torno de sua boca. Sara não conseguia se lembrar se a fita tinha sido lá antes que ela tinha ido de volta para o hospital. Certamente ela teria notado antes. Algo como uma boca gravada não foi facilmente esquecida, especialmente quando a fita foi pelo menos duas polegadas de diâmetro por quatro polegadas de comprimento e escuro de prata. Por apenas um breve segundo, Sara se sentiu paralisada, mas a voz de Lena Adams trouxe de volta à realidade.

"É Julia Matthews," Lena disse, mas sua voz soou longe para Sara. "Sara?" Hare perguntou, caminhando rapidamente para o carro. Sua boca aberta com a visão da mulher nua.

"Ok, ok," Sara murmurou, tentando obter-se calmo. Ela atirou Hare um olhar de puro pânico, que voltou em espécie. Hare foi usado para uma overdose ocasional ou ataque cardíaco, nada como isto.

Como se para lembrá-los tanto de onde estavam, o corpo da mulher começou a ter convulsões. "Ela vai ficar doente", disse Sara, pegando na borda da fita. Sem parar, ela arrancou a fita. Em um movimento rápido, ela rolou a mulher para o lado dela e segurou a cabeça para baixo

quando ela vomitou aos trancos e barrancos. Um cheiro azedo veio, quase como mau sidra ou cerveja, e Sara teve que se virar para tomar um fôlego.

"Está tudo bem", Sara sussurrou. Ela acariciou o cabelo castanho sujo da mulher para trás da orelha, lembrando que ela tinha feito a mesma coisa para Sibila há apenas dois dias. O vômito parou abruptamente, e Sara gentilmente rolou para trás por cima, mantendo a cabeça firme. O tom de Hare era urgente. "Ela não está respirando."

Sara limpou a boca da mulher com o dedo, surpreendeu a sentir alguma resistência. Depois de alguns segundos de escavação, ela tirou uma carteira de motorista dobrado, o que ela entregou a um surpreendido Lena Adams.

"Voltar a respirar", disse Hare, alívio inundando sua voz.

Sara esfregou os dedos limpa em sua saia, desejando que ela tinha um par de luvas antes de ela enfiou os dedos na boca da mulher.

Ellen correu para o carro, sua mandíbula definida como ela inclinou um longo maca na frente dela. Sem palavras, ela deu um passo para os pés da mulher, à espera de sinal de Sara.

Sara contou até três, em seguida, ambos passaram a mulher para a cama. Sara sentiu um gosto doente em sua boca como eles fizeram isso, e por alguns segundos ela se viu na cama em vez de a mulher. A boca de Sara ficou seca e ela sentiu uma dormência superar ela.

"Pronto", disse Hare, amarrando a mulher para a cama.

Sara trotou ao lado da maca, segurando a mão da jovem. O tempo que levou-os a voltar para o hospital foi interminável. A cama parecia estar rolando através de cola, quando entraram no primeiro quarto trauma. A mulher fez pequenos murmúrios de dor com cada sacudida da cama. Resumidamente, Sara agarrou ao medo da mulher.

Doze anos se passaram desde Sara tinha praticado medicina de emergência e ela precisava se concentrar nas tarefas na mão. Em sua cabeça, Sara foi até o que ela tinha aprendido seu primeiro dia na sala de emergência. Como se para pedir Sara, a mulher começou a pieira, em seguida, com falta de ar. A primeira prioridade foi estabelecer uma via aérea.

"Jesus," Sara vaiou quando ela abriu a boca da mulher. Sob as luzes brilhantes da sala de exame, Sara podia ver que os dentes da frente superiores tinha sido nocauteado, obviamente, dentro dos últimos dias. Mais uma vez, Sara sentiu-se congelar-se. Ela tentou sacudir esta off. Sara tinha que pensar dessa mulher como paciente ou os dois estariam em apuros.

Em segundos Sara tinha entubado a mulher, cuidado com a fita de modo a não fazer mais danos à pele ao redor da boca. Sara lutou contra a vontade de se encolher como o ventilador arrancou. O som quase adoeceu.

"Ela tem bons sons," Hare informou, entregando Sara um estetoscópio.

"Sara?" disse Ellen. "Eu não posso obter um periférico."

"Ela está desidratado," Sara relatou enquanto tentava encontrar uma veia no outro braço da mulher. "Devemos soltar uma central de qualquer maneira." Sara estendeu a mão para a agulha, mas não foi imediatamente colocado em sua mão.

"Eu vou começar a partir de dois", disse Ellen, em seguida, saiu da sala.

Sara voltou-se para a jovem na cama. Não parecia haver qualquer contusões ou cortes em seu corpo que não sejam as marcas em suas mãos e pés. Sua pele estava quente ao toque, o que poderia apontar para uma série de coisas. Sara não queria tirar conclusões precipitadas, mas já as semelhanças entre Sibyl Adams ea mulher à sua frente estavam passando por sua mente. Ambos eram mulheres pequenas. Ambos tinham cabelo castanho escuro.

Sara verificada alunos da mulher. "Dilatada", disse ela, porque a última vez que ela tinha feito

algo parecido com isso, a regra tinha sido a chamar suas descobertas. Ela exalou lentamente, notando pela primeira vez que Hare e Lena estavam na sala.

"Qual é o nome dela?" Sara perguntou.

"Julia Matthews," Lena forneceu. "Nós estávamos procurando por ela na escola. Ela está desaparecida há um par de dias."

Hare olhou para o monitor. "Boi de pulso está caindo."

Sara verificou o ventilador. "FiO2 é de trinta por cento. Bump-lo um pouco."

"Que cheiro é esse?" Lena interrompeu.

Sara cheirou o corpo da mulher. "Clorox?" ela perguntou.

Lena pegou outra baforada. "Bleach", ela confirmou.

Hare acenou também.

Sara examinou a pele da mulher com cuidado. Havia linhas de arranhões superficiais ao longo de todo o corpo. Sara notou pela primeira vez que pêlos pubianos da mulher tinha sido raspado. A partir da falta de crescimento, Sara achou que ela tinha sido raspada no último dia ou assim.

Sara disse: "Ela foi esfregado limpo."

Ela cheirava a boca da mulher, mas não pegou o cheiro forte que normalmente vem de ingerir lixívia. Sara tinha visto alguma cruzeira na parte de trás da garganta quando ela tinha entubado a mulher, mas nada fora do comum. Obviamente, a mulher tinha sido dada uma droga similar ao se não mesmo a beladona. Sua pele era tão quente ao toque que Sara podia senti-lo através de suas luvas.

Ellen entrou na sala. Sara observou a enfermeira quando ela abriu o kit de cateter central em uma das bandejas. Ellens mãos não parecia tão firme como sempre faziam. Este medo Sara mais do que qualquer outra coisa.

Sara prendeu a respiração quando ela enfiou a agulha de três polegadas na jugular da mulher. A agulha, chamada um introdutor, agiu como um funil para três portas IV separadas. Quando descobriram que tipo de droga a mulher tinha sido dada, Sara usaria uma das portas extras para ajudar a neutralizar os efeitos.

Ellen ficou para trás a partir do paciente, à espera de ordens de Sara.

Sara recitou os testes como ela corou as portas com a solução de heparina para mantê-los de coagulação. "Gases de sangue, exame toxicológico, LFT, CBC, Chem vinte e sete. Vá em frente e puxe para um painel de coagulação, enquanto você está nisso." Sara fez uma pausa. "Mergulhe seu status urina. Eu quero saber o que está acontecendo antes de eu fazer qualquer outra coisa. Alguma coisa está mantendo sua nocauteado. Eu acho que sei o que é, mas eu preciso ter certeza antes de iniciar o tratamento."

"Tudo bem", respondeu Ellen.

Sara marcada para o retorno do sangue positivo, então corou as linhas novamente. "Soro fisiológico, bem abertos."

Ellen fez o que lhe foi dito, ajustando a IV.

"Você tem um raio X portátil? Vou precisar para se certificar de que eu fiz esse direito", disse Sara, indicando a linha jugular interna. "Além disso, eu preciso de um no peito, um apartamento do abdômen, e um olhar para o seu ombro."

Ellen disse: "Eu vou buscá-la do fundo do corredor depois que eu desenhe o trabalho de sangue."

"Além disso, verificar para GHB, roofies." Sara falou como ela assegurou a vestir em torno da agulha. "Vamos precisar de fazer um kit de estupro".

"Estupro?" Lena questionou, dando um passo para a frente.

"Sim", respondeu Sara, seu tom agudo. "Por que mais alguém fazer isso com ela?"

A boca de Lena trabalhou, mas não houve resposta. Ela obviamente tinha mantido este caso separado de suas irmãs até aquele ponto. Os olhos de Lena bloqueado para a jovem, e ela estava ao pé da cama, com a vareta corpo reto. Sara lembrou-se da noite Lena tinha chegado ao necrotério para ver Sibyl Adams. boca do jovem detetive estava fixado nessa mesma linha com raiva.

"Ela parece estável", Ellen oferecido, mais para si mesma do que ninguém.

Sara observou a enfermeira usou uma pequena seringa para extrair o sangue da artéria radial. Sara esfregou seu próprio pulso, sabendo o quão doloroso o procedimento poderia ser. Ela encostou-se na cama, com as mãos sobre o braço de Julia Matthews, tentando transmitir alguma forma de que ela estava a salvo agora.

Hare trouxe de volta com um suave "Sara?"

"Hm?" Sara ficou assustado. Eles estavam todos olhando para ela. Ela se virou para Lena.

"Você pode ajudar a Ellen com o portátil?" ela perguntou, tentando usar uma voz firme.

"Sim", Lena voltou, dando Sara um olhar estranho.

Ellen cheio a última seringa. "É pelo corredor", disse Lena.

Sara ouviu sair, mas ela manteve os olhos no Julia Matthews. A visão de Sara túnel, e pela segunda vez ela sentiu-se na maca, viu um médico inclinado sobre ela, tomando-lhe o pulso, verificando seus sinais vitais.

"Sara?" Hare estava olhando para as mãos da mulher, e Sara se lembrou das marcas que ela tinha visto pela primeira vez no estacionamento.

Ambas as palmas foram perfurados através do centro. Sara olhou para os pés da mulher, observando que eles, também, tinha sido perfurado da mesma forma. Ela se inclinou para examinar as feridas, que foram coagulação rapidamente. Manchas de ferrugem cor adicionada ao sangue preto secado.

"A palma tem sido trespassado," Sara oferecido. Ela olhou sob as unhas da mulher, reconhecendo lascas finas de madeira prensada sob as unhas. "Madeira", ela relatou, perguntando-se por que alguém iria tomar o tempo para esfregar a vítima para baixo com água sanitária, a fim de remover os vestígios físicos, mas deixar lascas de madeira sob as unhas. Não fazia sentido. E, em seguida, para deixá-la dispostos sobre o carro de tal modo.

Sara trabalhou tudo isso na sua cabeça, e seu estômago respondeu à conclusão óbvia com uma ligeira inclinação. Ela fechou os olhos, imaginando a mulher como ela tinha sido quando Sara primeiro a encontrou: pernas cruzadas nos tornozelos, braços em ângulo de noventa graus do corpo.

A mulher tinha sido crucificado.

"Aqueles são feridas, certo?" disse Hare.

Sara assentiu, sem tirar os olhos da mulher. O corpo dela foi bem alimentado e sua pele tinha sido tomado cuidado. Não havia marcas de agulha para indicar o uso de drogas prolongada. Sara parou em seu caminho, percebendo que tinha avaliado a mulher como se ela estivesse no necrotério em vez do hospital. Como se sentisse isso, o monitor cardíaco entrou em falha, o grito agudo da máquina colocando Sara em alerta.

"Não", Sara vaiou quando ela se inclinou sobre a mulher, começando compressões. "Hare, saco dela."

Ele remexeu nas gavetas para o saco. Em poucos segundos, ele estava apertando o ar para os

pulmões da mulher. "Ela está no V-tach", alertou.

"Lenta", disse Sara, fazendo uma careta quando sentiu uma das costelas do paciente rachar sob suas mãos. Ela manteve os olhos no Hare, desejando que ele a cooperar. "Um, dois, espremer. Rápido e duro. Mantê-lo calmo."

"Ok, ok," Hare murmurou, concentrando-se em apertar o saco.

Apesar da grande imprensa dada CPR, era apenas uma medida paliativa. CPR foi o ato de forçar fisicamente o coração para circular o sangue para o cérebro, e muito raramente isso poderia ser feito manualmente de forma tão eficiente como um coração saudável executar a tarefa por conta própria. Se parou Sara, isso seria o coração. Foi um procedimento de ganhar tempo até que algo mais poderia ser feito.

Lena, obviamente, alertado pelo monitor gritos, correu de volta para o quarto. "O que aconteceu?"

"Ela caiu", disse Sara, sentindo uma ligeira sensação de alívio quando viu Ellen no corredor.

"Amp de Epi," ela ordenou.

Sara observava impaciente enquanto Ellen abriu uma caixa de Epi e colocar a seringa juntos.

"Jeesh." Lena encolheu quando Sara administrou o medicamento direto para o coração da mulher.

A voz de Hare subiu algumas oitavas. "Ela está no V-fib."

Com uma mão Ellen tomou os remos fora do carro atrás dela, cobrando o desfibrilador com a outra.

"Duzentos", Sara ordenada. O corpo da mulher saltou no ar como Sara eletrocutado ela. Sara observava o monitor, franzindo a testa, quando não houve reação correspondente. Sara chocou mais duas vezes com a mesma resposta. "A lidocaína," ela ordenou, assim como Ellen apareceu outra caixa.

Sara administrou o medicamento, mantendo um olho no monitor.

"Linha Flat," Hare relatado.

"Mais uma vez." Sara estendeu a mão para as pás. "Trezentos", ela ordenou.

Mais uma vez, ela chocou a mulher. Mais uma vez, não houve resposta. Sara sentiu um suor frio veio sobre ela. "Epi".

O som da caixa popping aberto era como uma agulha em Saras orelha. Ela pegou a seringa, empurrando o Adrenalin diretamente em mais coração uma vez da mulher. Todos eles esperavam.

"Linha Flat," Hare relatado.

"Vamos para 3-60."

Pela quinta vez, uma carga atravessou o corpo da mulher sem resposta.

"Droga, Droga," Sara murmurou, retomando as compressões. "Tempo?" ela chamou.

Hare olhou para o relógio. "Doze minutos".

Parecia como dois segundos para Sara.

Lena deve ter percebido a partir tom de voz de Hare onde ele estava indo com isso. Ela sussurrou baixinho: "Não deixá-la morrer. Por favor, não deixá-la morrer."

"Ela está em assistolia prolongada, Sara", disse Hare. Ele estava dizendo-lhe que era tarde demais. Era hora de parar, é hora de deixar ir.

Sara estreitou os olhos para ele. Ela se virou para Ellen. "Eu vou quebrar seu peito."

Hare sacudiu a cabeça, dizendo: "Sara, não temos as capacidades aqui."

Sara ignorou. Ela sentiu-se costelas da mulher, encolhendo-se quando ela entrou em contato

com o que ela tinha quebrado. Quando toques de Sara chegou ao fundo do diafragma, ela pegou um bisturi e cortou uma abertura de seis polegadas na parte superior do abdômen. Ela enfiou a mão dentro da incisão, atingindo sob a caixa torácica e no peito da mulher. Ela manteve os olhos fechados, bloqueando o hospital como ela massageava o coração da mulher. O monitor mostrou falsa esperança como Sara espremido, manualmente circulando no sangue da mulher. Um formigamento veio para os dedos, e em seus ouvidos que ela podia ouvir um ligeiro tom de piercing. Nada mais importava, enquanto esperava para o coração para responder. Foi como apertar um pequeno balão cheio de água morna. Só este balão era a vida. Sara parou. Ela contou até cinco segundos, oito, em seguida, até doze anos, antes de ser recompensado com sinais sonoros espontâneas do monitor cardíaco.

Hare perguntou: "Será que ela ou você?"

"Sua", Sara oferecido, deixando a mão escorregar para fora. "Iniciar um gotejamento lidocaína."

"Jesus Cristo", Lena murmurou, a mão para seu próprio peito. "Eu não posso acreditar que você fez isso."

Sara arrancou as luvas, sem responder.

O quarto foi tranqüila, mas para os beeps do monitor cardíaco e dentro e fora do ventilador.

"Então", disse Sara. "Nós vamos fazer um campo escuro para sífilis e uma coloração de Gram para a gonorreia." Sara sentiu seu rosto corar por causa disso. "Tenho certeza de que foi usado um preservativo, mas fazer uma nota para acompanhar em poucos dias para a gravidez." Sara estava consciente de um waver em sua voz que ela esperava Ellen e Lena não pegar. Hare era outra questão. Ela podia ouvir o que ele estava pensando, sem sequer olhar para ele.

Ele pareceu sentir seu nervosismo e tentou fazer a luz dele. "Meu Deus, Sara. Essa é a incisão sloppiest que eu já vi."

Sara lambeu os lábios, desejando que seu próprio coração para acalmar. "Eu estava tentando não ofuscar você."

"Prima Donna", Hare oferecido, limpando o suor da testa com uma almofada de gaze cirúrgica.

"Jesus Cristo." Ele riu desconfortavelmente.

"Nós não vemos muito deste aqui", Ellen disse enquanto arrumava toalhas cirúrgicas na incisão para controlar o sangramento até que foi fechada. "Eu posso chamar Larry Headley sobre em Augusta. Ele vive cerca de quinze minutos a partir daqui."

"Eu apreciaria isso", disse Sara, tomando outro par de luvas da caixa na parede.

"Você está bem?" Hare perguntou, seu tom casual. Seus olhos mostrou a sua preocupação.

"Tudo bem", respondeu Sara, verificando a IV. Ela disse Lena, "Eu acho que você pode encontrar Frank?"

Lena teve a decência de parecer envergonhado. "Eu vou ver." Ela saiu da sala, com a cabeça para baixo.

Sara esperou até que ela se foi, então, pediu Hare, "Você pode dar uma olhada em suas mãos?"

Hare ficou em silêncio enquanto ele examinava as palmas da mulher, sentindo a estrutura óssea. Depois de alguns minutos, ele disse: "Isso é interessante."

Sara perguntou: "O que é isso?"

"Perdeu todos os ossos," Hare respondeu, girando o pulso. Quando ele chegou ao ombro, ele parou. "Deslocado", disse ele.

Sara cruzou os braços, de repente frio. "Desde tentando fugir?"

Hare fez uma careta. "Você percebe quanta força seria necessário para deslocar seu ombro?" Ele balançou a cabeça, incapaz de aceitá-lo. "Você iria desmaiar de dor antes you'd-"

"Você percebe o quão terrível é para ser estuprada?" O olhar de Sara entediado direito nele. Dor registrado em sua expressão. "Sinto muito, querida. Você está bem?"

Lágrimas picado parte de trás de seus olhos, e Sara teve que lutar para manter a voz firme.

"Verificar seus quadris, por favor. Eu quero que você faça um relatório completo."

Ele fez como lhe foi dito, dando Sara um breve aceno de cabeça após o exame. ". Eu estou pensando há algum dano ligadura no quadril, aqui eu preciso fazer isso quando ela está acordada, é bastante subjetivo."

Sara perguntou: "Você pode dizer qualquer outra coisa?"

"Todos os ossos em suas mãos e pés foram perdidas. Seus pés estavam lanceou entre o segundo e terceiro cuneiformes e do navicular. Isso é muito precisa. Quem fez isso sabia o que estava fazendo." Ele fez uma pausa, olhando para o chão para recuperar a compostura. "Eu não vejo por que alguém faria isso."

"Olhe para isso", disse Sara, apontando para a pele ao redor dos tornozelos da mulher. Ambos tinham hematomas preto irritado em torno de sua circunferência. "Obviamente houve uma contenção secundária para manter os pés no chão." Sara pegou a mão da mulher, notando uma nova cicatriz no pulso. O outro tinha a mesma marca. Julia Matthews tinha tentado o suicídio em algum momento durante o último mês. A cicatriz era uma linha branca cortando verticalmente através de seu pequeno pulso. Um hematoma escuro colocar a velha ferida em relevo gritante.

Sara não trazer isso para a atenção de Hare. Em vez disso, ela ofereceu: "Parece-me que uma banda foi usado, provavelmente, de couro."

"Eu não estou entendendo."

"A perfuração foi simbólica."

"Do?"

"Crucificação, imagino." Sara colocou a mão da mulher de volta ao seu lado.

Sara esfregou os braços, lutando contra o frio no quarto. Ela se aproximou, abrindo gavetas, à procura de uma folha para cobrir a jovem. "Se eu tivesse que adivinhar, diria que as mãos e os pés foram pregados volta do corpo."

"Crucificação?" Hare descartou essa. "Isso não é como Jesus foi crucificado é. Os pés estariam juntos."

Sara retrucou: "Ninguém queria estuprar Jesus, Hare. É claro que suas pernas estavam separados."

pomo de Adão de Hare balançava quando ele engoliu essa. "É isso que você faz no necrotério?"

Ela deu de ombros, olhando para uma folha.

"Cristo, você tem mais bolas do que eu", disse Hare, respirando pesadamente.

Sara colocou a folha em torno do jovem, tentando confortá-la. "Eu não sei nada sobre isso", disse ela.

Hare perguntou: "E sobre a boca?"

"Seus dentes da frente foram eliminados, imagino para facilitar fellatio".

Sua voz levantou-se em estado de choque. "O que?"

"É mais comum do que você pensa", Sara disse a ele. "A Clorox remove evidências residuais. Imagino que ele raspou a de modo que não poderia fazer um pente de seus pêlos pubianos."

Mesmo durante o sexo normal, pêlos são arrancados. Ele poderia ter raspado a para a emoção sexual, embora. Muita atacantes gostam de pensar de suas vítimas como crianças. Raspar o cabelo púbico iria alimentar a fantasia ".

Hare sacudiu a cabeça, superar com a maldade do crime. "Que tipo de animal faria isso?"

Sara acariciou o cabelo da mulher. "A uma metódica."

"Você acha que ela o conhecia?"

"Não", respondeu Sara, Nunca mais certeza de nada em sua vida. Ela caminhou até o balcão onde Lena tinha deixado a bolsa de provas. "Por que ele nos dê sua carteira de motorista? Ele não se importa se sabemos quem ela é."

O tom de Hare estava incrédulo. "Como você pode ter tanta certeza?"

"Ele esquerda" Sara tentou recuperar o fôlego. "Ele a deixou em frente ao hospital onde qualquer um poderia ter visto ele despejá-la." Ela colocou a mão sobre os olhos por apenas um segundo, desejando que ela pudesse esconder. Ela tinha que sair desta sala. Que muito estava segura.

Hare parecia estar tentando ler a expressão dela. Seu rosto, normalmente aberto e amável, assumiu um olhar severo. "Ela foi estuprada em um hospital."

"Fora de um hospital."

"Sua boca foi gravada fechada."

"Eu sei disso."

"Por alguém que obviamente tem algum tipo de fixação religiosa".

"Certo."

"Sara-"

Ela ergueu a mão pedindo silêncio como Lena voltou.

Lena disse, "Frank está a caminho."

QUINTA-FEIRA

Capítulo Quatorze

JEFFREY piscou os olhos várias vezes, forçando-se a não voltar a dormir. Por alguns segundos, ele não sabia onde estava, mas uma rápida olhada ao redor da sala lhe lembrava o que tinha acontecido na noite passada. Ele olhou para a janela, seus olhos tomando seu tempo entrando em foco. Ele viu Sara.

Ele inclinou a cabeça para trás no travesseiro, deixando escapar um longo suspiro. "Lembra quando eu utilizado para escovar seu cabelo?"

"Senhor?"

Jeffrey abriu os olhos. "Lena?"

Ela parecia envergonhado como ela caminhou até a cama. "Sim."

"Eu pensei que você fosse ..." Ele acenou com esta off. "Deixa pra lá."

Jeffrey forçou-se a sentar-se na cama, apesar da dor atirando através de sua perna direita. Sentia-se rígida e drogado, mas sabia que se ele não ficar em pé, o resto do dia para que fosse destruído.

"Passa-me as minhas calças", disse ele.

"Eles tiveram que jogá-los fora", ela lembrou. "Lembra o que aconteceu?"

Jeffrey resmungou uma resposta quando ele colocou os pés no chão. De pé doía como uma faca quente na perna, mas ele poderia viver com a dor. "Você pode me encontrar algumas calças?" ele perguntou.

Lena saiu do quarto e Jeffrey encostou-se à parede, de modo que ele não iria sentar-se para baixo. Ele tentou se lembrar do que tinha acontecido na noite anterior. Parte dele não queria lidar com ele. Não foi o suficiente em seu prato tentando descobrir o que havia matado Sibyl Adams.

"Como são estes?" Lena perguntou, lançando-lhe um par de scrubs.

"Grande", disse Jeffrey, esperando que ela se virar. Enfiou-los, suprimindo um gemido quando ele levantou a perna. "Nós temos um dia cheio pela frente", disse ele. "Nick Shelton está chegando às dez com uma de suas caras de drogas. Nós vamos obter um resumo sobre a beladona. Temos que punk, qual o nome dele, Gordon?" Ele amarrou a corda nas calças. "Eu quero ir para ele de novo, ver se ele consegue se lembrar de nada sobre quando ele viu pela última vez Julia Matthews." Ele encostou a mão contra a mesa. "Eu não acho que ele sabe onde ela está, mas talvez ele viu alguma coisa."

Lena se virou sem ser dito. "Nós encontramos Julia Matthews."

"O que?" ele perguntou. "Quando?"

"Ela apareceu no hospital na noite passada", respondeu Lena. Havia algo em sua voz que enviou uma sensação de medo correndo em suas veias.

Ele sentou-se na cama, sem sequer pensar nisso.

Lena fechou a porta e narrados acontecimentos da noite passada para ele. No momento em que ela terminou, Jeffrey estava andando pela sala em um andar desajeitado.

"Ela só apareceu no carro de Sara?" ele perguntou.

Lena assentiu.

"Onde está agora?" ele perguntou. "O carro, eu quero dizer?"

"Frank tinha apreendido", disse Lena, um tom defensivo em sua voz.

"Onde é Frank?" Jeffrey perguntou, inclinando sua mão sobre a grade da cama.

Lena estava em silêncio, então, "eu não sei."

Deu-lhe um olhar duro, pensando que ela sabia exatamente onde Frank era, mas não diria.

Ela disse: "Ele colocou Brad em guarda lá em cima."

"Ainda de Gordon na prisão, certo?"

"Sim, isso foi a primeira coisa que verifiquei. Ele estava na prisão durante toda a noite. Não há nenhuma maneira que ele poderia ter colocá-la no carro de Sara".

Jeffrey ir para a cama com o punho. Ele sabia que na noite passada ele não deveria ter tomado essa Demerol. Esta foi a meio de um caso, não um feriado.

"Dá-me o meu casaco." Jeffrey estendeu a mão, levando o casaco de Lena. Ele mancou para fora da sala, Lena em seus calcanhares. O elevador demorou a chegar, mas nenhum dos dois falou.

"Ela está dormindo a noite toda", disse Lena.

"Certo." Jeffrey apontou para o botão. A campainha do elevador apitou vários segundos mais

tarde, e subiam juntos, ainda em silêncio.

Lena começou, "Sobre a noite passada. O tiroteio."

Jeffrey acenou-lá, saindo do elevador. "Nós vamos lidar com isso mais tarde, Lena."

"É apenas-"

Ele levantou a mão. "Você não tem idéia o quão pouco o que importa para mim agora", disse ele, usando o corrimão forro do corredor para trabalhar o seu caminho em direção a Brad.

"Ei, chefe," Brad disse, levantando-se da cadeira.

"Ninguém no?" Jeffrey perguntou, apontando para ele sentar.

"Não desde o Dr. Linton em torno de dois esta manhã", ele respondeu.

Jeffrey disse, "Bom", apoiando a mão no ombro de Brad quando ele abriu a porta.

Julia Matthews estava acordado. Ela olhou cegamente para fora da janela, sem se mover quando eles entraram.

"Senhorita Matthews?" ele disse, inclinando sua mão contra a grade da cama.

Ela continuou a olhar, sem responder.

Lena disse: "Ela não falou uma vez Sara pegou o tubo para fora."

Ele olhou pela janela, perguntando o que prendeu a atenção. Amanhecer tinha quebrado cerca de trinta minutos atrás, mas que não as nuvens não havia nada notável ver pela janela.

Jeffrey repetiu, "Senhorita Matthews?"

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas ainda não disse nada. Ele saiu da sala, usando o braço de Lena para se apoiar.

Assim que eles estavam fora do quarto, Lena fornecido, "Ela não disse nada durante toda a noite."

"Nem uma palavra?"

Ela balançou a cabeça. "Temos um número de emergência da faculdade e encontrou uma tia.

Ela está rastreando os pais. Eles estão voando em Atlanta no primeiro vôo disponível."

"Quando é isso?" Jeffrey perguntou, verificar o seu relógio.

"Por volta das três hoje."

"Frank e eu vou buscá-las", disse ele, voltando-se para Brad Stephens. "Brad, você já esteve em toda a noite?"

"Sim senhor."

"Lena irá aliviá-lo em um par de horas." Ele olhou para Lena, desafiando-a a protestar. Quando nada veio, ele disse: "Leve-me para casa, depois de volta para a estação. Você pode caminhar até o hospital de lá."

Jeffrey olhou para frente como Lena levou para sua casa, tentando trabalhar sua mente em torno do que tinha acontecido na noite passada. Ele sentiu uma tensão no pescoço que, mesmo um punhado de aspirina não poderia domar. Ele ainda não conseguia afastar a letargia de ser drogado na noite passada, e seu cérebro estava sendo desviado para a esquerda e direita, como ele mesmo chegou a aceitar que tudo isso tinha acontecido três portas para baixo de onde ele dormia como um bebê. Graças a Deus, Sara tinha sido lá ou ele teria duas vítimas em vez de um em suas mãos.

Julia Matthews provou que o assassino foi escalada. Ele tinha ido de um ataque rápido e assassinato no banheiro para manter uma menina por alguns dias para que ele pudesse tomar o seu tempo com ela. Jeffrey tinha visto este tipo de comportamento e outra vez. estupradores seriais aprenderam com seus erros. Suas vidas foram gastos tentando descobrir a melhor maneira de obter os seus objectivos, e este violador, este assassino, foi aprimorando suas

habilidades, mesmo agora, enquanto Jeffrey e Lena falou sobre como alcançá-lo. Ele tinha Lena repetir sua história sobre Julia Matthews, tentando ver se era diferente na narração, tentando retirar pistas adicionais. Não havia nenhuma. Lena era muito bom em relatar as coisas como ela os viu, e nada de novo veio com o segundo revelador. Jeffrey perguntou: "O que aconteceu depois?"

"Depois de Sara deixou?"

Ele assentiu.

"Dr. Headley veio de Augusta. Fechou-la."

Jeffrey tornou-se ciente do fato de que ao longo de narração de acontecimentos da noite de Lena antes, ela estava usando "seu" nome da mulher, em vez de. Era comum na aplicação da lei de olhar para o criminoso e não a vítima, e Jeffrey sempre senti que esta era a maneira mais rápida de perder de vista porque eles fizeram o trabalho em primeiro lugar. Ele não queria Lena para fazer isso, especialmente considerando que havia acontecido com sua irmã.

Havia algo diferente sobre Lena hoje. Se era um maior nível de tensão ou raiva, ele não poderia dizer. Seu corpo parecia vibrar com ele, e seu principal objetivo era levá-la de volta para o hospital, onde ela poderia sentar-se e descomprimir. Ele sabia que Lena não deixaria sua guarda na cabeceira de Julia Matthews. O hospital era o único lugar para confiar nela para ficar. Houve, é claro, a vantagem adicional de saber que, se Lena fez finalmente ter algum tipo de colapso nervoso, ela estava no lugar certo. Por agora, ele precisava usá-la. Ele precisava dela para ser os olhos e ouvidos para o que aconteceu na noite passada.

Ele disse: "Diga-me o que Julia parecia."

Lena bateu o chifre, enxotando um esquilo para fora da estrada. "Bem, ela parecia normal."

Lena fez uma pausa. "Quer dizer, eu pensei que era uma overdose ou algo do jeito que ela olhou. Eu nunca teria atrelado ela por um estupro."

"O que você convencido do contrário?"

A mandíbula de Lena trabalhou novamente. "Dr. Linton, suponho. Ela apontou os buracos em suas mãos e pés. Eu devo ter sido cego, eu não sei. O cheiro de lixívia e tudo isso deu e foi embora."

"Tudo o que?"

"Assim, você sabe, sinais físicos de que algo não estava certo." Lena parou novamente. O tom dela tomou um anel defensivo. ... "Ela teve sua boca gravada fechada, com seus carteira de motorista empurrou para baixo sua garganta Suponho que ela olhou estuprada, mas eu não estava vendo que eu não sei por que eu iria descobri-lo, eu não tenho estúpido. é só que ela parecia tão normal, sabe? Não é como uma vítima de estupro".

Ele foi surpreendido por esta última parte. "O que faz uma vítima de estupro se parece?"

Lena encolheu os ombros. "Como minha irmã, eu acho", ela murmurou. "Como alguém que realmente não podem cuidar de si mesmos."

Jeffrey estava esperando uma descrição física, algum comentário sobre o estado do corpo de Julia Matthews. Ele disse: "Eu não segui-lo."

"Deixa pra lá."

"Não", disse Jeffrey. "Diga-me."

Lena parecia pensar sobre como formular suas palavras e, em seguida, "Eu acho que eu posso entender com Sibila, porque ela era cega." Ela parou. "Quero dizer que há essa coisa toda sobre as mulheres pedindo para ele e tudo. Eu não acho que Sibila era assim, mas sei estupradores. Eu conversei com eles, eu pego eles. Eu sei como eles pensam. Eles não

escolher alguém que eles acham que vai colocar uma luta ".

"Você acha?"

Lena encolheu os ombros. "Eu acho que você pode entrar em tudo o que besteira feminista sobre como as mulheres devem ser capazes de fazer o que quer fazer e os homens devem apenas se acostumar com isso, mas ..." Lena parou novamente. "É assim", disse ela. "Se eu estacionei meu carro no meio de Atlanta com as janelas abertas e as chaves na ignição, quem é a culpa quando alguém rouba-lo?"

Jeffrey não chegou a levá-la a lógica.

"Há predadores sexuais lá fora", Lena continuou. "Todo mundo sabe que existem algumas pessoas doentes, geralmente homens, que se aproveitam de mulheres. E eles não estão pegando os que se parecem com eles podem cuidar de si mesmos. Eles estão escolhendo aqueles que não vai ou não pode , colocar uma luta. Eles estão pegando os mais quietos como Julia Matthews. Ou os deficientes ". Lena acrescentou: "Como a minha irmã."

Jeffrey olhou para ela, não tenho certeza que ele comprou sua lógica. Lena surpreendeu algumas vezes, mas o que ela tinha acabado de dizer-lhe soprou para fora da água. Ele seria de esperar nesta terra de falar de alguém como Matt Hogan, mas nunca de uma mulher. Nem mesmo Lena.

Ele inclinou a cabeça contra o encosto de cabeça, em silêncio por alguns instantes. Depois de um tempo, ele perguntou: "Corra o caso para mim. Julia Matthews. Dá-me os exames médicos." Lena a levou tempo respondendo. "Seus dentes da frente foram eliminados. Seus tornozelos tinham sido amarrados. Ele pêlos pubianos tinha sido raspado." Lena fez uma pausa. "Então, você sabe, ele limpou para fora do lado de dentro."

"Bleach?"

Lena assentiu. "Mouth, também."

Jeffrey observou de perto. "O quê mais?"

"Não havia hematomas sobre ela." Lena indicou seu colo. "Nenhum ferimento defensivo ou marcas de suas mãos, que não sejam os buracos nas palmas das mãos e as contusões de as correias."

Jeffrey considerou esta. Julia Matthews tinha sido provavelmente drogado o tempo todo, embora isso não fazia sentido para ele também. Estupro era um crime de violência, ea maioria dos estupradores desceu mais de causar dor mulheres, controlá-los, do que realmente ter relações sexuais com eles.

Jeffrey disse: "Diga-me o que mais. O que Julia olhar como quando você a encontrou?"

"Ela parecia uma pessoa normal", respondeu Lena. "Eu te falei isso."

"Nu?"

"Sim, nu. Ela estava totalmente nu, e ela foi colocada para fora como, com as mãos para fora. Seus pés estavam cruzadas nos tornozelos. Mesmo em frente do capô do carro."

"Você acha que ela foi colocada como que por uma razão?"

Lena respondeu: "Eu não sei. Todo mundo sabe Dr. Linton. Todo mundo sabe que carro que ela dirige. É o único na cidade."

Jeffrey sentiu seu estômago dar uma guinada. Esta não era a resposta que ele tinha sido pesca para. Ele quis dizer para Lena para abordar especificamente o posicionamento do corpo, para tirar a mesma conclusão que ele tinha, que era que a mulher foi exibido em uma crucificação representar. Ele havia assumido o carro de Sara foi escolhido porque tinha sido estacionado próximo ao hospital onde alguém iria vê-lo. A possibilidade de que esta acção foi

dirigida a Sara era arrepiante.

Jeffrey rejeitou estes pensamentos no momento, interrogando Lena. "O que sabemos sobre o nosso violador?"

Lena pensou na sua resposta. "Ok, ele é branco, porque estupradores tendem a violar dentro do seu próprio grupo étnico. Ele é superretentivo, porque ela foi limpo cuidadosamente com água sanitária;. Lixívia significa que ele está acima em seus forenses, porque essa é a melhor maneira de dispor de provas físicas. Ele é, provavelmente, um mais velho. homem, tem a sua própria casa, porque ele obviamente pregado a ela para alguns chão ou na parede ou o que quer, e não é como você pode fazer isso em um prédio de apartamentos, então ele deve ser estabelecida na cidade. ele provavelmente não é casado, porque ele tinha um monte de explicações a dar, se sua esposa chegou em casa e encontrou uma mulher pregado para baixo no porão. "

"Por que você diz porão?"

Lena deu de ombros novamente. "Eu não imagino que ele pode mantê-la fora ao ar livre."

"Mesmo que ele vive sozinho?"

"A não ser que ele é certo de que ninguém vai aparecer."

"Então, ele é um solitário?"

"Bem, talvez. Mas, então, como é que ele a conheceu?"

"Bom ponto", disse Jeffrey. "Será que Sara enviar sangue para exame toxicológico?"

"Sim", disse Lena. "Ela levou-o para Augusta. Pelo menos, que é onde ela disse que ela estava indo. Ela disse que sabia o que ela estava procurando."

Jeffrey apontou para uma rua lateral. "Lá."

Lena fez uma curva acentuada. "Nós ainda vamos cortar Gordon solto hoje?" ela perguntou.

"Eu não penso assim", disse Jeffrey. "Nós podemos usar a carga de drogas para obter a sua cooperação em matéria de que Julia tem andado por aí com. Pelo que Jenny Price disse, ele a manteve em uma coleira apertada. Ele seria a pessoa mais propensa a notar que era nova em sua vida. "

"Sim", Lena concordou.

"Aqui em cima, à direita," ele instruiu, sentando-se. "Você quer entrar?"

Lena sentou-se ao volante. "Eu vou ficar aqui, obrigado."

Jeffrey sentou-se em seu assento. "Há mais uma coisa que você não está me dizendo, não é?"

Ela respirou fundo, em seguida, deixá-lo ir. "Eu sinto como se eu deixar você para baixo."

"Sobre a noite passada?" ele perguntou, então: "Me levar um tiro?"

Ela disse: "Há coisas que você não conhece."

Jeffrey pôs a mão na maçaneta da porta. "É Frank cuidar dele?"

Ela assentiu com a cabeça.

"Você poderia ter parado o que aconteceu?"

Ela encolheu os ombros, os ombros subindo para seus ouvidos. "Eu não sei se eu posso parar mais nada."

"Boa coisa que não é seu trabalho", disse ele. Ele queria dizer mais para ela, para ter um pouco de sua carga, mas Jeffrey sabia por experiência que Lena teria que resolver isso por si mesma. Ela passou os últimos trinta e três anos construindo uma fortaleza em torno de si mesma. Ele não estava prestes a romper-lo em três dias.

Em vez disso, ele disse, "Lena, meu número um foco agora é descobrir quem matou sua irmã e que estuprou Julia Matthews. Este", ele indicou seu laço "Eu posso lidar com quando acabar."

Eu acho que nós dois sabemos onde começar a procurar. não é como se eles estão todos indo cidade licença. "

Ele empurrou a porta e fisicamente levantou a perna ferida com a mão. "Jesus Cristo", ele gemeu, sentindo-se um protesto intenso de seu joelho. Sua perna tinha ficado duro de sentar no carro por tanto tempo. Até o momento Jeffrey levantou-se do carro, uma linha de frisado suor sobre o lábio.

A dor atravessou sua perna enquanto caminhava em direção a sua casa. Suas chaves da casa estavam no mesmo anel como as chaves do carro, então ele foi até a parte de trás da casa, entrando pela cozinha. Durante os últimos dois anos, Jeffrey tinha sido remodelar o próprio casa. Seu último projeto foi a cozinha, e ele destruiu o muro de trás da casa um fim de semana de três dias, o planejamento para tê-lo construído de volta no tempo para voltar ao trabalho. Um tiroteio tinha cortado seus planos de curto, e ele tinha acabado de comprar tiras de plástico a partir de uma casa de fonte freezer em Birmingham e cravando-os ao longo dos quatros dois-por-nuas. O plástico manteve a chuva e vento, mas enquanto isso ele ainda tinha um grande buraco na parte de trás de sua casa.

Na sala de estar, Jeffrey pegou o telefone e discou o número de Sara, esperando que ele pudesse pegá-la antes de ela sair para o trabalho. Sua máquina pegou, então ele ligou para a casa Linton.

Eddie Linton atendeu o telefone no terceiro toque. "Linton e filhas."

Jeffrey tentou permanecer agradável. "Hey, Eddie, é Jeffrey."

O telefone ruidosamente como ele foi deixado cair no chão. Jeffrey podia ouvir pratos e panelas no fundo, conversa, em seguida, abafada. Alguns segundos depois, Sara pegou o telefone.

"Jeff?"

"Sim", ele respondeu. Ele podia ouvi-la abrindo a porta para o convés. Os Lintons eram as únicas pessoas que ele sabia que não têm um telefone sem fio em sua casa. Havia uma extensão no quarto e um na cozinha. Se não for para o cabo de dez pés das meninas tinha colocado no telefone cozinha quando eles estavam de volta na escola, a privacidade não teria sido possível.

Ele ouviu a porta fechar, em seguida, Sara disse: "Desculpe."

"Como vai você?"

Ela pulou uma resposta, dizendo: "Eu não sou o único que levou um tiro na noite passada."

Jeffrey fez uma pausa, perguntando sobre o tom agudo de sua voz. "Eu ouvi sobre o que aconteceu com Julia Matthews."

"Certo", disse Sara. "Eu corri o sangue em Augusta. Belladonna tem dois marcadores específicos."

Ele interrompeu uma aula de química. "Você encontrou os dois?"

"Sim", respondeu ela.

"Então, nós estamos olhando para o mesmo cara em ambos."

Sua voz foi cortada. "Parece que sim."

Alguns segundos se passaram, em seguida, Jeffrey disse: "Nick tem esse cara que é uma espécie de especialista em envenenamento beladona. Ele está trazendo-o pelo menos dez. Pode fazê-lo?"

"Eu posso pop entre os pacientes, mas eu não posso ficar muito tempo", Sara oferecido. Houve uma mudança em sua voz, algo mais suave, quando ela disse: "Eu preciso ir agora, ok?"

"Eu quero falar sobre o que aconteceu na noite passada."

"Mais tarde, ok?" Ela não lhe deu tempo para responder. O telefone clicou em seu ouvido. Jeffrey soltou um suspiro enquanto ele mancava em direção ao banheiro. No caminho, ele olhou para fora da janela, verificando Lena. Ela ainda estava no carro, ambas as mãos segurando o volante. Parecia que cada mulher em sua vida tinha algo que eles estavam se escondendo hoje.

Depois de um banho quente e barbear, Jeffrey sentiu consideravelmente melhor. Sua perna ainda estava duro, mas quanto mais ele mudou-se a menos que doía. Havia algo a ser dito para ficar móvel. A unidade para a estação estava tenso e silencioso, o único barulho no carro sendo o som de ranger os dentes de Lena. Jeffrey estava contente de ver a parte de trás enquanto ela caminhava em direção ao hospital.

Maria o encontrou na porta da frente, as mãos na frente do peito. "Estou tão feliz que esteja bem", disse ela, segurando seu braço, levando-o de volta para seu escritório. Ele colocou um fim a sua agitação quando ela abriu a porta para ele.

"Eu tenho isso", disse Jeffrey. "Onde está o Frank?"

O rosto de Maria caiu. Se Grant era um lugar pequeno, sua força policial era ainda menor. Rumores viajou mais rápido dentro das fileiras do que um raio de luz através de uma barra de aço.

Maria disse: "Eu acho que ele é na parte de trás."

"Vá buscá-lo para mim, vai?" Jeffrey perguntou, fazendo o seu caminho em direção a seu escritório.

Jeffrey estava sentado em sua cadeira com um gemido. Ele sabia que estava tentando o destino com a perna, mantendo-o ainda por um tempo, mas ele não tem escolha. Seus homens necessários para saber que ele estava de volta ao trabalho, pronto para trabalhar.

Frank bateu os nós dos dedos na porta e Jeffrey acenou-lo entrar.

Frank perguntou: "Como você está fazendo?"

Jeffrey fez com que ele tinha a atenção do outro homem. "Eu não vou levar um tiro no mais, sou eu?"

Frank teve a decência de olhar para seus sapatos. "Não senhor."

"E quanto a Will Harris?"

Frank coçou o queixo. "Ouvi dizer que ele está indo para Savannah."

"Este direito?"

"Sim", respondeu Frank. "Pete deu-lhe um bônus. Will comprou uma passagem de ônibus."

Frank deu de ombros. "Disse que ia passar um par de semanas com a filha."

"E quanto a sua casa?"

"Alguns caras no lodge se ofereceu para cuidar da janela."

"Good", disse Jeffrey. "Vai de Sara quer o carro de volta. Achou alguma coisa?"

Frank pegou um saco de provas de plástico do bolso e colocou-a sobre a mesa.

"O que é isso?" Jeffrey perguntou, mas era uma pergunta estúpida. Houve uma Ruger.357 Magnum no saco.

"Foi sob seu assento", disse Frank.

"Assento do Sara?" ele perguntou, ainda não conseguiu-lo. A arma era uma rolha de homem, o calibre suficiente para explodir um buraco no peito de alguém. "Em seu carro? Esta é a dela?"

Frank deu de ombros. "Ela não tem uma licença para isso."

Jeffrey olhou para a arma como se pudesse falar com ele. Sara certamente não era contra

cidadãos particulares que têm armas, mas sabia que para um fato que ela não era exatamente confortável em torno de armas, especialmente o tipo que poderia disparar o bloqueio fora de uma porta de celeiro. Enfiou a arma para fora do saco, verificando-lo.

"Os números de série foram arquivadas off", disse Frank.

"Sim", respondeu Jeffrey. Ele podia ver isso. "Foi carregado?"

"Sim." Frank estava obviamente impressionado com a arma. "Ruger de segurança de seis, de aço inoxidável. Isso é uma alça de costume, também."

Jeffrey deixou cair a arma na gaveta da escrivaninha, em seguida, olhou para Frank. "Qualquer coisa sobre o agressor sexual lista ainda?"

Frank parecia decepcionado que a discussão sobre a arma de Sara tinha acabado. Ele respondeu: "Não é verdade. A maioria deles tem algum tipo de álibi. Os que não o fazem não são realmente o que estamos procurando."

"Nós temos uma reunião às dez com Nick Shelton. Ele tem um especialista em beladona. Talvez possamos dar as caras algo mais para procurar depois disso."

Frank sentou-se. "Eu tenho que nightshade no meu próprio quintal."

"Eu também," Jeffrey disse, então, "Eu quero dirigir-se ao hospital após a reunião, ver se Julia Matthews se sente como falar." Ele fez uma pausa, pensando no jovem. "Seus pais estarão em torno de três. Eu quero estar no aeroporto para encontrá-los. Você está montando espingarda comigo hoje."

Se Frank encontrada escolha de palavras de Jeffrey engraçado, ele não fez nenhum comentário.

Capítulo Quinze

SARA deixou a clínica no trimestre até dez para que ela pudesse ir pela farmácia antes que ela viu Jeffrey. Houve um frio no ar e as nuvens prometeu mais chuva. Ela colocou as mãos nos bolsos enquanto caminhava pela rua, mantendo os olhos na calçada em frente a ela, esperando que sua postura e seu ritmo iria fazê-la parecer inacessível. Ela não precisa ter incomodado, embora. Desde o centro da morte de Sibyl tinha tomado em uma tranquila estranha. Era como se toda a cidade tivesse morrido com ela. Sara sabia como se sentiam. Durante toda a noite, Sara tinha ficado acordado na cama, passando por cima de cada passo que ela tinha tomado com Julia Matthews. Não importa o que ela fez, Sara continuava vendo a menina colocado para fora em seu carro, suas mãos e pés perfurado, com os olhos vidrados enquanto ela olhava sem ver o céu noturno. Sara nunca quis passar por algo assim novamente. O sino sobre a porta da farmácia tilintavam como Sara entrou, quebrando-a de sua solidão. "Ei, Dr. Linton," Marty Ringo chamado de trás da caixa. Sua cabeça estava inclinada para baixo, lendo uma revista. Marty era uma mulher gorda com uma toupeira infeliz crescendo um pouco acima da sobrancelha direita. cabelos pretos disparou para fora dele como cerdas de uma escova. Trabalhando na farmácia, ela sabia que as últimas fofocas sobre qualquer um e todos na cidade. Marty seria certo mencionar a quem entrou na loja ao lado que Sara Linton fez uma viagem especial para ver Jeb hoje.

Marty sorriu maliciosamente. "Você está procurando Jeb?"

"Sim", respondeu Sara.

"Ouvido sobre a noite passada", disse Marty, obviamente, a pesca de informações. "Isso é uma menina da faculdade, né?"

Sara balançou a cabeça, porque isso muito poderia ser encontrado a partir do papel.

A voz de Marty reduzido. "Ouvi dizer que ela foi sujado com."

"Mmm," Sara respondeu, olhando ao redor da loja. "Ele está aqui?" ela perguntou.

"Ambos pareciam iguais, também."

"O que é isso?" Sara perguntou, de repente, prestando atenção.

"Ambas as garotas", disse Marty. "Você acha que há algum tipo de ligação?"

Sara interromper a conversa. "Eu realmente preciso falar com Jeb."

"Ele está fora de volta." Marty apontou para a farmácia, uma expressão de dor no rosto.

Sara agradeceu Marty com um sorriso forçado quando ela fez seu caminho em direção a parte de trás da loja. Sara sempre gostou de estar na farmácia. Ela tinha comprado seu primeiro tubo de rímel aqui. Nos fins de semana, seu pai costumava levá-los até a loja para doces. Não muito mudou desde Jeb comprou o lugar. O contador de soda, que foi mais para mostrar do que para servir bebidas, ainda brilhava em polônês. Contraceptivos ainda foram mantidos atrás do balcão. Os corredores estreitos cima e para baixo o comprimento da loja ainda foram marcadas com sinais feitos de marcador e cartolina.

Sara olhou por cima do balcão da farmácia, mas não ver Jeb. Ela notou a porta dos fundos estava aberta, e com um olhar por cima do ombro, ela caminhou atrás do balcão.

"Jeb?" ela chamou. Não houve resposta, e Sara foi até a porta aberta. Jeb estava de pé ao lado, de costas para Sara. Ela bateu-lhe no ombro e ele pulou.

"Deus", gritou ele, virando-se rapidamente. O medo em seu rosto foi substituído por prazer quando viu Sara.

Ele riu. "Você assustou o crap fora de mim."

"Sinto muito", desculpou-se Sara, mas a verdade era que ela estava feliz que ele poderia ter trabalhado ao longo de alguma coisa. "O que você estava fazendo?"

Ele apontou para uma fileira de arbustos que revestem o longo estacionamento atrás dos edifícios. "Veja em que Bush?"

Sara balançou a cabeça, não vendo nada, mas arbustos. Então, "Oh", como ela viu um pequeno ninho de pássaro.

"Passarinhos", disse Jeb. "Eu coloquei um alimentador lá fora ano passado, mas algumas crianças da escola levou ele."

Sara se virou para ele. "Sobre a noite passada", ela começou.

Ele acenou com ela. "Por favor, Sara, acredite em mim, eu entendo. Você estava com Jeffrey um longo tempo."

"Obrigado", disse ela, o que significa que.

Jeb olhou de volta para a farmácia, baixando a voz. "Sinto muito sobre o que aconteceu, também. Você sabe, com a menina." Ele balançou a cabeça lentamente para os lados. "É muito difícil pensar sobre coisas como que isso aconteça em sua própria cidade."

"Eu sei", Sara respondeu, não querendo realmente chegar a ele.

"Eu acho que eu posso te perdoar, pulando para fora em nossa data para salvar a vida de alguém." Ele colocou a mão sobre o lado direito do seu peito. "Será que você realmente colocar sua mão em seu coração?"

Sara moveu a mão para o lado esquerdo. "Sim."

"Bom Deus", Jeb respirava. "Como se sente?"

Sara deu-lhe a verdade. "Scary", disse ela. "Muito assustador."

Sua voz estava cheia de admiração quando ele disse: "Você é uma mulher notável, Sara. Você

sabia disso?"

Sentia-se tola sendo elogiado. "Eu vou dar-lhe uma verificação de chuva, se quiser," ela ofereceu, tentando movê-lo fora do tema da Julia Matthews. "Para o nosso encontro, quero dizer."

Ele sorriu, genuinamente satisfeito. "Seria ótimo."

Uma brisa veio e Sara esfregou os braços. "Está ficando frio novamente."

"Aqui." Ele a levou de volta para dentro, fechando a porta atrás deles. "Você fazer qualquer coisa neste fim de semana?"

"Eu não sei", disse Sara. Então, "Ouça, eu vim para ver se Jeffrey pegou sua medicação."

"Bem." Jeb apertou as mãos. "Eu acho que isso significa que você está ocupado neste fim de semana."

"Não, não faz." Sara fez uma pausa e disse: "É só complicado."

"Sim." Ele forçou um sorriso. "Não tem problema. Vou verificar o seu script."

Ela não podia ver o desapontamento em seu rosto. Ela virou a exibição de alerta médico para dar-se algo para fazer. Marcadores com dizeres religiosos eram ao lado de pulseiras diabetes.

Jeb abriu uma grande gaveta sob o balcão e tirou um frasco de comprimido laranja. Ele verificou duas vezes o rótulo, em seguida, disse: "Chamou-nos, mas não pegá-lo ainda."

"Obrigado", Sara conseguiu, levando a garrafa. Ela segurou-o na mão, olhando para Jeb. Ela falou antes que ela pudesse voltar com isso. "Por que você não me ligou?" ela perguntou.

"Sobre este fim de semana."

"Sim, eu irei."

Ela estendeu a mão com a mão livre, alisando a lapela do casaco de laboratório. "Quero dizer que, Jeb. Ligue para mim."

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, então de repente ele se inclinou, beijando-a de leve nos lábios. "Eu te ligo amanhã."

"Grande", disse Sara. Ela percebeu que estava segurando o frasco de comprimido com tanta força que a parte superior estava prestes a estalar fora. Ela tinha beijado Jeb antes. Foi realmente não é grande coisa. Algo no fundo de sua mente estava com medo de que Marty iria ver, embora. Algo em sua mente estava com medo de que a notícia do beijo gostaria de voltar para Jeffrey.

"Eu posso dar-lhe um saco para isso", Jeb ofereceu, apontando para a garrafa.

"Não", Sara murmurou, enfiando a garrafa no bolso da jaqueta.

Ela murmurou um obrigado e estava fora da porta antes de Marty poderia olhar para cima de sua revista.

Jeffrey e Nick Shelton estavam no corredor quando Sara chegou até a estação. Nick estava com as mãos enfiadas nos bolsos de trás da calça jeans, sua regulação GBI camisa azul escuro do vestido apertados sobre o peito. Sua barba não-regulamentação e bigode aparado foram perfeitamente ao seu rosto, e sua cadeia de corda de ouro igualmente proibido estava pendurado em seu pescoço. Em pouco menos de cinco pés e seis polegadas, ele foi curto o suficiente para Sara para descansar o queixo no topo de sua cabeça. Isso não impediu-o de pedir-lhe uma série de vezes.

"Ei, menina", disse Nick, colocando o braço em volta da cintura.

Jeffrey teve sobre como muito que se preocupar com a concorrência-wise de Nick Shelton como o fez a partir de uma rena, mas ele ainda parecia cerdas na forma familiar Nick segurou-a. Sara pensou que Nick estava muito solícito por esta mesma razão.

"Por que não começar a reunião?" Jeffrey resmungou. "Sara tem que voltar ao trabalho." Sara apanhados com Jeffrey enquanto caminhavam pelo corredor em direção a parte de trás. Ela guardou o frasco de comprimido no bolso do casaco.

"O que é isso?" ele perguntou, tirando-o. Então, "Oh."

"Oh", repetiu Sara, abrindo a porta.

Frank Wallace e um jovem de aparência Reedy em calças cáqui e uma camisa como Nick estavam sentados na sala de reuniões quando eles entraram. Frank ficou de pé, apertando a mão de Nick. Ele deu Sara um aceno de cabeça firme, que ela não voltou. Algo disse Sara que Frank tinha uma mão no que aconteceu ontem à noite, e ela não gostou.

"Este é Mark Webster", disse Nick, indicando o outro homem. Ele era um garoto, realmente, quase mais de vinte e um. Ele tinha que ainda wet-trás das orelhas olham sobre ele, e um pedaço de seu cabelo preso na parte de trás em um topete clássico.

"Prazer em conhecê-lo", disse Sara, apertando a mão dele. Foi como apertar um peixe, mas se Nick tinha trazido Mark Webster todo o caminho até aqui a partir de Macon, ele não podia ser tão pateta quanto parecia.

Frank disse: "Por que você não lhes diga o que você estava me dizendo?"

O garoto limpou a garganta e realmente puxou o colarinho. Ele dirigiu suas palavras para Sara.

"Eu estava dizendo que é interessante a sua torção pegou beladona para a sua droga de escolha. É muito incomum. Eu só vi três casos no meu trabalho, ea maioria dos que foram regra-outs, crianças estúpidas que achavam que teria um pouco de diversão . "

Sara assentiu com a cabeça, sabendo que "regra-outs" significava excluir jogo sujo em uma morte. Como um médico legista, bem como um pediatra, ela era um cuidado especial quando as crianças entraram no necrotério com causa desconhecida morte.

Mark inclinou-se contra a mesa, dirigindo seus comentários ao resto do grupo. "Belladonna é na família beladona. Durante a Idade Média, as mulheres mastigado pequenas quantidades de sementes, a fim de dilatar as pupilas. Uma mulher com os olhos dilatados foi considerada mais atraente, e é aí que eles tem o nome 'belladonna.' Isso significa "mulher bonita". "

Sara fornecido, "Ambas as vítimas tinham pupilas extremamente dilatadas."

"Mesmo uma dose ligeira poderia causar isso", respondeu Mark. Ele pegou um envelope Tyvek branco e tirou algumas fotografias, que entregou a Jeffrey a circular.

Mark disse: "Belladonna é em forma de sino, geralmente roxo, e cheira engraçado. Não é algo que se mantenha em torno de seu quintal se as crianças ou pequenos animais. Quem está crescendo provavelmente tem uma cerca em torno dela, talvez três pés de altura, no mínimo, a fim de manter-se de envenenamento todos ao seu redor. "

"Será que ela precisa de nenhum tipo específico de solo ou alimentar?" Jeffrey perguntou, passando a foto para Frank.

"É uma erva daninha. Ela pode crescer praticamente em qualquer lugar. Isso é o que o torna tão popular. A única coisa é, é uma droga ruim." Mark fez uma pausa neste. "A alta é prolongada, dura cerca de três a quatro horas, dependendo da quantidade que você toma. Os usuários relatam alucinações muito reais. Muitas vezes eles vão realmente acho que aconteceu, se eles podem se lembrar."

Sara perguntou: "Ela provoca amnésia?"

"Oh, sim, senhora, amnésia seletiva, o que significa que eles só se lembram pedaços. Como se ela pode se lembrar que era um homem que a levou, mas ela não vai se lembrar como ele era mesmo que ela estava olhando-o no enfrentar. Ou ela poderia dizer que ele estava roxo

com olhos verdes. " Ele fez uma pausa. "É um alucinógeno, mas não gosta do seu PCP típico ou LSD. Os usuários relatam que não há discernir entre a alucinação ea coisa real. Com, digamos, pó de anjo, o êxtase, o que você tem, você sabe que está tendo alucinações. Belladonna faz tudo parecer real. Se você me deu uma xícara de Datura, quando você veio ao redor que você pode me jurar que você teve uma conversa com um cabide. Eu poderia ligar-te a um detector de mentiras e você sair como dizendo a verdade. ele leva as coisas que estão lá na realidade e coloca um toque sobre eles ".

"Chá?" Jeffrey perguntou, dando Sara um olhar.

"Sim, senhor. Kids've sido ferver no chá para beber." Ele cruzou as mãos atrás dele. "Eu tenho que dizer-lhe, no entanto, é algo perigoso. Real fácil de OD em."

Sara perguntou: "Como você pode ingeri-lo?"

"Se você tem a paciência", Mark respondeu: "você pode mergulhar as folhas em álcool por um par de dias, então evaporar-lo. Ainda é um jogo de dados, porém, porque a consistência não é garantida, mesmo com pessoas que cultivá-la para fins médicos. "

"fins que médicos?" Jeffrey perguntou.

"Bem, você sabe quando você vai ao oftalmologista e ele dilata seus olhos? É um composto de beladona. Muito diluída, mas é beladona. Você não poderia ter um par de garrafas de colírio e matar alguém, por exemplo. No este baixo nível de concentração, o pior que poderia fazer é dar-lhes um mau dor de cabeça e assassino constipação. é no nível puro que você tem que ser cuidadoso. "

Frank bateu o braço dela, entregando-lhe a fotografia. Sara olhou para a planta. Parecia muito bem como todas as plantas que já tinha visto. Sara era médico, não um horticultor. Ela não poderia mesmo crescer um Chia Pet.

Sem aviso, sua mente estava correndo de novo, pensar para trás a quando ela encontrou Julia Matthews em seu carro. Ela estava tentando lembrar se a fita adesiva tinha estado lá. Com súbita clareza, Sara se lembrava que tinha. Ela podia ver a fita na boca da mulher. Ela podia ver o corpo de Julia Matthews crucificado sobre o capô do carro. "Sara?" Jeffrey perguntou.

"Hm?" Sara olhou para cima. Todo mundo estava olhando para ela, como se eles estavam antecipando uma resposta a algo. "Sinto muito", ela se desculpou. "O que foi que você pediu?"

Mark respondeu: "Eu perguntei se você notou alguma coisa estranha sobre as vítimas. Eles eram incapazes de falar? Será que eles têm um olhar vazio?"

Sara devolveu a foto. "Sibyl Adams era cego", ela prestados. "Então é claro que seu olhar estava em branco. Julia Matthews ..." Ela fez uma pausa, tentando forçar a imagem de sua mente. "Seus olhos estavam vidrados. Eu imagino que era de ser gorked nesta drogas mais do que qualquer outra coisa."

Jeffrey deu-lhe um olhar engraçado. "Mark mencionou algo sobre a beladona interferir com a visão."

"Há uma espécie de blindsightedness", disse Mark em um tom que implicava que ele estava se repetindo. "De acordo com relatórios do usuário, você pode ver, mas sua mente não pode fazer o que é que você está vendo. Como eu poderia mostrar-lhe uma maçã ou uma laranja, e você estaria ciente de que você estava vendo algo redondo, talvez texturizada, mas seu cérebro não iria reconhecer o que é. "

"Eu sei o que é blindsightedness", Sara voltou, percebendo tarde demais que seu tom era condescendente. Ela tentou cobrir para isso dizendo, "Você acha que Sibyl Adams experimentou este? Talvez seja por isso que ela não gritar?"

Mark olhou para os outros homens. Obviamente, este foi outra coisa que ele tinha coberto, enquanto Sara foi zoneamento para fora. "Tem sido relatada perda da voz da droga. Nada acontece fisicamente na caixa de voz. Não há nenhuma restrição física ou danos causados pela droga. Eu acho que é mais a ver com algo que acontece no centro da linguagem do cérebro. Tem que ser semelhante ao que faz com que os problemas de reconhecimento de visão ".

"Faz sentido," Sara concordou.

Mark continuou. "Alguns sinais de que ele foi ingerido seria boca de algodão, pupilas dilatadas, temperatura corporal elevada, ritmo cardíaco elevado, e dificuldade em respirar."

"Ambas as vítimas experimentou todos esses sintomas", Sara forneceu. "Que tipo de dose, pudesse realizar isso?"

"É uma coisa muito potente. Apenas um saco de chá pode mandar alguém loopy, especialmente se eles não são usuários de drogas recreativas. As bagas não são tão ruins em uma escala de coisas, mas nada da raiz ou a folha vai ser perigoso, a menos que você saiba exatamente o que está fazendo. E então não há nenhuma garantia ".

"A primeira vítima foi um vegetariano", disse Sara.

"Ela era um químico, também, certo?" Mark perguntou. "Não consigo pensar em um milhão de diferentes drogas para brincar com exceção beladona. Eu não acho que qualquer um que tomou o tempo para a investigação que levaria esse tipo de risco. É uma roleta russa, especialmente se você está lidando com a raiz . Essa é a parte. Só um pouco mais mortal muito a partir da raiz e você se foi. não há antídoto conhecido. "

"Eu não vi quaisquer sinais de uso de drogas em Julia Matthews." Ela disse para Jeffrey: "Eu suponho que você está indo para entrevistá-la depois disso?"

Ele balançou a cabeça, em seguida, perguntou Mark, "Mais alguma coisa?"

Mark passou os dedos pelo cabelo. "Depois a droga, não é observado constipação, ainda a boca de algodão, por vezes, alucinações. É interessante saber que a droga foi usada em um crime sexual, irônico, mesmo."

"Como é isso?" Jeffrey perguntou.

"Durante a Idade Média, a droga foi, por vezes, inserido com um aplicador vaginal para que a corrida viria mais cedo. Existem ainda algumas pessoas que pensam que todo o mito de bruxas voando em vassouras vem a partir da imagem de uma mulher de inserir a droga com um aplicador de madeira ". Ele sorriu. "Mas então teríamos de entrar em uma discussão prolongada na adoração divindade ea ascensão do cristianismo na cultura europeia."

Mark parecia sentir que tinha perdido a sua audiência. "As pessoas em comunidades de drogas que sabem sobre a beladona tendem a ficar longe dela." Ele olhou para Sara. "Se você vai desculpar a linguagem, senhora?"

Sara deu de ombros. Entre a clínica e seu pai, que tinha praticamente ouviu tudo.

Mark ainda corou quando disse: "É uma porra mente total." Ele ofereceu Sara um sorriso no pedido de desculpas. "A memória número um, mesmo entre os usuários com amnésia, está voando. Eles realmente acreditam que eles estão voando, e a)" não pode compreender, mesmo depois de eles vêm para baixo, que eles não têm realmente voou. "

Jeffrey cruzou os braços. "Isso pode explicar por que ela continua olhando pela janela."

"Será que ela disse alguma coisa?" Sara perguntou.

Ele balançou sua cabeça. "Nada." Em seguida, "Nós estamos indo para o hospital próximo, se você quiser vê-la."

Sara olhou para o relógio, fingindo considerar isso. Não havia nenhuma maneira no inferno que ela estava indo para ver Julia Matthews novamente. Era demais para sequer pensar. "Eu tenho pacientes", disse ela.

Jeffrey indicou seu escritório. "Sara, a mente se eu falar com você por um segundo?"

Sara sentiu o desejo de parafuso, mas ela lutou contra isso. "É este o meu carro?"

"Não." Jeffrey esperou até que ela estava em seu escritório, em seguida, fechou a porta. Sara sentou-se na borda da mesa, tentando por uma pose casual. "Eu tive que levar meu barco para trabalhar esta manhã", disse Sara. "Você sabe como ele é frio no lago?"

Ele ignorou isso, indo direto ao ponto. "Encontrado sua arma."

"Oh," Sara respondeu, tentando pensar no que dizer. De todas as coisas que ela tinha sido esperando que ele dissesse, este foi o último. O Ruger estava em seu carro por tanto tempo que ela tinha esquecido. "Estou sob prisão?"

"Onde você conseguiu isso?"

"Foi um presente."

Jeffrey deu-lhe um olhar duro. "O que, alguém lhe deu um 3-57 com os números de série raspado para o seu aniversário?"

Sara encolheu os ombros isto fora. "Eu tive-o durante anos, Jeffrey."

"Quando você comprar esse carro, Sara? Par de anos atrás?"

"Eu mudei-o do velho quando eu comprei."

Ele olhou para ela, sem falar. Sara poderia dizer que ele era louco, mas ela não sabia o que dizer. Ela tentou, "eu nunca usei isso."

"Isso me faz sentir bem, Sara", ele retrucou. "Você tem uma arma em seu carro capaz de, literalmente, tirar a cabeça de alguém fora e você não sabe como usá-lo?" Ele fez uma pausa, obviamente tentando entender. "O que você vai fazer se alguém vier atrás de você, hein?"

Sara sabia a resposta para isso, mas ela não disse.

Jeffrey perguntou: "Por que você tem que, em primeiro lugar?"

Sara estudou seu ex-marido, tentando descobrir a melhor maneira de sair deste escritório sem ter outra luta. Ela estava cansada e ela estava chateada. Esta não era a hora de ir algumas rodadas com Jeffrey. Sara simplesmente não têm a luta em seu no momento.

"Eu só tinha isso", ela respondeu.

"Você não apenas tem esse tipo de arma", disse ele.

"Eu preciso voltar para a clínica." Ela se levantou, mas ele estava bloqueando sua saída.

"Sara, que diabos está acontecendo?"

"O que você quer dizer?"

Seus olhos se estreitaram, mas ele não respondeu. Mudou-se para o lado, abrindo a porta para ela.

Sara pensou por um segundo que era um truque. "É isso aí?" ela perguntou.

Ele deu um passo para o lado. "Não é como se eu posso vencê-lo fora de você."

Ela colocou a mão no peito, sentindo-se culpada. "Jeffrey."

Ele olhou para a sala de elenco, "Eu preciso ir ao hospital", disse ele, obviamente, dispensando-a.

dezesseis Capítulo

LENA apoiou a cabeça na mão dela, tentando fechar os olhos por apenas um minuto de descanso. Ela estava sentada em uma cadeira fora da sala Julia Matthews por mais de uma hora, e os últimos dias foram finalmente a aproximar-se com ela. Ela estava cansada e prestes a iniciar o seu período. Apesar disso, suas calças estavam soltos na cintura de não comer. Quando ela agarrou seu coldre de remo em mais de seu cinto, esta manhã, foi solto contra seu quadril. À medida que o dia passava, ele começou a esfregar, escoriações seu lado. Lena sabia que precisava comer, precisava voltar a viver sua vida em vez de apenas arrastando através de cada dia como se estivesse vivendo em tempo emprestado. Por enquanto, ela não podia imaginar fazendo isso. Ela não queria se levantar de manhã e ir para uma corrida, como se ela tivesse todas as manhãs durante os últimos quinze anos. Ela não queria ir até a Krispy Kreme e obter café com Frank e os outros detetives. Ela não queria ir para embalar seu almoço ou sair para jantar. Toda vez que ela olhou para comida, ela sentiu-se mal. Tudo o que podia pensar era que Sibila nunca iria comer novamente. Lena estava andando enquanto Sibila estava morto. Lena estava respirando enquanto Sibila não era. Nada fazia sentido. Nada mais será o mesmo novamente.

Lena respirou fundo e deixá-lo ir, olhando para cima e para baixo no corredor. Julia Matthews foi o único paciente no hospital hoje, o que fez trabalho de Lena fácil. Exceto por uma enfermeira que tinha sido flutuou por empréstimo do Augusta, era apenas Lena e Julia neste piso.

Ela se levantou, tentando andar algum sentido em seu cérebro. Ela estava se sentindo Embriagado, e Lena não conseguia pensar em nada para combater este outro do que permanecer em movimento. Seu corpo doía de sono agitado, e ela ainda não conseguiu obter a imagem de Sibila no necrotério fora de sua mente. Parte da Lena estava feliz que não havia outra vítima, embora. Parte da Lena queria entrar no quarto de Julia Matthews e sacudi-la, para pedir-lhe para falar, para dizer-lhes que tinha feito isso com ela, que havia matado Sibila, mas Lena sabia que isso iria levá-los a lugar nenhum.

As poucas vezes que Lena tinha ido para o quarto para verificar sobre a menina, que tinha estado em silêncio, não respondendo até mesmo as questões mais inócua de Lena. Será que ela quer outro travesseiro? Houve alguém que queria Lena para chamar por ela?

Sedento, a menina tinha apontou para a jarra na mesa do hospital, em vez de pediu água. Seus olhos ainda tinha um olhar assombrado sobre eles, também, causado pelo fato de que a droga ainda estava em seu sistema. Suas pupilas estavam abertos, e ela tinha a aparência de alguém que era cego cego como Sibila tinha sido. Só Julia Matthews iria se recuperar a partir deste. Julia Matthews veria novamente. Ela iria ficar melhor. Ela iria voltar para a escola e fazer amigos, talvez encontrar um marido um dia e ter filhos. Lembranças do que tinha acontecido seria sempre na parte de trás da mente de Julia Matthews, mas pelo menos ela teria uma vida. Pelo menos ela teria um futuro. Lena sabia que parte de sua ressentida Matthews para isso. Lena sabia, também, que ela trocaria a vida de Julia Matthews para Sibila de na observação de um segundo.

O elevador apitou aberta, e Lena colocou a mão à arma sem pensar. Jeffrey e Nick Shelton entrou no corredor, seguido por Frank e uma criança magra aparência que parecia que ele tinha acabado de chegar de sua formatura no colégio. Ela deixou cair sua mão, caminhando ao encontro deles, pensando que ela estaria ferrado se todos aqueles homens estavam indo para

ir para a sala de hospital da pequena contendo uma mulher que tinha acabado de ser estuprada. Especialmente Opie.

"Como ela está?" Jeffrey perguntou.

Lena ignorado a questão. "Você não está tudo indo lá, não é?"

O olhar no rosto de Jeffrey disse que ele tinha planejado apenas isso.

"Ela ainda não está falando", disse Lena, tentando ajudá-lo salvar a face. "Ela não disse nada."

"Talvez só você e eu devo ir", ele finalmente decidiu. "Desculpe, Mark."

O jovem não parecia se importar. "Ei, eu estou feliz por isso me tirou do escritório por um dia."

Lena achava que era muito merda dele dizer isso a uma curta distância de uma mulher que, sem dúvida, tinha sido ao inferno e voltou, mas Jeffrey pegou o braço dela antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Ele a levou até o corredor, conversando enquanto caminhavam.

"Ela está estável?" ele perguntou. "Sua condição médica?"

"Sim."

Jeffrey parou na porta do quarto, com a mão na maçaneta, mas não abri-lo. "E você? Você está fazendo bem?"

"Certo."

"Tenho a sensação de que seus pais vão querer movê-la para Augusta. Como você se sente sobre ir com ela?"

O primeiro impulso de Lena foi para protestar, mas ela balançou a cabeça uma aquiescência atípico. Pode fazer-lhe algum bem para sair da cidade. Hank estaria indo de volta para Reece em um dia ou dois. Talvez ela iria se sentir de forma diferente quando ela teve a casa de volta para si mesma.

"Eu vou deixar você começar", disse Jeffrey. "Se ela se parece com ela vai ser mais confortável com apenas você, então eu vou sair."

"Certo", disse Lena, sabendo que este era o procedimento padrão. Geralmente, a última coisa que uma mulher que havia sido estuprada queria fazer era falar com um homem sobre ele. Como o único detetive no pelotão, este trabalho tinha caído a Lena um par de vezes antes. Ela tinha mesmo ido para Macon uma vez para ajudar a entrevistar um jovem lá que havia sido brutalmente espancada e estuprada por seu vizinho. Ainda assim, mesmo que Lena tinha sido no hospital o dia todo com Julia, algo sobre falando com a menina, entrevistá-la, fez Lena se sentir doente a seu estômago. Foi muito perto de casa.

"Esta pronto?" Jeffrey perguntou, sua mão na porta.

"Sim."

Jeffrey abriu a porta, deixando Lena ir em frente. Julia Matthews estava dormindo, mas ela acordou com o barulho. Lena não imaginava o jovem teria uma boa noite de sono por um longo tempo, se alguma vez.

"Quer um pouco de água?" Lena perguntou, caminhando para o outro lado da cama, pegando o jarro. Ela encheu o copo meninas, então virou a palha para que ela pudesse beber.

Jeffrey estava de costas perto da porta, obviamente querendo dar o espaço jovem. Ele disse: "Eu sou chefe Tolliver, Julia. Você se lembra de mim a partir desta manhã?"

Ela deu um aceno lento.

"Você ingerido uma droga chamada beladona. Você sabe o que é isso?"

Ela balançou a cabeça de lado a lado.

"Isso faz com que você perca a sua voz às vezes. Você acha que você pode falar?"

A menina abriu a boca, e um som arranhado saiu. Ela moveu os lábios, obviamente tentando

formar palavras.

Jeffrey deu um sorriso encorajador. "Quer tentar me dizer seu nome?"

Ela abriu a boca de novo, sua voz rouca e pequenos. "Julia".

"Good", disse Jeffrey. "Esta é Lena Adams. Você a conhece, certo?"

Julia concordou com a cabeça, seus olhos encontrando Lena.

"Ela vai lhe fazer algumas perguntas, ok?"

Lena tentou não para esconder sua surpresa. Ela não tinha certeza se poderia dizer Julia Matthews a hora do dia, muito menos pergunta a jovem. Lena caiu para trás em sua formação, começando com o que ela conhecia.

"Julia?" Lena puxou uma cadeira para a cama da jovem. "Precisamos saber se você pode nos dizer nada sobre o que foi feito para você."

Julia fechou os olhos. Seus lábios tremeram, mas ela não respondeu.

"Você sabia que ele, querida?"

Ela balançou a cabeça.

"Foi alguém de uma das suas aulas? Se você tivesse visto ele em torno da escola?"

Os olhos de Julia fechados. Lágrimas vieram alguns segundos mais tarde. Ela finalmente disse: "Não."

Lena colocou a mão sobre o braço da menina. Ele era magro e frágil, tanto quanto Sibila do que parecia no necrotério. Ela tentou não pensar em sua irmã, quando ela disse: "Vamos falar sobre seu cabelo. Você pode me dizer que cor era?"

Mais uma vez ela balançou a cabeça.

"Qualquer tatuagens ou marcas que possam nos ajudar a identificá-lo?"

"Não."

Lena disse: "Eu sei que é difícil, mel, mas nós temos que descobrir o que aconteceu.

Precisamos pegar esse cara na rua para que ele não pode ferir ninguém."

Julia manteve os olhos fechados. O quarto foi intoleravelmente tranquila, tanto que Lena sentiu o desejo de fazer algo alto. O silêncio foi deixando-a nervosa por alguma razão.

Sem aviso, Julia finalmente falou. Sua voz estava rouca. "Ele me enganou."

Lena apertou os lábios, deixando a menina tem seu tempo.

"Ele me enganou", repetiu Julia, apertando os olhos fechados ainda mais apertado. "Eu estava na biblioteca."

Lena pensou Ryan Gordon. Seu coração batia no peito. Se ela tivesse sido errada sobre ele? ele era capaz de fazer algo assim? Talvez Julia tinha escapado, enquanto ele estava na cadeia.

"Eu tinha um teste", Julia continuou, "e eu ficava até tarde para estudar." Sua respiração tornou-se trabalhado com a lembrança.

"Vamos tomar algumas respirações profundas", disse Lena, em seguida, ela respirou dentro e fora, dentro e fora, com Julia. "Isso é bom, querida. Basta manter a calma."

Ela começou a chorar a sério agora. "Ryan estava lá", disse ela.

Lena se permitiu olhar para Jeffrey. Ele estava focado em Matthews, com o cenho franzido. Ela quase podia ler seus pensamentos.

"Na biblioteca?" Lena perguntou, tentando não parecer demasiado agressivo.

Julia balançou a cabeça, em seguida, estendeu a mão para o copo de água.

"Aqui", disse Lena, ajudando-a a inclinar-se para que ela pudesse beber.

A menina tomou vários goles, em seguida, deixar cair a cabeça para trás para baixo. Ela olhou

pela janela novamente, sua mente, obviamente, tendo tempo para se recuperar. Lena tentou não tocar em seu pé. Ela queria chegar em cima da cama e forçar a menina a falar. Ela não conseguia entender como Julia Matthews poderia ser tão passiva em seu interrogatório. Se Lena estavam na cama, ela estaria cuspidos todos os detalhes que ela tinha. Lena estaria empurrando quem quisesse ouvir para encontrar o homem que fez isso. As mãos dela seria ansioso para rasgar o coração fora do peito. Como Julia Matthews poderia simplesmente deitar lá, ela não sabia.

Lena contou até vinte, obrigando-se a dar à mulher algum tempo. Ela havia contado na entrevista Ryan Gordon; Era um velho truque dela ea única maneira que ela pudesse fazer-se, pelo menos, parecem paciente. Quando ela alcançou cinquenta, Lena perguntou: "Ryan estava lá?"

Julia concordou.

"Na Livraria?"

Ela assentiu com a cabeça novamente.

Lena estendeu a mão, colocando a mão no braço de Julia novamente. Ela teria segurou a mão dela se não tivesse sido envolto em ligaduras apertadas. Ela manteve o tom uniforme, colocando em apenas um pouco de pressão, como ela disse, "Você viu Ryan na biblioteca. Então o que aconteceu?"

Julia responderam à pressão. "Nós conversamos um pouco, então eu tive que voltar para o dormitório."

"Você estava bravo com ele?"

Os olhos de Julia encontrou Lena. Algo se passou entre eles, uma mensagem de surda. Lena sabia que Ryan tinha algum tipo de controle sobre Julia, mas que ela queria quebrá-lo. Lena também sabia que, por mais de um bastardo como Ryan Gordon era que ele não tinha sido o homem a fazer isso para a sua namorada.

Lena perguntou: "Será que você discutir?"

"Nós meio que fez-se, no entanto."

"Kind of, mas nem por isso?" Lena esclareceu, percebendo o que tinha acontecido na biblioteca naquela noite. Ela podia ver Ryan Gordon tentando empurrar Julia em fazer algum tipo de compromisso com ele. Ela também podia ver que os olhos de Julia finalmente tinha sido aberta como a que tipo de pessoa seu ex-namorado era. Julia tinha finalmente vê-lo pelo que ele era. Mas alguém pior do que Ryan Gordon poderia ter a esperança de ser tido sido esperando por ela.

Lena perguntou: "Então você deixou a biblioteca, então o que?"

"Havia um homem", disse ela. "No caminho para o dormitório."

"Qual o caminho que você anda?"

"O caminho de volta, em torno da construção de agro."

"Perto do lago?"

Ela balançou a cabeça. "O outro lado."

Lena esperou por ela para continuar.

"Corri para ele, e ele deixou cair os livros, e eu deixei cair meu." Sua voz foi sumindo, mas sua respiração tornou-se alto na pequena sala. Ela estava quase ofegante.

"Você viu o rosto dele, então?"

"Eu não me lembro. Ele me deu um tiro."

Lena sentiu as sobrancelhas sulco. "Como um tiro com uma seringa?"

"Eu me senti-lo. Eu não vê-lo."

"Onde você sente isso?"

Ela colocou a mão no quadril esquerdo.

"Ele estava atrás de você quando você sentiu isso?" Lena perguntou, pensando que isso faria o assassino com a mão esquerda, como atacante de Sibila.

"Sim."

"Então ele pegou você, então?" Lena perguntou. "Ele correu para dentro de você, então você sentiu o tiro, em seguida, ele levou a algum lugar?"

"Sim."

"Em seu carro?"

"Eu não me lembro", disse ela. "A próxima coisa que eu sabia, eu estava em um porão." Ela colocou as mãos sobre o rosto, chorando de verdade. Seu corpo começou a tremer de desgosto.

"Está tudo bem", disse Lena, colocando a mão sobre a outra mulher. "Você quer parar agora? Você está no comando desta."

O quarto foi tranqüila novamente, mas para respiração de Julia. Quando ela voltou a falar, sua voz era um rouco sussurro, quase imperceptível. "Ele me estuprou."

Lena sentiu um nó na garganta. Ela já sabia disso, é claro, mas a forma como Julia disse a palavra despojada Lena de todas as defesas que ela tinha. Lena sentiu cru e exposto. Ela não queria Jeffrey no quarto. Por alguma razão, ele pareceu sentir isso. Quando ela olhou para ele, ele acenou com a cabeça em direção à porta. Lena articulou um sim, e ele saiu sem fazer barulho.

"Você sabe o que aconteceu depois?" Lena perguntou.

Julia moveu a cabeça, tentando encontrar Jeffrey.

"Ele se foi", disse Lena, dando sua voz um tom de certeza de que ela não se sentia. "É apenas nós, Julia. É só você e eu, e nós temos todo o dia se você precisar dele. Durante toda a semana, durante todo o ano." Ela fez uma pausa, para que a menina tomar isso como incentivo para parar a entrevista. "Basta ter em mente que quanto mais cedo tivermos os detalhes, quanto mais cedo nós podemos pará-lo. Você não quer que ele faça isso para uma outra menina, não é?"

Ela tomou a pergunta difícil, como Lena esperava que ela iria. Lena sabia que tinha que ser um pouco difícil ou a menina seria simplesmente calar a boca, mantendo os detalhes para si mesma.

Julia soluçou, o ruído enchendo a sala, zumbido nos ouvidos de Lena.

Julia disse: "Eu não quero que isso aconteça com mais ninguém."

"Me, também," Lena respondeu. "Você tem que me dizer o que ele fez com você." Ela fez uma pausa e, em seguida, "Você viu seu rosto a qualquer momento?"

"Não", respondeu ela. "Quer dizer, eu fiz, mas eu não poderia dizer. Eu não poderia fazer a conexão. Estava tão escuro o tempo todo. Não havia luz em tudo."

"Tem certeza de que era um porão?"

"Cheirava", disse ela. "Mofado, e eu podia ouvir o gotejamento da água."

"Água?" Lena perguntou. "Como o gotejamento de uma torneira, ou talvez do lago?"

"Uma torneira", disse Julia. "Mais como uma torneira. Parecia ..." Ela fechou os olhos, e por alguns segundos ela parecia deixar-se voltar a esse lugar. "Como um tilintar metálico." Ela imitou o som, Clink, Clink, Clink, mais e mais. Ele nunca parou." Ela colocou as mãos nos

ouvidos, como se para parar o barulho.

"Vamos voltar para a faculdade", disse Lena. "Você sentiu o tiro em seu quadril, então o que? Você sabe que tipo de carro ele estava dirigindo?"

Julia balançou a cabeça novamente em uma varredura exagerada esquerda para a direita. "Eu não me lembro. Eu estava pegando meus livros, e, em seguida, a próxima coisa que eu sabia, eu estava, eu estava ..." A voz dela sumiu.

"No porão?" Lena fornecida. "Você se lembra de nada sobre onde você estava?"

"Estava escuro."

"Você não poderia fazer qualquer coisa fora?"

"Eu não conseguia abrir os olhos. Eles não iria abrir." Sua voz tão suave que Lena teve que se esforçar para ouvir. "Eu estava voando."

"Vôo?"

"Eu ficava flutuando para cima, como se estivesse em água. Eu podia ouvir as ondas do mar."

Lena respirou fundo, em seguida, deixá-lo lentamente. "Será que ele tem você em suas costas?"

O rosto de Julia amassado com isso, e ela tremia com soluços.

"Querida," Lena solicitado. "Ele era branco? Black? Poderia dizer?"

Ela balançou a cabeça novamente. "Eu não conseguia abrir os olhos. Ele falou comigo. Sua voz." Seus lábios tremiam, e seu rosto tinha virado um tom alarmante de vermelho. As lágrimas vieram para valer agora, marcando um fluxo contínuo pelo seu rosto. "Ele disse que me amava." Ela engasgou para o ar como o pânico tomou conta. "Ele continuou me beijando. Sua tongue-" Ela parou, soluçando.

Lena respirou fundo, tentando se acalmar. Ela estava empurrando muito difícil. Lena contou a um lento cem, em seguida, disse: "Os buracos em suas mãos. Sabemos que ele colocar algo em suas mãos e pés."

Julia olhou para as ataduras, como se vê-los pela primeira vez. "Sim", disse ela. "Eu acordei, e minhas mãos foram pregadas para baixo. Eu podia ver o prego passar, mas não doeu."

"Você estava no chão?"

"Eu acho que sim. Eu me senti", ela parecia procurar por uma palavra: "Eu me senti suspenso. Eu estava voando. Como ele me faz voar? Eu estava voando?"

Lena limpou a garganta. "Não", respondeu ela. Em seguida, começou, "Julia, você pode pensar em ninguém novo em sua vida, talvez alguém no campus ou na cidade, que estava fazendo você se sentir desconfortável? Talvez você sentia como se estivesse sendo vigiado?"

"Eu ainda estou sendo vigiado", disse ela, olhando para fora da janela.

"Eu estou olhando-o", disse Lena, virando o rosto da menina de volta para ela. "Eu estou vendo você, Julia. Ninguém vai te machucar novamente. Você entende isso? Ninguém."

"Eu não me sinto segura", disse ela, com o rosto amassado quando ela começou a chorar novamente. "Ele pode me ver. Eu sei que ele pode me ver."

"É só você e eu aqui", Lena assegurou. Quando ela falou, foi como falar com Sibila, assegurando Sibila que ela seria cuidada. "Quando você vai a Augusta, eu estarei com você. Eu não vou deixar você fora da minha vista. Você entende isso?"

Julia parecia mais assustado, apesar de as palavras de Lena. Sua voz estava rouca quando ela perguntou: "Por que estou indo para Augusta?"

"Eu não sei ao certo," Lena respondeu, pegando o jarro de água. "Não se preocupe com isso agora."

"Quem vai me mandar para Augusta?" Julia perguntou, os lábios trêmulos.

"Beba mais um pouco de água", Lena disse a ela, segurando o copo aos lábios. "Seus pais vão estar aqui em breve. Não se preocupe com nada, mas cuidar de si mesmo e cada vez melhor." A menina engasgou e água derramada pelo seu pescoço e sobre a cama. Ela arregalou os olhos em pânico. "Por que você está me movendo?" ela perguntou. "O que vai acontecer?"

"Nós não vamos movê-lo se você não quiser", disse Lena. "Eu vou falar com seus pais."

"Meus pais?"

"Eles deveriam estar aqui em breve", Lena assegurou. "Está bem."

"Será que eles sabem?" Julia perguntou, a voz elevada. "Você disse a eles o que aconteceu comigo?"

"Eu não sei", respondeu Lena. "Eu não tenho certeza se eles sabem qualquer um dos detalhes."

"Você não pode dizer o meu pai", a menina chorou. "Ninguém pode dizer ao meu pai, ok? Ele não pode saber o que aconteceu."

"Você não fez nada", disse Lena. "Julia, seu pai não vai culpá-lo por isso."

Julia estava quieto. Depois de um tempo, ela olhou para trás para fora da janela, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Está tudo bem," Lena acalmou, tendo um tecido fora da caixa sobre a mesa. Ela estendeu a mão a menina, bloqueando a água do travesseiro. A última coisa que essa menina precisava pensar era como seu pai iria reagir ao que tinha acontecido com ela. Lena tinha trabalhado com vítimas de estupro antes. Sabia como a culpa funcionou. Muito raramente fez uma vítima culpar ninguém além de si mesma.

Houve um barulho estranho Lena encontrado vagamente familiar. Muito tarde ela percebeu que era a arma.

"Afastese-se," Julia sussurrou. Ela segurava a arma desajeitadamente em suas mãos enfaixadas. Ele inclinado em direção Lena, em seguida, volta para Julia enquanto ela tentava obter um melhor controle sobre a arma. Lena olhou para a porta, pensando em chamar para Jeffrey, mas Julia avisou: "Não."

Lena estendeu as mãos para os lados, mas não fazer o backup. Ela sabia que a segurança estava ligado, mas também sabia que levaria uma questão de segundos para a menina para desligá-lo.

Lena disse: "Dá-me a arma."

"Você não entende", a menina disse, com lágrimas nos olhos. "Você não entende o que ele fez para mim, como ele-" Ela parou, sufocando um soluço. Ela não tinha uma boa aderência sobre a arma, mas o cano estava apontada para Lena e seu dedo estava no gatilho. Lena sentiu um suor frio superar ela, e ela realmente não se lembrava se o segurança estava ligado ou desligado. O que ela sabia era que uma partida já estava compartimentado. Uma vez que a segurança foi desligado, um toque no gatilho iria disparar a arma.

Lena tentou manter a voz calma. "O que, querida? O que eu não entendo?"

Julia inclinou a arma de volta para sua própria cabeça. Ela se atrapalhou, quase soltando-o, antes de deixar o resto barril no queixo.

"Não faça isso", Lena implorou. "Por favor, me dê a arma. Há uma bala na câmara."

"Eu sei sobre armas."

"Julia, por favor", disse Lena, sabendo que ela necessário para manter a menina que fala.

"Escute-me."

Um leve sorriso surgiu em seus lábios. "Meu pai costumava me levar caçar com ele. Ele costumava deixar-me ajudá-lo a limpar os fuzis."

"Julia-"

"Quando eu estava lá." Ela sufocou um soluço. "Quando eu estava com ele."

"O homem? O homem que você sequestrado?"

"Você não sabe o que ele fez", disse ela, com a voz apertada na garganta. "As coisas que ele fez para mim. Eu não posso dizer."

"Sinto muito", disse Lena. Ela queria seguir em frente, mas não havia um olhar para os olhos de Julia Matthews que a mantinham presa ao chão. Carregar a menina não era uma opção.

Lena disse: "Eu não vou deixá-lo te machucar novamente, Julia. Eu prometo."

"Você não entende", a menina chorou, deslizando a arma até a fenda de seu queixo. Ela mal podia segurar a arma, mas Lena sabia que isso não faria diferença em uma gama tão perto.

"Querida, por favor, não", disse Lena, seus olhos indo para a porta. Jeffrey estava do outro lado, talvez ela pudesse alertá-lo de alguma forma, sem deixar Julia saber.

"Não", disse Julia, como se estivesse lendo a mente de Lena.

"Você não tem que fazer isso", disse Lena. Ela tentou fazer sua voz mais firme, mas a verdade era Lena só tinha lido sobre este tipo de situação em manuais de procedimentos. Ela nunca tinha falado alguém fora do suicídio.

Julia disse: "A maneira como ele me tocou. A maneira como ele me beijou." Sua voz quebrou.

"Você simplesmente não sabe."

"O que?" Lena perguntou, movendo-se lentamente a mão para a arma. "O que eu não sei?"

"Ele-" Ela parou, um som gutural vindo de sua garganta. "Ele fez amor comigo."

"Ele-"

"Ele fez amor comigo", ela repetiu, um sussurro que ecoou na sala. "Você sabe o que isso significa?" ela perguntou. "Ele continuou dizendo que não queria me machucar. Ele queria fazer amor comigo. Ele o fez."

Lena sentiu a boca aberta, mas não havia nada que pudesse dizer. Ela não podia estar ouvindo o que ela pensou que ela estava ouvindo. "O que você está dizendo?" ela perguntou, ciente da nitidez em seu tom. "O que você quer dizer?"

"Ele fez amor comigo", repetiu Julia. "A maneira como ele me tocou."

Lena balançou a cabeça, como se para livrar este de sua mente. Ela não conseguia manter a incredulidade fora de seu tom de voz quando ela perguntou: "Você está dizendo que gostei?"

Um estalo veio como Julia desengatado a segurança. Lena sentiu atordoado demais para se mover, mas de alguma forma conseguiu chegar Julia segundos antes de a menina puxou o gatilho. Lena olhou para baixo a tempo de ver a cabeça de Julia Matthews explodir debaixo dela.

A água do chuveiro veio como agulhas contra a pele do Lena. Ela estava ciente da queima, mas não era desconfortável. Ela era insensível a todas as sensações, dormentes de dentro para fora. Seus joelhos deu, e Lena deixou-se escorregar para a banheira. Ela puxou os joelhos contra o peito, fechando os olhos enquanto a água batia em seus seios e rosto. Ela inclinou a cabeça para a frente, sentindo-se como uma boneca de pano. A água esmurrou o topo de sua cabeça, machucados parte de trás do seu pescoço, mas ela não se importava. Seu corpo não pertencia a ela. Ela estava vazio. Ela não conseguia pensar em uma coisa que tinha sentido na sua vida, não o seu trabalho, não Jeffrey, não Hank Norton, e certamente não a si mesma.

Julia Matthews estava morto, assim como Sibila. Lena ambos tinham falhado. A água começou a correr frio, a picada de pulverização contra sua pele. Lena desligou o chuveiro e secou-se com uma toalha, sentindo-se como se ela estivesse apenas passando as moções. Seu corpo ainda se sentia suja, apesar do fato de que este era o seu segundo chuveiro nos últimos cinco horas. Havia um gosto estranho na boca, também. Lena não tinha certeza se era sua imaginação ou se algo tivesse ido em sua boca quando Julia tinha puxado o gatilho.

Ela estremeceu pensando sobre isso.

"Lee?" Hank chamado de fora da porta do banheiro.

"Vou descer em um minuto", Lena respondeu, colocando pasta sobre sua escova de dentes. Olhou-se no espelho como ela tentou esfregar o gosto de sua boca. A semelhança com Sibila tinha ido embora hoje. Não havia mais nada de sua irmã.

Lena desceu para a cozinha em sua veste e quarto chinelos. Fora da porta da cozinha, ela colocou a mão à parede, sentindo-se tonto e doente do estômago. Ela estava forçando seu corpo para se mover, caso contrário, ela iria para dormir e nunca mais acordar. Seu corpo doía a ceder a isso, doía para cortar, mas Lena sabia que, assim que sua cabeça bateu no travesseiro, ela seria bem acordado, sua mente reproduzir a visão de Julia Matthews pouco antes de ela se matou. A menina tinha sido olhando para Lena, quando ela puxou o gatilho. Seus olhos tinham bloqueado, e Lena não precisa ver a arma para saber que a morte estava na mente da mulher mais jovem.

Hank estava na mesa da cozinha, beber uma Coca-Cola. Ele se levantou quando ela entrou na sala. Lena sentiu uma onda de vergonha e não conseguia olhar nos olhos dele. Ela tinha sido forte no carro como Frank levou de volta para a casa. Ela não tinha dito uma palavra para seu parceiro, ou comentou sobre o fato de que, apesar de seus esforços para limpar-se no hospital, ela tinha massa cinzenta e sangue aderindo a ela como cera quente. Havia pedaços de osso em seu bolso, e ela podia sentir o sangue escorrendo pelo seu rosto e pescoço, embora ela tinha limpado tudo fora no hospital. Não foi até que ela teve a porta da frente se fechou atrás dela que Lena deixou-se ir. Que Hank tinha estado lá, que ela tinha deixá-lo segurá-la em seus braços enquanto ela chorava, era algo que ainda trouxe um sentimento de vergonha para ela. Ela não sabia-se mais. Ela não sabia quem era essa pessoa fraca.

Lena olhou para fora da janela, observando: "É escuro lá fora."

"Você dormiu por algum tempo", disse Hank, indo para o fogão. "Você quer um pouco de chá?"

"Sim", disse Lena, embora ela não tivesse dormido. Fechando os olhos só trouxe-a mais perto do que tinha acontecido. Se ela nunca dormiu novamente, Lena estaria bem.

"Seu chefe chamado para verificar em você", disse Hank.

"Oh," Lena respondeu, sentada à mesa, sua perna dobrada debaixo dela. Ela se perguntou o que estava acontecendo na mente de Jeffrey. Ele estava fora no corredor, à espera de Lena chamá-lo de dentro, quando a arma disparou. Lena lembrou-se da expressão de choque absoluto em seu rosto quando ele irrompeu pela porta. Lena tinha estado lá, ainda inclinándose sobre Julia, carne e osso escorrendo de seu peito e rosto. Jeffrey tinha forçado a sair dessa posição, batendo as mãos pelo corpo de Lena, a verificação para certificar-se de que ela não tinha sido baleado no processo.

Lena tinha ficado mudo enquanto ele fez isso, incapaz de tirar os olhos o que restava do rosto de Julia Matthews. A jovem tinha colocado a arma debaixo do queixo, soprando a parte de trás de sua cabeça. A parede atrás e sobre a cama estava salpicada. Um buraco de bala era de três

pés para baixo do teto. Jeffrey tinha forçado Lena para ficar naquele quarto, perfurando-a para cada bit de informação que tinha obtido a partir de Julia Matthews, questionando cada detalhe da narrativa de Lena como Lena ficou ali, o lábio tremendo incontrolavelmente, incapaz de seguir as palavras que saem de sua própria boca.

Lena colocou a cabeça entre as mãos. Ela ouviu como Hank encheu a chaleira, ouviu o clique, como o motor de arranque elétrico no fogão a gás lançado em.

Hank sentou-se na frente dela, as mãos cruzadas na frente dele. "Você está bem?" ele perguntou.

"Eu não sei", respondeu ela, sua própria voz soando longe. A arma tinha ido perto de seu ouvido. O toque tinha parado há um tempo atrás, mas ainda soa veio como uma dor surda.

"Você sabe o que eu estava pensando?" Hank perguntou, sentando-se na cadeira. "Lembra daquela vez que você caiu da varanda da frente?"

Lena olhou para ele, sem entender onde ele estava indo com isso. "Sim?"

"Bem." Ele deu de ombros, sorrindo por algum motivo. "Sibila empurrou você."

Lena não tinha certeza se tinha ouvido direito. "O que?"

Ele assegurou Lena, "Ela empurrou você. Eu a vi."

"Ela me empurrou para fora da varanda?" Lena sacudiu a cabeça. "Ela estava tentando me impedir de cair."

"Ela estava cego, Lee, como ela sabia que você estava caindo?"

A boca de Lena trabalhou. Ele tinha um ponto. "Eu tinha que chegar dezesseis pontos na minha perna."

"Eu sei."

"Ela me empurrou?" Lena questionou, sua voz levantou algumas oitavas. "Por que ela me empurra?"

"Eu não sei. Talvez ela estava apenas brincando." Hank riu. "Você soltou um tal gritar Eu pensei que os vizinhos estavam indo vir."

"Eu duvido que os vizinhos já teria chegado se tivesse ouvido uma saudação de vinte e um injetor," Lena comentou. Os vizinhos de Hank Norton tinha aprendido cedo que esperar todos os tipos de barulho vindo de sua noite de casa e dia.

"Lembre-se que o tempo na praia?" Hank começou.

Lena olhou para ele, tentando descobrir por que ele estava trazendo isso. "Que horas?"

"Quando você não poderia encontrar o seu kickboard?"

"O vermelho?" Lena perguntou. Em seguida, "Não me diga, ela empurrou-o para fora da varanda."

Ele riu. "Não. Ela perdeu na piscina."

"Como você pode perder um kickboard na piscina?"

Ele acenou com esta off. "Eu acho que alguma criança tomou. O ponto era, era o seu. Você disse a ela para não levá-la e ela fez, e ela perdeu."

Apesar de si mesma, Lena sentiu um pouco do peso em seu levantamento de ombros. "Por que você está me contando isso?" ela perguntou.

Mais uma vez, ele deu de ombros. "Eu não sei. Eu só estava pensando sobre ela esta manhã. Lembre-se que camisa que ela usava? Aquele com as listras verdes?"

Lena assentiu.

"Ela ainda tinha."

"Não", Lena disse, surpreso. Eles haviam disputado essa camisa durante o ensino médio até

que Hank tinha resolvido com um sorteio. "Por que ela mantê-lo?"

"Ele era dela", disse Hank.

Lena olhou para seu tio, sem saber o que dizer.

Ele se levantou, tendo uma caneca do armário. "Você quer um pouco de tempo para si mesmo, ou você me quer por perto?"

Lena considerada sua pergunta. Ela precisava ficar sozinha, para obter algum senso de si mesma volta, e ela não podia fazer isso em torno de Hank de todas as pessoas. "Você vai voltar para Reece?"

"Eu pensei que eu ia ficar em esta noite de Nan e ajudá-la a resolver através de algumas coisas."

Lena sentiu um leve pânico. "Ela não está jogando coisas fora, não é?"

"Não, claro que não. Ela está apenas passando por coisas, obtendo sua roupa juntos." Hank encostou-se ao balcão, os braços cruzados. "Ela não deveria ter que fazer isso sozinho."

Lena olhou para suas mãos. Havia algo de debaixo de suas unhas. Ela não podia dizer se era sujeira ou sangue. Ela colocou o dedo em sua boca, usando seus dentes inferiores para limpá-lo.

Hank assistiu a este. Ele disse: "Você poderia passar por aqui mais tarde, se você sentiu como ele."

Lena sacudiu a cabeça, mordendo a unha. Ela iria rasgá-lo fora para o rápido antes que ela deixe o sangue ficar lá. "Eu tenho que levantar-se cedo para amanhã trabalho", ela mentiu.

"Mas se você mudar sua mente?"

"Talvez", ela murmurou em torno de seu dedo. Ela provou sangue, surpreso ao ver que era ela própria. A cutícula tinha vindo afastado no prego. Um ponto vermelho brilhante irradiava a partir do local.

Hank ficou de pé, olhando, em seguida, pegou o casaco largo das costas da cadeira. Eles haviam passado por esse tipo de coisa antes, embora reconhecidamente não nesta escala. Era uma dança velha, familiar, e ambos sabiam os movimentos. Hank deu um passo para a frente, Lena deu dois passos para trás. Agora não era o momento de mudar nada disso.

Ele disse: "Você pode me chamar se precisar de mim. Você sabe disso, certo?"

"Hum-hum", ela murmurou, apertando os lábios. Ela ia chorar novamente, e Lena achou que uma parte dela morreria se quebrou na frente de Hank novamente.

Ele pareceu sentir isso, porque ele colocou a mão em seu ombro, em seguida, beijou o topo de sua cabeça.

Lena manteve a cabeça baixa, esperando que o clique como a porta da frente fechada. Ela deu um longo suspiro quando o carro de Hank saiu da garagem.

A chaleira estava cozinhando, mas o apito ainda não tinha começado. Lena não gostava particularmente de chá, mas ela remexeu nos armários de qualquer maneira, olhando para os sacos. Ela encontrou uma caixa de barriga Mint apenas como uma bateram na porta dos fundos.

Ela esperava ver Hank, então Lena ficou surpreso quando ela abriu a porta.

"Oh, oi", ela disse, esfregando seu ouvido como um ruído estridente veio. Ela percebeu a chaleira estava assobiando e disse: "Espere um segundo."

Ela estava desligando o queimador quando sentiu uma presença atrás dela, em seguida, uma dor aguda veio a sua coxa esquerda.

Capítulo Dezessete

SARA ficou na frente do corpo de Julia Matthews com os braços cruzados sobre o peito. Ela olhou para a garota, tentando avaliar-la com um olho clínico, tentando separar a menina cuja vida Sara tinha salvo da mulher morta sobre a mesa. A incisão Sara tinha feito para acessar o coração de Julia ainda não foi curada, as suturas negros ainda espessas de sangue seco. Um pequeno orifício era na base do queixo da mulher. Burns, em torno da ferida entrada revelou o cano da arma foi pressionado para dentro do queixo quando foi disparado. Um buraco na parte de trás da cabeça da menina revelou o ferimento de saída. Osso pendurado no crânio aberto, como ornamentos macabros sobre uma árvore de Natal sangrento. O cheiro de pólvora estava no ar.

corpo Julia Matthews estava em porcelana mesa de autópsia tanto quanto Sybil Adams teve há poucos dias. Na cabeceira da mesa era uma torneira com uma mangueira de borracha preta conectada. Pairando sobre esta foi uma escala de órgãos bem como as escalas mercearias usam para pesar frutas e legumes. Ao lado da mesa estavam as ferramentas de autópsia: um bisturi, uma faca de dezesseis polegadas de comprimento afiada cirurgicamente pão, um par de tesouras igualmente afiadas, um par de fórceps ou "pickups", um Stryker serra para cortar osso, e um conjunto de cabo longo tesoura de poda que normalmente se encontram em uma garagem pelo cortador de grama. Cathy Linton tinha um conjunto semelhante para si mesma, e sempre que Sara viu seus azaléias mãe de poda ela sempre pensou em usar a tesoura no necrotério para cortar a caixa torácica.

Sara mindlessly seguido as várias etapas para preparar o corpo de Julia Matthews para autópsia. Seus pensamentos estavam em outro lugar, de volta para a noite anterior, quando Julia Matthews estava no carro de Sara; de volta para quando a menina estava viva e tinha uma chance.

Sara nunca tinha importava fazer autópsias antes, nunca foi perturbado pela morte. A abertura de um corpo era como abrir um livro; havia muitas coisas que podem ser aprendidas a partir de tecidos e órgãos. Na morte, o corpo estava disponível para avaliação completa. Parte da razão Sara tinha tomado o trabalho como médico legista para Grant County foi que ela tinha tornar-se aborrecido com a sua prática na clínica. O trabalho do legista apresentou um desafio, uma oportunidade de aprender uma nova habilidade e ajudar as pessoas. Embora o pensamento de corte Julia Matthews, expondo seu corpo para mais abuso, cortar através de Sara como uma faca.

Mais uma vez, Sara olhou para o que restava da cabeça de Julia Matthews. Tiros na cabeça eram notoriamente imprevisível. Na maioria das vezes a vítima acabou em coma, um vegetal que, através dos milagres da ciência moderna, calmamente viveu o resto da vida que não queria, em primeiro lugar. Julia Matthews tinha feito um trabalho melhor do que a maioria quando ela colocou a arma debaixo do queixo e puxou o gatilho. A bala entrou em seu crânio em uma trajetória ascendente, quebrando o esfenoide, arar ao longo da fissura lateral cerebral, em seguida, rebentando através do osso occipital. A parte de trás da cabeça se foi, com uma vista directamente para a caixa do cérebro. Ao contrário de sua tentativa de suicídio anterior testemunhado pelo cicatrizes em seus pulsos, Julia Matthews tinha a intenção de acabar com sua vida. Inquestionavelmente, a menina sabia o que estava fazendo.

Sara sentiu mal do estômago. Ela queria sacudir a menina de volta à vida, para exigir que ela continuar vivendo, para perguntar como ela poderia ter passado por tudo o que lhe tinha acontecido nos últimos dias só para acabar levando sua vida. Parecia que os próprios horrores

Julia Matthews tinham sobrevivido também acabou matando-a.

"Você está bem?" Jeffrey perguntou, dando-lhe um olhar preocupado.

"Sim", Sara conseguiu, perguntando se ela realmente era. Ela sentiu-primas, como uma ferida que não sarna. Sara sabia que se Jeffrey fez um passe para ela, ela iria levá-lo até sobre a oferta. Tudo o que podia pensar era como seria bom se sentir para deixá-lo levá-la em seus braços, sentir seus lábios beijando dela, a língua em sua boca. Seu corpo doía por ele agora de uma forma que ela não tinha doeu por ele nos últimos anos. Ela particularmente não quer sexo, ela só queria a garantia de sua presença. Ela queria sentir protegido. Ela queria pertencer a ele. Sara tinha aprendido há muito tempo que o sexo era a única maneira Jeffrey sabia como dar-lhe estas coisas.

Do outro lado da mesa, Jeffrey perguntou: "Sara?"

Ela abriu a boca, pensando em proposição dele, mas se conteve. Tanta coisa aconteceu nos últimos anos. Tanta coisa havia mudado. O homem que ela queria realmente não existe mais. Sara não tinha certeza se ele já teve.

Ela limpou a garganta. "Sim?"

"Você quer adiar a isso?" ele perguntou.

"Não", Sara respondeu em um tom cortante, internamente repreendendo-se por pensar que ela precisava Jeffrey. A verdade era que ela não fez. Ela havia chegado tão longe sem ele. Ela certamente poderia ir mais longe.

Ela bateu o pé no controle remoto para o ditafone, afirmando: "Este é o corpo unembalmed de um adulto jovem fêmea branca bem nutrido magro, mas bem construído, pesando" -Sara olhou para o quadro-negro sobre o ombro de Jeffrey onde ela tinha feito anotações - ". cento e doze libras e tendo um comprimento de sessenta e quatro polegadas" Ela bateu o gravador desligado, tomando uma respiração profunda para limpar sua mente. Sara estava tendo dificuldade para respirar.

"Sara?"

Ela bateu o gravador de volta, balançando a cabeça para ele. A simpatia que tinha por isso queria alguns minutos atrás, agora a irritava. Sentia-se exposta.

Ela ditado, "A aparência da pessoa falecida é consistente com a idade referida de vinte e dois anos. O corpo foi refrigerada por um período não inferior a três horas e é fria ao toque." Sara parou, limpando a garganta. "Rigor mortis é formado e fixado nas extremidades superiores e inferiores, e os remendos de mortis livor são vistos posteriormente no tronco e extremidades, exceto em áreas de pressão."

E sobre ela foi, esta descrição clínica de uma mulher que apenas algumas horas atrás, tinha sido golpeado, mas vivos, que semanas atrás tinha sido conteúdo, se não feliz. Sara catalogado a aparência exterior de Julia Matthews, imaginando em sua mente o que a mulher deve ter passado por. ela estava acordada quando os dentes foram arrancados para que seu atacante poderia estuprá-la cara? ela estava consciente quando seu reto estava sendo rasgada? Será que as drogas bloqueiam as sensações quando estava preso ao chão? Uma autópsia só poderia revelar a danos físicos; o estado meninas de espírito, seu nível de consciência, permaneceria um mistério. Ninguém saberia o que estava acontecendo em sua mente enquanto ela foi agredida. Ninguém jamais ver exatamente o que essa garota tinha visto. Sara só podia imaginar, e ela não gostou das imagens, tais adivinhar trouxe à mente. Mais uma vez, viu-se na marquesa do hospital. Mais uma vez, ela se viu sendo examinada. Sara forçou-se a olhar para cima a partir do corpo, sentindo-se instável e fora de lugar. Jeffrey

estava olhando para ela, uma expressão estranha em seu rosto. "O que?" ela perguntou. Ele balançou a cabeça, ainda mantendo seus olhos sobre ela.

"Eu desejo", Sara começou, então parou, abrindo o nó na garganta. "Eu queria que você não iria olhar para mim assim, ok?" Ela esperou, mas ele não reconhecer o seu pedido. Ele perguntou: "Como estou olhando para você?"

"Predatória", respondeu ela, mas isso não estava certo. Ele estava olhando para ela do jeito que ela queria que ele olhar para ela. Havia um senso de responsabilidade para sua expressão, como ele queria nada mais do que para cuidar de coisas, para tornar as coisas melhores. Detestava-se por querer isso.

"É não intencional", disse ele.

Ela arrancou as luvas. "OK."

"Estou preocupado com você, Sara. Eu quero que você me fale sobre o que está acontecendo."

Sara caminhou em direção ao armário da fonte, não querendo ter essa conversa sobre o corpo de Julia Matthews. "Você não consegue mais fazer isso. Lembre-se por quê?"

Se ela o tivesse esbofeteado, sua expressão teria sido o mesmo. "Eu nunca parou de se preocupar com você."

Ela engoliu em seco, tentando não deixar isso chegar até ela. "Obrigado."

"Às vezes", começou ele, "quando eu acordar de manhã, eu esqueço que você não está lá. Eu esqueço que eu perdi você."

"Mais ou menos como quando você esqueceu de se casar comigo?"

Ele caminhou em direção a ela, mas ela recuou até que ela tinha algumas polegadas a partir do gabinete. Ele ficou na frente dela, as mãos em seus braços. "Ainda te amo."

"Isto não é suficiente."

Ele se aproximou dela. "O que é?"

"Jeffrey", disse ela. "Por favor."

Ele finalmente se afastou, seu tom agudo como ele perguntou: "O que você acha?" Ele estava se referindo ao corpo. "Você acha que você vai encontrar alguma coisa?"

Sara cruzou os braços, sentindo a necessidade de se proteger. "Eu acho que ela morreu com seus segredos."

Jeffrey deu-lhe um olhar estranho, provavelmente porque Sara não era um para comprar no melodrama. Ela fez um esforço consciente para agir mais como ela mesma, ser mais clínica sobre a situação, mas até mesmo o pensamento de fazer isso era muito emocionalmente desgastante.

Sara manteve a mão firme como ela fez a Y-incisão padrão no peito. O som que ela pelados volta a carne cortou seus pensamentos. Ela tentou falar sobre eles. "Como estão seus pais segurando?"

Jeffrey disse: "Você não pode imaginar como é horrível estava dizendo a eles que ela tinha sido estuprada. E então, este". Ele indicou o corpo. "Você não pode imaginar."

A mente de Sara apareceu novamente. Ela viu seu próprio pai de pé sobre uma cama de hospital, sua mãe abraçando-o por trás. Ela fechou os olhos por alguns segundos, dispostos esta imagem de sua mente. Ela não seria capaz de fazer isso se ela continuasse colocando-se no lugar de Julia Matthews.

"Sara?" Jeffrey perguntou.

Sara olhou para cima, surpreso ao perceber que ela tinha parado a autópsia. Ela estava em pé

na frente do corpo, os braços cruzados na frente dela. Jeffrey esperou pacientemente, e não pedir-lhe a pergunta óbvia.

Sara pegou o bisturi e foi trabalhar, ditando, "O corpo é aberto com o habitual Y-incisão e os órgãos das cavidades torácica e abdominal estão em suas posições anatômicas normais."

Jeffrey começou a falar novamente assim que ela parou. Felizmente, ele escolheu um tema diferente desta vez. Ele disse: "Eu não sei o que vou fazer com Lena."

"O que é isso?" Sara perguntou, feliz pelo som de sua voz.

"Ela não está segurando bem", disse ele. "Eu disse a ela para levar um par de dias de folga."

"Você acha que ela vai?"

"Eu acho que ela realmente pode."

Sara pegou a tesoura, corte o saco pericárdico com recortes rápidos. "Assim, então, qual é o problema?"

"Ela está na borda. Eu posso sentir isso. Eu só não sei o que fazer." Ele indicou Julia Matthews.

"Eu não quero que ela acaba fazendo algo parecido com isto."

Sara examinou-o por cima da borda de seus óculos. Ela não sabia se ele estava ou não usando loja de moeda de dez centavos psicologia, escondendo a sua preocupação com a Sara, fingindo uma preocupação para Lena, ou se ele realmente estava à procura de conselhos sobre como lidar com Lena.

Ela lhe deu uma resposta que serviria para qualquer cenário. "Lena Adams?" Ela sacudiu a nenhuma cabeça, certo de uma coisa. "Ela é uma lutadora. Pessoas como Lena não se matam. Eles matam outras pessoas, mas eles não se matam."

"Eu sei", respondeu Jeffrey. Ele ficou quieto, em seguida, como Sara preso e removido do estômago.

"Isso não vai ser agradável," ela avisou, colocando o estômago em uma tigela de aço inoxidável. Jeffrey tinha sido através de uma abundância de autópsias antes, mas não havia nada tão pungente como os odores do trato digestivo.

"Ei." Sara parou, surpreso com o que viu. "Veja isso."

"O que é isso?"

Ela levantou-se para o lado para que ele pudesse ver o conteúdo do estômago. Os sucos digestivos eram negros e soupy, então ela usou um filtro para recolher o conteúdo.

"O que é isso?" Ele repetiu.

"Eu não sei. Talvez sementes de uma espécie", Sara disse ele, usando um par de captadores para remover um. "Eu acho que nós devemos chamar Mark Webster."

"Aqui," ele ofereceu, estendendo uma bolsa de provas.

Ela deixou cair a semente dentro do saco, perguntando: "Você acha que ele quer ser pego?"

"Todos querem ser pego, não é?" ele respondeu. "Olhe para onde ele deixou. Tanto em lugares semipúblicas, ambos exibidos. Ele está ficando fora sobre o risco, tanto quanto qualquer outra coisa."

"Sim", ela concordou, forçando-se para não dizer mais. Ela não quis entrar em detalhes corajoso do caso. Ela queria fazer o seu trabalho e sair daqui, longe de Jeffrey.

Jeffrey não parecem querer cumprir. Ele perguntou: "As sementes são potentes, certo?" Sara assentiu.

"Então, você acha que ele a manteve fora dele enquanto ele estava estuprá-la?"

"Eu não poderia começar a adivinhar", ela respondeu com sinceridade.

Ele fez uma pausa, como se ele não sabia como expressar sua próxima frase.

"O que?" ela solicitado.

"Lena", disse ele. "Quero dizer, Julia disse Lena que ela se."

Sara sentiu o sulco da testa. "O que?"

"Não é exatamente que ela gostou, mas que ele fez amor com ela."

"Ele tirou os dentes para fora e rasgou seu reto aberto. Como alguém poderia chamar o que ele fez com ela fazer amor?"

Ele deu de ombros, como se a resposta estava perdido para ele, mas disse: "Talvez ele a manteve tão drogado que ela não sentir isso. Talvez ela não sabia o que estava acontecendo até depois."

Sara considerou esta. "É possível", disse ela, desconfortável com o cenário.

"É o que ela disse, de qualquer maneira", ele respondeu.

O quarto foi tranqüila, mas para o compressor no congelador de bicicleta para baixo. Sara voltou para a autópsia, usando braçadeiras para a seção fora dos intestinos delgado e grosso. Eles foram mole em suas mãos, como espaguete molhado, quando ela levantou-os para fora do corpo. Julia Matthews não tinha comido nada de substância durante os últimos dias da sua vida. Seu sistema digestivo foi relativamente vazio.

"Vamos ver", disse Sara, colocando os intestinos na escala da mercearia para pesar. Um tilintar metálico veio, como um centavo a ser lançadas em uma caneca de lata.

"O que é isso?" Jeffrey perguntou.

Sara não lhe respondeu. Ela pegou os intestinos de volta, em seguida, deixou-os cair novamente. veio o mesmo ruído, uma vibração metálica através da escala. "Algo está lá dentro", Sara murmurou, caminhando até a caixa de luz montado na parede. Ela usou o cotovelo para ligar a luz, iluminando raios X de Julia Matthews. Sua série pélvica estava no centro.

"Veja alguma coisa?" Jeffrey perguntou.

"Seja o que for, é no intestino grosso," Sara respondeu, olhando para o que parecia ser uma farpa na metade inferior do recto. Ela não tinha notado a lasca antes ou tinha assumido que era um problema com o filme. O raio X portátil no necrotério era velho e não é conhecido por sua confiabilidade.

Sara estudou o filme por mais alguns segundos, em seguida, voltou para a escala. Ela separou o íleo terminal na válvula ileocecal e levou o intestino grosso para o pé da mesa. Depois de usar a torneira para limpar o sangue, ela apertou os dedos para baixo a partir da base do cólon sigmóide, procurando o objeto que tinha feito o barulho. Ela descobriu um nódulo duro, cerca de cinco polegadas no recto.

"Passa-me o bisturi", ela ordenou, estendendo a mão. Jeffrey fez o que lhe foi dito, observando seu trabalho.

Sara fez uma pequena incisão, liberando um odor estranho na sala. Jeffrey recuou, mas Sara não tem esse luxo. Ela usou os captadores para remover um objeto que foi de cerca de meia polegada de comprimento. Um enxaguamento debaixo da torneira revelou que ele era uma pequena chave.

"A chave da algema?" Jeffrey perguntou, inclinando-se para ver melhor.

"Sim", respondeu Sara, sentindo um pouco tonta. "Ele foi forçado para dentro do recto a partir do ânus."

"Por quê?"

"Eu acho que, para que possamos encontrá-lo", respondeu Sara. "Você poderia ter uma bolsa

de provas?"

Jeffrey fez o que lhe foi dito, abrir o saco para que ela pudesse cair a chave dentro. "Você acha que vamos encontrar nada sobre isso?"

"As bactérias", ela respondeu. "Se você quer dizer impressões digitais, eu duvido seriamente." Ela apertou os lábios, pensando sobre isso. "Desligue as luzes por um segundo."

"O que você está pensando?"

Sara caminhou em direção à caixa de luz, usando o cotovelo para desligá-lo. "Eu estou pensando que ele colocou a chave lá relativamente cedo no jogo. Estou pensando a borda é afiada. Talvez rasgou o preservativo."

Jeffrey foi até o interruptor de luz, como Sara tirou as luvas. Ela pegou a luz negra, que gostaria de destacar os traços de fluido seminal.

"Pronto?" ele perguntou.

"Sim", ela disse, e as luzes se apagaram.

Sara piscou várias vezes, deixando seus olhos se ajustam à luz natural. Lentamente, ela lançou a luz negra ao longo da incisão que tinha feito no reto. "Segure isso", ela disse, dando Jeffrey a luz. Ela escorregou em um novo par de luvas e com o bisturi abriu a incisão mais longe. Um pequeno bolso de púrpura mostrou na abertura.

Jeffrey deu um pequeno suspiro, como se ele tivesse sido prendendo a respiração. "É o suficiente para uma comparação de DNA?"

Sara olhou para a matéria brilhante púrpura. "Eu acho que sim."

Sara na ponta dos pés por meio do apartamento de sua irmã, que espreita em torno da porta do quarto para se certificar de Tessa ainda estava sozinho.

"Tessie?" ela sussurrou, balançando a ligeiramente.

"O que?" Tessa resmungou, rolando. "Que horas são?"

Sara olhou para o relógio na mesa de cabeceira. "Cerca de duas horas da manhã."

"O que?" Tessa repetido, esfregando os olhos. "O que está errado?"

Sara disse: "Scoot acabou."

Tessa fez o que lhe foi dito, segurando a folha para Sara. "O que está errado?"

Sara não respondeu. Ela puxou o edredom até o queixo.

"Algo está errado?" Tessa repetido.

"Nada está errado."

"Essa menina é realmente morto?"

Sara fechou os olhos. "Sim."

Tessa se sentou na cama, acender a luz. "Nós temos que falar, Sara."

Sara virou-se, de costas para a irmã. "Eu não quero falar."

"Eu não me importo," Tessa respondeu, puxando as cobertas longe de Sara. "Sente-se."

"Não me dar ordens", Sara respondeu, sentindo-se irritado. Ela tinha vindo aqui para se sentir seguro para que ela pudesse dormir, para não ser empurrado por sua irmã mais nova.

"Sara", começou Tessa. "Você tem que dizer Jeffrey o que aconteceu."

Sara sentou-se, com raiva que isso estava começando novamente. "Não", ela respondeu, seus lábios uma linha apertada.

"Sara", disse Tessa, com voz firme. "Hare me contou sobre essa menina. Ele me contou sobre a fita em sua boca e sobre a forma como ela foi colocada em seu carro."

"Ele não deveria falar sobre esse tipo de coisa com você."

"Ele não estava dizendo isso como um ponto de interesse", disse Tessa. Ela saiu da cama,

obviamente, irritado.

"O que você está tão chateado comigo sobre?" Sara perguntou, de pé, também. Eles se enfrentaram em lados opostos da sala, a cama entre eles.

Sara colocou as mãos nos quadris. "Não é minha culpa, ok? Eu fiz tudo o que eu poderia fazer para ajudar aquela menina, e se ela não podia viver com ele, então isso é sua escolha."

"Grande escolha, não é? Eu acho que é melhor colocar uma bala em seu cérebro do que para mantê-lo em todo o tempo."

"Que porra é que isso significa?"

"Você sabe o que significa," Tessa rebateu. "Você precisa dizer Jeffrey, Sara."

"Eu não vou."

Tessa parecia tamanho la. Ela cruzou os braços sobre o peito, ameaçando: "Se você não fizer isso, eu vou."

"O que?" Sara suspirou. Se Tessa tivesse dado um soco dela, Sara teria sentido menos choque. Sua boca se abriu em surpresa. "Você não faria isso."

"Sim, eu faria", Tessa respondeu, sua mente, obviamente, fez-se. "Se eu não fizer isso, então a mãe vai."

"Você e Mamãe chocado este pequeno plano em conjunto?" Sara deu uma risada sem humor.

"Eu suponho que no do pai sobre ele, também?" Ela jogou as mãos para o ar. "Toda a minha família está agrupando-se em mim."

"Nós não estamos agrupando-se em você," Tessa rebateu. "Nós estamos tentando ajudá-lo."

"O que aconteceu comigo", Sara começou, suas palavras cortadas e precisa, "não tem nada a ver com o que aconteceu com Sibyl Adams e Julia Matthews." Ela se inclinou sobre a cama, dando Tessa um olhar de advertência. Eles poderiam tanto jogar neste jogo.

"Isso não é uma decisão sua," Tessa rebateu.

Sara sentiu sua raiva fervente sobre a ameaça. "Você quer me dizer-lhe como é que está diferente, Tessie? Você quer saber as coisas que eu sei sobre esses casos?" Ela não lhe deu tempo para responder irmã. "Por um lado, ninguém esculpida uma cruz no meu peito e me deixou a sangrar no vaso sanitário." Ela fez uma pausa, sabendo o impacto de suas palavras teria. Se Tessa queria empurrar Sara, Sara sabia como empurrar para trás.

Sara continuou: "Por outro lado, ninguém bateu para fora meus dentes da frente para que eles pudessem sodomizar meu rosto."

a mão de Tessa foi para sua boca. "Oh Deus."

"Ninguém pregou as mãos e os pés no chão para que ele pudesse me foder."

"Não", Tessa respirou, lágrimas vindo aos olhos.

Sara não podia parar, apesar de suas palavras foram, obviamente, ácido nos ouvidos Tessas.

"Ninguém esfregou a minha boca com a Clorox. Ninguém raspado meu cabelo púbico de modo que não haveria qualquer evidência de rastreamento." Ela fez uma pausa para respirar.

"Ninguém esfaqueado um buraco no meu intestino para que ele poderia-" Sara forçou a parar, sabendo que ela estava indo longe demais. Ainda assim, um pequeno soluço escapou da boca de Tessa quando ela fez a ligação. Seus olhos tinham sido em todo o tempo de Sara, e o olhar de horror em seu rosto enviou ondas de culpa através de Sara.

Sara sussurrou: "Sinto muito, Tessie. Eu sinto muito."

a mão de Tessa lentamente caiu de sua boca. Ela disse: "Jeffrey é um policial."

Sara colocou a mão ao peito. "Eu sei disso."

"Você é tão bonito", disse Tessa. "E você é esperto e você é engraçado e você é alto."

Sara riu de modo que ela não chorasse.

"E desta vez há doze anos, você foi estuprada," Tessa terminou.

"Eu sei disso."

"Ele envia-lhe cartão a cada ano, Sara. Ele sabe onde você vive."

"Eu sei disso."

"Sara," Tessa começou, uma qualidade implorando para sua voz. "Você tem que dizer Jeffrey."

"Eu não posso."

Tessa manteve-se firme. "Você não tem uma escolha."

SEXTA-FEIRA

Capítulo Dezoito

JEFFREY colocou um par de cuecas e mancou em direção à cozinha. O joelho ainda estava duro do chumbo grosso, e seu estômago havia sido perturbado desde que ele entrou no quarto de Julia Matthews. Ele estava preocupado com Lena. Ele estava preocupado com Sara. Ele estava preocupado com a sua cidade.

Brad Stephens tinha tomado a amostra de ADN para Macon há poucas horas. Levaria pelo menos uma semana para receber algo de volta, talvez mais uma semana para obter o tempo no banco de dados de DNA do FBI para verificação cruzada para criminosos conhecidos. Tal como acontece com a maioria dos trabalhos de polícia, este foi um jogo de espera. Enquanto isso, não havia como saber o que o autor estava fazendo. Para todos Jeffrey sabia, ele poderia ser perseguir sua próxima vítima, neste exato momento. Ele poderia ser estuprar sua próxima vítima, neste exato momento, fazendo coisas para ela que só um animal pensaria em fazer. Jeffrey abriu a geladeira, tirar o leite. No caminho para pegar um copo, ele ligou o interruptor de luz em cima, mas nada aconteceu. Ele murmurou uma maldição em direção a si mesmo como ele tomou um copo do armário. Ele tinha desligado as luzes da cozinha um par de semanas atrás, quando um novo equipamento que ordenou chegou pelo correio. A chamada tinha chegado a partir da estação assim como ele estava tirando os fios, e o lustre sentou-se abalado em sua caixa, esperando por Jeffrey para encontrar o tempo para pendurá-lo. A este ritmo, Jeffrey seria comer pela luz da geladeira para os próximos anos.

Ele terminou seu leite e mancou até a pia para lavar o vidro. Ele queria chamar Sara, para ver como ela estava, mas sabia melhor do que isso. Ela estava bloqueando-o para fora para suas próprias razões. Ele realmente não tem uma perna para ficar em desde o divórcio. Talvez ela estava com Jeb hoje à noite. Ele tinha ouvido falar através de Maria que tinha estado a falar com Marty Ringo que Sara e Jeb estavam se vendo novamente. Ele se lembrava vagamente Sara dizendo algo sobre uma data no hospital na noite passada, mas sua mente não pôde se conectar suas palavras. Como a memória veio após Maria tinha se dignou a mencionar as fofocas com ele, ele não podia contar com ele.

Jeffrey gemeu quando ele sentou-se no banco do bar em frente à ilha de cozinha. Ele tinha construído os meses insulares atrás. Ele tinha realmente construí-lo duas vezes, porque ele não tinha sido satisfeito com a forma como ele tinha olhado pela primeira vez. Jeffrey estava acima de todas as coisas um perfeccionista, e ele odiava quando as coisas não eram simétricos. Desde que ele viveu em uma casa velha, isso significava que ele estava

constantemente a ter de ajustar e reajustar, porque não havia uma parede na casa que era reto.

Uma leve brisa agitava as tiras de plástico grosso que revestem a parede de trás da cozinha. Ele estava vacilando entre portas francesas e uma parede de janelas, ou estender a cozinha para fora cerca de dez pés no quintal. Algum tipo de copa seria agradável, um lugar para sentar-se no período da manhã e olhar para os pássaros no quintal. O que ele realmente queria era colocar um grande deck lá fora, com uma banheira de hidromassagem ou talvez um daqueles churrascos ao ar livre extravagantes. Tudo o que ele fez, ele queria manter a casa aberta. Jeffrey gostou da forma como a luz veio em durante o dia através das tiras semitransparentes. Ele gostava de ser capaz de ver para o quintal, especialmente em momentos como agora, quando viu alguém andando para lá.

Jeffrey levantou, pegando um bastão fora da sala de lavanderia.

Ele deslizou através de uma fenda nas tiras de plástico, na ponta dos pés pelo gramado. A grama estava molhada de uma ligeira névoa no ar da noite, e Jeffrey estremeceu do frio, esperando a Deus ele não levar um tiro de novo, especialmente porque ele estava vestindo apenas um par de cuecas. O pensamento ocorreu-lhe que quem estava à espreita no quintal poderia entrar em colapso de tanto rir ao invés de medo ao ver Jeffrey em pé no pátio, nu, mas para seus pugilistas verde, segurando um bastão sobre a cabeça.

Ele ouviu um barulho familiar. Foi uma lapidação, lambendo som, o tipo um cão fez ao preparar. Ele apertou os olhos à luz da lua, que efectua três figuras ao lado da casa. Dois deles eram suficientemente curto para ser cães. Um deles era alto o suficiente para ser apenas Sara. Ela estava olhando para a janela de seu quarto.

Jeffrey deixou o bastão cair para baixo como ele na ponta dos pés por trás dela. Ele não estava preocupado com Billy Bob ou, como os dois galgos eram os animais mais preguiçosos que já tinha visto. Fiel à forma, eles mal se moveu quando ele sorrateiramente por trás dela.

"Sara?"

"Oh, Jesus." Sara saltou, tropeçando o cão mais próximo. Jeffrey chegou a frente, pegando-a antes que ela caiu sobre seu traseiro.

Jeffrey riu, dando Bob um tapinha na cabeça. "Peeping Tom?" ele perguntou.

"Seu imbecil", Sara sussurrou, batendo as mãos no peito. "Você assustou a merda fora de mim."

"O que?" Jeffrey perguntou inocentemente. "Eu não sou o único esgueirando em torno de sua casa."

"Como se você não tem antes."

"Isso é comigo", Jeffrey apontou. "Você não." Ele se encostou na morcego. Agora que a sua adrenalina tinha parado de bombeamento, a dor surda tinha voltado para a perna. "Você quer explicar por que você está olhando na minha janela no meio da noite?"

"Eu não queria te acordar, se você estava dormindo."

"Eu estava na cozinha."

"No escuro?" Sara cruzou os braços e encostou-o com um olhar desagradável. "Sozinho?"

"Venha", Jeffrey oferecido, não esperando por ela para responder. Ele manteve o ritmo lento enquanto caminhava de volta para a cozinha, contente quando ouviu passos de Sara atrás dele. Ela estava usando um par de calças de ganga desbotadas com um igualmente antiga camisa de botão branca.

"Você anda os cães aqui?"

"Eu emprestado o carro Tensas", disse Sara, arranhando Bob na cabeça.

"Bem pensado, trazendo seus cães de ataque."

"Estou feliz que você não estava olhando para me matar."

"O que faz você pensar que eu não estava?" Jeffrey perguntou, usando o bastão para manter o plástico de lado para que ela pudesse entrar na casa.

Sara olhou para o plástico, em seguida, para ele. "Eu amo o que você fez para o local."

"Ele precisa de um toque feminino", Jeffrey sugeriu.

"Tenho certeza que há uma abundância de voluntários."

Ele suprimiu um gemido quando ele voltou para a cozinha. "Fora do Poder aqui", ele ofereceu, acendendo uma vela ao lado do fogão.

"Ha-ha," Sara disse, tentando o interruptor de luz mais próximo dela. Ela atravessou a sala, tentando o outro interruptor como Jeffrey acendeu outro vela. "Qual é o problema?"

"Casa velha." Ele deu de ombros, não querendo confessar a sua preguiça. "Brad levou a amostra para Macon."

"Um par de semanas, huh?"

"Sim", ele concordou. "Você acha que ele é um policial?"

"Brad?"

"Não, o autor do crime. Você acha que ele é um policial? Talvez por isso ele deixou a chave da algema em ... lá." Ele fez uma pausa. "Você sabe, como uma pista."

"Talvez ele usa algemas para contê-los", disse Sara. "Talvez ele esteja em S amp; M Talvez sua mãe utilizado para algemá-lo à cama quando ele era um menino."

Ele ficou intrigado com seu tom irreverente, mas sabia que não devia comentar sobre ele.

Fora do azul, Sara disse: "Eu quero uma chave de fenda."

Jeffrey franziu o cenho para isso, mas ele caminhou até sua caixa de ferramentas e remexeu.

"Phillips?"

"Não, uma bebida", Sara respondeu. Ela abriu a porta do congelador, tirando o vodka.

"Eu não acho que eu tenho suco de laranja", disse ele quando ela abriu a outra porta.

"Isso vai fazer", ela disse, estendendo o suco de cranberry. Ela vasculhou os armários para um copo, em seguida, derramou o que parecia ser uma bebida muito duro.

Jeffrey assistiu a tudo isso, em causa. Sara raramente bebia, e quando ela fez um copo de vinho poderia transformá-la bêbada. Ele nunca tinha visto beber nada mais forte do que uma margarita todo o seu casamento.

Sara estremeceu quando ela engoliu a bebida. "Quanto é que eu ia colocar?" ela perguntou.

"Provavelmente um terço do que você derramou", respondeu ele, tomando a bebida dela. Ele tomou um pequeno gole, quase engasgando do gosto. "Jesus Cristo", ele conseguiu em torno de uma tosse. "Você está tentando se matar?"

"Eu e Julia Matthews," ela atirou de volta. "Você tem qualquer coisa doce?"

Jeffrey abriu a boca para perguntar o que diabos ela queria dizer com aquele comentário, mas Sara já estava vasculhando os armários.

Ele ofereceu, "Há um pouco de pudim na geladeira. Prateleira inferior na parte de trás."

"Livre de gordura?" ela perguntou.

"Não."

"Good", disse Sara, dobrando na cintura para encontrar o pudim.

Jeffrey cruzou os braços, olhando para ela. Ele queria perguntar o que ela estava fazendo em sua cozinha no meio da manhã. Ele queria perguntar-lhe o que vinha acontecendo ultimamente,

por que ela estava agindo de modo estranho.

"Jeff?" Sara perguntou, torcendo através do frigorífico.

"Hmm?"

"Você está olhando para minha bunda?"

Jeffrey sorriu. Ele não tinha sido, mas ele respondeu: "Sim."

Sara ficou de pé, segurando o copo pudim no ar como um troféu. "Último."

"Sim."

Sara puxou a parte de cima do pudim como ela fugiu em cima do balcão. "Isto está começando a ser uma coisa ruim."

"Você pensa?"

"Bem." Ela encolheu os ombros, lambendo o pudim fora do topo. "College Girls sendo estuprada, matando-se. Não é isso que estamos todos aqui, não é?"

Mais uma vez, Jeffrey foi surpreendido por sua atitude arrogante. Isso não era como Sara, mas ultimamente ele não estava certo exatamente como ela era.

"Acho que não", disse ele.

"Você diz a seus pais?"

Jeffrey respondeu: "Frank pegou-os no aeroporto." Ele fez uma pausa, depois disse: "Seu pai." Ele parou novamente. A visão do rosto angustiado de Jon Matthews não era algo Jeffrey logo esqueceria.

"Pai levou difícil, né?" Sara disse. "Daddies não gostaria de saber suas meninas foram sujado com."

"Eu não acho", Jeffrey respondeu, perguntando-se em sua escolha de palavras.

"Você iria acertar."

"Sim", disse Jeffrey. "Ele pegou muito difícil."

Algo brilhou nos olhos de Sara, mas ela olhou para baixo antes que ele pudesse dizer o que estava acontecendo. Ela tomou um longo gole de seu copo, derramando um pouco na frente de sua camisa. Ela realmente deu uma risadinha.

Apesar de seu melhor juízo, Jeffrey perguntou: "O que há de errado com você, Sara?"

Ela apontou para sua cintura. "When'd você começar a usar esses?" ela perguntou.

Jeffrey olhou para baixo. Uma vez que a única coisa que ele usava eram seus pugilistas verde, ele assumiu que é o que ela queria dizer. Ele olhou para ela, encolhendo os ombros. "Um tempo atrás."

"Menos de dois anos", observou ela, lambendo mais pudim.

"Sim", ele ofereceu, caminhando até ela, com os braços para os lados, mostrando sua cueca.

"Você gosta deles?"

Ela bateu palmas.

"O que você está fazendo aqui, Sara?"

Ela olhou para ele durante alguns segundos, em seguida, colocar o pudim ao lado dela. Ela se inclinou para trás, os calcanhares levemente bater os armários inferiores. "Eu estava pensando no outro dia sobre esse tempo eu estava no banco dos réus. Você se lembra?"

Ele balançou a cabeça, porque eles passaram praticamente a cada segundo livre de sempre)

'Verão no cais.

"Eu tinha acabado de passar para um mergulho, e eu estava sentado no banco dos réus, escovando meu cabelo. E você veio e você tomou a escova e começou a escová-lo para mim." Ele balançou a cabeça, lembrando que era a mesma coisa que ele estava pensando quando

ele acordou no hospital esta manhã. "Eu lembro."

"Você escovado meu cabelo por pelo menos uma hora. Você se lembra disso?"

Ele sorriu.

"Você apenas escovado meu cabelo, e, em seguida, nós nos preparamos para o jantar. Lembra?"

Ele balançou a cabeça novamente.

"O que eu fiz errado?" ela perguntou, e o olhar em seus olhos quase o matou. "Foi o sexo?"

Ele balançou sua cabeça. Sexo com Sara tinha sido a experiência mais gratificante de sua vida adulta. "Claro que não", disse ele.

"Você quer que eu cozinhe o jantar? Ou estar lá mais quando você chegar em casa?"

Ele tentou rir. "Você me cozinhar o jantar, lembra? Eu estava doente durante três dias."

"Estou falando sério, Jeff. Eu quero saber o que eu fiz de errado."

"Não era você", ele respondeu, sabendo que a desculpa era banal, mesmo quando ele terminou a frase. "Fui eu."

Sara suspirou profundamente. Ela estendeu a mão para o vidro, terminando a bebida em um gole.

"Eu era estúpido", continuou ele, sabendo que ele deveria calar a boca. "Eu estava com medo, porque eu te amei tanto." Ele fez uma pausa, querendo dizer isso da maneira certa. "Eu não acho que você precisava de mim tanto quanto eu precisava de você."

Ela nivelou-o com um olhar. "Você ainda quer que eu preciso de você?"

Ele ficou surpreso ao sentir a mão em seu peito, seus dedos levemente acariciando seus cabelos. Ele fechou os olhos enquanto ela traçou os dedos até os lábios.

Ela disse: "Agora, eu realmente preciso de você."

Ele abriu os olhos. Por apenas uma fração de segundo, ele pensou que ela estava brincando.

"O que você disse?"

"Você não quer que ele agora que você tem?" Sara perguntou, ainda tocando seus lábios.

Ele lambeu a ponta do seu dedo com a língua.

Sara sorriu, estreitando os olhos, como se a ler sua mente. "Você vai me responder?"

"Sim", disse ele, nem mesmo lembrar a questão. Então, "Sim. Sim, eu ainda quero você."

Ela começou a beijar seu pescoço, sua língua fazendo traços de luz ao longo de sua pele. Ele colocou as mãos em volta da cintura, puxando-a para mais perto da borda do balcão. Ela enrolou as pernas em volta de sua cintura.

"Sara". Ele suspirou, tentando beijar sua boca, mas ela se afastou, em vez deixando os lábios viajar para baixo seu peito. "Sara", repetiu ele. "Deixe-me fazer amor com você."

Ela olhou para ele, um sorriso malicioso no rosto. "Eu não quero fazer amor."

Sua boca se abriu, mas ele não sabia como responder. Finalmente ele conseguiu, "O que significa isso?"

"Isso significa ..." ela começou, em seguida, pegou sua mão e segurou-a até sua boca. Ele observou enquanto ela traçou a ponta do seu dedo indicador com a língua. Lentamente, ela levou o dedo em sua boca e chupou. Depois do que pareceu tempo não o suficiente, ela levou-o para fora, sorrindo, brincando. "Bem?"

Jeffrey se inclinou para beijá-la, mas ela deslizou para fora do balcão antes que pudesse. Ele gemeu quando Sara tomou seu tempo beijando seu caminho até seu peito, beliscando a banda de sua roupa interior com os dentes. Com dificuldade, ele se ajoelhou no chão em frente a ela, mais uma vez tentar beijá-la na boca. Mais uma vez, ela se afastou.

"Eu quero te beijar", disse ele, surpreso com o tom implorando para sua voz. Ela balançou a cabeça, desabotoando sua camisa. "Eu posso pensar em algumas outras coisas que você pode fazer com a sua boca."

"Sara-"

Ela balançou a cabeça. "Não fale, Jeffrey."

Ele pensou que era estranho que ela tinha dito isso, porque a melhor parte do sexo com Sara estava a falar. Ele colocou as mãos para ambos os lados de seu rosto. "Venha aqui", disse ele.

"O que?"

"O que você tem?"

"Nada."

"Eu não acredito em você." Ele esperou por ela para responder a sua pergunta, mas ela apenas olhou para ele.

Ele perguntou: "Por que você não me deixa te beijar?"

"Eu só não me sinto como se beijando." Seu sorriso não era tão malicioso. "Na boca."

"O que está errado?" Ele repetiu.

Ela estreitou os olhos para ele como um aviso.

"Responda-me," ele repetiu.

Sara manteve os olhos sobre ele, como ela deixou sua mão viajar para baixo após a cintura de seus calções. Ela apertou a mão contra ele, como se ter certeza que ele tem seu significado.

"Eu não quero falar com você."

Ele parou a mão dela com a sua. "Olhe para mim."

Ela balançou a cabeça, e quando ele fez olhar para cima, ela fechou os olhos.

Ele sussurrou: "O que há de errado com você?"

Sara não respondeu. Ela o beijou na boca, sua língua forçando seu caminho passado os dentes. Foi um beijo molhado, muito longe do que ele estava acostumado com Sara, mas não havia uma paixão subjacente que teria dobraram os joelhos se ele tivesse sido permanente.

Ela parou de repente, deixando cair a cabeça para seu peito. Ele tentou fazer seu olhar de volta para ele, mas ela não quis.

Ele perguntou: "Sara?"

Ele sentiu seus braços a volta dele novamente, mas de uma maneira muito diferente de antes. Havia uma qualidade desesperado para seu domínio de aperto, como se estivesse se afogando.

"Apenas me segure", ela implorou. "Por favor, apenas me segurar."

Jeffrey acordou com um sobressalto. Ele estendeu a mão, sabendo o que ele fez isso Sara não estaria lá ao lado dele. Ele vagamente recordou sua esgueirando-se há algum tempo, mas Jeffrey tinha sido demasiado cansado para se mover, muito menos impedi-la. Ele se virou, pressionando seu rosto no travesseiro que ela tinha usado. Ele podia sentir o cheiro de lavanda de seu shampoo e um ligeiro traço do perfume que ela usava. Jeffrey realizada no travesseiro, rolando sobre suas costas. Ele olhou para o teto, tentando lembrar o que tinha acontecido na noite passada. Ele ainda não podia obter a sua cabeça em torno dela. Ele tinha levado Sara para a cama. Ela chorou suavemente em seu ombro. Ele tinha sido tão com medo do que estava por trás as lágrimas que ele não tinha questionado ela.

Jeffrey sentou-se, coçando o peito. Ele não podia ficar na cama o dia todo. Havia ainda a lista de agressores sexuais condenados para ser concluído. Ele ainda precisava entrevistar Ryan

Gordon e quem tinha estado na biblioteca com Julia Matthews a última noite em que ela tinha sido visto antes do rapto. Ele também precisava ver Sara, para se certificar de que ela estava bem.

Ele se esticou, tocando a parte superior do batente da porta enquanto ele caminhava para o banheiro. Ele parou na frente da casa de banho. Havia uma pilha de papéis sobre a pia. Um clipe de prata deslizante foi através das páginas principais, unindo o que parecia ser cerca de duzentas folhas de papel. As páginas olhou com orelhas e amarelada, como se alguém tivesse folheou-lhes um número de vezes. Foi, Jeffrey reconhecia, uma transcrição do julgamento. Ele olhou ao redor da casa de banho, como se a fada transcrição que tinha deixado ele ainda pode estar por perto. A única pessoa que tinha estado na casa era Sara, e ele não podia pensar por que ela iria deixar algo assim. Ele leu a página de título, anotando a data era de doze anos atrás. O caso foi o Estado da Geórgia v. Jack Allen Wright.

Um amarelo post-it nota foi saindo de uma das páginas. Ele virou a céu aberto transcrição, parando com o que viu. O nome de Sara foi listado no topo da página. Outro nome, Ruth Jones, provavelmente o procurador do distrito que havia processado o caso, foi listado como o autor da pergunta.

Jeffrey sentou no vaso sanitário e começou a ler exame de Sara Linton de Ruth Jones.

Q. Dr. Linton, você poderia nos dizer em suas próprias palavras os acontecimentos que tiveram lugar no dia vinte e três de abril, desta vez no ano passado?

A. Eu estava trabalhando em Grady Hospital onde eu era um residente de pediatria. Eu tive um dia difícil e decidi ir para uma unidade no meu carro entre os turnos.

P. Houve alguma coisa incomum você percebeu neste momento?

A. Quando cheguei ao meu carro, a palavra cunt haviam sido raspados para a porta do lado do passageiro. Eu pensei que talvez este foi o trabalho de um vândalo, então eu usei um pouco de fita adesiva Eu ficava no porta-malas para cobri-lo.

P. Então o que você fez?

A. Eu fui de volta para o hospital para o meu turno.

Q. Você gostaria de um copo de água?

A. Não, obrigado. Eu fui para a sala de descanso, e enquanto eu estava lavando as mãos na pia, Jack Wright entrou.

Q. O réu?

A. Isso é correto. Ele entrou. Ele estava carregando um esfregão e vestindo macacão cinza. Eu sabia que ele era o zelador. Ele pediu desculpas por não bater, disse que ia voltar mais tarde para limpar, em seguida, saiu do banheiro.

P. Então o que aconteceu?

A. Fui para o box para usar o banheiro. O réu, Jack Wright, saltou para baixo do teto. Foi um tecto suspenso. Ele algemaram minhas mãos ao corrimão para deficientes físicos, em seguida, gravou minha boca fechada com fita adesiva prata.

Q. Tem certeza que isso era o réu?

R. Sim. Ele usava uma máscara de esqui vermelho, mas eu reconheci os olhos. Ele tem olhos azuis muito distintas. Lembro-me de pensar antes de que, com o cabelo louro longo, barba e olhos azuis que pareciam imagens bíblicas de Jesus. Estou certo de que era Jack Wright que me atacou.

P. Existe qualquer outra marca distintiva que o leva a acreditar que foi o réu quem você estuprada?

A. Eu vi uma tatuagem no braço de Jesus pregado na cruz com Jesus palavras acima e economiza abaixo dela. Eu reconheci essa tatuagem como pertencente a Jack Wright, um zelador no hospital. Eu o tinha visto várias vezes antes no corredor, mas nunca tinha falado com o outro.

P. O que aconteceu em seguida, Dr. Linton?

A. Jack Wright me puxou para baixo fora do vaso sanitário. Meus tornozelos estavam presos por minhas calças. Eles estavam no chão. Minhas calças. Em torno de meus tornozelos.

P. Por favor, tome o seu tempo, Dr. Linton.

A. I foi puxado para a frente, mas meus braços estavam atrás de mim assim. Ele continuou me puxado para a frente, colocando um braço em volta da minha cintura. Ele segurava uma faca longa, cerca de seis polegadas, para o meu rosto. Ele cortou o lábio para me avisar, eu suponho.

P. Então o que foi que o réu fazer?

A. Ele colocou seu pênis em mim e me estuprou.

Q. Dr. Linton, você poderia nos dizer o que, se alguma coisa, disse o réu durante o tempo que ele a estuprou?

A. Ele continuou referindo-se a mim como "cunt".

P. Você poderia nos contar o que aconteceu depois?

A. Ele tentou várias vezes para levar-se a ejaculação, mas não teve sucesso. Ele puxou seu pênis para fora de mim e ele mesmo trouxe ao clímax [murmurou]

P. Você poderia repetir isso?

A. Ele trouxe-se ao clímax no meu rosto e peito.

P. Você poderia nos dizer o que aconteceu então?

A. Ele me xingou de novo, então me apunhalou com sua faca. No lado esquerdo, aqui.

P. Então o que aconteceu?

A. Eu provei algo em minha boca. Engasguei. Foi vinagre.

Q. Ele derramou vinagre em sua boca?

R. Sim, ele teve um pequeno frasco, como uma amostra de perfume viria. Ele inclinou-lo na minha boca e disse: "Está consumado".

P. esta frase tem um significado determinado para você, Dr. Linton?

A. É de John, na versão King James da Bíblia. "Está terminado." De acordo com John, estas são as últimas palavras que Jesus diz como ele está morrendo na cruz. Ele pede algo para beber, e eles dão-lhe vinagre. Ele bebe o vinagre, em seguida, para citar o verso, ele dá o espírito. Ele morre.

Q. Isto é da crucificação?

R. Sim.

Q. Jesus diz: "Está consumado".

R. Sim.

Q. Seus braços fixadas para trás como este?

R. Sim.

Q. Uma espada é esfaqueado no seu lado?

R. Sim.

Q. qualquer outra coisa foi dito?

R. Não Jack Wright disse isso, então saiu do banheiro.

Q. Dr. Linton, você tem alguma ideia de quanto tempo você foi deixado na casa de banho?

A. Não.

Q. Você ainda estava algemado?

R. Sim. Eu ainda estava algemado e eu estava de joelhos olhando para o chão. Eu era incapaz de me corrigir, para sentar.

P. Então o que aconteceu?

A. Uma das enfermeiras entrou. Ela viu o sangue no chão e começou a gritar. Alguns segundos depois, o Dr. Lange, meu supervisor, entrou na sala. Eu tinha perdido uma grande quantidade de sangue, e eu ainda estava algemado. Eles começaram a me ajudar, mas eles não podiam fazer muita coisa com os punhos diante. Jack Wright tinha manipulado o bloqueio de modo que não iria abrir. Ele tinha empurrado algo na fechadura, um palito ou algo assim. Um serralheiro teve de ser chamado para cortá-los. Eu desmaiei durante este tempo. A posição do meu corpo era tal que o sangue continuou a piscina da facada. Eu perdi uma grande quantidade de sangue durante este tempo a partir da facada.

Q. Dr. Linton, tomar o seu tempo. Você gostaria de fazer uma pequena pausa?

A. Não, eu quero continuar.

P. Você poderia me dizer o que aconteceu após a violação?

A. fiquei grávida a partir deste contato, e, posteriormente, desenvolveu uma gravidez ectópica, que é dizer que um óvulo foi implantado na minha trompa de Falópio. Houve uma ruptura que causou sangramento no meu abdome.

Que efeito, se algum Q., tem isso teve sobre você?

A. A histerectomia parcial foi realizada em que os meus órgãos reprodutores foram retirados. Eu não posso mais ter filhos.

Q. Dr. Linton?

A. Eu gostaria de ter um recesso.

Jeffrey estava sentado em sua casa de banho, olhando para as páginas da transcrição. Ele lê-los novamente, em seguida, mais uma vez, soluços ecoando no banheiro enquanto ele chorava para o Sara ele nunca tinha conhecido.

Capítulo Dezenove

LENA levantou a cabeça devagar, tentando obter alguma noção de onde ela estava. Tudo o que ela viu foi escuridão. Ela estendeu a mão polegadas de seu rosto, incapaz de fazer-lhe a palma da mão e dedos. A última coisa que ela lembrava estava sentado em sua cozinha conversando com Hank. Depois disso, ela desenhou um branco total. Era como se ela piscou um segundo e o próximo foi transportado para o local. Onde quer que este local era. Ela gemeu, movendo-se para o lado dela para que ela pudesse sentar-se. Com súbita clareza, ela percebeu que ela estava nua. O chão debaixo dela era áspera contra sua pele. Ela podia sentir o grão nas pranchas de madeira. Seu coração começou a bater por algum motivo, mas sua mente não iria dizer-lhe porquê. Lena chegou na frente dela, sentindo-se mais madeira áspera, mas era vertical, uma parede.

Pressionando as mãos na parede, ela conseguiu ficar de pé. No fundo de sua mente, ela poderia fazer um barulho, mas era desconhecido para ela. Tudo parecia incoerente e fora do lugar. Sentia-se fisicamente como se ela não pertencia aqui. Lena achou que ela estava se inclinando a cabeça contra a parede, a madeira pressionando na pele de sua testa. O ruído era um staccato em sua periferia, batendo, então nada, batendo, em seguida, nada, como um

martelo sobre um pedaço de aço. Como um ferreiro formando uma ferradura.

Clink, Clink, Clink.

Onde ela tinha ouvido isso antes?

O coração de Lena parou quando ela finalmente fez a conexão. Na escuridão, ela podia ver os lábios de Julia Matthews em movimento, expressando o barulho. Clink, Clink, Clink. O som estava pingando água.

Capítulo Vinte

JEFFREY ficou atrás do one-way de vidro, olhando para a sala de entrevista. Ryan Gordon sentou-se à mesa, seus braços magros cruzados sobre o peito côncavo. Amigo Conford sentou ao lado dele, as mãos cruzadas na frente dele na mesa. Amigo era um lutador. Na idade de dezessete anos, ele tinha perdido a perna direita a partir do joelho para baixo em um acidente de carro. Com a idade de vinte e seis anos, ele tinha perdido o olho esquerdo de câncer. Aos trinta e nove, um cliente insatisfeito tinha tentado pagar amigos fora com duas balas. Amigo tinha perdido um rim e sofreu um colapso pulmonar, mas estava de volta ao tribunal duas semanas depois. Jeffrey estava esperando senso de certo e errado de Buddy ajudaria a mover as coisas hoje. Jeffrey tinha baixado uma imagem de Jack Allen Wright a partir do banco de dados do estado esta manhã. Jeffrey teria perna muito mais forte para se sustentar em Atlanta se ele tivesse uma identificação positiva.

Jeffrey nunca se considerou um homem emotivo, mas não havia uma dor no peito que não ia embora. Ele queria falar com Sara tão mal, mas ele estava com medo de que ele iria dizer a coisa errada. Dirigindo-se para trabalhar, ele tinha ido mais e mais em sua mente o que ele diria a ela, mesmo falando em voz alta para ver como suas palavras soaram. Nada poderia dar certo, e Jeffrey acabou sentado em seu escritório por dez minutos com a mão no telefone antes que ele pudesse persuadir coragem suficiente para marcar o número de Sara na clínica. Depois de contar Nelly Morgan que não era uma emergência, mas ele gostaria de falar com Sara qualquer maneira, ele conseguiu um brusco "Ela está com um paciente", seguido por uma batida do telefone. Isso trouxe Jeffrey uma enorme sensação de alívio, então um sentimento de desgosto em sua própria covardia.

Ele sabia que precisava ser forte por ela, mas Jeffrey sentia muito Blindsided para ser capaz de qualquer coisa, mas soluçando como uma criança cada vez que pensava sobre o que tinha acontecido com Sara. Parte dele foi ferido por ela não ter confiado nele o suficiente para dizer-lhe o que tinha acontecido com ela em Atlanta. Outra parte dele estava com raiva que ela tinha flat out mentiu para ele sobre tudo. A cicatriz do lado dela havia sido explicado como o resultado de uma apendicectomia, embora, em retrospecto, Jeffrey lembrou da cicatriz era irregular e vertical, nada como incisão limpa de um cirurgião.

Que ela não podia ter filhos era algo que nunca tinha empurrado por diante, porque, obviamente, era um tema sensível. Ele estava confortável deixando-a em paz com isso, assumindo que era uma condição médica ou que talvez, como algumas mulheres, ela só não foi concebido para transportar uma criança. Ele deveria ser um policial, um detetive, e ele tinha tomado tudo o que ela disse no valor de cara, porque Sara era o tipo de mulher que disse a verdade sobre as coisas. Ou pelo menos ele tinha pensado que ela era.

"Chefe?" Maria disse, batendo na porta. "Guy chamado a partir de Atlanta e disse para lhe dizer tudo está configurado. Não iria deixar um nome. Isso significa alguma coisa para você?"

"Sim", disse Jeffrey, verificando a pasta que ele tinha na mão para certificar-se a impressão ainda estava lá. Ele olhou para a foto novamente, mesmo que ele tinha praticamente memorizado a foto borrada. Ele passou por Maria para o corredor. "Eu estou saindo para Atlanta depois disso. Eu não sei quando eu estarei de volta. Frank vai estar no comando." Jeffrey não lhe deu tempo para responder. Ele abriu a porta para a sala de entrevista e entrou. Amigo assumiu um tom justo. "Estamos aqui há dez minutos."

"E nós estamos indo só para estar aqui mais outros dez se o cliente decidir a cooperar", disse Jeffrey, tomando a cadeira em frente a Buddy.

A única coisa Jeffrey sabia com certeza era que ele queria matar Jack Allen Wright. Ele nunca tinha sido um homem violento fora do campo de futebol, mas Jeffrey queria tanto para matar o homem que tinha estuprado Sara que seus dentes doíam.

"Nós pronto para começar?" Amigo perguntou, batendo a mão na mesa.

Jeffrey olhou para fora da pequena janela na porta. "Precisamos esperar por Frank", disse ele, querendo saber onde o homem estava. Jeffrey esperava que ele foi verificar Lena.

A porta abriu e Frank entrou na sala. Ele olhou como se não tivesse dormido a noite toda. Sua camisa estava para fora da calça ao lado, e uma mancha de café estava em sua gravata.

Jeffrey deu um olhar aguçado para o relógio.

"Desculpe", disse Frank, tomando a cadeira ao lado de Jeffrey.

"Certo", disse Jeffrey. "Nós temos algumas perguntas que precisamos fazer Gordon. Em troca de seu ser próxima, vamos retirar as acusações pendentes sobre a apreensão de drogas."

"Foda-se," Gordon rosnou. "Eu disse que aqueles que não eram minhas calças."

Jeffrey trocou um olhar com Buddy. "Eu não tenho tempo para isso. Nós vamos enviá-lo até a caneta Atlanta e cortar as nossas perdas."

"Que tipo de perguntas?" Amigo perguntou.

Jeffrey soltou a bomba. Amigo tinha sido esperando um simples pleitear em mais uma carga de drogas contra uma das crianças da faculdade. Jeffrey manteve o tom mesmo quando ele disse:

"Sobre a morte de Sibyl Adams e o estupro de Julia Matthews."

Amigo parecia registrar um pequeno choque. Seu rosto ficou branco, fazendo o seu tapa-olho preto destacam-se ainda mais contra o seu rosto pálido. Ele perguntou Gordon, "Você sabe alguma coisa sobre isso?"

Frank respondeu por ele. "Ele era a última pessoa a ver Julia Matthews na biblioteca. Ele era o namorado dela."

Gordon saltou, "Eu te disse, eles não eram minhas calças. Tirem-me o fora daqui."

Amigo deu Gordon olho. "É melhor você estar dizendo a eles o que aconteceu, ou você vai estar escrevendo suas cartas mama da prisão."

Gordon cruzou os braços, obviamente zangado. "Você deveria ser meu advogado."

"Você deveria ser um ser humano," Buddy rebateu, pegando sua pasta. "Essas meninas foram espancados e mortos, filho. Você está olhando para caminhar sobre uma posse crime simplesmente fazendo o que você deve fazer em primeiro lugar. Se você tem um problema com isso, você precisa arranjar outro advogado."

Amigo estava de pé, mas Gordon parou. "Ela estava na biblioteca, ok?"

Amigo sentou-se, mas ele manteve sua pasta no colo.

"No campus?" Frank perguntou.

"Sim, no campus," Gordon estalou. "Eu corri para dentro dela, ok?"

"Ok", respondeu Jeffrey.

"Então, eu comecei a falar com ela, você sabe. Ela me queria de volta. Eu poderia dizer isso." Jeffrey assentiu, embora ele imaginou Julia Matthews tinha sido muito chateado ao ver Gordon na biblioteca.

"De qualquer forma, nós conversamos, tenho um pouco de ação lábio indo, se você sabe o que quero dizer." Ele cutucou amigo, que se afastou. "Made alguns planos para ver uns aos outros mais tarde."

"Então o que?" Jeffrey perguntou.

"Então, você sabe, ela foi embora. Isso é o que estou dizendo, ela acabou de sair. Tem seus livros e tudo, disse que iria me encontrar mais tarde, em seguida, ela estava fora de lá."

Frank perguntou: "Você viu alguém segui-la? Qualquer um suspeito?"

"Não," ele respondeu. "Ela estava sozinha. Eu teria notado se alguém estava olhando para ela, sabe? Ela foi a minha menina. Eu ficava de olho nela."

Jeffrey disse: "Você não pode pensar em alguém que ela poderia saber, não apenas um estranho, que estava fazendo ela se sentir desconfortável? Talvez ela estava saindo com alguém depois de vocês se separaram?"

Gordon deu-lhe o mesmo olhar que ele daria um cão estúpido. "Ela não estava vendo ninguém. Ela era apaixonada por mim."

"Você não se lembra de ver carros estranhos no campus?" Jeffrey perguntou. "vans Or?"

Gordon sacudiu a cabeça. "Eu não vi nada, ok?"

Frank perguntou: "Vamos voltar para a reunião. Você deveria vê-la mais tarde?"

Gordon fornecido, "Ela era suposto encontrar-me por trás da construção de agro às dez."

"Ela não apareceu?" Frank disse.

"Não", respondeu Gordon. "Eu esperei ao redor, você sabe. Então, eu fiquei meio chateado e eu fui encontrá-la. Eu fui para o quarto dela para ver o que estava acontecendo, e ela não estava lá."

Jeffrey limpou a garganta. "Foi Jenny preço lá?"

"Aquela puta?" Gordon acenou esta off. "Ela foi provavelmente a porra metade da equipe de ciência."

Jeffrey sentiu-se cerdas sobre isso. Ele teve um problema com homens que viram todas as mulheres como prostitutas, não menos importante, porque esta atitude geralmente iam de mãos dadas com a violência contra as mulheres. "Então, Jenny não estava lá", Jeffrey resumidos. "Então o que você fez?"

"Eu voltei para o meu dormitório." Ele encolheu os ombros. "Eu fui para a cama."

Jeffrey sentou-se na cadeira, cruzando os braços sobre o peito. "O que não está nos dizendo, Ryan?" ele perguntou. "Porque do jeito que eu estou olhando para ele, o futuro "parte do nosso negócio não está sendo atendidas aqui. A maneira que eu estou olhando para ela, que jumper de laranja que você está vestindo vai ser em sua volta para o próximos dez anos".

Gordon olhou para Jeffrey com o que Jeffrey assumiu o jovem pensamento do punk era um olhar ameaçador. "Eu lhe disse tudo."

"Não", disse Jeffrey. "Você não. Você está saindo algo que é muito importante, e eu juro por Deus que não vamos sair desta sala até que você me diga o que você sabe."

Gordon virou shifty-eyed. "Eu não sei de nada."

Amigo se inclinou e sussurrou algo que fez os olhos de Gordon ir redonda como duas nozes. O que quer que o advogado havia dito ao seu cliente, funcionou.

Gordon disse: "Eu a segui para fora da biblioteca."

"Sim?" Jeffrey incentivada.

"Ela se encontrou com esse cara, ok?" Gordon brincava com as mãos na frente dele. Jeffrey queria chegar a mais e estrangular o punk. "Eu tentei alcançá-los, mas eles eram rápidos."

"Rápido ou seja, como?" Jeffrey perguntou. "Ela estava caminhando com ele?"

"Não", disse Gordon. "Ele estava carregando ela."

Jeffrey sentiu um nó na boca do estômago. "E você não acha que isso era suspeito, ela está sendo levada por um cara?"

Os ombros de Gordon subiu para seus ouvidos. "Eu era louco, ok? Eu estava bravo com ela."

"Você sabia que ela não iria encontrá-lo mais tarde," Jeffrey começou, "para que a seguiu."

Ele deu de ombros, que poderia ter sido um sim ou não.

"E você viu esse cara levando-a fora?" Jeffrey continuou.

"Sim."

Frank perguntou: "O que ele é?"

"Tall, eu acho", disse Gordon. "Eu não podia ver o rosto dele, se é isso que você quer dizer."

"Branco preto?" Jeffrey interrogado.

"Sim, branco," fornecido Gordon. "Branco e alto. Ele estava usando roupas escuras, toda preta.

Eu realmente não podia vê-los, exceto que ela estava vestindo esta camisa branca, certo? É o tipo de captavam a luz, então ela apareceu, mas ele não."

Frank disse: "Será que você seguiu-los?"

Gordon sacudiu a cabeça.

Frank ficou em silêncio, o queixo tenso com a raiva. "Você sabe que ela está morta agora, não é?"

Gordon olhou para a mesa. "Sim eu sei disso."

Jeffrey abriu o arquivo e mostrou Gordon impressão. Ele tinha usado um marcador preto para atravessar o nome de Wright, mas o resto das estatísticas foram deixados a descoberto. "Este é o cara?"

Gordon olhou para baixo. "Não."

"Olhe para a fotografia do caralho", Jeffrey ordenou, seu tom tão alto que Frank começou ao lado dele.

Gordon fez o que lhe foi dito, colocando seu rosto tão perto de a impressão de que seu nariz quase tocou. "Eu não sei, cara", disse ele. "Estava escuro. Eu não conseguia ver seu rosto."

Seus olhos digitalizado para baixo os sinais vitais sobre Wright. "Ele era alto assim. Sobre esta compilação. Poderia ter sido ele, eu acho." Ele deu um encolher de ombros casual. "Quero dizer, Jesus, eu não estava prestando atenção nele. Eu estava olhando para ela."

A unidade para Atlanta foi longo e tedioso, com nada, mas o patch ocasional de árvores com o kudzu necessária para quebrar a monotonia. Ele tentou duas vezes para chamar Sara em casa e deixar algum tipo de mensagem, mas sua máquina não iria pegar, mesmo depois de vinte anéis. Jeffrey sentiu uma onda de alívio seguido por uma vergonha avassaladora. Quanto mais se aproximava da cidade, mais ele se convenceu de que ele estava fazendo a coisa certa. Ele poderia chamar Sara quando ele sabia alguma coisa. Talvez ele pudesse chamá-la com a notícia de que Jack Allen Wright havia se encontrado com um infeliz acidente envolvendo arma de Jeffrey e peito de Wright.

Mesmo indo oitenta, levou Jeffrey quatro horas antes de ele desceu 20 e no Conector do centro da cidade. Passou Grady Hospital maneiras pequenas após a separação, e sentiu as lágrimas querendo voltar. O edifício era um monstro que aparece sobre a Interstate em que os

repórteres de tráfego Atlanta chamado Grady Curve. Grady foi um dos maiores hospitais em todo o mundo. Sara tinha lhe dito que, durante um determinado ano as clínicas de emergência viu mais de duzentos mil pacientes. A recente renovação de quatrocentos milhões de dólares feita no hospital olhar como parte do conjunto para um filme de Batman. Na Cidade típica da política Atlanta, a renovação tinha sido objecto de uma investigação de explosivos, propinas e subornos chegar tão longe como prefeitura.

Jeffrey levou à saída do centro, em seguida, dirigiu pela capital. Seu amigo na força Atlanta tinha sido baleado no trabalho e tomado uma posição guardas no tribunal em vez de reforma antecipada. A volta chamada em Grant tinha agendada uma reunião para uma da tarde. Foi trimestre até pelo tempo Jeffrey encontrou um espaço de estacionamento na seção Capitol lotado do centro da cidade.

Keith Ross estava esperando fora dos tribunais edifício quando Jeffrey aproximou-se. Em uma das mãos, ele segurava uma pasta de arquivo geral; no outro, um mailing envelope branco liso. "Não vi você na idade de um coon", disse Keith, dando a mão de Jeffrey um aperto firme. "É bom ver você, também, Keith", Jeffrey voltou, tentando forçar uma leveza em sua voz que ele não sentia. O percurso até Atlanta tinha feito nada além de obter Jeffrey mais tenso. Mesmo o passeio do parque de estacionamento do edifício tribunais não tinha aliviado a tensão. "Eu só posso deixá-lo ter estes para um segundo", disse Keith, obviamente, sentindo necessidade de Jeffrey para mover esta junto. "Eu consegui-lo de um amigo meu sobre os registros."

Jeffrey pegou a pasta, mas ele não abri-lo. Ele sabia o que iria encontrar no interior: fotos de Sara, depoimentos de testemunhas, descrições detalhadas de exatamente o que tinha acontecido naquele banheiro.

"Vamos entrar", disse Keith, dando início Jeffrey dentro do prédio.

Jeffrey mostrou o distintivo na porta, ignorando a verificação de segurança. Keith levou-o para um pequeno escritório ao lado da entrada. Uma mesa cercado por monitores de televisão encheu a sala. Um garoto usando óculos grossos e um uniforme da polícia olhou com surpresa quando eles entraram.

Keith tomou uma nota de vinte dólares do bolso. "Vá comprar-se alguns doces", disse ele. O garoto pegou o dinheiro e saiu sem outra palavra.

"A devoção ao trabalho", Keith comentou ironicamente. "Você tem que saber o que eles estão fazendo na força."

"Sim", Jeffrey murmurou, não querendo ter uma conversa prolongada sobre a qualidade dos recrutas da polícia.

"Vou deixá-lo a ele", disse Keith. "Dez minutos, ok?"

"Ok", Jeffrey respondeu, esperando que a porta se fechasse.

O arquivo foi codificado e datada com algumas anotações obscuros que apenas um funcionário cidade poderia descobrir. Jeffrey esfregou a mão na frente da pasta, como se ele pudesse absorver a informação sem ter que realmente vê-lo. Quando isso não funcionou, ele respirou fundo e abriu a pasta.

Fotos de Sara após o estupro o cumprimentou. Close-ups das mãos e pés, a facada em seu lado, e suas partes femininas agredidas derramou sobre a mesa em cores. Na verdade, ele engasgou com a visão deles. Seu peito estava apertado e uma dor aguda correu por seu braço. Jeffrey pensou por um segundo que ele estava tendo um ataque cardíaco, mas algumas respirações profundas ajudou a limpar sua mente. Ele percebeu que seus olhos tinham sido

fechados, e os abriu, não olhando para as fotos de Sara quando ele virou-los de bruços. Jeffrey afrouxou a gravata, tentando empurrar as imagens de sua mente. Ele folheou as outras fotografias, encontrar uma foto do carro Saras. Era uma prata BMW 320 com pára-choques pretos e uma faixa azul para baixo os lados. Esculpida na porta, provavelmente com uma chave, foi a palavra CUNT assim como Sara tinha dito em seu depoimento no julgamento. Fotos mostraram um antes e um depois de a porta, com e sem a fita adesiva de prata. Jeffrey tem um flash de Sara ajoelhado em frente da porta, gravando sobre os danos, provavelmente pensando em sua mente que ela iria receber seu tio Al para reparar o dano quando ela estava de volta em Grant seguinte.

Jeffrey olhou para o relógio, notando cinco minutos se passaram. Ele encontrou Keith em uma das câmeras de segurança, com as mãos dobradas em seus bolsos quando ele atirou a merda com os guardas na porta.

Folheando a parte de trás do arquivo, ele encontrou o boletim de ocorrência sobre Jack Allen Wright. Wright tinha sido preso duas vezes antes sob suspeita, mas nunca cobrados. No primeiro incidente, uma jovem mulher sobre o Sara idade tinha sido quando ela foi atacada tinha deixado cair as acusações e se mudou para fora da cidade. No outro caso, a jovem tinha tomado sua própria vida. Jeffrey esfregou os olhos, pensando em Julia Matthews.

Alguém bateu na porta, em seguida, Keith disse: "Eu tenho que chamamos de tempo, Jeffrey." "Sim", disse Jeffrey, fechando o arquivo. Ele não queria segurá-la em suas mãos mais. Ele estendeu-a para Keith sem olhar para o outro homem.

"Isto ajudá-lo a qualquer?"

Jeffrey deu um aceno de cabeça, endireitando a gravata. "Alguns", disse ele. "Você foi capaz de descobrir onde é esse cara?"

"No fim da rua", respondeu Keith. "Trabalhar no Edifício Banco."

"Isso é o que, dez minutos da universidade? Outro cinco de Grady?"

"Você entendeu."

"O que ela faz?"

"Ele é um zelador, como ele estava em Grady", disse Keith. Ele tinha, obviamente, olhou para o arquivo antes de dá-lo a Jeffrey. "Todas aquelas meninas da faculdade, e ele é de dez minutos a partir deles."

"Faça a polícia do campus sabia?"

"Eles fazem agora", Keith fornecida, dando Jeffrey um olhar compreensivo. "Não é que ele é uma grande ameaça mais."

"O que isso significa?" Jeffrey perguntou.

"Parte de sua liberdade condicional", disse Keith, indicando o arquivo. "Você não chegou a isso? Ele está tomando Depo."

Jeffrey sentiu um mal-estar espalhado sobre ele como água morna. Depo-Provera foi a última tendência no tratamento de agressores sexuais. Normalmente utilizado em mulheres como parte de uma terapia de reposição hormonal, uma dosagem alta o suficiente poderia reduzir o apetite sexual de um homem. Quando a droga foi usada em predadores sexuais, ele foi encaminhado para a castração como química. Jeffrey sabia que a droga só funcionou enquanto o agressor pegou. Era mais como um tranquilizante do que uma cura.

Jeffrey indicou a pasta. Ele não podia dizer o nome de Sara nesta sala. "Ele estuprou alguém depois disso?"

"Ele estuprou duas alguma outra pessoa após esta", respondeu Keith. "Havia uma garota

Linton. Ele a esfaqueou, certo? Tentativa de assassinato, seis anos. Liberdade condicional antecipada Got por bom comportamento, entrou no Depo, saiu do Depo, saiu e estuprou mais três mulheres. Eles o pegaram em um, outra menina não iria depor, colocá-lo de volta na prisão por três anos, agora ele está em liberdade condicional com o Depo administrada sob estreita vigilância. "

"Ele está estuprada seis meninas e ele só serviu dez anos?"

"Eles só pregaram em três, e exceto para ela", ele indicou file- de Sara "outros IDs foram bastante instável. Ele usava uma máscara. Sabe como ele fica com aquelas meninas na posição. Eles ficam todos nervosos e antes você sabe que o conselho de oposição tem-se perguntando se eles foram mesmo estupradas, em primeiro lugar, muito menos quem fez isso "

Jeffrey segurou a língua, mas Keith pareceu ler sua mente.

"Hey," Keith disse: "Eu estava trabalhando nesses casos, o bastardo já teria sido enviado para a cadeia. Sabe o que eu quero dizer?"

"Sim", disse Jeffrey, pensando esta glória não estava recebendo-os em qualquer lugar. "Ele está pronto para sua terceira greve?" ele perguntou. Georgia, como muitos estados, tinha promulgado uma lei "terceira greve" há algum tempo, o que significa que terceiro delito grave de um condenado, não importa o quão inócuo, iria enviar-lhe de volta para a cadeia, de modo concebível para o resto de sua vida.

"Soa como ele", respondeu Keith.

"Quem é o seu PO?"

"Já teve o cuidado de que um", disse Keith. "Wright em uma pulseira. PO diz que ele é limpo voltar nos últimos dois anos. Também diz que ele praticamente cortaram a cabeça antes de voltar para a cadeia."

Jeffrey acenou para isso. Jack Wright foi obrigado a usar uma pulseira de monitoramento, como condição de sua liberdade condicional. Se ele deixou a sua área de roaming designado ou perdeu o seu toque de recolher, um alarme iria descer na estação de monitoramento. Na cidade de Atlanta, a maioria dos agentes de liberdade condicional foram estacionados em delegacias de polícia em torno da cidade para que eles pudessem abocanhar violadores em qualquer momento. Foi um bom sistema, e apesar do fato de que Atlanta era uma cidade tão grande, não há muitos parolees deslizou através das rachaduras.

"Além disso," Keith disse: "Eu andei para baixo, para o Edifício do Banco." Ele deu de ombros se desculpando, reconhecendo que ele tinha ultrapassado a linha. Este foi caso Jeffreys, mas Keith provavelmente estava entediado fora de sua mente de verificar bolsas para pistolas durante todo o dia.

"Não", disse Jeffrey. "Isso é bom. O que você ganha?"

"Conseguimos uma olhada em seus cartões de ponto. Ele foi perfurado em todas as manhãs às sete, em seguida, sair para almoçar ao meio-dia, de volta ao meio-dia e meia, depois para cinco."

"Alguém poderia ter perfurado por ele."

Keith deu de ombros. "Supervisor não globo ocular dele, mas ela diz que não teria havido queixas dos escritórios, se não tivesse sido no trabalho. Evidentemente, esses tipos de profissionais gostam de ter suas latas cuidado bem cedo."

Jeffrey apontou para o envelope de correio branco Keith tinha na mão. "O que é isso?"

"Registro", disse Keith, entregando-lhe o envelope. "Ele dirige um azul Chevy Nova."

Jeffrey cortar o envelope com o polegar. Dentro havia uma fotocópia do registro do veículo Jack Allen Wrights. Um endereço estava sob o seu nome. "Atual?" Jeffrey perguntou. "Sim", respondeu Keith. "Apenas, você entender que você não obtê-lo de mim." Jeffrey sabia o que ele queria dizer. chefe da polícia de Atlanta correu seu departamento por seus cabelos curtos. Jeffrey sabia que sua reputação e admirava seu trabalho, mas ele também sabia que se pensou um policial caipira de Grant County estava pisando na ponta dos pés, a próxima coisa Jeffrey sentiria seria um estilete de três polegadas estacionado firmemente na parte de trás do seu pescoço .

"Você o que você precisa de Wright," Keith disse, "então chamar APD." Ele entregou Jeffrey um cartão de visita com o aumento do Phoenix de Atlanta no centro dela. Jeffrey virou-o, vendo um nome e número rabiscado no verso.

Keith disse: "Este é o seu PO. Ela é uma boa garota, mas ela vai querer algo sólido para explicar por que você só acontecerá a ser no rosto de Wright."

"Você conhece ela?"

"Conhece dela", disse Keith. "Disjuntor bola real, assim que preste atenção a si mesmo. Você chamá-la para abocanhar seu filho e ela acha que você está olhando para ela engraçado, ela vai ter certeza de que você nunca vê-lo novamente."

Jeffrey disse: "Eu vou tentar ser um cavalheiro."

Keith oferecido ", Ashton fica ao lado da interestadual. Deixe-me dar-lhe instruções."

Capítulo Vinte e um

A voz de Nick Shelton explodiu do outro lado da linha telefônica. "Ei moça."

"Ei, Nick," Sara voltou, fechando um gráfico sobre a mesa. Ela tinha sido na clínica desde as oito da manhã e que pacientes atendidos direito até quatro horas. Sara sentiu como se tivesse sido executado na areia movediça durante todo o dia. Houve uma ligeira dor em sua cabeça e seu estômago estava enjoado de beber um pouco demais na noite anterior, para não mencionar sua inquietação sobre o drama emocional que se desenrolava. À medida que o dia passava, Sara começou a se sentir mais drenado. No almoço, Molly havia comentado que Sara olhou como se ela deve ser o paciente hoje em vez de o médico.

"Mostrei Mark essas sementes", disse Nick. "Ele diz que está Belladonna tudo bem, só que as bagas, e não as sementes."

"Eu acho que é bom saber," conseguiu Sara. "Ele está certo?"

"Cem por cento", Nick voltou. "Ele diz que seu tipo de engraçado comiam as bagas. Lembre-se, aqueles que são os menos venenosa. Talvez a sua cara lá em baixo dá-lhes as bagas para mantê-los um pouco jazzed, então não dar-lhes a dose final até que ele se transforma 'em solto. "

"Isso faz sentido", disse Sara, nem mesmo querendo pensar sobre isso. Ela não queria ser um médico hoje. Ela não quer ser um médico legista. Ela queria estar na cama com um pouco de chá e televisão sem sentido. Por uma questão de fato, que era exatamente o que ela; ia fazer assim que ela terminar de atualizar o último gráfico a partir de hoje. Felizmente, Nelly tinha reservado amanhã para o dia de Sara fora. Ela levaria o fim de semana para descomprimir. Segunda-feira, Sara estaria de volta ao seu antigo self.

Sara perguntou: "Qualquer coisa sobre a amostra de sêmen?"

"Nós estamos tendo alguns problemas com isso, considerando onde você o encontrou. Eu acho que nós vamos ser capazes de obter algo fora dele, no entanto."

"É uma boa notícia, eu acho."

Nick disse: "Você vai dizer a Jeffrey sobre as bagas, ou devo chamá-lo?"

Sara sentiu seu estômago cair com a menção do nome de Jeffrey.

"Sara?" Nick perguntou.

"Sim", respondeu Sara. "Eu vou falar com ele sobre isso, logo que eu sair do trabalho."

Sara desligou o telefone após as despedidas apropriadas, em seguida, sentou-se em seu escritório, esfregando a parte inferior das costas. Ela analisou o quadro seguinte em um relance, atualizando uma mudança na medicação, bem como uma visita de acompanhamento para resultados de laboratório. Até o momento ela tinha terminado com a última carta, que era cinco e meia.

Sara amontoados um par de arquivos em sua pasta, sabendo que ela teria algum tempo no fim de semana em que a culpa seria, em conjunto e que ela gostaria de fazer algum trabalho. Ditado era algo que ela poderia fazer em casa com um pequeno gravador. Havia um lugar de transcrição em Macon que digitar as notas para ela e tê-los de volta em um par de dias. Ela abotoou o casaco enquanto atravessava a rua, sentido centro. Ela tomou a calçada em frente à farmácia, não querendo correr para Jeb. Sara manteve a cabeça baixa, passando a loja de ferragens e a loja de vestido, não querendo convidar conversa. Que ela parou na frente da delegacia foi uma surpresa. Sua mente estava trabalhando sem ela saber, e com cada passo que ela ficou cada vez mais irritado com Jeffrey por não ligar. Ela tinha, sem dúvida, deixou sua alma colocado para fora em sua pia do banheiro, e ele ainda não tinha tido a decência de ligar para ela.

Sara entrou na casa da estação, gestão de um sorriso para Maria. "É Jeffrey in?"

Maria franziu a testa. "Eu não penso assim", disse ela. "Ele fez check-out ao meio-dia ou assim. Você pode perguntar Frank."

"Ele está na parte de trás?" Sara indicou a porta com sua pasta.

"Eu acho", Maria respondeu, voltando para a tarefa à sua frente.

Sara olhou para baixo quando ela passou a mulher mais velha. Maria estava trabalhando em um jogo de palavras cruzadas.

O quarto dos fundos estava vazio, os dez ou mais mesas normalmente ocupadas pelo detetive sênior vagas para o momento. Sara assumido que eles estavam fora trabalhando down list de Jeffrey ou pegar o jantar. Ela manteve a cabeça erguida, passear no escritório de Jeffrey. É claro que ele não estava lá.

Sara ficou no pequeno escritório, descansando a pasta sobre a mesa. Ela tinha sido nesta sala tantas vezes que ela não poderia começar a contá-los. Sempre, ela se sentiu segura aqui. Mesmo após o divórcio, Sara sentiu que neste uma área, Jeffrey era confiável. Como um policial, ele sempre tinha feito a coisa certa. Ele tinha feito tudo ao seu alcance para garantir que as pessoas que ele serviu eram protegidos.

Quando Sara se mudou de volta para Grant doze anos atrás, nenhuma quantidade de garantias de seu pai e sua família poderia convencê-la de que estava a salvo. Sara sabia que assim que ela entrou na casa de penhores, a notícia se espalhasse que ela havia comprado uma arma. Além do mais, ela sabia que, a fim de registrar uma arma, ela teria que ir para a delegacia. Ben Walker, o chefe de polícia antes de Jeffrey, jogou poker com Eddie Linton toda sexta à noite. Não tinha havido nenhuma maneira para Sara para comprá-lo sem alertar a

todos que a conheciam.

Naquela época, um banger de gangue tinha vindo para o hospital Augusta com o braço quase arrancado por uma bala. Sara tinha trabalhado na criança e salvou seu braço. Ele tinha apenas quatorze anos, e quando sua mãe entrou, ela começou a bater-lhe na cabeça com sua bolsa. Sara tinha saído da sala, mas poucos momentos depois, a mãe tinha encontrado. A mulher tinha dado Sara arma do filho e perguntou Sara para cuidar dela. Se Sara tinha sido uma mulher cristã, ela teria chamado o evento um milagre.

A arma, Sara sabia, estava agora na gaveta da mesa de Jeffrey. Ela verificou por cima do ombro antes de deslizar-la aberta, tirando o saco com o Ruger na mesma. Ela colocou-o em sua pasta e saiu pela porta dentro de alguns minutos.

Sara manteve a cabeça erguida enquanto ela caminhava em direção à faculdade. Seu barco foi ancorado em frente da casa de barcos, e ela jogou a mala em com uma mão enquanto desamarrando a linha com o outro. Seus pais haviam lhe dado o barco como um presente de inauguração, e era um navio antigo, mas robusto.

O motor era forte, e Sara tinha esquiado por trás dele muitas vezes, o seu pai ao volante, segurando no acelerador, com medo de empurrar os braços fora.

Depois de verificar que ela não estava sendo observado, Sara deslizou a arma da sua pasta e trancou-a no porta-luvas à prova de água na frente do assento de passageiros, saco de plástico e tudo. Ela deu um passo a perna fora do barco, usando o pé para empurrar para longe da doca. O motor estalou quando ela girou a chave. Tecnicamente, ela deveria ter tido o motor verificados antes de utilizar o barco novamente depois de não usá-lo durante todo o inverno, mas ela realmente não têm uma escolha, uma vez que os técnicos não estaria terminado com seu carro até segunda-feira. Pedindo seu pai por um elevador teria convidado demasiada conversa, e Jeffrey não era uma opção.

Após emitindo uma nuvem de fumaça azul de aparência desagradável, o motor pegou, e Sara se afastou da doca, permitindo um pequeno sorriso. Ela se sentia como uma saída criminoso com a arma em sua pasta, mas ela estava se sentindo mais seguro. Seja qual for Jeffrey pensou quando viu a arma tinha desaparecido não era realmente a preocupação de Sara. No momento em que ela chegou ao centro do lago, o barco estava pulando através da água. vento frio cortar através de seu rosto, e ela colocou os óculos para proteger os olhos. Embora o sol estava batendo para baixo, a água estava fria das chuvas recentes que tinham caído em Grant County. Ele parecia pronto para atacar novamente hoje à noite, mas provavelmente bem depois que o sol se punha.

Sara fechou sua jaqueta fechada para combater o frio. Ainda assim, pelo tempo que ela podia ver a parte de trás de sua casa, seu nariz estava escorrendo e suas bochechas se sentia como se tinha colocado seu rosto em um balde de água gelada. Cortando uma esquerda dura, ela dirigiu longe de um grupo de rochas sob a água. Houve um marcando o local ao mesmo tempo sinal, mas tinha apodrecido anos atrás. Com as chuvas recentes, o lago foi alta, mas Sara não queria arriscar.

Ela tinha entrado na casa de barcos e estava usando o guincho elétrico para puxar o barco para fora da água quando sua mãe apareceu na parte de trás da casa.

"Merda", Sara murmurou, pressionando o botão vermelho para parar o guincho.

"Eu liguei para a clínica", disse Cathy. "Nelly disse que estava tomando amanhã off".

"É isso mesmo", Sara respondeu, puxando as correntes para abaixar a porta atrás do barco.

"Sua irmã me contou sobre seu argumento na noite passada."

Sara puxou a corrente apertada, enviando um barulho através da estrutura de metal. "Se você está aqui para me ameaçar, o dano já foi feito."

"Significado?"

Sara passou por sua mãe, pisando fora da doca. "Significando que ele sabe", disse ela, colocando as mãos nos quadris, esperando que sua mãe a seguir.

"O que ele disse?"

"Eu não posso falar sobre isso", Sara respondeu, virando-se para a casa. Sua mãe a seguiu até o gramado, mas foi felizmente silencioso.

Sara abriu a porta de trás, deixando-a aberta para sua mãe quando ela foi para a cozinha. Ela percebeu tarde demais que a casa era uma bagunça.

Cathy disse: "Realmente, Sara, você pode fazer o tempo para limpar."

"Eu estive muito ocupado no trabalho."

"Isso não é uma desculpa," Cathy palestras. "Basta dizer para si mesmo: 'Eu vou fazer uma carga de roupa a cada dois dias. Eu vou me certificar de que colocar as coisas de volta onde eu encontrei-los.' Muito em breve você está organizado. "

Sara ignorou o conselho familiar como ela entrou na sala de estar. Ela apertou o deslocamento da unidade de identificação de chamadas, mas nenhuma chamada foi registrada.

"Power saiu", disse sua mãe, pressionando os botões do fogão para definir o tempo. "Essas tempestades estão jogando estragos com o cabo. Seu pai quase teve um ataque cardíaco na noite passada quando ele ligou Jeopardy! E tenho nada, mas fuzz".

Sara sentiu algum alívio a partir deste. Talvez Jeffrey tinha chamado. Coisas estranhas tinham acontecido. Ela andou até a pia, enchendo a chaleira com água. "Você quer chá?"

Cathy balançou a cabeça.

"Me, também", Sara murmurou, deixando a chaleira na pia. Ela caminhou para a parte de trás da casa, tirando sua camisa, então a saia enquanto ela caminhava para o quarto. Cathy seguiu, mantendo um olho de mãe treinados sobre sua filha.

"Você está lutando com Jeffrey novo?"

Sara deslizou uma camiseta sobre a cabeça. "Eu estou sempre lutando com Jeffrey, Mãe. É o que fazemos."

"Quando você não estiver ocupado se contorcendo em seu lugar sobre ele na igreja."

Sara mordeu o lábio, sentindo suas bochechas ficam vermelhas.

Cathy perguntou: "O que aconteceu dessa vez?"

"Deus, mamãe, eu realmente não quero falar sobre isso."

"Então me diga sobre essa coisa com Jeb McGuire".

"Não há nada.' Sério." Sara colocou um par de calças de moletom.

Cathy se sentou na cama, alisando a folha para fora com a palma da sua mão. "Isso é bom. Ele não é realmente o seu tipo."

Sara riu. "Qual é o meu tipo?"

"Alguém que pode levantar-se para você."

"Talvez eu gosto Jeb", Sara respondeu, ciente de que havia um tom petulante em sua voz.

"Talvez eu gosto do fato de que ele é previsível e agradável e calmo. Deus sabe que ele esperou o tempo suficiente para sair comigo. Talvez eu deva começar a vê-lo."

Cathy disse: "Você não é tão bravo com Jeffrey quanto você pensa."

"Sério?"

"Você só está ferido, e que está fazendo você sentir raiva. Você tão raramente se abrir para

outras pessoas", Cathy continuou. Sara notou que sua voz mÃas foi acalmando, mas firme, como se ela estivesse persuadindo um animal perigoso fora de seu buraco. "Eu me lembro quando vocÃe era pequeno. VocÃe sempre foi tÃo cuidadoso sobre quem deixa ser seu amigo." Sara sentou na cama para que ela pudesse colocar em suas meias. Ela disse: "Eu tinha muitos amigos."

"Oh, vocÃe era popular, mas vocÃe sÃo deixou algumas pessoas." Ela acariciou o cabelo de Sara para trÃas da orelha. "E depois do que aconteceu em Atlanta-"

Sara colocou a mÃo sobre os olhos. As lÃgrimas vieram, e ela murmurou: "MamÃe, eu realmente nÃo posso falar sobre isso agora. Tudo bem? Por favor, nÃo agora."

"Tudo bem", Cathy cedeu, colocando o braço em torno do ombro de Sara. Ela puxou a cabeça de Sara ao peito. "Shh," Cathy abafado, acariciando o cabelo de Sara. "EstÃ bem."

"Eu sÃo ..." Sara balançou a cabeça, incapaz de continuar. Ela tinha esquecido como era bom ser consolada pela mÃe. Os Ãltimos dias ela tinha sido tÃo persistentes em empurrar Jeffrey distÃncia que ela tinha conseguido se distanciar de sua famÃlia tambÃm.

Cathy apertou os lÃbios para a coroa da cabeça de Sara, dizendo: "Houve uma indiscriçÃo entre o seu pai e eu."

Sara ficou tÃo surpreso que ela parou de chorar. "Papai te traiu?"

"Claro que nÃo." Cathy franziu a testa. Alguns segundos se passaram antes que ela fornecido, "Foi o contrÃrio."

Sara sentiu como um eco. "VocÃe traiu papai?"

"Ele nunca foi consumado, mas no meu coraçÃo eu senti que era."

"O que isso significa?" Sara balançou a cabeça, pensando que isso soou como uma das desculpas de Jeffrey: frÃgil. "NÃo, nÃo importa." Ela enxugou os olhos com as costas das mÃos, pensando que ela realmente nÃo quer ouvir isso. casamento de seus pais foi o pedestal sobre o qual Sara tinha colocado todas as suas ideias sobre relacionamentos e amor.

Cathy parecia decidido a contar a sua histÃria. "Eu disse a seu pai que eu queria deixÃ-lo por outro homem."

Sara sentiu parvo com a boca aberta, mas nÃo havia muito que pudesse fazer sobre isso. Ela finalmente conseguiu, "Quem?"

"Apenas um homem. Ele era estÃvel, tinha um trabalho sobre em uma das plantas. Muito calma. Muito sÃrio. Muito diferente do seu pai."

"O que aconteceu?"

"Eu disse a seu pai que eu queria deixÃ-lo."

"E?"

"Ele chorou e eu chorei. EstÃvamos separados por cerca de seis meses. No final, decidimos ficar juntos."

"Quem era o outro homem?"

"Isso nÃo importa agora."

"Ele ainda estÃ na cidade?"

Cathy balançou a cabeça. "NÃo importa. Ele nÃo estÃ na minha vida mais, e eu estou com seu pai."

Sara concentrou-se em sua respiraçÃo por um tempo. Ela finalmente conseguiu perguntar:

"Quando isso aconteceu?"

"Antes de vocÃe e Tessie nasceram."

Sara engoliu o nÃo na garganta. "O que aconteceu?"

"O que é isso?"

Sara deslizou uma meia diante. Era como puxar os dentes recebendo a história de sua mãe.

Ela solicitado, "Para mudar sua mente? O que fez você querer ficar com o papai?"

"Oh, cerca de um milhão de coisas", Cathy respondeu, um sorriso malicioso nos lábios. "Eu acho que ficou um pouco distraído por esse outro homem e eu não percebi o quão importante o seu pai era para mim." Ela suspirou profundamente. "Lembro-me de acordar uma manhã no meu antigo quarto no Mama e tudo que eu conseguia pensar era que Eddie deveria ter estado lá comigo. Eu queria que ele tão mal." Cathy franziu a testa para a reação de Sara a isso. "Não vá obter seu cor acima, existem outras maneiras de desejar a alguém."

Sara se encolheu na bronca, deslizando sobre a outra meia. "Então você o chamou?"

"Eu fui até a casa e eu me sentei na varanda da frente e praticamente implorou-lhe para me levar de volta. Não, pensando bem, eu imploro. Eu disse a ele que, se nós dois estávamos indo para ser miserável sem o outro, nós poderia muito bem ser miserável em conjunto e que eu estava tão triste e eu nunca levá-lo para concedido novamente enquanto eu vivi".

"Leve-o para concedido?"

Cathy colocou a mão no braço de Sara. "Essa é a parte que dói, não é? A parte em que você sente que não importa para ele tanto quanto você costumava fazer."

Sara balançou a cabeça, tentando se lembrar de respirar. Sua mãe tinha batido o prego na cabeça. Ela solicitado, "O que papai faz quando você disse isso?"

"Disse-me a levantar-se fora da varanda e entrar para o café da manhã." Cathy colocou a mão em seu peito, acariciando-o. "Eu não sei como Eddie encontrou-o em seu coração para perdoar-me, ele é um homem tão orgulhoso, mas eu sou grato que ele fez. Isso me fez amá-lo ainda mais para saber que ele poderia me perdoar por algo tão horrível como isso;. que eu poderia machucá-lo para o núcleo e ele ainda poderia me amar Eu acho que começando como que fez o casamento mais forte ". O sorriso se intensificou. "É claro, então, eu tinha uma arma secreta."

"O que é isso?"

"Você."

"Eu?"

Cathy acariciou o rosto de Sara. "Eu estava vendo o seu pai de novo, mas era tão tenso. Nada era como era antes. Então eu fiquei grávida de você, e a vida só assumiu. Eu acho que ter você entre nós fez o seu pai ver o retrato grande. A próxima coisa Tessie estava aqui, então você estava tanto na escola, então você ambos foram cultivadas e para a faculdade. " Ela sorriu. "Ele só tem tempo. Amor e tempo. E ter um pouco hellion ruiva para perseguir é uma boa distração."

"Bem, eu não vou ficar grávida", Sara respondeu, consciente da borda para seu tom.

Cathy parecia pensar que a sua resposta. "Às vezes é preciso pensar que você perdeu alguma coisa para perceber o valor real dele", disse ela. "Não diga a Tessie."

Sara balançou a acordo. Ela se levantou, colocando sua T-shirt em suas calças. "Eu disse a ele, mamãe", disse ela. "Deixei a transcrição para ele."

Cathy perguntou: "A transcrição do julgamento?"

"Sim", disse Sara, encostado na cômoda. "Eu sei que ele lê-lo. Deixei-o na casa de banho para ele."

"E?"

"E", disse Sara, "ele não tem mesmo chamado. Ele não me disse nada durante todo o dia."

"Bem", disse Cathy, sua mente, obviamente, fez-se. "Foda-se ele, então. Lixo dele."

Capítulo Vinte e dois

JEFFREY encontrados 633 Ashton rua com bastante facilidade. A casa estava em ruínas, não mais do que um quadrado feito de blocos de concreto. As janelas parecia ser uma reflexão tardia, nenhum deles o mesmo tamanho. Uma lareira cerâmica estava na varanda da frente, pilhas de jornais e revistas empilhados ao lado dele, provavelmente para usar para gravetos. Ele deu uma olhada ao redor da casa, tentando agir casualmente. Vestindo um terno e gravata, dirigindo o carro da cidade branco, não era como Jeffrey encaixar com os arredores. Ashton Street, pelo menos a parte Jack Wright viveu, foi degradado e decadente. A maioria das casas na vizinhança estavam fechadas com tábuas, amarelo cartazes alertando eles foram condenados. As crianças jogado nos quintais de terra batida dessas casas, seus pais longe de ser visto. Havia um cheiro para o lugar, não exatamente de esgoto, mas algo nessa mesma família. Jeffrey foi lembrado dirigindo perto do lixão da cidade, nos arredores de Madison. Em um bom dia, mesmo quando você era a favor do vento, o cheiro de decomposição de lixo ainda atingido o seu nariz. Mesmo com as janelas fechadas eo ar diante.

Jeffrey tomou algumas respirações, tentando se acostumar com o cheiro quando ele se aproximou da casa. A porta tinha um crivo de malha pesado sobre ele com um cadeado prendendo-o para o quadro. O porta real teve três parafusos mortos e um bloqueio que parecia que exigia uma peça do puzzle para abri-lo, em vez de uma chave. Jack Wright tinha sido na prisão uma grande parte de sua vida. Isto foi obviamente um homem que queria sua privacidade. Jeffrey deu uma olhada ao redor antes de caminhar até uma das janelas. Ele também tinha uma malha de arame e um bloqueio pesado, mas a caixa era velho e facilmente quebrado. Um par de empresa empurra desalojado todo o quadro. Jeffrey olhou ao redor antes de remover a janela, embalagem e tudo, e escorregando para dentro da casa. A sala era escuro e sujo, com lixo e papéis empilhados ao redor da sala. Havia um sofá alaranjado no chão com manchas escuras escorrendo. Jeffrey não poderia dizer se era de suco de tabaco ou algum tipo de fluido corporal. O que ele sabia era um odor insuportável de suor misturado com Lysol penetrado quarto.

Afiando o topo das paredes da sala como uma borda decorativa eram todas as terras de crucifixos. Eles variaram em tamanho de algo que você sair de uma máquina de venda automática de doces para alguns que eram pelo menos dez polegadas de comprimento. Eles foram pregados na parede, ponta a ponta, apertado-se uns contra os outros em uma faixa contínua. Continuando o tema Jesus, posters na parede que parecia que tinha sido tomada a partir de uma sala da escola domingo mostrou que Jesus e os discípulos. Em um deles, Ele estava segurando um cordeiro. Em outra, ele estava segurando as mãos, mostrando as feridas em Suas mãos.

Jeffrey sentiu sua frequência cardíaca acelerar com a visão deste. Ele estendeu a mão para a arma, tendo a tira de seu coldre enquanto caminhava em direção à frente da casa para se certificar de que ninguém estava vindo até a unidade.

Na cozinha, as placas foram empilhados na pia, com crosta e falta de aparência. O chão estava pegajoso, e toda a sala parecia molhado de algo diferente de água. O quarto foi da mesma forma, um odor almiscarado agarrando-se como um washrag molhado contra o rosto

de Jeffrey. Na parede sobre o colchão manchado foi um grande cartaz de Jesus Cristo, um halo atrás da cabeça. Como o cartaz na sala de estar, Jesus realizou a sua palmas para fora para mostrar as feridas em suas mãos. O motivo crucificação continuou em torno da periferia do quarto, mas estes eram maiores cruzeiros. De pé sobre a cama, Jeffrey podia ver que alguém, provavelmente Wright, tinha usado tinta vermelha para exagerar as feridas de Jesus, gotejando o sangue para baixo o tronco, melhorando a coroa de espinhos que descansam em sua cabeça. Black XS foram através dos olhos em cada Jesus Jeffrey podia ver. Era como se Wright queria parar os olhos de observá-lo. O que Wright estava fazendo que ele se sentiu precisava ser escondida era a pergunta Jeffrey necessários para responder.

Jeffrey deu um passo para fora da cama. Ele olhou através de algumas das revistas, tendo o tempo para colocar em um par de luvas de látex dos bolsos antes de tocar qualquer coisa. As revistas eram edições principalmente acima de Pessoas e Vida. O armário do quarto foi empilhados do chão ao teto com pornografia. Babes peituda sentou-se ao lado Ruivão justos. Jeffrey pensou em Sara e um nódulo chegou à sua garganta.

Usando o pé, Jeffrey chutou o colchão para cima. A Sig Sauer nove milímetros estava descansando sobre o boxspring. A arma parecia novo e bem cuidada. Em um bairro como este, só um idiota iria dormir sem uma arma útil. Jeffrey sorriu enquanto empurrava o colchão de volta. Isso poderia ajudá-lo mais tarde.

Abrindo o armário, Jeffrey não sabia o que esperava encontrar. Mais pornô, talvez. Outra arma, ou algum tipo de arma improvisada. Em vez disso, os dois principais gavetas estavam cheias de roupas íntimas femininas. Não apenas roupa de baixo, o, tipo sexy de seda que Jeffrey gostado de ver Sara. Havia ursinhos e tangas, calcinhas de corte francês com curvas nos quadris. E todos eles foram extremamente grande; grande o suficiente para caber um homem.

Jeffrey resistiu ao impulso de estremecer. Ele pegou uma caneta para percorrer o conteúdo das gavetas, não querendo ficar preso com uma agulha ou qualquer coisa afiada, não querendo ter uma doença venérea. Jeffrey estava prestes a fechar uma das gavetas quando algo mudou de idéia. Ele estava faltando alguma coisa. Movendo-se de lado um par de escuros calcinha de renda verdes, ele viu o que ele estava procurando. O jornal que reveste o fundo das gavetas foi a partir da seção especial de domingo do Grant County Observer. Ele havia reconhecido o mastro.

Deixando de lado as roupas, Jeffrey tirou a folha de jornal. A primeira página mostrava um dia de poucas notícias. Uma imagem do prefeito segurando um porco em seus braços com vigas de volta para Jeffrey. A data, coloque o papel em mais de um ano de idade. Abriu as outras gavetas, à procura de mais observadores. Ele encontrou alguns, mas a maioria deles realizados histórias inócuos. Jeffrey achei interessante que Jack Wright subscreveu o Grant County Observer.

Ele voltou para a sala, verificando as pilhas de papéis no chão com interesse renovado. Brenda Collins, uma das outras vítimas de Wright após Sara, tinha sido de Tennessee, Jeffrey lembrado. Uma cópia dos Vols mensais, um boletim para a Universidade de Tennessee graduados, foi dobrado com alguns jornais de Alexander City, Alabama. Na próxima pilha, Jeffrey encontrado mais papéis fora do estado, tudo a partir de pequenas cidades. Além destes foram cartões postais, tudo a partir de Atlanta, todos mostrando cenas diferentes em torno da cidade. As costas estavam em branco, esperando para ser preenchido. Jeffrey não poderia imaginar o que um homem como Wright estaria

fazendo com os cartões postais. Ele não atacar Jeffrey como o tipo de pessoa a ter amigos. Jeffrey virou, certificando-se de que ele não tinha perdido nada no quarto apertado. Havia um aparelho de televisão enfiado na velha lareira. Parecia bastante novo, o tipo que você pode comprar na rua por cinquenta dólares se você não faz muitas perguntas sobre onde ele tinha vindo. No topo do conjunto era uma caixa do conversor de cabo. Ele caminhou de volta para a janela da frente para sair, mas parou quando viu algo debaixo do sofá. Ele usou o pé para inclinar o sofá sobre, enviando baratas correndo pelo chão. Um pequeno teclado preto estava no chão.

O conversor foi realmente um receptor para o teclado. Jeffrey virou o aparelho, pressionando os botões no teclado até que o receptor conectado ao Internet. Sentou-se na beira do sofá virado para cima, enquanto esperava que o sistema para fazer uma conexão. Na estação, Brad Stephens era a pessoa computador, mas Jeffrey tinha aprendido o suficiente de ver o jovem patrulheiro saber como navegar seu caminho de volta.

de Wright E-mail foi fácil o suficiente para o acesso. Além de uma oferta de uma concessionária de peças Chevy e as necessárias adolescentes quente à procura de dinheiro da faculdade, o tipo de E-mail que todos no mundo tem, houve uma longa carta de uma mulher que parecia ser a mãe de Wright. Outro e-mail tinha um anexo de foto de uma jovem mulher posou com as pernas abertas. E-mail do remetente foi uma série de números aleatórios. Provavelmente, ele era um amigo de prisão de Wright. Ainda assim, Jeffrey escreveu o endereço em um pedaço de papel que tinha no bolso.

Usando as teclas de seta, Jeffrey foi até a seção de marcadores. Além de vários sites de pornografia e violência, Jeffrey encontrou uma ligação para o Grant Observer on-line. Ele não poderia ter sido mais chocado. Lá, na tela da televisão, foi primeira página de hoje anunciando o suicídio de Julia Matthews noite passada. Jeffrey deu um soco na seta para baixo, roçando o artigo novamente. Ele foi para os arquivos e realizou uma pesquisa para Sibyl Adams. Segundos depois, um artigo no dia carreira desde o ano passado veio na tela. Uma busca por Julia Matthews trouxe primeira página de hoje, mas nada mais. Mais de sessenta artigos surgiu quando ele digitou o nome de Sara.

Jeffrey desconectado e virou-se no sofá do lado direito para cima. Lá fora, ele pressionou a janela de volta para o buraco que ele tinha feito. Ele não queria ficar, por isso ele foi forçado a arrastar uma das cadeiras mais para sustentá-lo. De seu carro, ele não se parecia com a janela tinha sido adulterado, mas Jack Wright saberia logo que ele entrou em sua varanda frontal que alguém tinha estado em sua casa. Como a segurança consciente como o homem parecia ser, isso provavelmente seria uma boa maneira de empurrar seus botões.

A rua ao longo do carro Jeffreys entrou como ele entrou. Mesmo neste buraco de uma rua, o sol mergulhando no horizonte de Atlanta foi fascinante. Jeffrey imaginado, mas para o pôr do sol e subindo, as pessoas neste bloco não se sentiria humano.

Ele esperou por três horas e meia antes do azul Chevy Nova parou na calçada. O carro era velho e sujo, flocos de ferrugem mostrando através no tronco e lanternas traseiras. Wright tinha obviamente tentou fazer alguns reparos. fita adesiva prateada cruzou o fim da cauda, e de um lado do pára-choque foi um decalque que dizia Deus é meu co-piloto. Por outro lado, havia um adesivo com listras de zebra, que disse que eu vou selvagem no Zoológico de Atlanta.

Jack Wright tinha sido no sistema o tempo suficiente para saber o que um policial se parece. Ele deu Jeffrey um olhar cauteloso quando ele saiu da Nova. Wright era um homem

atarracado, com uma calvície. Sua camisa estava fora, e Jeffrey podia ver que ele tinha o que só poderia ser descrito como seios. Jeffrey adivinhou isso vinha do Depo. Uma das principais razões estupradores e pedófilos tendem a ir para fora da droga foi o efeito colateral desagradável que causou alguns deles a ganhar peso e ter atributos femininos. Wright acenou para Jeffrey como Jeffrey fez o seu caminho até a calçada. Como negligenciado como esta área da cidade foi, todos os postes foram em ordem. A casa estava iluminada como se fosse plena luz do dia.

Quando Wright falou, sua voz era aguda, outro efeito colateral do Depo. Ele perguntou: "Você me procurando?"

"É isso mesmo", Jeffrey respondeu, parando na frente do homem que estuprou e esfaqueou Sara Linton.

"Bem, nada," disse Wright, franzindo os lábios. "Eu acho que uma garota feito foi arrebatado, hein? Vocês sempre vem bater na minha porta quando alguma coisa nova vai faltando."

"Vamos para casa", disse Jeffrey.

"Eu não penso assim", Wright respondeu, recostando-se contra o carro. "Ela é uma menina bonita, o que está faltando?" Ele fez uma pausa, como se esperasse uma resposta. Ele lambeu sua língua lentamente ao longo de seus lábios. "Eu só pegar as bonitas."

"É um caso mais velhos", disse Jeffrey, tentando não deixar-se iscas.

"Amy? É meu pequeno doce Amy?"

Jeffrey olhou. Ele reconheceu o nome do arquivo do caso. Amy Baxter tinha tomado sua vida depois de ser estuprada por Jack Wright. Ela era uma enfermeira que se mudou para Atlanta a partir de Alexander City.

"Não, não é Amy", disse Wright, pondo a mão no queixo como se no pensamento. "Foi tão doce pouco-" Ele parou, olhando para carro Jeffreys. "Grant County, huh? Por que você não disse logo?" Ele sorriu, mostrando um de seus dentes da frente lascado. "Como está a minha pequena Sara está fazendo?"

Jeffrey deu um passo para o homem, mas Wright não tomou a intimidação.

Wright disse: "Vá em frente e bateu-me. I like it rough."

Jeffrey recuou, desejando-se a não perfurar o homem.

De repente, Wright pegou seus seios em suas mãos. "Você gosta destes, papai?" Ele sorriu ao ver a expressão de repulsa que deve ter sido no rosto de Jeffrey. "Tomo a Depo, mas você sabe que já, não é, querida? Você sabe o que ele faz para mim, também, não é?" Ele baixou a voz. "Faz-me como uma menina. Dá os meninos o melhor dos dois mundos."

"Pare com isso", disse Jeffrey, olhando ao redor. vizinhos de Wright tinha saído para ver o show.

"Eu tenho bolas do tamanho de bolas de gude", disse Wright, colocando as mãos na cintura de suas calças de ganga. "Você quer vê-los?"

Jeffrey abaixou a voz para um resmungo. "A não ser que você quer tomar a palavra" química "fora de sua castração."

Wright riu. "Você é um homem grande, forte, você sabe disso?" ele perguntou. "Você deveria estar cuidando da minha Sara?"

Jeffrey não podia fazer nada, mas engolir.

"Todos eles querem saber por que eu escolhi 'em." Por que eu? Por que eu?" "Ele vibrou, com a voz mais alta. "Seu, eu queria ver era ela uma verdadeira ruiva."

Jeffrey estava ali, incapaz de se mover.

"Eu acho que você sabe que ela é, né? Eu posso dizer pelo olhar em seus olhos." Wright cruzou os braços sobre o peito, os olhos em Jeffrey. "Agora, ela tem algumas grandes tetas. Eu adorava chupar-los." Ele lambeu os lábios. "Eu desejo que você poderia ter visto o medo em seu rosto. Eu poderia dizer que ela não estava acostumada a isso. Não se teve-se um homem de verdade, no entanto, sabe o que eu quero dizer?"

Jeffrey pôs a mão no pescoço do homem, apoiando-o no carro. A ação foi tão rápido Jeffrey não tinha certeza do que estava fazendo até que sentiu longas unhas de Jack Wright cavando na pele na parte de trás da sua mão.

Jeffrey forçou a tomar sua mão. Wright atomizados, tosse, tentando recuperar o fôlego. Jeffrey andou um círculo apertado, verificar os vizinhos. Nenhum deles se moveu. Todos eles parecia extasiado com o show.

"Você acha que pode me assustar?" Wright disse, com a voz rouca. "Eu tive maior do que você, dois de cada vez, na prisão."

"Onde você estava última segunda-feira?" Jeffrey perguntou.

"Eu estava no trabalho, irmão. Verifique com o meu PO."

"Talvez eu vá."

"Ela fez uma verificação no local em torno de mim" -Wright fingiu pensar dessa Ao longo de toda "Eu diria que por volta das duas, duas e meia. Que o tempo que você está procurando?" Jeffrey não respondeu. época da morte de Sibyl Adams tinha sido impressa no Observer.

"Eu estava varrendo e lavando e tirar o lixo," Wright continuou.

Jeffrey indicou a tatuagem. "Vejo que você é um homem religioso."

Wright olhou para seu braço. "Isso é o que me pego com Sara."

"Você gosta de manter-se com suas meninas, hein?" Jeffrey perguntou. "Talvez olhar através dos jornais? Talvez acompanhá-los na Internet?"

Wright parecia nervoso pela primeira vez. "Você esteve na minha casa?"

"Eu gosto do que você fez com as paredes", disse ele. "Todos esses pequenos Jesuses. Seus olhos só segui-lo quando você anda ao redor da sala."

O rosto de Wright mudou. Ele mostrou Jeffrey o lado que apenas um punhado de mulheres infelizes já tinha visto como ele gritou, "Essa é a minha propriedade pessoal. Você não pertence lá dentro."

"Eu estava lá", Jeffrey disse, capaz de ser calmo agora que Wright não era. "Eu passei por tudo."

"Seu filho da puta," Wright gritou, jogando um soco. Jeffrey evitou, torcendo o braço do homem atrás dele. Wright lançou para a frente, caindo de cara no chão. Jeffrey estava em cima dele, seu joelho pressionado nas costas do homem.

"O que você sabe?" Jeffrey exigiu.

"Deixe-me ir," Wright implorou. "Por favor, deixe-me ir."

Jeffrey tirou as algemas e forçou Wright neles. O som de clique das eclusas mandou o homem em hiperventilação.

"Acabei de ler sobre isso", disse Wright. "Por favor, por favor, deixe-me ir."

Jeffrey se inclinou para baixo, sussurrando no ouvido do homem. "Você vai voltar para a cadeia."

"Não me mande de volta", Wright implorou. "Por favor."

Jeffrey estendeu a mão, puxando a pulseira de tornozelo. Sabendo como a cidade de Atlanta trabalhou, isso seria mais rápido do que discar 911. Quando a pulseira não se mexia, Jeffrey

usou o calcanhar do sapato para rebentar-lo.

"Você não pode fazer isso", Wright gritou. "Você não pode fazer isso. Eles te vi".

Jeffrey olhou para cima, lembrando-se dos vizinhos. Ele observou em silêncio como todos eles viraram as costas, desaparecendo em suas casas.

"Oh, Deus, por favor, não me mande de volta", Wright implorou. "Por favor, eu vou fazer qualquer coisa."

"Eles não vão gostar que nove mil sob o colchão, também, Jack."

"Oh, Deus", o homem chorou, tremendo.

Jeffrey encostou-se à Nova, tirando o cartão de visita Keith lhe tinha dado anteriormente. O nome no cartão era Mary Ann Lua. Jeffrey olhou para o relógio. Às dez até as oito numa sexta à noite, ele duvidava muito a sério que ela ficaria feliz em vê-lo.

Capítulo Vinte e três

LENA fechou os olhos quando o sol batia em seu rosto. A água estava quente e convidativo, uma ligeira brisa atravessando seu corpo como cada onda gentilmente rolou debaixo dela. Ela não conseguia se lembrar da última vez que ela tinha sido para o oceano, mas as férias foi bem merecido para dizer o mínimo.

"Olha", disse Sibila, apontando acima deles.

Lena seguiu o dedo de sua irmã, manchando uma gaivota no céu do oceano. Ela encontrou-se concentrando-se nas nuvens em seu lugar. Eles pareciam bolas de algodão contra um contexto azul bebê.

"Você quer isso de volta?" Sibila perguntou, entregando Lena um keyboard vermelho.

Lena riu. "Hank me disse que você perdeu."

Sibila sorriu. "Eu colocá-lo onde ele não poderia vê-lo."

Com súbita clareza, Lena percebeu que era Hank e não Sibila que tinha sido cego. Ela não conseguia entender como ela tinha ficado duas confusões, mas não havia Hank na praia, óculos escuros cobrindo seus olhos. Ele sentou-se, apoiado em suas mãos, deixando o sol bater-lhe quadrado no peito. Ele parecia mais do que tan Lena já tinha visto ele. Por uma questão de fato, todas as vezes que eles tinham ido para a praia antes, Hank tinha ficado no quarto do hotel em vez de ir para fora na praia com as meninas. O que ele fez lá durante todo o dia, Lena não sabia. Às vezes Sibila iria se juntar a ele para levar algum tempo fora do sol, mas Lena adorava estar na praia. Ela adorava brincar na água ou à procura de jogos de vôlei de improviso ela poderia flertar seu caminho para.

Foi assim que Lena tinha conhecido Greg Mitchell, seu último namorado de qualquer conseqüência. Greg estava jogando voleibol com um grupo de seus amigos. Ele tinha cerca de 28 anos de idade, mas seus amigos estavam muito mais jovem e mais interessado em olhar para as meninas do que realmente jogar o jogo. Lena tinha se aproximou, sabendo que ela estava sendo dimensionado para cima, classificado como um lado de carne, pelos jovens, e pediu para entrar no jogo. Greg tinha jogado a bola para ela em linha reta de seu peito e Lena tinha apanhado-lo da mesma maneira.

Depois de um tempo, os homens mais jovens parou em busca de álcool ou mulheres ou ambos. Lena e Greg jogou pelo que pareceram horas. Se ele estava esperando Lena para jogar os jogos em honra de sua masculinidade, ele tinha outra acha que vem. Ela o havia espancado de

tal maneira que até o final do terceiro jogo, ele tinha perdido, oferecendo-se para comprar o seu jantar como seu prêmio.

Ele a levou para um lugar mexicana barato que teria feito quilha avô de Lena sobre se ele não tivesse já sido mortos. Eles bebiam margaritas doces açucarados, em seguida, eles dançaram, em seguida, Lena deu Greg um sorriso malicioso em vez de um beijo de boa noite. No dia seguinte ele estava de volta à sua frente do hotel, desta vez com uma prancha de surf. Ela sempre quis aprender a surfar, e ela assumiu a sua oferta para as aulas sem ter de ser solicitado duas vezes.

Agora, ela podia sentir a prancha debaixo dela, as ondas envio de seu corpo para o ar, em seguida, para baixo. A mão de Greg estava na parte baixa das costas, em seguida, mais baixo, em seguida, mais baixo, até que ele estava colocando sua bunda em sua mão. Ela se virou lentamente, deixando-o ver e sentir seu corpo nu. O sol batia, fazendo com que sua pele se sentir quente e vivo.

Ele derramou óleo bronzeador em suas mãos, em seguida, começou a esfregar seus pés. Suas mãos rodeado de seus tornozelos, empurrando as pernas afastadas. Eles ainda estavam flutuando no oceano, mas a água era de algum modo firme, segurando o corpo dela para Greg. Suas mãos trabalhou seu caminho até as coxas, acariciando, tocando, passando por suas partes íntimas até que suas mãos estavam cobrindo os seios. Ele usou sua língua, beijando, em seguida, mordendo seus mamilos, seus seios, trabalhando o seu caminho até a sua boca. beijos de Greg eram forte e áspera, como Lena nunca tinha conhecido dele. Ela sentiu-se de responder a ele de maneiras que ela não poderia ter imaginado.

A pressão do corpo dele em cima dela era assustadoramente sensual. Suas mãos estavam calejadas, seu toque áspero, como ele fez com ela o que ele queria. Pela primeira vez em sua vida, Lena não estava no controle. Pela primeira vez em sua vida, Lena estava completamente impotente sob este homem. Ela sentiu um vazio que só poderia ser preenchido por ele.

Qualquer coisa que ele queria, ela faria. Qualquer desejo soltou, ela iria cumprir.

Sua boca se moveu para baixo de seu corpo, sua língua explorando entre suas pernas, seus dentes áspera contra ela. Ela tentou alcançar as mãos para ele, para puxá-lo mais perto, mas ela se encontrava imobilizada. De repente, ele estava em cima dela, empurrando as mãos longe de seu corpo, para o lado como se para fixá-la de volta como ele entrou nela. Houve uma onda de prazer que pareceu durar horas, em seguida, súbita, liberação excruciante. Todo o seu corpo aberto para ele, ela arqueia para trás, querendo soldar sua carne na sua.

Então, tudo estava acabado. Lena sentiu seu corpo deixar ir, sua mente voltando para o foco. Ela revirou seu lado da cabeça para o outro, deleitando-se com o rescaldo. Ela lambeu os lábios, abrindo os olhos para apenas uma fenda, enquanto olhava para a sala escura. Um som tinindo veio de longe. Outro som mais imediato veio de todos os lados, um tique-taque irregular, como um relógio, apenas com água. Ela descobriu que ela não conseguia mais se lembrar da palavra para a água que derrama para fora das nuvens.

Lena tentou se mover, mas suas mãos parecia relutante. Ela olhou para fora, vendo as pontas dos dedos, mesmo que não houvesse nenhuma luz para mostrar-lhes. Algo estava em torno de seus pulsos, algo apertado e inflexível. Sua mente fez a ligação para mover os dedos, e ela sentiu a superfície áspera da madeira contra as costas da mão. Da mesma forma, algo cercado de seus tornozelos, mantendo os pés no chão. Ela não podia mover as pernas ou braços. Ela estava literalmente espalhados no chão. Seu corpo parecia vir vivo com esta realização: ela estava presa.

Lena estava de volta no quarto escuro, de volta para onde tinha sido levado horas atrás; ou foi dias? Semanas? O tilintar estava lá, o lento ritmo da tortura da água batendo em seu cérebro. O quarto não tinha janelas e sem luz. Houve apenas Lena e tudo o que estava segurando-a no chão. Uma luz veio de repente, uma luz ofuscante que queimou seus olhos. Lena tentou afastar-se das restrições de novo, mas ela era impotente. Alguém estava lá; alguém que ela sabia quem deveria estar ajudando-a, mas não foi. Ela se retorceu contra os laços, torcendo seu corpo, tentando libertar-se, sem sucesso. Ela abriu a boca, mas as palavras não viria. Ela forçou as palavras através dela me mente-ajuda, por favor, mas não foi recompensado com o som de sua própria voz.

Ela virou a cabeça para o lado, piscando os olhos, tentando olhar o passado a luz, assim como uma pressão minuto veio contra a palma da sua mão. A sensação era chato, mas Lena podia ver a luz que a ponta de uma unha comprida foi pressionado na palma da sua mão. Além disso, à luz, um martelo foi levantada.

Lena fechou os olhos, não sentindo a dor.

Ela estava de volta na praia, só que não na água. Desta vez, ela estava voando.

Capítulo Vinte e quatro

Mary Ann Lua não era uma mulher agradável. Houve um conjunto de sua boca que dizia "não brinque comigo", antes de Jeffrey ainda teve a oportunidade de se apresentar. Ela tinha tomado um olhar para Wrights pulseira de monitoramento quebrado e dirigiu seus comentários para Jeffrey.

"Você sabe o quanto essas coisas custam?"

Ele tinha ido por água abaixo.

Jeffreys maior problema com a Lua, como gostava de ser chamado, foi a barreira da língua. Lua era de algum lugar até o leste, o tipo de lugar onde as consoantes assumiu uma vida própria. Além disso, ela falou em voz alta e de repente, duas coisas que foram consideradas muito rude aos ouvidos do sul. No elevador passeio de processamento central para as salas de entrevista, ela estava muito perto dele, sua boca aparecer uma linha fixa de desaprovação, de braços cruzados baixo sobre sua cintura. Lua era de cerca de quarenta anos de idade, mas era o tipo de disco de quarenta anos que o excesso de fumar e beber pode fazer a uma pessoa. Ela tinha o cabelo loiro escuro com fios de luz de cinza misturado. Seus lábios tinham rugas espalhando-se a partir deles em raios profundas.

Seu tom nasal eo fato de que ela falou sessenta milhas por hora deu Jeffrey a impressão de que ele estava falando com uma trompa. Cada resposta Jeffrey deu a ela demorou a chegar, porque ele teve que esperar por seu cérebro para traduzir suas palavras. Ele poderia dizer desde o início que Lua tomou essa lentidão para a estupidez, mas realmente não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Ela disse algo para ele por cima do ombro enquanto caminhavam através da delegacia. Ele reduziu a sua velocidade, percebendo que ela tinha dito: "Diga-me sobre o seu caso, Chefe." Deu-lhe um rápido resumo do que tinha acontecido desde Sibyl Adams havia sido encontrado, deixando de fora a sua conexão com Sara. Ele poderia dizer que a história não estava progredindo rápido o suficiente, porque lua manteve interrompendo-o com perguntas que ele estava prestes a responder se ela lhe daria um segundo para terminar a frase.

"Acho que você entrou na casa do meu filho?" ela disse. "Você vê toda essa merda Jesus?" Ela revirou os olhos. "Isso nove mil não andar em menos de sua perna da calça, fez isso, Xerife Taylor?"

Jeffrey deu-lhe o que esperava ser um olhar ameaçador. Ela respondeu com uma gargalhada que perfurou o tímpano. "Esse nome parece familiar."

"O que é isso?"

"Linton. Tolliver, também." Ela colocou suas pequenas mãos nos quadris magros. "Eu sou muito bom sobre a notificação, Chefe. Eu chamei Sara talvez um punhado de vezes para deixá-la saber onde Jack Allen Wright é. É o meu trabalho para fazer a notificação vítima em uma base anual. O caso dela foi há dez anos? "

"Doze."

"Então, isso é, pelo menos, doze vezes eu falei com ela."

Ele veio limpa, sabendo que ele estava preso. "Sara é minha ex-mulher. Ela foi uma das primeiras vítimas de Wright."

"Eles permitem que você trabalhe o caso sabendo a sua ligação?"

"Eu sou o encarregado do caso, Ms. Lua", ele respondeu.

Ela lhe deu um olhar firme que, provavelmente, trabalhou em seus liberdade condicional, mas não fez nada mas irritar Jeffrey. Ele foi cerca de sessenta centímetros mais alto do que Mary Ann Lua e não prestes a ser intimidados por esta pequena bola de Yankee ódio.

"Wright uma aberração Depo. Você sabe o que quero dizer com isso?"

"Ele obviamente gosta de tomá-lo."

"Isto vai caminho de volta para seus primeiros dias, logo após imagens Sara. Você viu dele?" Jeffrey sacudiu a cabeça.

"Siga-me", disse Moon.

Ele fez como lhe foi dito, tentando não pisar em seus calcanhares. Ela foi rápido sobre tudo, mas curta, e seu passo era mais do que o dobro dela. Ela parou na frente de um pequeno escritório que estava com caixas de armazenamento de arquivos jam-embalados. Ela passou por cima de uma pilha de manuais, puxando um arquivo off sua mesa.

"Este lugar é uma bagunça", disse ela, como se o fato não tinha nada a ver com ela. "Aqui."

Jeffrey abriu o arquivo, vendo um mais magro fotografia mais jovem, menos feminina de Jack Allen Wright preso ao topo da página. Ele tinha mais cabelo na cabeça, e seu rosto era magro. Seu corpo foi cortado como os homens que passam três horas por dia levantando pesos começar, e seus olhos eram de um azul penetrante. Jeffrey lembrou olhos remelentos de Wright de antes. Ele também lembrou que parte do ID de Sara tinha vindo de seus olhos azuis claros. Cada aspecto da aparência de Wright tinha sido alterado desde que ele tinha agredido Sara. Este era o homem Jeffrey estava esperando quando ele procurou a casa de Wright. Este era o homem que tinha estuprado Sara, que tinha roubado sua capacidade de dar Jeffrey uma criança.

Lua folheou o arquivo. "Esta é a foto dele liberação", disse ela, deslizando para fora outra fotografia.

Jeffrey balançou a cabeça, ver o homem que ele conhecia como Wright.

"Ele passou um tempo duro, você sabe disso?"

Jeffrey balançou a cabeça novamente.

"Muitos homens tentam lutar. Alguns deles simplesmente desistir."

"Voce esta partindo meu coracao." Jeffrey murmurou. "Ele tem muitos visitantes de prisão?"

"Apenas a sua mãe."

Jeffrey fechou o arquivo e entregou-o de volta para ela. "E quando ele saiu da prisão? Ele obviamente saiu do Depo, certo? Ele estuprou novamente?"

"Ele diz que não, mas não há nenhuma maneira no inferno que ele seria capaz de obtê-lo em cima da dosagem ele deveria ser tomada."

"Quem estava supervisionando-lo?"

"Ele estava sob sua própria supervisão." Ela parou antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

"Escuta, eu sei que não é perfeito, mas temos que confiar neles, às vezes. Às vezes estamos errados. Estávamos errados com Wright." Ela jogou a pasta de volta em sua mesa. "Ele vai para a clínica agora e recebe o seu Depo injectado uma vez por semana. É tudo agradável e limpo. A pulseira que você era tipo o suficiente para destruir o manteve sob estreita vigilância. Ele estava na linha."

"Ele não deixou a cidade?"

"Não", respondeu ela. "Eu fiz uma verificação no local sobre ele na segunda-feira no trabalho. Ele estava no Edifício Banco."

"Nice de você para colocá-lo perto de todas aquelas meninas de faculdade."

"Você está cruzando uma linha", ela advertiu.

Ele ergueu as mãos, as palmas para fora.

"Anote o que perguntas que você quer perguntou", disse ela. "Eu vou falar com Wright."

"Eu preciso trabalhar fora de suas respostas."

"Tecnicamente, eu nem sequer tem que deixá-lo aqui. Você deve estar feliz que eu não estou chutando sua bunda todo o caminho de volta para Mayberry".

Ele, literalmente, mordeu a língua para que ele não pular de volta para ela. Ela estava certa. Ele poderia chamar alguns amigos dele no amanhã de manhã APD para que ele iria ficar melhor tratamento, mas, por agora, Mary Ann Moon estava no comando.

Jeffrey disse: "Você pode me dar um minuto?" Ele indicou a mesa. "Eu preciso fazer check-in com o meu povo."

"Eu não posso fazer chamadas de longa distância."

Ele levantou seu telefone celular. "É mais privacidade que eu estava procurando."

Ela assentiu com a cabeça, virando-se.

"Obrigado", Jeffrey oferecido, mas ela não respondeu na mesma moeda. Ele esperou até que ela estava no corredor, em seguida, fechou a porta. Depois de passar por cima de um grupo de caixas, ele se sentou em sua mesa. A cadeira era baixo para o chão, e os seus joelhos sentiram como se estivessem prestes a tocar seus ouvidos. Jeffrey olhou para o relógio antes de discar o número de Sara. Ela era uma terra early-to-cama da pessoa, mas ele precisava falar com ela. Ele sentiu uma onda de excitação lavar sobre ele quando o telefone tocou.

Ela atendeu o telefone no quarto toque, sua pesada voz com o sono. "Olá?"

Ele percebeu que estava segurando a respiração. "Sara?"

Ela ficou em silêncio, e por um momento ele pensou que ela tinha desligado o telefone. Ele a ouviu se movendo, folhas farfalhar; ela estava na cama. Podia ouvir a chuva que cai lá fora, e um trovão distante retumbou por telefone. Jeffrey teve um flash de uma noite que tinham compartilhado a muito tempo atrás. Sara nunca gostou de tempestades, e ela o havia acordado, querendo Jeffrey para tomar sua mente fora os trovões e relâmpagos.

"O que você quer?" ela perguntou.

Ele procurou algo para dizer, sabendo de repente que ele tinha esperado muito tempo para

entrar em contato com ela. Ele podia dizer pelo tom de sua voz que algo tinha mudado em seu relacionamento. Ele não estava completamente certo como ou por quê.

"Eu tentei ligar antes", disse ele, sentindo-se como se ele estivesse mentindo, mesmo que ele não era. "Na clínica", disse ele.

"Que isso?"

"Eu conversei com Nelly", disse ele.

"Você disse a ela que era importante?"

Jeffrey sentiu seu estômago cair. Ele não respondeu.

Sara deu o que ele pensava que era uma risada.

Ele disse: "Eu não quero falar com você até que eu tenha alguma coisa."

"Algo sobre o que?"

"Eu estou em Atlanta."

Ela ficou em silêncio, então, "Deixe-me adivinhar, 633 Ashton Street."

"Mais cedo," ele respondeu. "Estou na sede da APD agora. Nós temos ele em um quarto de entrevista."

"Jack?" ela perguntou.

Algo sobre seu uso familiar de seu nome do conjunto de dentes de Jeffrey na borda.

"Lua me chamou quando seu monitor de se apagaram," Sara fornecida em um tom aborrecido.

"Eu tinha a sensação de que é onde você estava."

"Eu queria falar com ele sobre o que está acontecendo antes de eu chamado na cavalaria."

Ela suspirou profundamente. "Bom para você."

A linha foi tranqüila novamente, e Jeffrey foi novamente sem palavras. Sara interrompeu o silêncio.

Ela perguntou: "É por isso que me chamou? Para me dizer que você prendeu?"

"Para ver se você estava bem."

Ela deu uma pequena risada. "Oh, sim. Eu sou apenas peachy, Jeff. Obrigado por ligar."

"Sara?" ele perguntou, com medo que ela iria desligar. "Eu tentei ligar antes."

"Evidentemente não é tão difícil." ela disse.

Jeffrey podia sentir sua raiva vindo através do telefone. "Eu queria ter algo a dizer-lhe quando liguei. Algo de concreto."

Ela parou ele, sua concisa tom e baixo. "Você não sabia o que dizer, então em vez de andar duas quadras para a clínica ou certificando-se de que você chegou até mim, você deslizou fora a Atlanta para ver Jack face-a-face." Ela fez uma pausa. "Diga-me o que sentiu ao vê-lo, Jeff." Ele não podia responder.

"O que você fez, espancá-lo?" Seu tom virou acusatório. "Doze anos atrás, eu poderia ter usado isso. Agora eu só queria que você fosse lá para mim. Para me apoiar."

"Eu estou tentando apoiá-lo, Sara," Jeffrey respondeu, sentindo-se ofuscados. "O que você acha que eu estou fazendo aqui? Eu estou tentando descobrir se esse cara ainda está lá fora estuprando mulheres."

"Lua diz que não deixou a cidade nos últimos dois anos."

"Talvez Wrights envolvido no que está acontecendo no Grant. Você acha disso?"

"Não, na verdade", ela respondeu sem hesitar. "Tudo o que eu conseguia pensar era eu mostrei-lhe que transcrito esta manhã, eu mostrou a minha alma para você, e sua resposta foi sair da cidade."

"Eu queria-"

"Você queria ficar longe de mim. Você não sabia como lidar com isso, então você deixou. Eu acho que não é tão complicado como me deixar voltar para casa e pegá-lo com outra mulher em nossa cama, mas ele envia o mesmo tipo de mensagem, não é? "

Ele balançou a cabeça, sem entender como ele tinha vindo para isso. "Como é o mesmo? Eu estou tentando ajudá-lo."

Sua voz mudou, então, e ela não parecia irritado tanto como profundamente magoado. Ela tinha falado com ele assim apenas uma vez antes, logo após ela pegou traindo. Ele sentiu então, como ele se sentia agora, como um idiota egoísta.

Ela disse: "Como você está me ajudando em Atlanta? Como isso me ajudar a ter-lhe quatro horas de distância? Você sabe como eu me senti durante todo o dia, saltando cada vez que o telefone tocou, esperando que fosse você?" Ela respondeu por ele. "Eu me senti como um idiota. Você sabe como foi difícil para mim para você mostrar que? Para que você saiba o que tinha acontecido comigo?"

"Eu não-"

"Estou quase quarenta anos de idade, Jeffrey. Eu escolho ser uma boa filha para os meus pais e uma irmã de apoio para Tessa. Optei por me esforçar para que eu pudesse se formar no topo da minha classe de uma das melhores universidades América. Eu escolhi ser um pediatra para que eu pudesse ajudar as crianças. Eu escolhi para voltar a Grant para que eu pudesse estar perto de minha família. Eu escolhi para ser sua esposa durante seis anos, porque eu te amei tanto, Jeffrey. Eu amei tanto de você." Ela parou, e ele poderia dizer que ela estava chorando.

"Eu não escolhi ser estuprada."

Tentou falar, mas ela não iria deixá-lo.

"O que aconteceu com me levou quinze minutos. Quinze minutos e tudo isso foi exterminada. Nada disso importa quando você tirar esses quinze minutos em conta."

"Isso não é verdade."

"Não é?" ela perguntou. "Então por que você não me chamar hoje de manhã?"

"Eu tentei-"

"Você não me chamou porque você me ver como uma vítima agora. Você me vê da mesma maneira que você vê Julia Matthews e Sibyl Adams."

"Eu não, Sara," ele respondeu, chocado que ela iria acusá-lo de tal coisa. "Eu não ver-"

"Eu sentei lá naquele banheiro do hospital de joelhos por duas horas antes de cortar-me solto. Eu quase sangrou até a morte", disse ela. "Quando ele foi feito com mim, não havia mais nada. Absolutamente nada. Eu tive que reconstruir a minha vida. Eu tive que aceitar que por causa disso bastardo eu nunca teria filhos. Não que eu sempre quis pensar em ter relações sexuais novamente . Não que eu pensei que alguém iria querer me tocar depois do que ele fez para mim. " Ela parou, e ele queria tanto dizer alguma coisa para ela, mas as palavras não saíam. Sua voz era baixa, quando ela disse: "Você disse que eu nunca abri para você? Bem, é por isso. Digo-te o meu segredo mais profundo e escuro eo que você faz? Você correr para Atlanta para enfrentar o homem que fez isso em vez de falar para mim. em vez de me confortar. "

"Eu pensei que você quer que eu faça alguma coisa."

"Eu queria que você fazer alguma coisa", ela respondeu, seu tom cheio de tristeza. "Eu fiz."

O telefone clicou em seu ouvido quando ela desligou. Ele discou o número dela de novo, mas a linha estava ocupada. Ele manteve bater "enviar" no telefone, tentando a linha mais cinco vezes, mas Sara tinha tomado seu telefone fora do gancho.

Jeffrey ficou atrás do one-way de vidro na sala de observação, a reprodução de sua conversa

com Sara em sua mente. Uma grande tristeza envolveu. Ele sabia que ela estava certa sobre a chamada. Ele deveria ter insistido Nelly colocá-lo completamente. Ele deveria ter ido para a clínica e lhe disse que ele ainda a amava, que ela ainda era a mulher mais importante de sua vida. Ele deveria ter ficado de joelhos e implorou-lhe para voltar para ele. Ele não deveria tê-la deixado. Mais uma vez.

Jeffrey pensou em como Lena tinha usado o termo vítima de alguns dias ago..inscribing alvos de predadores sexuais. Ela tinha colocado uma rotação sobre a palavra, dizendo que da mesma forma que ela diria "fraco" ou "estúpido". Jeffrey não tinha gostado que a classificação de Lena, e ele certamente não gostou de ouvir isso de Sara. Ele provavelmente sabia Sara melhor do que qualquer outro homem em sua vida, e Jeffrey sabia que Sara não foi vítima de qualquer coisa, mas a sua própria (limning auto-julgamento. Ele não vê-la como uma vítima nesse contexto. Se qualquer coisa, ele viu -la como um sobrevivente. Jeffrey ficou ferido ao seu próprio núcleo que Sara poderia pensar tão pouco dele.

Lua interrompeu seus pensamentos, perguntando: "Sobre pronto para começar?"

"Sim", respondeu Jeffrey, bloqueando Sara de sua mente. Não importa o que ela tinha dito, Wright ainda era um chumbo viável para o que estava acontecendo no Grant County. Jeffrey já estava em Atlanta. Não havia nenhuma razão para voltar até que ele tinha conseguido tudo o que precisava do homem. Jeffrey apertou a mandíbula, forçando-se a concentrar-se na tarefa em mãos, enquanto olhava através do vidro.

Lua entrou na sala em voz alta, batendo a porta se fechou atrás dela, passando uma cadeira da mesa, as pernas gritando contra o chão de azulejos. Para todo o dinheiro da APD e fundos especiais, salas de entrevista da cidade não eram tão limpo como os de Grant County. A sala de Jack Allen Wright sentou-se na era sombrio e sujo. As paredes de cimento estavam sem pintura e cinza. Havia uma tristeza para a sala que iria encorajar ninguém a confessar apenas para sair do lugar. Jeffrey levou tudo isso em como ele assistiu Mary Ann Lua trabalhar Wright. Ela não era tão bom quanto Lena Adams, mas não havia lua negando teve um relacionamento com o estuprador. Ela falou com ele como uma irmã mais velha.

Ela perguntou: "Que caipira idade não enganar com você, não é?"

Jeffrey sabia que ela estava tentando colmatar alguma confiança com Wright, mas ele não gostou da caracterização, principalmente porque ele adivinhou Mary Ann Lua pensei que era acurado.

"Ele preso meu bracelete", disse Wright. "Eu não fiz isso."

"Jack". Lua suspirou, sentada a sua frente na mesa. "Eu sei que, ok? Precisamos descobrir como essa arma tem sob seu colchão. Isso é uma violação clara e você está em sua terceira greve. Certo?"

Wright olhou para o espelho, provavelmente, sabendo muito bem que Jeffrey estava por trás disso. "Eu não sei como ele chegou lá."

"Acho que ele colocar suas impressões sobre ele, também?" Lua perguntou, cruzando os braços.

Wright pareceu pensar sobre isso. Jeffrey sabia que arma pertencia a Wright, mas também sabia que não havia nenhuma maneira no inferno Lua teria sido capaz de executar a arma através forense isso rapidamente e obter qualquer tipo de ID nas impressões.

"Eu estava com medo", Wright finalmente respondeu. "Meus vizinhos sabem, certo? Eles sabem o que eu sou."

"O que você é?"

"Eles sabem sobre as minhas meninas."

Lua levantou-se da cadeira. Ela virou as costas para Wright, olhando pela janela. Uma malha de apenas como esses na casa de Wright cobria o quadro. Jeffrey ficou surpreso ao perceber que o homem havia feito sua própria casa se parecer com uma prisão.

"Conte-me sobre suas meninas", disse Moon. "Estou falando de Sara".

Jeffrey sentiu as mãos dele se apertar em nome de Sara.

Wright sentou-se, lambendo os lábios. "Houve um bichano apertado." Ele sorriu. "Ela era boa para mim."

A voz de lua estava entediado. Ela tinha vindo a fazer esta longa o suficiente para não ficar chocado. Ela perguntou: "Ela era?"

"Ela era tão doce."

Lua virou-se, inclinando-se de costas contra a malha. "Você sabe o que está acontecendo, onde ela vive, eu levá-la. Você sabe o que está acontecendo com as meninas."

"Eu só sei o que li nos jornais," Wright disse, oferecendo um encolher de ombros. "Você não vai enviar-me acima nessa arma, não é, chefe? Eu tinha que me proteger. Eu estava com medo pela minha vida."

"Vamos falar sobre Grant County," Lua oferecido. "Então, vamos falar sobre a arma."

Wright escolheu para seu rosto, avaliando-a. "Você está sendo honesto comigo?"

"Claro que eu sou, Jack. Quando é que eu não fosse direto com você?"

Wright parecia pesar suas opções. Tanto quanto Jeffrey podia ver, foi um acéfalo: cadeia ou cooperação. Ainda assim, ele imaginou Wright queria uma aparência de controle em sua vida.

"Essa coisa que foi feita para o carro", disse Wright.

"O que é isso?" perguntou Lua.

"Essa palavra em seu carro", Wright esclarecida. "Eu não fiz isso."

"Você não fez?"

"Eu disse ao meu advogado, mas ele disse que não importava."

"Importa agora, Jack," disse Moon, apenas a quantidade certa de insistência em sua voz.

"Eu não iria escrever que no carro de alguém."

"Cunt?" ela perguntou. "Isso é o que você chamou-a no banheiro."

"Isso foi diferente", disse ele. "Esse foi o calor do momento."

Lua não respondeu a isso. "Quem escreveu isso?"

"Isso, eu não sei", respondeu Wright. "Eu estava no hospital durante todo o dia, trabalhando.

Eu não sabia que tipo de carro que ela dirigia. Poderia ter adivinhado-lo, apesar de tudo. Ela teve essa atitude, sabe? Como se ela fosse melhor do que todos os outros."

"Nós não vamos entrar nisso, Jack."

"Eu sei", disse ele, olhando para baixo. "Eu sinto Muito."

"Quem você acha que escreveu que em seu carro?" perguntou Lua. "Alguém no hospital?"

"Alguém que conhecia, sabia o que ela dirigia."

"Talvez um médico?"

"Eu não sei." Ele encolheu os ombros. "Talvez."

"Você sendo honesto comigo?"

Ele parecia assustado com a pergunta dela. "Inferno, sim, eu sou."

"Então, você acha que alguém no hospital poderia ter escrito que, em seu carro. Por quê?"

"Talvez ela chateado-los?"

"Ela irritar muita gente fora?"

"Não." Ele balançou a cabeça com veemência. "Sara era gente boa. Ela sempre falava com todo mundo." Ele parecia não se lembrar de seus comentários anteriores sobre como vaidoso Sara era. Wright continuou, "Ela sempre dizia oi para mim no corredor. Sabe, não gosto 'Como está' ou qualquer coisa assim, mas, Hey, eu sei que você está lá." A maioria das pessoas, que vê-lo, mas eles não. Sabe o que eu quero dizer? "

"Sara é uma garota legal", disse Moon, mantê-lo na pista. "Quem faria isso com seu carro?"

"Talvez alguém estava chateado com ela sobre algo assim?"

Jeffrey pôs a mão no vidro, sentindo o cabelo na parte de trás de sua ascensão pescoço. Lua apanhado sobre isso também.

Ela perguntou: "Sobre o quê?"

"Eu não sei", respondeu Wright. "Eu só estou dizendo que eu nunca escreveu que em seu carro."

"Você tem certeza sobre isso."

Wright engoliu em seco. "Você disse que iria trocar a arma para isso, certo?"

Lua lhe deu um olhar desagradável. "Não me questionar, Jack. Eu lhe disse de antemão que era o negócio. O que você tem para nós?"

Wright olhou para o espelho. "Isso é tudo o que tenho, que eu não fiz isso para seu carro."

"Quem fez, então?"

Wright deu de ombros. "Eu disse que eu não sei."

"Você acha que o mesmo cara que riscado seu carro está fazendo este material em Grant County?"

Ele deu de ombros novamente. "Eu não sou um detetive. Estou apenas dizendo o que eu sei."

Lua cruzou os braços sobre o peito. "Nós vamos mantê-lo no bloqueio no fim de semana.

Quando falamos na segunda-feira, você vê se você tem uma idéia de quem essa pessoa poderia ser."

As lágrimas vieram aos olhos de Wright. "Eu estou te dizendo a verdade."

"Vamos ver se é a mesma verdade na segunda-feira de manhã."

"Não me mandar de volta para lá, por favor."

"É apenas segurando, Jack," Lua oferecido. "Eu vou ter certeza de obter o seu próprio celular."

"Apenas deixe-me ir para casa."

"Eu não penso assim," Lua combatida. "Nós vamos deixar você ensopado por um dia. Dê-lhe algum tempo para obter suas prioridades."

"Eles estão em linha reta. Eu prometo."

Lua não esperou mais. Ela deixou Wright na sala, a cabeça entre as mãos, chorando.

SÁBADO

Capítulo Vinte e cinco

SARA acordou com um começo, não é certo onde ela estava por um breve, em pânico segundo. Ela olhou ao redor do quarto, mantendo os olhos em coisas sólidas, as coisas reconfortantes. A velha cômoda que pertenceram à sua avó, o espelho que tinha encontrado em uma venda de quintal, o armário que tinha sido tão grande que seu pai a tinha ajudado a levar as dobradiças fora da porta do quarto para que eles pudessem apertá-lo.

Ela se sentou na cama, olhando para o banco de janelas no lago. A água foi rústica do último noites de tempestade, e as ondas agitadas montou toda a superfície. Lá fora, o céu era um cinza quente, bloqueando o sol, mantendo o nevoeiro baixo baixo para o chão. A casa estava frio, e Sara imaginou que fora foi ainda mais frio. Ela tomou a colcha da cama com ela enquanto ela caminhava para o banheiro, franzindo o nariz quando seus pés preenchido pelo chão frio. Na cozinha, ela começou a cafeteira, que está na frente da unidade, enquanto esperava que o suficiente para encher um copo. Ela voltou para o quarto, escorregar em um par de shorts spandex execução, em seguida, um velho par de calças de moletom. O telefone ainda estava fora do gancho de chamada de Jeffrey noite passada, e Sara desligou o telefone. O telefone tocou quase imediatamente.

Sara respirou fundo, em seguida, respondeu: "Olá?"

"Hey, baby", disse Eddie Linton. "Onde você esteve?"

"Eu acidentalmente bateu o telefone fora do gancho," Sara mentiu.

Seu pai quer não pegar a mentira ou foi deixá-lo passar. Ele disse: "Nós temos o pequeno-almoço cozinhar aqui. Quer vir?"

"Não, obrigado", respondeu Sara, seu estômago protestando mesmo que ela fez. "Estou prestes a ir para uma corrida."

"Talvez venha depois?"

"Talvez", Sara respondeu, caminhando em direção a mesa no corredor. Ela abriu a gaveta de cima e tirou doze cartões postais. Doze anos desde o estupro, um cartão para cada ano. Havia sempre um versículo da Bíblia junto com ela ty endereço ped em toda a volta.

"Bebê?" disse Eddie.

"Sim, Pop," Sara respondeu: chaveamento para o que ele estava dizendo. Ela deslizou os cartões de volta na gaveta, usando seu quadril para desligá-lo.

Eles fizeram pequenas falar sobre a tempestade, Eddie dizendo-lhe que um galho de árvore tinha perdido a casa Linton por um par de jardas, e Sara oferecendo-se para passar por aqui mais tarde e ajudar a limpar. Enquanto ele falava, Sara piscou de volta para o tempo apenas depois que ela foi estuprada. Ela estava na cama do hospital, o ventilador sibilando dentro e para fora, o monitor cardíaco assegurando-lhe que ela não tinha morrido, embora Sara lembrou que ela não tinha encontrado esse lembrete no mínimo pouco reconfortante.

Ela estava dormindo, e quando ela acordou, Eddie estava lá, segurando a mão dela entre as suas. Ela nunca tinha visto seu pai chorar antes, mas ele foi, então, pequenos soluços patéticas escapar de seus lábios. Cathy estava atrás dele, com os braços ao redor de sua cintura, a cabeça apoiada em suas costas. Sara se sentiu fora de lugar lá e ela tinha brevemente se perguntou o que lhes tinha perturbado até que ela se lembrava do que tinha

acontecido com ela.

Depois de uma semana no hospital, Eddie tinha conduzido de volta para Grant. Sara tinha mantido a cabeça em seu ombro durante todo o caminho, sentado no banco da frente de seu caminhão velho, situado entre a mãe eo pai, tanto quanto ela tinha sido antes Tessa nasceu. Sua mãe cantou um hino off-chave Sara nunca tinha ouvido antes. Algo sobre a salvação. Algo sobre redenção. Algo sobre o amor.

"Bebê?"

"Sim, papai", Sara respondeu, enxugando uma lágrima de seu olho. "Eu vou aparecer mais tarde, ok?" Ela jogou um beijo para o telefone. "Eu te amo."

Ele respondeu em espécie, mas ela podia ouvir a preocupação em sua voz. Sara manteve a mão no receptor, desejando-lhe para não ser perturbado. A parte mais difícil de recuperar do que Jack Allen Wright tinha feito para ela era saber que seu pai sabia cada detalhe do estupro. Ela havia se sentido tão exposto a ele por um tempo tão longo que a natureza do seu relacionamento tinha mudado. Foi-se a Sara jogou jogos do recolhimento com. Lá se foram as piadas sobre Eddie desejando que ela havia se tornado um ginecologista, pelo menos, de modo que ele pudesse dizer tanto suas meninas estavam no encanamento. Ele não vê-la como seu invulnerável Sara mais. Viu-a como alguém que precisava proteger. Por uma questão de fato, viu-a da mesma forma Jeffrey fez agora.

Sara puxou os laços de seus sapatos de tênis, apertando-os muito e não se importar. Ela tinha ouvido pena na voz de Jeffrey noite passada. Instantaneamente, ela sabia que as coisas tinham mudado irrevogavelmente. Ele só iria vê-la como uma vítima a partir de agora. Sara tinha lutado muito difícil de superar esse sentimento só se deixar ceder a isso agora.

Deslizando sobre uma jaqueta leve, Sara deixou a casa. Ela correu até a calçada para a rua, tendo uma esquerda longe da casa de seus pais. Sara não gostava de correr na rua; ela tinha visto muitos joelhos lesionados soprado a partir do impacto constante. Quando ela funcionou, ela usou as esteiras no Grant YMCA ou nadou na piscina lá. No verão, ela tomou nada de manhã cedo no lago para limpar sua mente e levá-la o foco volta para o dia seguinte. Hoje, ela queria empurrar-se ao limite, danem-se as conseqüências de suas articulações. Sara sempre tinha sido uma pessoa física, e suando trouxe zagueiro.

Cerca de duas milhas de sua casa, ela tomou uma trilha lado da estrada principal para que ela pudesse correr ao longo do lago. O terreno era áspera em alguns pontos, mas a vista foi espetacular. O sol foi finalmente ganhar a sua batalha com a sobrecarga de nuvens escuras, quando ela percebeu que ela estava na casa de Jeb McGuire. Ela tinha parado de olhar para o barco preto lustroso ancorado em sua doca antes que ela fez a ligação de onde ela estava.

Sara segurou a mão sobre os olhos, olhando para a parte de trás da casa de Jeb.

Ele viveu no antigo lugar Tanner, que tinha acabado de entrar no mercado. Lake pessoas estavam hesitantes em desistir de suas terras, mas as crianças Tanner, que havia se afastado Grant anos atrás, eram mais do que feliz em pegar o dinheiro e correr quando seu pai finalmente sucumbiu ao enfisema. Russell Tanner tinha sido um homem bom, mas ele tinha suas peculiaridades, como a maioria das pessoas idosas. Jeb tinha entregue medicamentos de Russell com ele pessoalmente, algo que provavelmente ajudou Jeb entrar no barato casa depois o velho morreu.

Sara caminhou até o gramado íngreme em direção à casa. Jeb tinha eviscerado o lugar uma semana depois da mudança, substituindo as janelas de manivela antigos com os de vidro duplo, com as telhas de amianto removidos do telhado e aparadores. A casa tinha sido um

cinza escuro, enquanto Sara se lembrava, mas Jeb tinha pintado sobre isso em um amarelo animador. A cor era muito brilhante para Sara, mas adequados Jeb.

"Sara?" Jeb perguntou, saindo da casa. Ele tinha um cinto de ferramentas com um martelo de cascalho presa pela correia ao lado.

"Hey," ela chamou, caminhando em direção a ele. Quanto mais se aproximava da casa, mais consciente de que ela tornou-se de um som gotejamento. "O que é esse barulho?" ela perguntou.

Jeb apontou para uma calha pendurado do teto. "Eu estou apenas começando agora a ele", explicou ele, caminhando em direção a ela. Ele descansou a mão no martelo. "Eu tenho estado tão ocupado no trabalho, eu não tive tempo de respirar."

Ela assentiu com a cabeça, a compreensão do dilema. "Posso te dar uma mão?"

"Tudo bem," Jeb voltou, pegando uma escada de seis pés. Ele levou-a para a sarjeta pendurado enquanto falava. "Ouvi que batendo? Maldita coisa está escoando de forma lenta, ela atinge a base da calha como um jack-martelo."

Ela ouviu o ruído de forma mais clara enquanto o seguia para a casa. Foi, uma batida constante chato, como uma torneira pingando em uma pia de ferro fundido. Ela perguntou: "O que aconteceu?"

"Madeira velha, eu acho", disse ele, voltando-se a escada do lado certo. "Esta casa é um poço de dinheiro, eu odeio dizer. Eu recebo o telhado fixo e as calhas cair. Selo o convés e os alicerces começar a afundar."

Sara olhou debaixo do convés, observando a água parada. "É o seu porão inundado?"

"Graças a Deus eu não tenho uma ou seria maré alta lá embaixo", disse Jeb, chegando em uma das bolsas de couro em seu cinto. Ele pegou um prego sarjeta com uma mão e se atrapalhou com o martelo com a outra.

Sara olhou para a unha, fazer uma conexão. "Posso ver isso?"

Ele lhe deu um olhar engraçado, então respondeu: "Claro."

Ela pegou o prego, testando seu peso em sua mão. Aos doze polegadas, foi certamente o tempo suficiente para o trabalho de aderência-se uma calha, mas alguém poderia também têm utilizado este tipo de unha para garantir Julia Matthews para o chão?

"Sara?" Jeb perguntou. Sua mão foi para o prego. "Eu tenho um pouco mais no galpão de armazenamento", disse ele, indicando o galpão de metal. "Se você quiser manter um."

"Não", respondeu ela, entregando-lhe a unha. Ela precisava voltar para a casa dela e chamar Frank Wallace sobre isso. Jeffrey provavelmente ainda estava em Atlanta, mas certamente alguém teria de rastrear que tinha comprado este tipo de unha recentemente. Foi uma boa vantagem.

Ela perguntou: "Você conseguiu isso na loja de ferragens?"

"Sim", ele respondeu, dando-lhe um olhar curioso. "Por quê?"

Sara sorriu, tentando colocar sua mente à vontade. Ele provavelmente pensou que era estranho que ela estava tão interessado na unha sarjeta. Não era como se ela pudesse dizer-lhe porquê. namoro piscina de Sara era pequeno o suficiente sem tomar Jeb McGuire fora do quadro, sugerindo as unhas calha seria uma boa maneira de fixar uma mulher no chão para que ela pudesse ser estuprada.

Ela assistiu ele fixar a calha inclinada para a casa. Sara encontrou-se a pensar em Jeffrey e Jack Wright na mesma sala juntos. Lua tinha dito que Wright tinha deixar-se ir na prisão, que a ameaça cinzelada ao seu corpo tinha sido substituído por gordura macia, mas Sara ainda o

viam como ela tinha naquele dia doze anos atrás. Sua pele era apertado para seus ossos, veias saindo ao longo de seus braços. Sua expressão era um estudo esculpida em ódio, seus dentes rangendo num sorriso ameaçador quanto ele a estuprou.

Sara deu um tremor involuntário. Sua vida durante os últimos doze anos foram gastos bloqueando Wright fora de sua mente, e tê-lo de volta agora, sob qualquer forma, seja através de Jeffrey ou um postal estúpido, estava fazendo ela se sentir violado mais uma vez. Ela odiava Jeffrey para isso, principalmente porque ele era o único que poderia sofrer qualquer impacto de seu ódio.

"Espere", disse Jeb, tirando-a de sua reflexão. Jeb segurou a mão no ouvido, escutando. O barulho batendo ainda estava lá como a água escorria para o downspout.

"Isso vai me deixar louco", disse ele, sobre o thump, thump, thump da água.

"Eu posso ver isso", disse ela, pensando que cinco minutos do som gotejamento já estava lhe dando uma dor de cabeça.

Jeb desceu da escada, enfiando o martelo em seu cinto. "Algo está errado?"

"Não", respondeu ela. "Só pensando."

"Sobre o que?"

Ela respirou fundo, em seguida, disse: "Sobre a nossa verificação de chuva." Ela olhou para o céu. "Por que você não vem até a casa em torno de dois para um almoço tardio? Vou pegar um pouco para viagem a partir da deli em Madison."

Ele sorriu, uma vantagem nervoso inesperada em sua voz. "Sim", ele respondeu. "Isso parece ótimo."

Capítulo Vinte e seis

JEFFREY tentou manter seu foco na condução, mas não havia muita coisa acontecendo em sua mente para se concentrar. Ele não tinha dormido a noite toda, e exaustão estava tomando conta de seu corpo. Mesmo depois de puxar para o lado da estrada para um cochilo de trinta minutos, ele ainda não se sente como sua cabeça estava no lugar. Muita coisa estava acontecendo. Muitas coisas foram puxando-o em direções diferentes ao mesmo tempo. Mary Ann Moon tinha prometido para intimar os registros de emprego de Grady Hospital que remontam ao tempo Sara tinha trabalhado lá. Jeffrey orou para que a mulher era tão bom quanto sua palavra. Ela tinha estimado que os registros estarão disponíveis para leitura em algum domingo à tarde de Jeffrey. A única esperança de Jeffrey era que um nome do hospital iria soar familiar. Sara nunca tinha mencionado qualquer um de Grant trabalhar com ela de volta naqueles dias, mas ele ainda precisava de perguntar a ela. Três chamadas para sua casa lhe tinha chegado o seu máquina. Ele sabia melhor do que deixar uma mensagem para ela ligar. O tom da voz dela na noite passada tinha sido o suficiente para convencê-lo de que ela provavelmente nunca falar com ele novamente.

Jeffrey puxou o Town Car para o parque de estacionamento estação. Ele precisava ir para casa para tomar banho e mudar, mas ele também teve que mostrar sua cara no trabalho. Sua viagem a Atlanta tinha levado mais tempo do que o planejado, e Jeffrey tinha perdido o briefing da manhã.

Frank Wallace estava saindo pela porta da frente como Jeffrey colocar o carro no parque. Frank jogou uma onda antes de caminhar ao redor do carro e entrar.

Frank disse: "O miúdo ausente."

"Lena?"

Frank deu um aceno de cabeça como Jeffrey colocar o carro em marcha.

Jeffrey perguntou: "O que aconteceu?"

"Seu tio Hank chamado na estação procurando por ela. Ele disse que o último que viu de que ela estava na cozinha logo depois que Matthews foi para o sul."

"Isso foi há dois dias", Jeffrey respondeu. "Como diabos isso aconteceu?"

"Eu deixei uma mensagem em sua secretária. Achei que ela estava mentindo baixa. Será que você não dá o seu tempo de folga?"

"Sim", respondeu Jeffrey, sentindo lavagem culpa sobre ele. "Hank é na casa dela?"

Frank deu outro aceno, deslizando sobre o cinto de segurança como Jeffrey empurrou o carro mais de oitenta anos. A tensão encheu o carro enquanto se dirigiam para a casa de Lena.

Quando chegaram lá, Hank Norton estava sentado na varanda da frente de espera.

Hank correu para o carro. "Sua cama não foi dormiram aqui," ele disse como uma saudação.

"Eu estava na casa de Nan Thomas. Nenhum de nós tinha ouvido falar dela. Assumimos que ela estava com você."

"Ela não era", disse Jeffrey, oferecendo o óbvio. Ele entrou na casa de Lena, a digitalização da sala da frente em busca de pistas. A casa tinha dois andares, como a maioria das casas na vizinhança. A cozinha, sala de jantar e sala de estar foram no nível principal com dois quartos e um banheiro no andar de cima.

Jeffrey levou dois degraus de cada vez, a perna protestando com o movimento. Ele entrou no que ele assumiu foi o quarto de Lena, à procura de qualquer coisa que possa fazer sentido de tudo isso. A dor quente era na parte de trás de seus olhos e tudo o que ele olhou tinha um tom de vermelho para ele. Passando por suas gavetas, roupas movendo-se em seu armário, ele não tinha idéia do que ele esperava encontrar. Ele não encontrou nada.

Lá embaixo na cozinha, Hank Norton estava falando com Frank, suas palavras um staccato quente de culpa e negação. "Ela deveria estar trabalhando com você", disse Hank. "Você é seu parceiro."

Jeffrey tem um breve flash de Lena na voz de seu tio. Ele estava com raiva, acusatório. Não era a mesma hostilidade subjacente ele sempre tinha ouvido falar no tom de Lena.

Jeffrey levou o calor fora de Frank, dizendo: "Eu dei-lhe tempo fora, Mr. Norton. Assumimos que ela estaria em casa."

"A menina funde a cabeça fora da direita sob a minha sobrinha e você simplesmente assumir que ela vai ficar bem?" ele assobiou. "Jesus Cristo, que é o fim da sua responsabilidade, dando-lhe o dia de folga?"

"Não foi isso que eu quis dizer, Sr. Norton."

"Pelo amor Foda-se, pare de me chamar Sr. Norton," ele gritou, jogando as mãos para o ar.

Jeffrey esperou que o homem a dizer mais, mas ele se virou de repente, saindo da cozinha. Ele bateu a porta atrás dele.

Frank falou devagar, visivelmente chateado. "Eu deveria ter verificado com ela."

"Eu deveria ter", disse Jeffrey. "Ela é minha responsabilidade."

"Ela é uma responsabilidade de todos", Frank respondeu. Ele começou a pesquisar na cozinha, abrindo e fechando gavetas, passando por gabinetes. Frank, obviamente, não estava realmente prestando atenção ao que estava fazendo. Ele bateu as portas do armário, mais para trabalhar fora sua raiva do que olhar para qualquer coisa de concreto. Jeffrey assistiu a

este por um tempo, em seguida, caminhou em direção à janela. Ele viu Celica preto de Lena na garagem.

Jeffrey disse: "Car ainda está aqui."

Frank bateu uma gaveta fechada. "Eu vi isso."

"Eu vou vê-la," Jeffrey oferecido. Ele saiu pela porta dos fundos, passando Hank Norton, que estava sentado nos degraus que conduzem para o quintal. Ele estava fumando um cigarro, seus movimentos desajeitados e com raiva.

Jeffrey perguntou-lhe: "Tem o carro esteve aqui o tempo todo você estava fora?"

"Como diabos eu saberia isso?" Norton estalou.

Jeffrey deixar este slide. Ele caminhou até o carro, observando o bloqueio caiu em ambas as portas. Os pneus do lado do passageiro parecia bem e o capô do carro estava frio como ele andou em torno dele.

"Chefe?" Frank chamado a partir da porta da cozinha. Hank Norton ficou como Jeffrey voltou para a casa.

"O que é isso?" Norton perguntou. "Você achou alguma coisa?"

Jeffrey voltou para a cozinha, detectar instantaneamente o que Frank tinha encontrado. A palavra cunt tinha sido esculpida na porta interior do armário sobre o fogão.

"Eu não dou a mínima sobre intimações", disse Jeffrey Mary Ann Lua como ele acelerou em direção à faculdade. Ele segurou o telefone em uma mão e dirigiu com a outra.

"Um dos meus detetives está faltando agora, e a única pista que eu tenho é esta lista." Ele respirou fundo, tentando se acalmar. "Eu tenho que ter acesso a esses registros de emprego."

Lua foi diplomático. "Chefe, temos que ir através do protocolo aqui. Isso não é Grant County. Nós pisar no pé de alguém e não é como nós podemos fazer bonito na próxima igreja social."

"Você sabe o que esses caras tem feito para as mulheres aqui?" ele perguntou. "Você está disposto a assumir a responsabilidade para o meu detective ser estuprada agora? Porque eu garanto a você que é o que está acontecendo com ela." Ele prendeu a respiração por um momento, tentando não deixar que se afundam imagem no.

Quando ela não respondeu, ele disse: "Alguém esculpida algo em um armário em sua cozinha." Ele fez uma pausa, deixando-a absorver isso. "Você quer dar um palpite sobre o que essa palavra é, Ms. Moon?"

Lua ficou em silêncio, pensando obviamente. "Eu provavelmente pode falar com uma menina que eu conheço nos registros ali. Doze anos é muito tempo. Eu não posso fazer garantias eles vão manter algo assim acessível. É provavelmente em microfilme no edifício registros do estado."

Ele deu-lhe seu número de telefone celular antes de desligar.

"Qual é o número do dormitório?" Frank perguntou como eles atravessou os portões da faculdade.

Jeffrey tirou seu bloco de notas, lançando de volta algumas páginas. "Doze", disse ele. "Ela está em Jefferson Hall."

O Town Car derrapou quando ele parou em frente ao dormitório. Jeffrey estava fora da porta e subir os degraus em um flash. Ele bateu com o punho na porta para o número doze, jogando-aberto quando não houve resposta.

"Oh, Jesus," Jenny Price disse, pegando uma folha para cobrir-se. Um menino Jeffrey nunca tinha visto antes pulou da cama, deslizando sobre as calças em um movimento praticado.

"Saia," Jeffrey disse ele, andando em direção ao lado de Julia Matthews da sala. Nada tinha

sido movido desde que ele tinha sido aqui última vez.

Jeffrey não imaginava os pais de Matthews sentia muito parecido passando por suas filhas mortas coisas.

Jenny prezo estava vestida, mais ousada do que tinha sido no dia anterior. "O que você está fazendo aqui?" Ela exigiu.

Jeffrey ignorou a pergunta, procurando através de roupas e livros.

Jenny repetiu a pergunta, desta vez para Frank.

"Assunto de polícia", ele murmurou do corredor.

Jeffrey virou o quarto de cabeça para baixo em segundos. Não havia muito para começar, e como com a busca antes, nada de novo apareceu. Ele parou, olhando ao redor da sala, tentando encontrar o que estava faltando. Ele estava voltando para procurar no armário novamente quando ele notou uma pilha de livros ao lado da porta. Uma fina camada de lama cobriu as espinhas. Eles não tinham estado lá pela primeira vez, Jeffrey tinha procurado o quarto. Ele teria se lembrado deles.

Ele perguntou: "O que é isso?"

Jenny seguiu seu olhar. "A polícia do campus trouxe os de", explicou ela. "Eles eram Julia."

Jeffrey cerrou o punho, querendo bater alguma coisa. "Eles trouxeram-los por aqui?" ele perguntou, perguntando por que ele foi surpreendido. força de segurança campus de Grant Tech foi composta de cachorros em sua maioria de meia-idade adjuntos que não tinham um cérebro entre eles.

A menina explicou: "Eles encontraram-los fora da biblioteca."

Jeffrey forçou suas mãos a descerrar, dobrando o joelho para examinar os livros. Ele pensou em colocar as luvas antes de lhes tocar, mas não era como se uma cadeia de custódia tinha sido mantida.

A Biologia Microbiana estava no topo da pilha, manchas de lama espalhadas ao longo da tampa frontal. Jeffrey pegou o livro, folheando as páginas. Na página vinte e três anos, ele encontrou o que estava procurando. A palavra CUNT foi impresso no marcador vermelho corajosa através da página.

"Oh meu Deus," Jenny respirou, mão à boca.

Jeffrey deixado Frank para selar fora da sala. Em vez de dirigir ao laboratório de ciências, onde Sibila trabalhou, ele correu em todo o campus, indo na direção oposta, ele tinha ido com Lena apenas alguns dias atrás. Mais uma vez, ele tomou as escadas de dois em dois; novamente, ele não se preocupou em esperar por uma resposta à sua batida do lado de fora do laboratório Sibyl Adams.

"Oh", disse Richard Carter, olhando para cima a partir de um notebook. "O que posso fazer para você?"

Jeffrey encostou a mão na mesa mais próxima, tentando recuperar o fôlego. "Houve alguma coisa", ele começou, "incomum do dia Sibyl Adams foi morto?"

Carters rosto assumiu uma expressão exasperada. Jeffrey queria bater-lo, mas ele se absteve. Carter disse em um tom hipócrita, "Eu te disse antes, não havia nada fora do comum. Ela está morta, chefe Tolliver, você não acha que eu iria falar algo incomum?"

"Talvez uma palavra foi escrito em alguma coisa", Jeffrey sugeriu, não querendo revelar muito. Foi incrível o que as pessoas pensavam que se lembrava se você perguntou-lhes o caminho certo. "Você viu algo escrito em um de seus cadernos? Talvez ela tinha algo que ela manteve por perto que alguém adulterado?"

O rosto de Carter caiu. Obviamente, ele se lembrou de algo. "Agora que você mencionou," ele começou, "pouco antes de sua aula mais cedo na segunda-feira, eu vi algo escrito no quadro-negro." Ele cruzou os braços sobre o peito grande. "As crianças pensam que é engraçado para puxar esses tipos de brincadeiras. Ela era cega, então ela não poderia realmente ver o que eles estavam fazendo."

"O que eles fizeram?"

"Bem, alguém, eu não sei quem, escreveu a palavra cunt na lousa."

"Esta foi a segunda de manhã?"

"Sim."

"Antes de morrer?"

Ele teve a decência de desviar o olhar antes de responder: "Sim."

Jeffrey olhou para o topo da cabeça de Richard por um momento, lutando contra o impulso de esmurrá-lo. Ele disse: "Se você tivesse me dito esta última segunda-feira, você percebe Julia Matthews poderia estar vivo?"

Richard Carter não tinha uma resposta para isso.

Jeffrey saiu, batendo a porta atrás dele. Ele estava fazendo o seu caminho descendo os degraus quando seu celular tocou. Ele respondeu ao primeiro toque. "Tolliver."

Mary Ann Lua foi direto ao ponto. "Eu estou no departamento de registros agora, olhando para a lista. É todo mundo que trabalhou no departamento de emergência do primeiro andar, por parte dos médicos para os curadores."

"Vá em frente", disse Jeffrey, fechando os olhos, bloqueando seu sotaque ianque como ela chamou o primeiro, meio e últimos nomes dos homens que haviam trabalhado com Sara. Levou um total de cinco minutos para lê-los todos. Após o último, Jeffrey ficou em silêncio.

Lua perguntou: "Alguém lá soa familiar?"

"Não", respondeu Jeffrey. "Fax da lista para o meu escritório, se você não se importa." Ele lhe deu o número, sentindo-se como se tivesse levado um soco no estômago. Sua mente conjurou a imagem de Lena outra vez, pregado numa cave, apavorada.

Lua solicitado, "Chefe?"

"Eu vou ter alguns dos meus caras cross-referenciá-lo com urnas de eleitores e o livro de telefone." Ele fez uma pausa, debatendo se deve ou não continuar. Finalmente, boa educação venceu. "Obrigado", disse ele. "Para olhar essa lista."

Lua não lhe deu seu costumeiro abrupta adeus. Ela disse: "Sinto muito os nomes não lembra alguma coisa."

"Sim", ele respondeu, consultando o relógio. "Escute, eu posso estar de volta em Atlanta, em cerca de quatro horas. Você acha que eu posso conseguir algum tempo a sós com Wright?" Houve outra hesitação, então, "Ele foi atacado esta manhã."

"O que?"

"Parece que os guardas do bloqueio não acho que ele merecia o seu próprio celular."

"Você prometeu mantê-lo longe da população em geral."

"Eu sei que", ela retrucou. "Não é como se eu posso controlar o que acontece quando ele volta para dentro. Você de todas as pessoas devem saber esses bons garotos operam por suas próprias regras."

Considerando o comportamento de Jeffrey ontem com Jack Wright, ele não estava em condições de se defender.

"Ele vai ficar de fora por um tempo," disse Moon. "Eles cortaram-lo muito ruim."

Ele murmurou uma maldição sob sua respiração. "Ele não dar-lhe qualquer coisa depois que eu saí?"

"Não."

"Ele está certo que é alguém que trabalhou no hospital?"

"Não, por uma questão de fato."

"É alguém que a viu no hospital", disse Jeffrey. "Quem iria vê-la no hospital sem trabalhar lá?"

Ele colocou a mão livre sobre os olhos, tentando pensar. "Você pode puxar arquivos de pacientes de lá?"

"Como cartas?" Ela parecia duvidosa. "Isso é provavelmente empurrando-o."

"Apenas nomes", disse ele. "Só nesse dia. Abril vinte e três."

"Eu sei o dia."

"Você pode?"

Ela obviamente tinha coberto o porta-voz no telefone, mas ele ainda podia ouvi-la falando com alguém. Depois de algumas batidas, ela estava de volta na linha. "Dê-me uma hora, hora e meia."

Jeffrey suprimiu o gemido que queria vir. Uma hora era uma vida. Em vez disso, ele disse, "Eu vou estar aqui."

Capítulo Vinte e sete

LENA ouviu uma porta aberta em algum lugar. Ela ficou lá no chão, esperando por ele, porque isso é tudo o que podia fazer. Quando Jeffrey tinha dito a ela Sibila estava morto, o foco principal da Lena tinha sido em descobrir que havia matado Sibila, em trazê-lo à justiça. Ela queria nada mais do que para encontrar o bastardo e enviá-lo para a cadeira. Esses pensamentos tinha tão obcecado ela desde o primeiro dia que ela não teve tempo para parar e sofrer. Nem um dia tinha sido gasto de luto pela perda de sua irmã. Nem uma hora tinha ido por onde ela tinha parado e tomado o tempo para refletir sobre sua perda.

Agora, preso nesta casa, preso ao chão, Lena não tinha escolha, mas para pensar sobre isso. Todo o seu tempo foi dedicada a memórias de Sibila. Mesmo quando ela foi drogada, uma esponja realizada sobre a boca, água de sabor amargo bater no fundo de sua garganta até que ela foi forçada a engolir, Lena lamentou Sibila. Havia dias na escola que eram tão real Lena podia sentir o grão do lápis que tinha na mão. Sentando-se com Sibila na parte de trás da sala de aula, ela podia sentir o cheiro da tinta da máquina idem. Havia passeios de carro e férias, imagens superiores e viagens de campo. Ela estava revivendo-los todos, Sibila ao seu lado, cada um deles como se ela realmente estava lá no momento.

A luz veio de novo quando ele entrou na sala. Seus olhos estavam tão dilatadas que ela não podia ver nada além de sombras, mas ele ainda usou a luz para bloquear sua visão. A dor era tão intensa que ela foi forçada a fechar os olhos. Por que ele fez isso, ela não podia adivinhar. Lena sabia que era seu captor. Mesmo que ela não tinha reconhecido a voz, as coisas que ele disse só poderia vir de farmacêutico da cidade.

Jeb sentou-se a seus pés, descansando a luz no chão. O quarto estava completamente escuro, exceto por esse pequeno raio de luz. Lena encontramos um pouco reconfortante para ser capaz de ver alguma coisa depois de estar na escuridão por tanto tempo.

Jeb perguntou: "Você está se sentindo melhor?"

"Sim", respondeu Lena, não se lembrar se ela se sentia pior antes. Ele estava injetando-la com algo que nunca) "quatro horas ou assim. Ela adivinhou da forma em que seus músculos relaxados logo após que era algum tipo de medicação para a dor. A droga era potente o suficiente para mantê-la de ferir, mas não o suficiente para derrotá-la. Ele só bateu-la durante a noite, em seguida, com o que ele estava colocando na água. Ele realizou uma esponja molhada sobre sua boca, forçando-a a engolir a água de sabor amargo. Ela orou a Deus não foi Belladonna ela estava ingerindo. Lena tinha visto Julia Matthews com seus próprios olhos. Ela sabia o quão letal a droga era. Além do mais, Lena duvidava Sara Linton seria em torno de salvá-la. Não que Lena tinha certeza se queria ser salvo. No fundo de sua mente, Lena estava chegando à conclusão de que a melhor coisa que poderia acontecer com ela era para ela morrer aqui.

"Eu tentei parar com isso gotejamento", disse Jeb, como se a pedir desculpas. "Eu não sei qual é o problema."

Lena lambeu os lábios, segurando a língua.

"Sara veio", disse ele. "Você sabe, ela realmente não tem idéia de quem eu sou."

Novamente, Lena estava em silêncio. Havia uma qualidade solitária em sua voz que ela não queria responder. Era como se ele queria conforto.

"Você quer saber o que eu fiz para a sua irmã?" ele perguntou.

"Sim", Lena respondidas antes que pudesse se conter.

"Ela teve uma dor de garganta," ele começou, tirando a camisa. Com o canto do olho, Lena observou-o enquanto ele continuava a se despir. Seu tom era casual, o mesmo que ele usou quando recomendar um remédio para tosse over-the-counter ou uma marca particular de vitaminas.

Ele disse: "Ela não gostava de tomar qualquer medicação, mesmo aspirina. Ela me perguntou se eu sabia de um bom remédio tosse à base de plantas." Ele estava completamente nu agora, e ele se aproximou de Lena. Ela tentou se afastar quando ele se deitou ao lado dela, mas foi inútil. Suas mãos e pés estavam firmemente preso ao chão. Os apoios secundários todos, mas a paralisou.

Jeb continuou, "Sara me disse que ela estaria indo para o jantar às duas. Eu sabia Sibila estaria lá. Eu costumava vê-la a pé por toda segunda-feira em seu caminho para almoçar. Ela era muito bonita, Lena. Mas não gosto você. Ela não tem o seu espírito. "

Lena estremeceu quando sua mão saiu para acariciar seu estômago. Seus dedos jogado levemente em sua pele, enviando um tremor de medo através de seu corpo.

Ele descansou a cabeça em seu ombro, observando sua mão enquanto ele falava. "Eu sabia que Sara estava indo para estar lá, que Sara poderia salvá-la, mas é claro que não é assim que funcionou, não é? Sara estava atrasado. Ela estava atrasada, e ela deixou sua irmã morrer."

O corpo de Lena tremia incontrolavelmente. Ele a mantinha drogado durante os ataques do passado, tornando-os um pouco suportável. Se ele a estuprou agora, como este, ela não sobreviveria. Lena lembrou as últimas palavras de Julia Matthews. Ela havia dito que Jeb fez amor com ela; que era o que tinha matado Julia. Lena sabia que se tornou suave, se ele era suave com ela, em vez de Savage, se ele a beijou e acariciou-a como um amante, ela nunca seria capaz de voltar a partir deste ponto. Não importa o que ele fez com ela, se ela viveu além do amanhã, se ela sobreviveu a esta provação, parte dela já estaria morto.

Jeb inclinou-se, traçando sua língua ao longo de seus abdômen, em seu umbigo. Ele deu uma risada satisfeita. "Você é tão doce, Lena," ele sussurrou, traçando sua língua até o mamilo. Ele

sugou o seio com cuidado, usando a palma da mão para atender o outro seio. Seu corpo foi pressionado no dela, e ela podia sentir a dureza dele contra sua perna.

A boca de Lena tremeu quando ela perguntou: "Diga-me sobre Sibila."

Ele usou seus dedos para apertar suavemente o mamilo. Em outra configuração, em circunstâncias diferentes, seria quase lúdica. Houve tom de um amante silencioso em sua voz que enviou uma onda de repulsa gritando-lhe a espinha.

Jeb disse: "Eu andei em torno da volta dos edifícios e se escondeu no banheiro. Eu sabia que o chá faria com que ela tem que usar o banheiro, então ..." Ele passou os dedos pelo seu estômago, parando logo acima de sua região pubiana. "Eu me tranquei no outro box.

Aconteceu muito rápido. Eu devia ter adivinhado que ela era virgem." Ele deu o tipo de suspiro de satisfação um cão daria depois de uma grande refeição. "Ela era tão quente e molhada quando eu estava dentro dela."

Lena estremeceu enquanto seu dedo sondou entre as pernas. Ele massageado ela, seus olhos fixos nos dela para ver sua reação. A estimulação direta causada seu corpo a reagir de maneiras contrárias ao terror que ela estava sentindo. Ele se inclinou, beijando o lado de seus seios. "Deus, você tem um corpo bonito", ele gemeu, segurando o dedo aos lábios, pressionando a boca aberta. Provou-se como ele deslizou seu dedo mais profundo; dentro e fora, dentro e fora.

Ele disse: "Julia foi muito também, mas não gosto de você." Ele colocou a mão entre as pernas dela, pressionando o dedo profundamente dentro dela. Ela sentiu-se sendo esticado como ele deslizou em outro dedo.

"Eu poderia dar-lhe alguma coisa", disse ele. "Algo para dilatar você. Eu poderia obter todo o meu punho dentro de você."

Um soluço encheu a sala: Lena. Ela nunca tinha ouvido tal sofrimento em sua vida. O som em si era mais assustador do que o que Jeb estava fazendo com ela. Todo o seu corpo se movia para cima e para baixo enquanto ele a fodia, as cadeias de suas restrições raking contra o chão, a parte de trás de sua cabeça esfregando contra a madeira dura.

Ele deslizou seus dedos para fora e deitou ao lado dela, seu corpo pressionado em seu lado. Ela podia sentir cada parte dele, dizer o quão animado isso o estava deixando. Havia um odor sexual no quarto que tornou difícil para ela respirar. Ele estava fazendo alguma coisa, ela não poderia dizer o quê.

Ele colocou seus lábios perto de sua orelha, sussurrando: "Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada vos fará dano algum. ' "

dentes de Lena começou a bater. Ela sentiu uma pitada na sua coxa e sabia que ele tinha lhe dado outra injeção.

" 'Por um breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias reunirei contigo.' "

"Por favor," Lena chorou, "por favor, não faça isso."

"Julia, Sara poderia salvar. Não sua irmã", disse Jeb. Ele sentou-se, cruzando as pernas novamente. Ele acariciou a si mesmo como ele falou, seu tom quase coloquial. "Eu não sei se ela vai ser capaz de salvá-lo, Lena. E você?"

Lena não podia olhar para longe dele. Mesmo quando ele pegou as calças do chão e tirou algo do bolso de trás, seus olhos ficaram na dele. Ele levantou um par de alicates em sua linha de visão. Eles eram grandes, cerca de dez polegadas de comprimento, eo aço inoxidável brilhava à luz.

"Eu tenho um almoço mais tarde", disse ele, "então eu tenho que correr para a cidade e cuidar

de alguns papéis. O sangramento deve ser interrompido até então. Eu misturado um composto de coagulação do sangue com o Percodan . Eu também adicionei um pouco algo para a náusea. vai doer um pouco. Eu não vou mentir para você. "

Lena rolou seu lado da cabeça para o outro, sem entender. Ela sentiu as drogas chutar. Seu corpo parecia que estava derretendo no chão.

"O sangue é um ótimo lubrificante. Você sabia disso?"

Lena prendeu a respiração, sem saber o que ia acontecer, mas percebendo o perigo. Seu pênis roçou seu peito enquanto ele montou seu corpo. Ele firmou a cabeça com uma mão forte, forçando a boca aberta, pressionando os dedos em sua mandíbula. Sua visão ficou turva, então dobrou como ele alcançou o alicate na boca.

Capítulo Vinte e oito

SARA puxado para trás no acelerador enquanto se aproximava da doca. Jeb já estava lá, tirando o colete salva-vidas laranja, parecendo tão bobo que ele tinha antes. Como Sara, ele estava usando um suéter pesado e um par de jeans. tempestade da noite passada tinha deixado cair a temperatura consideravelmente, e ela não podia imaginar por que alguém iria sair no lago hoje, a menos que absolutamente necessário.

"Deixe-me ajudá-lo", ele ofereceu, estendendo a mão para ela barco. Ele agarrou uma das linhas e caminhou ao longo da plataforma, puxar o barco em direção ao guincho.

"Só amarrá-lo aqui", disse Sara, saindo do barco. "Eu tenho que voltar para a casa dos meus pais mais tarde."

"Nada de errado, eu espero?"

"Não", respondeu Sara, amarrando a outra linha. Ela olhou para corda de Jeb, observando o nó girlele ele tinha usado looping-lo em torno do poste de amarração. O barco provavelmente estaria dentro solta de dez minutos, mas Sara não tinha o coração para dar-lhe uma lição-amarrar corda.

Ela enfiou a mão no barco, tirando dois sacos plásticos. "Eu tive que pedir emprestado meu carro irmãos para ir até a loja", explicou ela. "Meu carro ainda está apreendido."

"A partir de o-" Ele parou, olhando em algum lugar sobre o ombro de Sara.

"Sim", respondeu ela, caminhando ao longo do cais. "Você conseguiu sua calha fixa?"

Ele estava balançando a cabeça enquanto ele alcançou-a, levando os sacos. "Eu não sei qual é o problema."

"Você já pensou em colocar uma esponja ou algo na parte inferior do bico?" ela sugeriu.

"Talvez isso ajudar a amortecer o ruído".

"Isso é uma grande idéia", disse ele. Tinham chegado a casa, e ela abriu a porta traseira para ele.

Ele lhe deu um olhar preocupado enquanto colocava as malas no balcão ao lado de suas chaves do barco. "Você realmente deveria trancar a porta, Sara."

"Eu estava fora por alguns minutos."

"Eu sei", disse Jeb, definindo as malas no balcão da cozinha. "Mas, você nunca sabe. Especialmente com o que vem acontecendo ultimamente. Sabe, com essas meninas."

Sara suspirou. Ele tinha um ponto. Ela simplesmente não conseguia conciliar o que estava acontecendo na cidade com sua própria casa. Era como se Sara estava de alguma forma

protegida pelo velho "raio não cai duas vezes" regra. Claro, Jeb estava certo. Ela teria de ser mais cuidadoso.

Ela perguntou: "Como está o barco está fazendo?" enquanto caminhava para o atendedor de chamadas. A luz mensagem não estava piscando, mas um rolo através do identificador de chamadas mostrou que Jeffrey tinha chamado três vezes na última hora. Tudo o que ele queria dizer, Sara não estava escutando. Ela estava realmente pensando sobre parar no escritório do legista. Tinha que haver uma maneira melhor para obter Jeffrey fora de sua vida. Ela precisava se concentrar no presente, em vez de desejando para o passado. Verdade seja dita, o passado não foi tão grande como ela havia feito para fora para ser.

"Sara?" Jeb perguntou, segurando um copo de vinho.

"Oh." Sara pegou o copo, pensando que era um pouco mais cedo para ela estar bebendo álcool.

Jeb ergueu a taça. "Saúde."

"Cheers", Sara voltou, inclinação do vidro. Ela engasgou com o sabor. "Oh, Deus", ela disse, colocando a mão na boca. O sabor acentuado sentou-se em sua língua como um pano molhado.

"O que está errado?"

"Ugh," Sara gemeu, segurando a cabeça debaixo da torneira da cozinha. Ela lavou a boca várias vezes antes de voltar para Jeb. "Descobriu-se. O vinho virou."

Ele acenou com o vidro debaixo do seu nariz, franzindo a testa. "Tem cheiro de vinagre."

"Sim", ela disse, tomando um gole de água.

"Puxa, me desculpe. Eu acho que manteve um pouco longo demais."

O telefone tocou quando ela fechou a torneira. Sara deu um sorriso de desculpas para Jeb quando ela atravessou a sala, verificando o identificador de chamadas. Foi Jeffrey novamente. Ela não pegar o telefone.

"Esta é a Sara", disse a voz do atendedor de chamadas. Ela estava tentando lembrar qual botão apertar quando chegasse o bipe e Jeffrey.

"Sara", disse Jeffrey, "Eu estou recebendo registros de pacientes para passar por cima de Grady tão nós-"

Sara puxou o cabo de alimentação da parte de trás da máquina, corte Jeffrey off no meio da frase. Ela voltou para Jeb com o que esperava ser um sorriso de desculpas. "Desculpe", disse ela.

"Algo está errado?" ele perguntou. "Você não usou a trabalhar em Grady?"

"Em outra vida", ela respondeu, pegando o telefone fora do gancho. Ela ouviu o tom de discagem, em seguida, descansou o receptor sobre a mesa.

"Oh", disse Jeb.

Ela sorriu para o olhar de estranheza que ele lhe deu, lutando contra a vontade de cuspir o gosto na boca. Ela caminhou até o balcão e começou a desembalar as malas. "Eu tenho frios no supermercado em vez disso," ela ofereceu. "Rosbife, frango, peru, salada de batata." Ela parou no olhar que ele estava dando a ela. "O que?"

Ele balançou sua cabeça. "Você é tão bonita."

Sara sentiu-se corar com o elogio. "Obrigado", ela conseguiu, tirando um pedaço de pão. "Você quer maionese?"

Ele deu-lhe um aceno de cabeça, ainda sorrindo. Sua expressão era quase reverente. Ele estava deixando desconfortável.

Para interromper o momento, ela sugeriu: "Por que você não coloque uma música?" Seguindo suas instruções, ele virou-se para o aparelho de som. Sara terminou de fazer os sanduíches enquanto ele arrastou seu dedo por sua coleção de CDs.

Jeb disse, "Nós temos o mesmo gosto na música."

Sara conteve um "grande", como ela levou placas de fora do gabinete. Ela foi reduzir para metade os sanduíches quando a música começou a tocar. Era um velho CD Robert Palmer ela não tinha ouvido em idades.

"Sistema de som Grande", disse Jeb. "É que o som surround?"

"Sim", respondeu Sara. O sistema de alto-falante foi algo Jeffrey tinha instalado para que a música podia ser ouvida em toda a casa. Houve até um alto-falante no banheiro. Eles tinham tomado banhos à noite, por vezes, as velas em volta da banheira, algo jogar de forma dissimulada no aparelho de som.

"Sara?"

"Desculpe", disse ela, percebendo que ela tinha zoneada para fora.

Sara colocou as placas na mesa da cozinha, colocando-os em frente ao outro. Ela esperou por Jeb para voltar, em seguida, sentou-se, a perna dobrada debaixo dela. "Eu não ouvi isso em um longo tempo."

"É muito velho", disse ele, dando uma mordida em seu sanduíche. "Minha irmã costumava ouvir isso o tempo todo." Ele sorriu. "Sneakin 'Sally através do beco. Esse era o nome dela, Sally."

Sara lambeu um pouco de maionese fora de seu dedo, esperando o gosto iria mascarar o vinho. "Eu não sabia que você tinha uma irmã."

Ele sentou-se na cadeira, levando a carteira do bolso de trás. "Ela morreu há um tempo atrás", disse ele, folheando as fotos na frente. Ele deslizou uma foto de uma das mangas de plástico, segurando-a para Sara. "Apenas uma dessas coisas."

Sara pensou que era uma coisa estranha a dizer sobre a morte de sua irmã. Ainda assim, ela tirou a foto, que mostrava uma jovem com uma roupa cheerleading. Ela segurou seus pompons para fora de seus lados. Um sorriso estava em seu rosto. A menina parecia com Jeb. "Ela era muito bonita", disse Sara, entregando-lhe de volta a fotografia. "Quantos anos ela tinha?"

"Ela tinha acabado de completar treze anos," ele respondeu, olhando para a imagem para algumas batidas. Ele colocou em sua capa de plástico, em seguida, enfiou a carteira no bolso de trás. "Ela era um bebê surpresa para meus pais. Eu tinha quinze anos quando ela nasceu. Meu pai tinha acabado de sua primeira igreja."

"Ele era um ministro?" Sara perguntou, imaginando como ela poderia ter datado Jeb antes e não sabem disso. Ela poderia ter jurado que ele já tinha dito a ela que seu pai era um electricista. "Ele era um pregador batista," Jeb esclarecida. "Ele era um firme crente no poder do Senhor para curar o que aflige você. Estou feliz que ele teve a sua fé para atravessar, mas ..." Jeb deu de ombros. "Algumas coisas que você simplesmente não pode deixar de ir. Algumas coisas que você não pode esquecer."

"Sinto muito por sua perda", Sara respondeu, sabendo o que ele queria dizer sobre não ser capaz de deixar ir. Ela olhou para seu sanduíche, pensando que provavelmente não era apropriado para tomar uma mordida neste momento. Seu estômago roncou para estimular o seu, mas ela ignorou.

"Foi há muito tempo," Jeb finalmente respondeu. "Eu estava pensando sobre ela hoje, com tudo o que está acontecendo."

Sara não sabia o que dizer. Ela estava cansada de morte. Ela não queria confortá-lo. Esta data

tinha sido feito para tomar sua mente fora o que tinha acontecido ultimamente, não lembrá-la disso.

Ela se levantou da mesa, oferecendo, "Você quer alguma coisa para beber?" Sara foi até a geladeira enquanto ela falava. "Eu tenho Cokes, alguns Kool-Aid, suco de laranja." Ela abriu a porta e o som de sucção a lembrou de algo. Ela simplesmente não poderia colocar o dedo sobre ele. De repente, ele bateu nela. Borracha decapagem nas portas para o ER no Grady tinha feito exatamente o ruído mesma sucção quando abriram. Ela nunca tinha feito a conexão antes, mas lá estava ele.

Jeb disse, "bem da Coca-Cola."

Sara colocou a mão no frigorífico, baralhar ao redor para os refrigerantes. Ela parou, a mão pousada sobre a lata vermelha de marca. Ela sentiu uma sensação de cabeça leve, como se ela tivesse muito ar em seus pulmões. Ela fechou os olhos, tentando manter seu senso de equilíbrio. Sara estava de volta ao ER. As portas se abriram com esse som de sucção. Uma jovem foi levado em uma maca. Estatísticas foram chamados pela EMT, IVs foram iniciados, a menina foi intubado. Ela estava em choque, seus alunos soprado, com o corpo quente ao toque. Sua temperatura foi chamado para fora, cento e três. A pressão arterial foi através do telhado. Ela estava sangrando profusamente por entre as pernas.

Sara correu o caso, tentando parar o sangramento. A menina começou a convulsionar, empurrando os IVs, chutando sobre a bandeja de fornecimento a seus pés. Sara se inclinou sobre ela, tentando parar a menina de fazer mais danos. A apreensão parou abruptamente, e Sara pensou que ela poderia ter morrido. Seu pulso era forte. Seus reflexos eram fracos, mas se registrar.

Um exame pélvico revelou a menina tinha recentemente teve um aborto, mas não aquele que tinha sido dado por um médico qualificado. Seu útero era uma bagunça, as paredes da vagina raspada e desfiado. Sara reparou o que pôde, mas o estrago estava feito. Qualquer que seja a cura que ela iria fazer foi deixada para a menina.

Sara foi para seu carro para mudar sua camisa antes de falar com os pais da menina. Ela encontrou-os na área de espera e disse-lhes o prognóstico. Ela usou as frases corretas, como "optimismo prudente" e "crítico, mas estável". Só a menina não fazê-lo através dos próximos três horas. Ela teve outro ataque efetivamente fritar seu cérebro.

Nesse ponto de sua carreira, a menina de treze anos de idade, foi o paciente mais jovem Sara já tinha perdido. Os outros pacientes que tinham morrido sob os cuidados de Sara tinha sido mais velho, ou mais doente, e foi triste de perdê-los, mas suas mortes não tivesse sido tão inesperado. Sara ficou chocado com a tragédia como ela fez seu caminho em direção a sala de espera. Os pais da menina parecia tão chocado. Eles não tinham idéia sua filha estava grávida. Para seu conhecimento, ela nunca tinha tido um namorado. Eles não podiam entender como sua filha poderia estar grávida, e muito menos morto.

"Meu bebê", a espuma sussurrou. Ele repetiu a frase várias vezes, sua voz calma, com tristeza. "Ela era o meu bebê."

"Você deve estar errado", disse a mãe. Remexendo em sua bolsa, tirou uma carteira. Antes de Sara pudesse impedi-la, uma fotografia foi encontrado-a foto da escola da menina em um uniforme cheerleading Sara não queria olhar para a imagem, mas não houve consolar a mulher até que ela fez. Sara olhou para baixo rapidamente, em seguida, olhou uma segunda vez, mais cuidadoso. A fotografia mostrava uma jovem com uma roupa cheerleading. Ela segurou seus pompons para fora de seus lados. Um sorriso estava em seu rosto. A expressão era um nítido

contraste com o da menina sem vida deitado na maca, à espera de ser transferido para o necrotério.

O pai estendeu a mão, tomando as mãos de Sara. Ele inclinou a cabeça para baixo e murmurou uma oração que pareceu durar um longo tempo, pedindo perdão, reafirmando sua crença na Cod. Sara era de modo algum uma pessoa religiosa, mas havia algo sobre a sua oração que a moveu. Para ser capaz de encontrar tais conforto em face de uma perda tão horrível foi incrível para ela.

Depois da oração, Sara tinha ido até o carro para recolher seus pensamentos, para talvez ter uma unidade em torno do bloco e trabalhar sua mente em torno desta morte trágica, desnecessário. Foi quando ela tinha encontrado o dano feito a seu carro. Foi quando ela tinha ido de volta para a casa de banho. Foi quando Jack Allen Wright tinha violado.

A imagem Jeb tinha acabado mostrado a ela era a mesma imagem que tinha visto há doze anos na sala de espera.

"Sara?"

A música mudou no aparelho de som. Sara sentiu seu estômago cair como as palavras "Hey, hey, Julia" vieram de alto-falantes.

"Algo errado?" Jeb perguntou, em seguida, citou as palavras da canção. " 'Você está agindo de modo peculiar.' "

Sara ficou de pé, segurando uma lata quando ela fechou a geladeira. "Esta é a última Coca-Cola", ela disse, afixando em direção a porta da garagem. "Eu tenho um pouco de fora."

"Está bem." Ele encolheu os ombros. "Eu estou bem apenas com água." Ele tinha colocado seu sanduíche para baixo e estava olhando para ela.

Sara apareceu no topo da Coca-Cola. Suas mãos tremiam um pouco, mas ela não acha que Jeb notado. Ela trouxe a lata à boca, bebendo o suficiente para deixar um pouco do derramamento de Coke na sua camisola.

"Oh," ela disse, tentando agir surpreso. "Deixe-me ir mudar. Eu já volto."

Sara devolveu o sorriso que ele lhe deu, os lábios tremendo como ela fez isso. Obrigou-se a mover-se, andando pelo corredor lentamente de modo a não dar o alarme. Dentro de seu quarto, ela pegou o telefone, olhando para o banco de janelas, surpreso ao ver a luz do sol derramar dentro. Era tão incongruente com o terror que ela sentia. Sara discou o número de Jeffrey, mas não havia sinais sonoros correspondentes quando ela apertou os botões. Ela olhou para o telefone, desejando que ele funcione.

"Você levou fora do gancho", disse Jeb. "Lembrar?"

Sara pulou da cama. "Eu só estava ligando para o meu pai. Ele está vindo por em poucos minutos."

Jeb estava na porta, encostado à ombreira. "Eu pensei que você disse que estava passando por sua casa mais tarde."

"É isso mesmo", Sara respondeu, recuando em direção ao outro lado da sala. Este colocar a cama entre eles, mas Sara foi preso, de costas para a janela. "Ele está vindo para me pegar."

"Você acha?" Jeb perguntou. Ele estava sorrindo da mesma maneira que sempre fazia, um meio sorriso torto que você encontraria em uma criança. Havia algo tão casual sobre ele, algo tão ameaçadora, que Sara se perguntou por meio segundo se tivesse chegado à conclusão errada. Um palhaço olhar para sua mão agarrou-la do contrário. Ele estava segurando uma faca longa desossa ao seu lado.

"O que deu e foi embora?" ele perguntou. "O vinagre, não foi? Eu tinha um urso de um tempo

recebendo-o no meio da cortiça. Graças a Deus por seringas cardíacos."

Sara colocou a mão atrás dela, sentindo o vidro frio da janela, sob a palma da mão. "Você deixou-os para mim", ela disse, passando os últimos dias em sua mente. Jeb tinha sabido sobre seu almoço com Tessa. Jeb sabia que ela estava no hospital na noite Jeffrey foi baleado. "É por isso que Sibila estava no banheiro. É por isso que Julia estava no meu carro. Você me queria salvá-los."

Ele sorriu, acenando com a cabeça lentamente. Havia uma tristeza em torno de seus olhos, como se ele lamentou que o jogo tinha acabado. "Eu queria dar-lhe essa oportunidade."

"É por isso que você me mostrou a foto dela?" ela perguntou. "Para ver se eu me lembro dela?"

"Estou surpreso que você fez."

"Por quê?" Sara perguntou. "Você acha que eu poderia esquecer algo assim? Ela era um bebê."

Ele encolheu os ombros.

"Você fez isso com ela?" Sara perguntou, recordando a brutalidade do aborto casa. Derrick Lange, seu supervisor, tinha adivinhado um cabide tinha sido usado.

Ela disse: "Foi você quem fez isso?"

"Como você sabia?" Jeb perguntou, uma vantagem defensiva para seu tom. "Será que ela te disse?"

Havia algo mais ao que ele estava dizendo, um segredo mais sinistro por trás de suas palavras. Quando Sara falou, ela sabia a resposta antes mesmo de terminar a frase. Tendo em conta o que tinha visto Jeb era capaz, faz todo o sentido.

Ela perguntou: "Você estuprou sua irmã, não é?"

"Eu amei a minha irmã", ele respondeu, o tom defensivo ainda está lá.

"Ela era apenas uma criança."

"Ela veio até mim", disse ele, como se isso fosse algum tipo de desculpa. "Ela queria estar comigo."

"Ela tinha treze anos de idade."

"Se um homem tomar a sua irmã, filha de seu pai, e vir a nudez dela, e ela ver sua nudez, é uma coisa má." "Seu sorriso parecia dizer que ele estava satisfeito consigo mesmo. "Apenas me chame de mau."

"Ela era sua irmã."

"Somos todos filhos de Deus, não somos? Nós compartilhamos os mesmos pais."

"Você pode citar um verso para justificar estupro? Você pode citar um verso para justificar assassinato?"

"A coisa boa sobre a Bíblia, Sara, é que é aberto à interpretação. Deus nos dá sinais, oportunidades, e nós segui-las ou nós não. Nós podemos escolher o que nos acontece dessa forma. Nós não gostamos para pensar sobre isso, mas nós somos os capitães de nossos próprios destinos. Nós tomar as decisões que dirigem o curso de nossas vidas ". Ele olhou para ela, sem falar de algumas batidas. "Eu teria pensado que você aprendeu essa lição há doze anos."

Sara sentiu o deslocamento da terra sob seus pés como um pensamento veio a ela. "Foi você? No banheiro?"

"Senhor, não", disse Jeb, acenando isto. "Isso foi Jack Wright. Ele chegou antes de mim, eu acho. Deu-me uma boa idéia, no entanto." Jeb encostou-se ao batente da porta, o mesmo

sorriso satisfeito torcendo seus lábios. "Nós dois somos homens de fé, que você vê. Nós dois deixar o Espírito guiar-nos."

"A única coisa que ambos são é animais."

"Eu acho que devo-lhe para trazer-nos juntos", disse Jeb. "O que ele fez para você tem servido como exemplo para mim, Sara. Quero agradecer-lhe por isso. Em nome das muitas mulheres que têm vindo desde então, e eu quero dizer vêm no sentido bíblico, eu oferecer um sincero obrigado."

"Oh, Deus", Sara respirou, colocando a mão sobre a boca. Ela tinha visto o que ele tinha feito para sua irmã, a Sibila Adams, e Julia Matthews. Para pensar que este tinha tudo começou quando Jack Wright tinha atacado feita por sua vez, o estômago de Sara. "Você monstro", ela assobiou. "Você assassino."

Ele se endireitou, sua expressão mudou de repente pela raiva. Jeb deixou de ser um farmacêutico calmo, despretensioso para o homem que estuprou e matou pelo menos duas mulheres. A raiva irradiava de sua postura. "Você deixá-la morrer. Você a matou."

"Ela estava morta antes que ela chegasse para mim", Sara respondeu, tentando manter a voz firme. "Ela perdeu muito sangue."

"Isso não é verdade."

"Você não me livrar de tudo", disse ela. "Ela estava podre por dentro."

"Você está mentindo."

Sara balançou a cabeça. Ela moveu a mão atrás dela, procurando a fechadura da janela.

"Você a matou."

"Isso não é verdade", repetiu ele, embora ela poderia dizer a partir da mudança em sua voz que parte dele acreditava nela.

Sara encontrou a fechadura, tentou torcê-lo aberto. Ele não se moveu. "Sibila morreu por causa de você, também."

"Ela estava bem quando a deixei."

"Ela teve um ataque cardíaco", Sara disse a ele, pressionando contra o bloqueio. "Ela morreu de uma overdose. Ela teve uma convulsão, assim como sua irmã."

Sua voz era assustadoramente alto no quarto, eo vidro atrás Sara balançou quando ele gritou: "Isso não é verdade."

Sara deu-se sobre o bloqueio quando ele deu um passo na direção dela. Ele ainda segurava a faca ao seu lado, mas a ameaça estava lá. "Eu me pergunto se sua boceta ainda é tão doce como o foi para Jack", ele murmurou. "Lembro-me sentado através de seu julgamento, ouvindo os detalhes. Eu queria tomar notas, mas eu achei após o primeiro dia que eu não precisava." Ele enfiou a mão no bolso de trás, tirando um par de algemas. "Você ainda tem aquela chave que deixei para você?"

Ela parou com as suas palavras. "Eu não vou passar por isso novamente", disse ela com convicção. "Você vai ter que me matar primeiro."

Ele olhou para o chão, os ombros relaxados. Ela sentiu um breve momento de alívio até que ele olhou de volta para ela. Havia um sorriso em seus lábios quando ele disse: "O que faz você acha que é importante para mim se você está morto ou não?"

"Você vai cortar um buraco na minha barriga?"

Ele estava tão chocado que ele deixou cair as algemas no chão. "O que?" ele sussurrou.

"Você não sodomizar-la."

Ela podia ver uma gota de suor rolo para o lado de sua cabeça enquanto ele perguntou:

"Quem?"

"Sibila", Sara fornecido. "De que outra forma poderia cagar chegar dentro de sua vagina?"

"Isso é nojento."

"É isso?" Sara perguntou. "Você quis mordê-la enquanto você fodeu o buraco em sua barriga?"

Ele balançou a cabeça com veemência lado a lado. "Eu não fiz isso."

"Suas marcas de dentes estão em seu ombro, Jeb."

"Eles não são."

"Eu os vi", Sara respondeu. "Eu vi tudo o que você fez para eles. Eu vi como você fere todos eles."

"Eles não estavam sofrendo", insistiu. "Eles não doeu nada."

Sara caminhou em sua direção até que ela estava em pé com os joelhos contra a cama. Ele estava do outro lado, olhando para ela, com um olhar ferido no rosto. "Eles sofreram, Jeb. Ambos sofreram, assim como sua irmã. Assim como Sally."

"Eu nunca prejudicá-los assim", ele sussurrou. "Eu nunca feri-los. Você é o único que deixá-los morrer."

"Você estuprou uma criança de treze anos de idade, uma mulher cega, e um emocionalmente instável vinte e dois anos de idade. É isso que você fica fora, Jeb? Atacar mulheres indefesas? Controlá-los?"

Sua mandíbula apertada. "Você só vai tornar mais difícil para si mesmo."

"Foda-se, seu bastardo doente."

"Não", disse ele. "Vai ser o contrário."

"Vamos," Sara provocou, cerrando os punhos. "Eu desafio você a tentar."

Jeb se lançou em direção a ela, mas Sara já estava em movimento. Ela passou toda a força em direção a janela de imagem, colocando sua cabeça como ela quebrou o vidro. Dor inundou seus sentidos, cacos de corte de vidro em seu corpo. Ela caiu no quintal, dobrando como ela rolou alguns pés, descendo a colina.

Sara levantou-se rapidamente, sem olhar por cima do ombro enquanto corria em direção ao lago. Seu braço foi cortado em todo o bíceps e um corte estava em sua testa, mas estes eram a menor das suas preocupações. No momento em que ela chegou ao cais, Jeb estava logo atrás dela. Ela mergulhou na água fria, sem pensar, nadando sob a água até que ela já não podia respirar. Finalmente, ela veio à tona dez jardas da doca. Sara viu Jeb salto em seu barco, tarde demais lembrar que ela tinha deixado a chave na ignição.

Sara mergulhou sob a água, empurrando-se, nadando até onde ela podia antes tona. Quando olhou para trás ao redor, ela podia ver o barco vindo em sua direção. Ela mergulhou, tocando o fundo do lago como o barco acelerou sobre ela. Sara virou-se debaixo d'água, indo em direção ao campo de rocha que reveste o outro lado do lago. A área havia mais de vinte pés de distância, mas Sara sentia os braços cansativo enquanto nadava. A frieza da água a atingiu como um tapa na cara, e ela percebeu que a baixa temperatura iria atrasar-la.

Ela veio à tona, olhando em volta para o barco. Mais uma vez, Jeb entrou em sua plena aceleração. Novamente, ela abaixou-se sob a água. Ela veio bem a tempo de ver o barco deslizando em direção às rochas submersas. O nariz do barco bateu a primeira cabeça-on, surgindo, virando o barco. Sara observou como Jeb foi jogado do barco. Ele voou pelo ar, espirrando na água. Suas mãos agarradas impotente enquanto ele tentava manter-se de um afogamento. Boca aberta, olhos arregalados de terror, ele se debateu quando ele foi puxado para baixo abaixo da superfície. Ela esperou, prendendo a respiração, mas ele não voltar para

cima.

Jeb havia sido jogado sobre 10 pés do barco, longe do campo rock. Sara sabia que a única maneira que ela iria fazê-lo para a margem foi de nadar através das rochas. Ela podia pisar a água por apenas assim por muito tempo antes que o frio a envolveu. A distância para a doca era muito grande. Ela nunca faria isso. O caminho mais seguro para a costa levaria Sara passado, o barco virado.

O que ela realmente queria fazer era ficar onde estava, mas Sara sabia que a água fria foi atraindo-a para um sentimento de complacência. A temperatura do lago não estava para baixo a congelação, mas foi frio o suficiente para trazer em hipotermia moderada se ela ficasse em muito tempo.

Ela nadou um rastreamento lento para conservar o calor do corpo, a cabeça apenas acima da água quando ela fez seu caminho através do campo. Sua respiração era uma nuvem na frente dela, mas ela tentou pensar em algo quente; sentado na frente de um incêndio, assar marshmallows. A banheira de hidromassagem no YMCA. A sala de vapor. A colcha quente em sua cama.

Alterando seu curso, ela deu a volta ao outro lado do barco, longe de onde Jeb tinha ido para baixo. Ela tinha visto muitos filmes. Ela estava apavorada que ele viria do fundo, agarrando sua perna, puxando-a para baixo. Quando ela passou o barco, ela podia ver um grande buraco na frente, onde a rocha tinha rasgado através do arco. Ele foi derrubado, o de barriga para cima para o céu. Jeb estava do outro lado, segurando-se o arco rasgado. Seus lábios eram azul escuro, um grande contraste contra o seu rosto branco. Ele estava tremendo incontrolavelmente, sua respiração saindo em baforadas nítidas de branco. Ele vinha lutando, desperdiçando sua energia tentando manter sua cabeça acima da água. O frio foi, provavelmente, baixando a temperatura interna a cada minuto que passa.

Sara manteve natação, movendo-se mais lentamente. A respiração de Jeb e suas mãos empurrando através da água eram os únicos sons no lago ainda.

"Eu c-c-can not swim", disse ele.

"Isso é muito ruim", Sara respondeu, seu apertado voz em sua garganta. Ela sentiu como se ela estava circulando um animal ferido, mas perigoso.

"Você não pode me deixar aqui," ele conseguiu em torno batendo os dentes.

Ela começou a sidestroke, girando na água de modo a não colocar de costas para ele. "Sim eu posso."

"Você é um médico."

"Sim, eu sou", disse ela, continuando a afastar-se dele.

"Você nunca encontrará Lena."

Sara sentiu uma queda de peso sobre ela. Ela treaded água, mantendo os olhos no Jeb. "E quanto a Lena?"

"I't-t-a levou", disse ele. "Ela é um lugar seguro."

"Eu não acredito em você."

Ele deu o que ela assumiu era um encolher de ombros.

"Onde está em algum lugar seguro?" Sara perguntou. "O que você fez com ela?"

"Deixei-a para você, Sara," ele disse, sua voz presa quando seu corpo começou a tremer. A partir dos recessos de sua mente, Sara lembrou que a segunda fase de hipotermia foi marcado por tremores incontroláveis e pensamento irracional.

Ele disse: "Eu a deixei em algum lugar."

Sara se moveu um pouco mais perto, não confiar nele. "Onde você deixá-la?"

"Você n-n-necessidade de salvá-la", ele murmurou, fechando os olhos. Seu rosto mergulhado para baixo, a boca caindo abaixo da linha de água. Ele bufou como a água subiu o nariz, o controle sobre o aperto barco. Houve um estalo quando o barco se moveu contra a rocha. Sara sentiu uma súbita onda de calor através de seu corpo. "Onde ela está, Jeb?" Quando ele não respondeu, ela lhe disse: "Você pode morrer aqui. O frio o suficiente água. Seu coração vai desacelerar até parar. Eu te daria vinte minutos, no máximo", disse ela, sabendo que seria como mais algumas horas. "Eu vou deixar você morrer", Sara avisado, para nunca mais certeza de nada em sua vida. "Diga-me onde ela está."

"Eu vou te dizer em th-th-costa", ele murmurou.

"Diga-me agora", disse ela. "Eu sei que você não iria deixá-la de um lugar para morrer sozinho."

"Eu não faria isso", disse ele, uma centelha de compreensão em seus olhos. "Eu não iria deixá-la sozinha, Sara. Eu não iria deixá-la morrer sozinha."

Sara moveu seus braços para o lado dela, tentando manter seu corpo em movimento, para que ela não iria congelar. "Onde ela está, Jeb?"

Ele balançou tão difícil o barco estremeceu na água, o envio de pequenas esteiras para Sara. Ele sussurrou: "Você precisa salvá-la, Sara. Você precisa salvá-la."

"Diga-me ou eu vou deixar você morrer, Jeb, eu juro por Deus, eu vou deixar você se afogar aqui fora."

Seus olhos pareciam nuvem e um ligeiro sorriso surgiu em seus lábios azuis. Ele sussurrou: "Está consumado", quando sua cabeça caiu novamente, mas desta vez ele não pará-lo. Sara viu quando ele deixar de ir ao barco, a cabeça escorregando debaixo de água.

"Não", Sara gritou, se lançando em direção a ele. Ela agarrou a parte de trás de sua camisa, tentando puxá-lo para cima. Instintivamente, ele começou a lutar com ela, puxando-a para baixo em vez de deixá-la puxá-lo para cima. Eles lutaram Desta forma, Jeb agarrando as calças, suéter dela, tentando usá-la como uma escada para subir de volta para o ar. Suas unhas arrecadou em toda a corte em seu braço, e Sara reflexivamente se afastou. Jeb foi empurrado de volta dela, as pontas de seus dedos roçando a frente de sua camisola enquanto ele tentava encontrar compra.

Sara foi puxado para baixo quando ele subiu. Houve um baque sólido como sua cabeça bateu contra o barco. Sua boca aberta em surpresa, então ele escorregou silenciosamente de volta sob a água. Atrás dele, uma raia de sangue vermelho brilhante marcou a proa do barco. Sara tentou ignorar a pressão em seus pulmões quando ela chegou para ele, tentando puxá-lo de volta. Não havia luz solar apenas o suficiente para que ela vê-lo afundar até o fundo. Sua boca estava aberta, com as mãos esticadas para ela.

Ela veio à tona, com falta de ar e, em seguida abaixou a cabeça para trás debaixo d'água. Ela fez isso várias vezes, em busca de Jeb. Quando ela finalmente encontrou, ele estava descansando contra uma grande rocha, seus braços estendidos na frente dele, com os olhos abertos, enquanto olhava para ela. Sara colocou a mão em seu pulso, verificação para ver se ele estava vivo. Ela subiu para o ar, a água pisando, com os braços para o lado. Seus dentes estavam batendo, mas ela contou em voz alta.

"Um e um mil", ela disse com os dentes clicando. "Two-mil." Sara continuou contando, furiosamente pisando na água. Ela se lembrou de jogos antigos de Marco Polo, onde ela ou Tessa iria pisar a água, os olhos fechados, como contou o número necessário antes de

procurar um ao outro.

Aos cinquenta anos, ela respirou fundo, em seguida, mergulhou de volta para baixo. Jeb ainda estava lá, a cabeça para trás. Ela fechou os olhos, em seguida, pegou-o debaixo de seus braços. Na superfície, ela torto seu braço em volta do pescoço, usando seu outro braço a nadar. Segurando-o desta forma, ela começou em direção à costa.

Depois do que pareceram horas, mas foi apenas um minuto, no máximo, Sara parou, pisando na água para que ela pudesse recuperar o fôlego. A costa parecia mais longe do que tinha antes. Suas pernas se sentem desconectadas de seu corpo, mesmo quando ela quis-los para trilhar água. Jeb era literalmente de peso morto, puxando-a para baixo. A cabeça mergulhada logo abaixo da superfície, mas ela se conteve, tossindo para fora do lago, tentando limpar sua mente. Estava tão frio, e ela se sentiu tão sonolento. Ela piscou os olhos, tentando não mantê-los fechados por muito tempo. Um pequeno período de descanso seria bom. Ela iria descansar aqui, em seguida, arrastá-lo de volta para a costa.

Sara inclinou a cabeça para trás, tentando flutuar em suas costas. Jeb tornaram isso impossível, e novamente ela começou a mergulhar abaixo da água. Ela teria que deixar Jeb ir. Sara percebeu isso. Ela simplesmente não podia forçar-se a fazê-lo. Mesmo que o peso de seu corpo começou a puxá-la para baixo novamente, Sara não podia deixar ir.

Uma mão agarrou-a, em seguida, um braço estava em volta da cintura. Sara estava muito fraco para lutar, seu cérebro também congelada para fazer sentido do que estava acontecendo. Por uma fração de segundo, ela pensou que era Jeb, mas a força puxando-a para a superfície era muito forte. Seu aperto em torno de Jeb soltou, e ela abriu os olhos, observando seu corpo flutuar de volta para o fundo do lago.

Sua cabeça rompeu a superfície e sua boca abertos quando ela engasgou para o ar. Seus pulmões doía a cada respiração, o nariz correu. Sara começou a tossir o tipo de tosse wracking que poderia parar o coração. Água saiu de sua boca, em seguida, bile, como ela se engasgou com o ar fresco. Ela sentiu alguém bater em suas costas, batendo a água para fora dela. A cabeça inclinada para baixo na água novamente, mas ela foi puxada para trás pelos cabelos.

"Sara", disse Jeffrey, com uma mão em torno de sua mandíbula, o outro segurando-a pelo braço. "Olhe para mim", ele perguntou. "Sara".

Seu corpo ficou mole, e ela estava consciente do fato de que Jeffrey estava puxando-a de volta para a costa. Seu braço estava ligado através de seu corpo, sob os braços, como ele fez uma costas de uma mão estranha.

Sara colocou as mãos sobre o braço Jeffreys, apoiou a cabeça contra o peito, e deixá-lo levá-la para casa.

Capítulo Vinte e nove

LENA queria Jeb. Ela queria que ele tirar a dor dela. Ela queria que ele mandá-la de volta para o lugar onde Sibila e seus pais eram. Ela queria estar com sua família. Ela não se importava com o preço que ela tinha de pagar; ela queria estar com eles.

O sangue escorria do fundo de sua garganta em um fluxo constante, fazendo-a tossir ocasionalmente. Ele estava certo sobre a dor latejante em sua boca, mas o Percodan tornou suportável. Ela confiava Jeb que o sangramento parasse em breve. Ela sabia que ele não tinha terminado com ela ainda. Ele não iria deixá-la sufocar até a morte em seu próprio sangue

depois de todos os problemas que ele tinha passado por mantê-la aqui. Lena sabia que tinha algo mais espetacular em mente para ela.

Quando sua mente vagava, imaginou-se sendo deixado em frente da casa de Nan Thomas. Por alguma razão, isso a agradou. Hank iria ver o que tinha sido feito para Lena. Ele saberia o que tinha sido feito para Sibila. Ele veria o que Sibila não tinha sido capaz de ver. Parecia montagem.

Um ruído familiarizado veio do andar de baixo, passos no chão de madeira dura. Os passos eram abafados enquanto caminhava pelo tapete. Lena Assumida este foi na sala de estar. Ela não sabia o layout da casa, mas, ouvindo os ruídos distintos, fazendo a ligação entre as torneiras ocas dos seus sapatos no chão enquanto caminhava ao redor da casa e do ruído surdo quando ele tirou os sapatos para vir ver ela, ela poderia geralmente dizer onde ele estava.

Só que, desta vez parecia haver um segundo conjunto de passos.

"Lena?" Ela mal poderia fazer a sua voz, mas sabia instintivamente que era Jeffrey Tolliver. Por apenas um segundo, ela se perguntou o que ele estava fazendo ali.

Sua boca se abriu, mas ela não disse nada. Ela estava lá em cima no sótão. Talvez ele não pensaria em olhar aqui. Talvez ele iria deixá-la sozinha. Ela poderia morrer aqui e ninguém jamais saberia que tinha sido feito para ela.

"Lena?" outra voz chamado. Foi Sara Linton.

Sua boca ainda estava aberta, mas ela não podia falar.

Para que pareceram horas, eles caminharam ao redor lá em baixo. Ela ouviu os arranhões pesados e bangs como mobiliário foi movido ao redor, armários procurou. Os sons abafados de suas vozes soou como uma harmonia desarticulada aos seus ouvidos. Ela realmente sorriu, pensando que parecia que eles estavam batendo painéis e frigideiras juntos. Não era como Jeb poderia ter escondeu-a na cozinha.

Esse pensamento lhe pareceu engraçado. Ela começou a rir, uma reação incontrollável que sacudiu seu peito, fazendo-a tossir. Logo, ela estava rindo tanto que as lágrimas vieram aos olhos. Então, ela estava chorando, seu peito apertando com dor como sua mente deixá-la ver tudo o que tinha acontecido com ela na semana passada. Ela viu Sibila na laje na morgue. Ela viu Hank luto pela perda de sua sobrinha. Ela viu Nan Thomas, olhos avermelhados e ferida. Ela viu Jeb em cima dela, fazendo amor com ela.

Seus dedos enrolados em torno das unhas longas que prendem a para o chão, seu corpo inteiro agarrando-se no conhecimento das agressões físicas contra ela.

"Lena?" Jeffrey chamou, sua voz mais forte do que tinha sido antes. "Lena?"

Ela o ouviu aproximar, ouviu bater em staccato rápida, em seguida, uma pausa, em seguida, mais batendo.

Sara disse: "É um painel falso".

Mais batidas veio, em seguida, o som de seus passos na escada do sótão. A porta se abriu de corte, a luz na escuridão. Lena fechou os olhos, sentindo-se como agulhas estavam pressionando em seus globos oculares.

"Oh meu Deus", Sara suspirou. Então, "Get algumas toalhas. Sheets. Qualquer coisa."

Lena apertou os olhos abertos como Sara ajoelhou-se na frente dela. Havia uma frieza saindo do corpo de Sara, e ela estava molhada.

"Está tudo bem", Sara sussurrou, sua mão na testa de Lena. "Você vai ficar bem."

Lena abriu os olhos mais, deixando que seus alunos se ajustar à luz. Ela olhou para a porta,

em busca de Jeb.

"Ele está morto", disse Sara. "Ele não pode machucar você" Ela parou, mas Lena sabia o que ela ia dizer. Ela ouviu a última palavra a frase de Sara em sua mente, se não seus ouvidos. Ele não pode te machucar mais, ela começou a dizer.

Lena se permitiu olhar para Sara. Algo brilhou nos olhos de Sara, e Lena sabia que Sara alguma forma compreendido. Jeb era parte de Lena agora. Ele seria machucá-la todos os dias para o resto de sua vida.

DOMINGO

Trinta Capítulo

JEFFREY dirigi de volta do hospital em Augusta sentindo como um dier sol retornando de guerra. Lena seria fisicamente recuperar de seus ferimentos, mas ele não tinha idéia se ela nunca iria se recuperar do dano emocional Jeb McGuire havia feito. Como Julia Matthews, Lena não estava falando com ninguém, nem mesmo o tio Hank. Jeffrey não sabia o que fazer para ela, que não lhe deu tempo.

Mary Ann Lua o havia chamado exatamente uma hora e vinte minutos depois que tinha falado. nome do paciente de Sara tinha sido Sally Lee McGuire. Moon tinha tido tempo para digitar o sobrenome em uma pesquisa geral dos funcionários do hospital. Com um nome específico, levou apenas alguns segundos para que o nome Jeremy "Jeb" de McGuire para subir. Ele estava fazendo o seu estágio na farmácia, no terceiro andar de Grady quando Sara trabalhava lá. Sara não teria nenhum motivo para conhecê-lo, mas Jeb poderia ter, certamente, fez questão de conhecê-la.

Jeffrey nunca iria esquecer o olhar no rosto de Lena quando ele preso para baixo da porta do sótão. Em sua mente, ele lembrou as fotografias de Sara sempre que pensava de Lena ali, pregado sótão de Jeb. O quarto foi projetado para ser uma caixa escura. pintura preto fosco cobriu tudo, incluindo os painéis de compensado pregadas sobre as janelas. Cadeias através de ganchos olho tinha sido aparafusado ao chão, e dois conjuntos de buracos de pregos, tanto a parte superior e inferior das restrições mostrou onde as vítimas havia sido crucificado. No carro, Jeffrey esfregou os olhos, tentando não pensar em tudo o que ele tinha visto desde Sibyl Adams tinha sido assassinado. Como ele cruzou a linha de Grant County, tudo o que podia pensar era que tudo era diferente agora. Ele nunca iria olhar para as pessoas na cidade, as pessoas que eram seus amigos e vizinhos, com os mesmos olhos confiantes como ele teve desta vez no último domingo. Sentia-se em estado de choque.

Transformando-se em garagem de Sara, Jeffrey estava ciente de que a sua casa, também, parecia diferente para ele. Este era o lugar onde Sara tinha lutado Jeb. Este é o lugar onde Jeb havia se afogado. Eles tinha puxado o seu corpo para fora do lago, mas a lembrança dele nunca ter ido embora.

Jeffrey estava sentado em seu carro, olhando para a casa. Sara lhe dissera que precisava de tempo, mas ele não estava disposto a dar a ela. Ele precisava de explicar o que estava acontecendo em sua mente. Ele precisava assegurar-se, bem como a ela que não havia nenhuma maneira no inferno que ele ia ficar de fora de sua vida.

A porta da frente estava aberta, mas Jeffrey deu uma batida antes de caminhar. Ele podia ar Paul Simon cantando "Tenha um bom tempo" no aparelho de som. A casa foi virado de cabeça para baixo. Caixas alinhadas no corredor e livros estavam fora das prateleiras. Ele encontrou Sara na cozinha, segurando uma chave. Vestido com uma T-shirt sem mangas branca e um par de calças de moletom cinza ratty, ele pensou que ela nunca tinha olhado mais bonita em sua vida. Ela estava olhando para o ralo quando ele bateu na ombreira da porta. Ela virou-se, obviamente, não surpreendeu ao vê-lo. "É este o seu idéia de dar-me algum tempo?" ela perguntou.

Ele deu de ombros, colocando as mãos nos bolsos. Ela tinha um verde brilhante Band-Aid cobrindo o corte em sua testa e uma bandagem branca em torno de seu braço onde o vidro tinha ido a uma profundidade suficiente para suturas. Como ela tinha conseguido sobreviver o que ela fez foi um milagre para Jeffrey. Sua força de espírito assombrava.

A próxima música veio no aparelho de som, "Cinquenta maneiras de deixar seu amante." Jeffrey tentou brincar com ela, dizendo: "É a nossa música."

Sara deu-lhe um olhar cauteloso antes desastrado para o controle remoto. De repente, a música parou, o silêncio substituindo a música enchendo a casa. Ambos pareciam demorar alguns segundos para se ajustar à mudança.

Ela disse: "O que você está fazendo aqui?"

Jeffrey abriu a boca, pensando que ele deveria dizer algo romântico, algo para varrer fora de seus pés. Ele queria dizer a ela que ela era a mulher mais bonita que ele já tinha conhecido, que ele nunca tinha conhecido o que significava estar no amor, até que ele a conhecesse.

Nenhuma destas coisas veio, porém, assim que ele ofereceu-lhe informações em seu lugar.

"Eu achei as transcrições do seu julgamento, o julgamento de Wright, na casa de Jeb."

Ela cruzou os braços. "Que isso?"

"Ele tinha recortes de jornais, fotografias. Esse tipo de coisa." Ele parou, então, "eu acho que Jeb se mudou para cá para estar perto de você."

Ela deu um condescendente, "Você acha?"

Ele ignorou a advertência atrás de seu tom. "Há alguns outros ataques mais em Pike County," Jeffrey continuou. Ele não conseguia parar, mesmo que ele poderia dizer de sua expressão que ele deve apenas calar a boca, que ela não queria saber dessas coisas. O problema é que era muito mais fácil dizer Sara os fatos do que para Jeffrey para chegar a algo por conta própria.

Ele continuou. "O xerife tem ali quatro casos ele está tentando amarrar a Jeb. Vamos precisar de obter algumas amostras para o laboratório para que ele possa fazer uma verificação cruzada com as amostras de DNA que eles tomaram na cena do crime., Mais o que temos de Julia Matthews." Ele limpou a garganta. "Over de seu corpo no necrotério."

"Eu não estou fazendo isso", respondeu Sara.

"Podemos conseguir alguém de Augusta."

"Não", Sara corrigido. "Você não entende. Eu vou entregar a minha demissão amanhã."

Ele não conseguia pensar em nada para dizer, mas "Por quê?"

"Porque eu não posso mais fazer isso", disse ela, indicando o espaço entre eles. "Eu não posso continuar com isso, Jeffrey. É por isso que nos divorciamos".

"Nós divorciada, porque eu cometi um erro estúpido."

"Não", ela disse, parando-o. "Nós não vamos ter esse mesmo argumento uma e outra vez. É por isso que eu estou renunciando. Eu não posso continuar colocando-me por isso. Eu não

posso deixá-lo pendurar em torno da periferia da minha vida. Eu tenho para ir em frente. "

"Eu te amo", disse ele, como se isso fizesse alguma diferença. "Eu sei que não sou bom o suficiente para você. Eu sei que eu não posso começar a compreender que você e eu fazo as coisas erradas e eu digo as coisas erradas e eu deveria ter estado aqui com você em vez de ir para Atlanta depois de me contou sobre-depois que eu li sobre-o que aconteceu ". Ele fez uma pausa e, em seguida, "Eu sei tudo isso. E eu ainda não consigo parar de te amar." Ela não respondeu, então ele disse: "Sara, eu não posso não estar com você. Eu preciso de você."

"O que me você precisa?" ela perguntou. "O de antes ou aquele que foi estuprada?"

"Os dois são a mesma pessoa", ele respondeu. "Eu preciso de ambos. Eu amo os dois." Ele olhou para ela, tentando encontrar a coisa certa a dizer. "Eu não quero ficar sem você."

"Você não tem uma escolha."

"Sim, eu sei", ele respondeu. "Eu não me importo o que você diz, Sara. Eu não me importo se você renunciar ou mover para fora da cidade ou se você mudar o seu nome, eu ainda vou encontrá-lo."

"Como Jeb?"

Suas palavras corte profundo. De todas as coisas que ela poderia ter dito, este foi o mais cruel. Ela pareceu perceber isso, porque ela se desculpou rapidamente. "Isso não foi justo", disse ela.

"Eu sinto Muito."

"É isso que você acha? Que eu sou como ele?"

"Não." Ela balançou a cabeça de lado a lado. "Eu sei que você não é como ele."

Ele olhou para o chão, ainda sentindo ferido por suas palavras. Ela poderia ter gritado que ela o odiava e causou menos dor.

"Jeff", disse ela, caminhando em direção a ele. Ela colocou a mão na bochecha dele e ele tomou-a, beijando a palma da mão.

Ele disse: "Eu não quero perder você, Sara."

"Você já tem."

"Não", ele disse, não aceitando isso. "Eu não. Eu sei que não tem porque você não estaria aqui agora. Você estaria de volta por lá, me dizendo para sair."

Sara não contradizê-lo, mas ela se afastou, de volta para a pia. "Eu tenho trabalho a fazer", ela murmurou, pegando a chave.

"Você está se movendo?"

"Limpeza", disse ela. "Eu comecei a noite passada. Eu não sei onde tudo é. Eu tive que dormir no sofá porque tanta merda está na minha cama."

Ele tentou clarear as coisas. "No mínimo, você vai fazer sua mãe feliz."

Ela deu uma risada sem humor, ajoelhando-se em frente à pia. Ela cobriu o tubo de drenagem com uma toalha, em seguida, trancou a chave sobre ele. Colocando seu ombro para ela, ela empurrou a chave. Jeffrey poderia dizer que não iria ceder.

"Deixe-me ajudar", ele ofereceu, tirando o casaco. Antes que ela pudesse impedi-lo, ele estava ajoelhado ao lado dela, empurrando a chave. O tubo era velho, e na concepção não se mexia. Deu-se, dizendo: "Você provavelmente vai ter que cortá-lo."

"Não, eu não vou", ela respondeu, gentilmente empurrando-o para fora do caminho. Ela apoiou o pé no armário atrás dela e empurrou com toda a sua força. A chave virou-se lentamente, Sara avançar com ele.

Ela deu um sorriso de realização. "Vejo?"

"Você é incrível", disse Jeffrey, o que significa que. Ele sentou-se nos calcanhares, olhando

para ela tirar o tubo distante. "Existe alguma coisa que você não pode fazer?"

"Uma longa lista de coisas", ela murmurou.

Ele ignorou isso, perguntando: "Foi entupido?"

"Deixei algo para baixo", ela respondeu, cavando ao redor da armadilha P com o dedo. Ela tirou algo, colocando-o na palma da mão antes que ele pudesse vê-lo.

"O que?" ele perguntou, atingindo em direção a sua mão.

Ela balançou a cabeça, mantendo a mão fechada.

Ele sorriu, mais curioso do que nunca. "O que é isso?" Ele repetiu.

Ela sentou-se sobre os joelhos, segurando suas mãos atrás das costas. Ela franziu a testa em concentração por um momento, então ela segurou suas mãos na frente dela, punhos.

Ela disse: "Escolha um."

Ele fez como lhe foi dito, batendo a mão direita.

Ela disse: "Escolha outro."

Ele riu, batendo a mão esquerda.

Sara rolou seu pulso, abrindo os dedos. Uma banda de ouro em pequena foi na palma da sua mão. A última vez que tinha visto o anel, Sara tinha sido puxando-o fora de seu dedo para que ela pudesse jogá-lo em seu rosto.

Jeffrey foi tão surpreso ao ver o anel que ele não sabia o que dizer. "Você me disse que jogou isso fora."

"Eu sou um mentiroso melhor do que você pensa."

Ele lhe deu um olhar compreensivo, levando a banda de casamento dela. "O que você ainda está fazendo com ele?"

"É como um mau centavo", disse ela. "Mantém transformando-se."

Ele tomou isso como um convite, perguntando: "O que você vai fazer amanhã à noite?"

Ela sentou-se sobre os calcanhares, suspirando. "Eu não sei. Provavelmente recuperar o atraso no trabalho."

"Então o que?"

"Home, eu acho. Por quê?"

Ele colocou o anel no bolso. "Eu poderia trazer o jantar por".

Ela balançou a cabeça. "Jeffrey-"

"O porco saboroso", ele tentado, sabendo que este foi um dos lugares favoritos de Sara para comer. Ele tomou-lhe as mãos, a oferta, "Brunswick ensopado, costelas grelhadas, sanduíches de carne de porco, feijão cozido cerveja."

Ela olhou para ele, sem responder. Finalmente, ela disse: "Você sabe que isso não vai funcionar."

"O que temos a perder?"

Ela pareceu pensar sobre isso. Ele esperou, tentando ser paciente. Sara soltou suas mãos, em seguida, usou seu ombro para ajudá-la a ficar.

Jeffrey também se levantou, olhando-a espécie através de uma das muitas gavetas da sucata. Ele abriu a boca para falar com ela, mas sabia que não havia nada que pudesse dizer. A única coisa que sabia sobre Sara Linton foi que, quando ela tinha feito a sua mente, não havia como voltar atrás.

Ele estava atrás dela, beijando seu ombro nu. Deve haver uma maneira melhor de dizer adeus, mas ele não poderia pensar em um. Jeffrey nunca tinha sido bom em palavras. Ele era melhor em ação. Na maioria das vezes, de qualquer maneira.

Ele estava andando pelo corredor quando Sara o chamou.

"Traga talheres", disse ela.

Ele se virou, certo de que ele não tinha ouvido direito.

A cabeça ainda estava inclinada para baixo enquanto ela vasculhava a gaveta. "Amanhã à noite," ela esclareceu. "Eu não me lembro onde coloquei os garfos".

FIM

Agradecimentos

Victoria Sanders, meu agente, serviu como minha âncora ao longo de todo este processo. Eu não sei como eu poderia ter feito nada disso sem ela. Meu editor, Meaghan Dowling, foi fundamental para ajudar-me definir este livro e tem a minha gratidão por me fazer subir para o desafio. Capitão Jo Ann Cain, chefe de detetives para a cidade de Forest Park, Georgia, gentilmente compartilhou suas histórias de guerra. A família Mitchell Cary respondeu todas as minhas perguntas de encanamento e me deu algumas idéias interessantes. Michael A. Rolnick, M.D. e Carol Barbier Rolnick emprestou Sara alguma credibilidade. Tamara Kennedy deu grandes conselhos no início. Quaisquer erros cometidos nas áreas acima de especialização são inteiramente minha.

autores companheiros Ellen Conford, Jane Haddam, Eileen Moushey e Katy Munger tem meus agradecimentos; cada um sabe o porquê. Steve Hogan entrei através das minhas neuroses em uma base diária, e por isso ele deve obter algum tipo de medalha. Leitores Chris dinheiro, Cecile Dozier, Melanie Hammet, Judy Jordan, e Leigh Vander Els foram inestimáveis. Greg Pappas, padroeira de sinalização, tornou as coisas muito fácil. BA. oferecido bons conselhos e um lugar tranquilo para escrever. S. S. era a minha rocha em um lugar duro. Por último, graças a D. A.-você está mais sozinho do que eu.
